UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

JOVENS E A PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADES: VIDAS NA FESTA, VIDAS NA ESCOLA

Vera Lúcia Gainssa Balinhas
Pelotas, março 2013

VERA LÚCIA GAINSSA BALINHAS

JOVENS E A PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADES: VIDAS NA FESTA, VIDAS NA ESCOLA

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Educação.
Autora: Vera Lúcia Gainssa Balinhas
Orientador: Dr. Jarbas Santos Vieira

Pelotas
Universidade Federal de Pelotas
2013

Banca examinadora

_____

Prof. Dr.Jarbas Santos Vieira

_____

Profa. Dra. Marisa Vorraber Costa

_____

Prof. Dr. Marcos Villela Pereira

_____

Profa. Dra.Denise Bussoletti

_____

Profa.Dra. Maria Manuela Alves Garcia

Dedico esta tese ao **Álvaro Luís Ávila da Cunha**, por sua bela vida, pelo seu amor e sensibilidade, por me acalmar, inspirar, incentivar e crer no meu trabalho e na minha escrita.

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, **Jarbas**, por não duvidar da minha vontade de saber e por correr os riscos de me orientar no mestrado e no doutorado. Especialmente com ele aprendi o gosto pelas leituras de Paul Michel Foucault.

Às estudantes que participaram desta pesquisa, pelo acolhimento e pela confiança. Sem elas seria impossível esta tese.

Às professoras, colegas e amigas do curso de mestrado e doutorado que me acompanharam e ajudaram a pensar e ver de outras maneiras.

Às professoras e professores da banca, por aceitarem o convite e contribuírem com meu texto. À professora **Marisa,** pela gentileza com que me recebeu como aluna especial na UFRGS, pela sabedoria, pela simplicidade e pelas preciosas indicações de leituras. Ao professor **Marcos,** pela riqueza das suas análises e pela dedicada, amorosa e rigorosa leitura e releitura do meu trabalho. À professora **Denise**, que tive o prazer de conhecer na qualificação, pela leveza e cuidado com que tratou meu texto. À professora **Manuela,** pelo privilégio de ter participado de seus vários seminários, contribuições imprescindíveis a minha formação.

Ao diretor da escola, **Vinicius Montano,** por me auxiliar nas trocas de horários e na redução da carga horária para que eu pudesse cursar o mestrado e o doutorado, mantendo meu vínculo de trabalho com a educação básica. Muitas vezes, rompendo com as burocracias da instituição.

À Marília e ao **Marcial,** que partiram muito cedo, bem antes de tantas coisas acontecerem.

Aos bons encontros que minha profissão proporcionou nas escolas e na vida acadêmica.

Ao **Gelson Mallorca**, pela sua arte.

> Não posso me impedir de pensar em uma crítica que não procurasse julgar, mas que procurasse fazer existir uma obra, um livro, uma frase, uma ideia; ela acenderia fogos, olharia a grama crescer, escutaria o vento e tentaria aprender o voo da espuma para semeá-la. Ela multiplicaria não os julgamentos, mas os sinais de existência; ela os provocaria, os tiraria de seu sono. Às vezes ela os inventaria? Tanto melhor, tanto melhor. A crítica por sentença me faz dormir. Eu adoraria uma crítica por lampejos imaginativos. Ela não seria soberana, mas vestida de vermelho. Ela traria a fulguração das tempestades possíveis
>
> (FOUCAULT, 2008, p. 302).

RESUMO

Esta tese tem como foco a relação entre festas e escola na constituição das subjetividades juvenis. Trata-se de uma pesquisa de cunho etnográfico, realizada com estudantes da série final da educação básica de uma escola pública, no balneário Cassino, sul do Brasil. Este estudo é inspirado principalmente pelas leituras de Foucault, além de autores e autoras contemporâneas que tratam da temática juventude. As estudantes apontaram posições dicotômicas entre a escola e a festa: a festa como lugar de prazer, diversão, liberdade e experimentações, enquanto a escola significava continuidade, rotina, obrigação de fazer algo, exigência da família, lugar em que há mais padronização das condutas do que acolhimento da diferença. O aprender e o conhecimento escolar se mostraram implicados com um futuro promissor, tramados com discursos de sacrifícios e recompensas, com o adiamento da satisfação dos desejos e das necessidades e, raramente, com a vontade e o prazer de saber. A satisfação no espaço e tempo escolar apareceu mais ligada às experiências e saberes que remetiam aos elementos, contextos e situações festivas. Ao esgarçar os limites das festas e da escola, foi possível pensar e perceber que, nesta, as promessas feitas para motivar a caminhada esbarram e negociam com a invenção de outros espaços e posicionamentos, com a materialidade das vidas das jovens.

Palavras-chave: produção de subjetividades; jovens; festas; espaço e tempo escolar.

ABSTRACT

This thesis focuses on the relationship between parties and school in the constitution of subjectivities of the youth. This is an ethnographic research conducted with students at the final levels of the basic education in a public school, in Cassino Beach, southern Brazil. The study is inspired primarily by the readings of Foucault and several contemporary authors dealing with the youth theme. The students pointed out to dichotomous perceptions between the school and the party: the party as a place of pleasure, fun, freedom and experimentation, while the school meant continuity, routine, obligation to do something, a demand coming from the family, a place where there is more standardization of conduct than acceptance of difference. The learning and school knowledge proved related with a promising future, engaged with speeches of sacrifices and rewards, with the postponement of satisfaction of desires and needs, and rarely with the will and pleasure for knowledge. The satisfaction in space and time appeared more linked to experiences and knowledge, which referred to the elements, contexts and festive situations. By unravelling the boundaries of the parties and the school it was possible to think and realize that, at the school, the promises that are made to motivate the pace, stumble and negotiate with the invention of other spaces and positions, with the materiality of the youth lives.

Keywords: production of subjectivities; young; parties; school space and time.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....12

VIDAS NAS FESTAS E NA ESCOLA.....18
Desdobramentos da pesquisa.....18
Conceitos, ciências e humanidades: a invenção do saber.....19
Aproximações etnográficas.....26
A escola e o balneário.....30

A INVENÇÃO DAS JUVENTUDES.....36
Fragilidades e acasos do conceito.....36
Políticas de Identidade: da regra ao riso.....47
Domínios da festa.....56
A escola como o outro da festa.....60
Cuidado e currículo escolar.....65
Processos de subjetivação.....68

A INVESTIGAÇÃO.....71
No ano de 2010.....71
As primeiras entrevistas.....73
Conversas e observações em 2011.....80
Na escola do balneário: *1º Ciclo de Debates Artístico-Culturais*.....83
No bar *Salento*.....86
Transcrevendo: da escuta à palavra escrita.....88
As entrevistas e as festas.....91

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....131

A gente aprende mesmo não é na escola, é na vida.....129
Os espaços da festa na vida.....136
A dessacralização dos espaços.....140
Nada pode acabar, já que não há mais término.....143

REFERÊNCIAS.....146

ANEXO.....156

Entrevistas.....158

INTRODUÇÃO

Nesta tese investigo a relação entre as festas e o espaço tempo escolar na produção de subjetividades juvenis.

Pesquiso as formas como as estudantes[1] do ensino médio se movem em outras esferas da sociedade, especificamente nas festas. Atenta às conexões entre processos educativos escolares e as práticas sociais fora do espaço e tempo escolar, pergunto como as festas estão implicadas nos modos de vida jovens e como emergem na escola os elementos, os contextos e as circunstâncias festivas.

Esta pesquisa se delineou no transcorrer do mestrado, quando investiguei as formas de consumo de um grupo de estudantes de uma escola básica e pública, do município do Rio Grande/RS, localizada no balneário Cassino. Registrei o que contavam e escreviam, assim como os modos de usar os objetos que compunham os cotidianos escolares, as salas de aula, os corredores e os tempos de intervalo. A cultura do consumo se mostrou não somente restrita à lógica do mercado, mas também significando práticas de transgressão que enfrentavam os limites traçados pela instituição e afirmavam diferentes modos de vida.

As análises da pesquisa (Balinhas, 2008), mais uma vez fizeram ver o tempo e o espaço fora da instituição, marcando o tempo e o espaço da educação escolar, assim como a impossibilidade de pensar as culturas juvenis sem a vida que corta tais lugares, vida que se imiscui e interfere nos rituais escolares; vida que tenta escapar dos disciplinamentos, dos controles, das regulações e das interrogações

[11]Escrevo quebrando a regra da língua portuguesa que determina o uso do masculino como padrão quando a escrita se refere aos dois grupos: feminino e masculino. Escolho o gênero feminino como padrão. Opto pela visibilidade e presença das mulheres na linguagem. O estranhamento que temos ao ler e escrever usando o gênero feminino, se parece com aquele que muitas vezes experimentei ao ler e ouvir referências a mim e as minhas colegas professoras, mencionadas como professores. Isso tem efeitos nas condutas e nas formas de perceber o mundo.

pedagógicas. Conhecimentos, controles e interrogações que transformam ou tentam transformar as estudantes em determinado tipo de indivíduo, conforme disse um entrevistado*:* "E na escola eles impõem a disciplina, o jeito que nos ensinam eles impõe que a gente seja melhor que os outros, que a gente se sobressaia, sabe?" (Guilherme, 2011) [2]. O prazer de ouvir músicas e participar de festas apareceu na escola, de forma próxima às rotinas escolares, em situações pouco prováveis, como no decorrer das explicações dos conteúdos escolares, no interior das salas de aula.

As músicas tornaram-se, muitas vezes, transgressão frente às explanações das professoras, aos saberes institucionalizados e, ao mesmo tempo, estratégias para driblar o "tedioso ato de estudar", segundo as palavras dos próprios estudantes.

Com a música, as jovens buscam recombinar o tempo, experimentando outras formas de viver a escola e aliviar a chateação da sala de aula, conforme disse Juliano (2011). Equipadas com fones de ouvido, estudantes tinham por hábito compartilhar prazeres, sensações, desejos e trocarem informações e saberes musicais com colegas. Não era rara a participação em bandas ou o fato de cantarem ou tocarem algum instrumento musical em festas, com tendências de ritmos que variavam do *rock* ao pagode.

Grande parte das estudantes costumava vivenciar festas, eventos em que a música estava em foco ou, pelo menos, partilhava a vontade de frequentar tais lugares. Elas citavam eventos como o *Planeta Atlântida.* Narravam o desejo de participar do festival*,* considerado um dos maiores da região sul, bastante difundido, especialmente, pelo rádio e pela TV. Nas observações, na vivência escolar, nas conversas informais com jovens e nos relatos, observei que, embora as festas e as músicas assumissem lugar privilegiado, as instituições e as professoras pareciam desatentas ou reparavam pouco nos desejos, nas vontades, nas perspectivas, nos ritmos e nos prazeres que movimentam as culturas juvenis.

A festa no espaço e tempo escolar tem os significados modificados e algumas vezes são chamadas de festividades ou comemorações. As datas e os acontecimentos festivos são comumente incorporados e previstos nas atividades curriculares e fazem parte dos dias letivos do calendário escolar, constituindo

[2] Os nomes das estudantes são fictícios. Sugeri, durante as entrevistas, que as jovens escolhessem os nomes com os quais gostariam de ser identificadas no texto. Somente uma delas, imediatamente, se nomeou Jane Savernack. Algumas desejavam que eu usasse o nome da certidão de nascimento.

efetivamente espaços e tempos da escola. Nesses momentos, os limites da instituição se tornam mais flexíveis, embora os gradientes de transgressão, alegria ou criação se mantenham represados e constrangidos por normas, regras e rituais educativos socialmente aceitos como corretos, seguros e relevantes à formação de cidadãos.

Festividades, comemorações e demais eventos também servem para arrecadar recursos e financiar festas de formatura; construir o laboratório de informática; adquirir bolas e redes para as aulas de educação física; construir muros e salas; realizar pinturas e manutenção do prédio e demais demandas, priorizadas e disputadas entre professoras, estudantes, funcionárias, pais e direção.

A organização das escolas se vê atrapalhada com a complexidade das culturas jovens, desconsiderando o que está além da educação formal (sistematizada em conteúdos disciplinares, hierárquicos, progressivos, temas transversais, tempos distribuídos em horas de aulas e medidas de avaliação guiadas por exames nacionais e internacionais...) e estranha o riso, o jogo, a invenção de lugares e tempos. As quebras de regras, os desacertos entre estudantes ou destes com professoras são concebidos mais como ameaça à instituição e à autoridade e menos como movimento de criação e de experimentação.

As instituições apostam numa visão de homem e de verdade que impede ou constrange os interesses, as necessidades, os prazeres e o potencial de criação das jovens. Esse pensamento se aproxima do de Larrosa, ao refletir sobre o que denomina “duas inércias fortemente encasteladas no campo pedagógico” (2002, p.36). A primeira é a crença em uma ideia de homem e em um projeto de realização humana que serve de fundamento para o processo educacional. A outra inércia, tratada pelo autor, se refere à tentativa de desconsiderar as práticas pedagógicas como ações construtoras de indivíduos e afirmar a educação somente como mediadora do desenvolvimento humano. Para ele, a prática pedagógica está implicada em processos de subjetivação, ela “transforma as experiências que as pessoas têm de si mesmas” (p.36) e tais experiências não se limitam aos espaços formais da educação.

A questão de pesquisa proposta pressupõe que o currículo escolar negligencia os lugares de experimentações das juventudes, entre os quais, as

festas, os jogos, os encontros e as brincadeiras; todos exemplos de relações sociais que são potencialmente processos educativos transformadores e constituidores, movimentos culturais com significados ligados à vida das jovens. Experiências que se estendem ao longo da existência.

O formato disciplinar, pragmático e moralista da educação escolar, com suas respectivas concepções de pessoa educada, tende a ver com preconceito, na condição de descredenciados, muitos dos lugares em que transitam essas jovens apesar de fazerem parte de suas vidas e de terem valor.

A não valorização ou o silenciamento das experiências vivenciadas nas festas vêm na esteira do desprestígio do outro, dos seus saberes e gostos, privilegiando uma cultura comum. As experiências aqui referidas são consideradas moralmente incorretas, sem condições de proporcionar a realização pessoal e o desenvolvimento das virtudes necessárias à cidadania, ou sem valor para a inserção no mercado de trabalho e para a vida adulta, sem relação com as aspirações de humanização e justiça da sociedade.

A diferença na instituição educacional é mais aceita quando dentro de parâmetros morais, normais ou legais, aqueles que permitem sentimentos de tolerância e ações de compensação. A problematização da vida das juventudes faz pensar as racionalidades que estruturam os processos educativos na instituição escolar; juventudes que, tal como escreve Marisa Costa, “frustram os ímpetos civilizatórios da escola” (2008, p.272).

Esta tese abre espaço para pensar como as jovens se constituem nos espaços escolares e também nos festivos. Pensa os limites disciplinares e de controle, assim como as possibilidades de abertura para a criação e para o prazer; pensa as fragilidades da educação e os modos de controle da escola.

A problematização como movimento do pensamento permite indagar pela produção de formas de existência, pelas percepções e opiniões naturalizadas. Pensar é diferente do conjunto das representações (ideias) que supõem comportamentos ou condutas: “O pensamento é a liberdade em relação àquilo que se faz, o movimento pelo qual dele nos separamos, o constituímo-lo como objeto e pensamo-lo como problema” (FOUCAULT, 2004, p.232). O problema (ou o

pensamento) passa, então, a ser interrogado quanto aos seus sentidos, suas condições e seus fins.

A presente investigação está comprometida com a desnaturalização da concepção única de juventude e em considerar e manter outras formas de relação com esse grupo conceituado como jovem (FREIRE FILHO, 2008). Juventude não é uma categoria universal, não existe uma única referência, não existem padrões de comportamentos, atitudes e modos de vida capazes de representá-la de maneira fundamental, generalizante e definitiva; os aspectos biológicos e psicológicos não dão conta de conceituá-la hegemonicamente.

Meu foco de estudo foram as estudantes que compartilhavam o espaço formal da escola. Elas tinham o mesmo nível de escolaridade, estavam matriculadas na mesma escola pública de educação básica e gostavam de festas – frequentavam ouucetuce tinham vontade de frequentá-las. Investiguei estudantes do terceiro ano do ensino médio dos anos 2010 e 2011, seus modos de vida na escola e nas festas. Os procedimentos metodológicos remeteram às conversas, às entrevistas e às observações realizadas na escola, nas festas e demais encontros e atividades que emergiram no decorrer do processo de investigação.

Na primeira parte, **Vidas nas festas e na escola,** apresento os deslocamentos dos conceitos, das teorias e o lugar das ciências humanas na hierarquia dos saberes; aproximo-me da etnografia com características pós-modernas para mostrar o balneário, a escola e as jovens. Esta parte é constituída de quatro eixos: *Desdobramentos da Pesquisa; Conceitos, ciências e humanidades: a invenção do saber; Aproximações etnográficas; A escola e o balneário.*

A segunda parte, **A invenção da juventude,** é composta por seis eixos: *Fragilidades e acasos do conceito,* no qual marco algumas continuidades e rupturas do que foi dito, escrito e constituído acerca das juventudes, estendendo o significado do conceito juventude a ponto de torná-lo múltiplo; *Políticas de Identidade: da regra ao riso,* em que *a*bordo o jogo das políticas de identidade e da microfísica do poder na constituição das juventudes; *Domínios da festa,* parte em que considero a fala das estudantes, as anotações, as leituras e as observações e trato de caracterizar a festa pelo distanciamento das preocupações, pela ação de indivíduos junto com outros, pela experimentação, pela diversão, pelo excesso, pela transgressão. Em *A*

escola como o outro da festa, problematizo a instituição escolar com seus controles, normas, negociações e transgressões; em *Cuidado e currículo escolar* e em *Processos de subjetivação,* apresento a escola como lugar de produção de conhecimentos e saberes, implicada com as práticas de si, com o cuidado e com os processos de subjetivação.

Na terceira parte, **Mapeando a investigação,** estabeleço aproximações com o campo empírico, trato das conversas e das observações no universo festivo e escolar das jovens estudantes no ano de 2010 e, mais detalhadamente, em 2011. Mostro a singularidade daquilo que dizem a respeito dos espaços e tempos da escola e das festas.

Por último, nas **Considerações finais,** retorno ao universo jovem e às formas como se constitui nas relações com a escola e com as festas, para fazer as derradeiras anotações desta tese. Sem a pretensão de esgotar as problematizações, levanto aspectos que considero relevantes para continuar pensando os processos de subjetivação e seguir refletindo e acolhendo as vidas que chegam à escola.

VIDAS NAS FESTAS E NA ESCOLA

Desdobramentos da pesquisa

A escola como tempo e espaço conflagrados por teorias, conceitos e conhecimentos transpostos, recontextualizados ou ressignificados não está longe da ciência de referência, linha de pensamento em que escreve Valerie Walkerdine: "As ciências do racional estiveram, desde o início, intimamente conectadas com as possibilidades de uma pedagogia racional e cientificamente validada" (1998, p.158). Muitas vezes, os pressupostos da educação põem de lado a existência, o riso e a festa, sem levar em consideração os diferentes significados atribuídos à vida, buscando reduzir o ser humano a um denominador comum, tal como "o positivismo psicológico que tenta esgotar o conteúdo significativo do homem no conceito redutor de *homo natura*" (FOUCAULT, 2010, p. 72) e determinando condutas cientificamente normais, que definem o homem para, a seguir, classificá-lo e fixá-lo a uma identidade.

Tal concepção de ciência negligencia a pluralidade[3], as transformações e os sentidos em nome de uma pretensa verdade única, unidade humana e, assim, esquece, conforme pontuou Nietzsche, que:

> Hoy nosostros poseemos ciencia exatamente en la medida en que nos hemos aprendido a seguir aguzándolos, armándolos, pensándolos hasta el final. El resto es un engendro y todavía-no-ciencia: quiero decir, metafísica, teologia, psicologia , teoria del conocimiento (2007, p.53).

As práticas educativas constroem um ideal de estudante e tentam desconstruir modos de vida de jovens e crianças consideradas desatentas, desinteressadas, desobedientes, contestadoras das regras e das normas. Nos

[3] "'Pluralidade' designa, conforme sua definição, uma situação de diferenças radicais. 'Radical' significa que se tratam de diferenças fundamentais, ou seja, não de diferenças sobre uma base comum, mas de diferenças que afetam a base, que vão até as raízes (WELSCH, 2007, p. 245)

processos escolares, a psicologia do desenvolvimento, com suas descrições objetivas, abstratas e universalizadas das fases da vida, focadas na evolução de estruturas biológicas e do pensamento, classificam as anormalidades, as falhas e as faltas, a fim de isolar, recuperar ou eliminar *o aluno repente, o aluno antissocial, o aluno com dislexia e tantos* outros situados fora da convencionada normalidade.

Os referidos conhecimentos agem na condição de dispositivos[4] pedagógicos, continuamente acionados como instrumentos nos processos de ensino e aprendizagem; eles balizam a aplicação de metodologias, didáticas e avaliações, assim como a concepção da arquitetura escolar. As classes, as salas de aulas dispostas por faixas-etárias e os conhecimentos expostos em níveis de complexidade crescente são, simultaneamente, associados e condicionados ao comportamento esperado de cada idade biológica.

Na tese, aqui apresentada, os conceitos são considerados como campos de disputa por significação, lugares marcados por contestações, descontinuidades e rupturas. Os conceitos têm significados e memórias inventadas. Os significados das palavras como ciência, educação, conhecimento, escola, juventudes e festa estão em movimento.

Conceitos, ciências e humanidades: a invenção do saber

Os conceitos estão presentes na ordem da vida; algumas vezes, permanecem em desuso, por longos períodos, seguem nas velhas memórias tecnológicas ou se tornam inacessíveis (limitados às descrições e apontamentos dentro de laboratórios); noutras, perdem as características e a importância e são abandonados, se extraviando.

Em algumas situações, operam sem os nomes que os tornariam familiares a outras áreas de estudo. Há ainda contextos em que uma única palavra abriga vários

[4] O termo dispositivo vai ao encontro do pensamento de Foucault: “Através deste termo tento demarcar, em primeiro lugar, um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes elementos” (1990, p. 244).

conceitos. Ocorre de alguns processos serem mal-interpretados, mal-compreendidos, questionados quanto à adequação ou não de seu uso, enfrentarem a assepsia conceitual de determinados campos do conhecimento... A mobilidade e a descontinuidade dos conceitos se conjugam às regras e às normas que os instituem (e por vezes os subjugam), aos regimes de verdade e à historicidade da investigação.

O conceito, por vezes, age como um vírus, desmanchando e embaralhando os balizamentos dos campos epistemológicos e as fronteiras temporais e se adaptando a situações e ambientes diferentes; não raramente, são renomeados, retomados ou atualizados. Entretanto, é o devir, o vir a ser que marca sua história, às vezes breve – uma mera categoria descartável; outras, longa – uma ferramenta que compõe junto com outros, tanto as teorias quanto as investigações cotidianas, o senso comum, as banalidades da vida...

O conceito mobiliza os conhecimentos, as atividades de pesquisas, o saber do dia a dia, as crenças, os mitos, as religiões, as produções. Palavras ou conceitos? Importa o significado atribuído ao conjunto de letras que criam palavras, frases, parágrafos, textos e teorias. Alguns autores preferem usar palavras e não conceitos e, sobre as mesmas, dizem:

> (...) No corpo das palavras o que amamos é, precisamente, aquilo que não nos podemos apropriar, aquilo que nunca poderemos tornar nosso, aquilo que inevitavelmente se nos escorre e se nos extravia (LARROSA, 2004, p.183).

O conceito emerge nos espaços da verdade e da racionalidade científica – se mostra imprescindível à ciência, mas também aos saberes com menos prestígio. Recupero a distinção entre conhecimento e saber, legitimada pela argumentação do filósofo Michel Foucault, para quem o saber prescinde do julgamento dos cientistas e não se submete aos parâmetros da epistemologia (enquanto lugares do conhecimento e da verdade científica universal): “A esse conjunto de elementos formados de maneira regular por uma prática discursiva e indispensável à construção de uma ciência, apesar de não se destinarem necessariamente a lhe dar lugar, pode-se chamar saber” (2007, p.204).

Para o francês Georges Canguilhem, a história da ciência não se confunde com o armazenamento de informações catalogadas nos imensos depósitos de livros.

Para ele, a história não é o mesmo que “o resumo da leitura de uma biblioteca especializada, depósito e conservatório do saber produzido desde as tabuinhas enceradas e o papiro até a fita magnética, passando pelo pergaminho e pelo incunábulo” (1997, p.14). A história não se confunde também, e de outra forma, com as versões tradicionais ou pragmáticas dos livros didáticos e dos bancos de dados de enciclopédias virtuais ou impressas. O autor sublinha as condições históricas que tornaram possíveis os conceitos e considera imprescindível o seu uso em processos de formulação dos problemas de pesquisa e na criação das perguntas e das respostas da investigação.

A história do conhecimento, numa concepção genealógica, considera a inexistência de universais e dos fundamentos; mais do que isso: questiona a história, quem a contou e como pode se constituir. A genealogia trata de um trajeto sem origem, sem linearidade, sem essências, sem unidade, um percurso que se desdobra e se reinventa: “O que se encontra no começo histórico das coisas não é a identidade ainda preservada da origem – é a discórdia entre as coisas, é o disparate” (FOUCAULT, 1990, p.18).

O conceito, sob tal perspectiva, faz da ciência processo, ciência sem produto final. Ciência que muda o modo de ver e de experimentar o mundo. Em tal acepção, desfazem-se os mitos de uma ciência essencialmente perigosa à sociedade ou de uma ciência longe da vida; também se dissolve a ciência do progresso contínuo e acumulativo e do aperfeiçoamento das relações e das formas de viver.

Será que todas as ciências serão sociais conforme anuncia o sociólogo Boaventura Santos, uma vez que as pesquisas, sem exceções, tratam de descobertas-invenções e suas relações com indivíduos ou grupos de indivíduos? “É como se a máxima de Durkheim tivesse se invertido e em vez de serem os fenômenos sociais a serem estudados como se fossem fenômenos naturais, serem os fenômenos naturais a ser estudados como se fossem sociais” (2000, p.92).

Para o andamento das ciências, Latour (1994) faz pensar em cinco aspectos a serem considerados pela pesquisadora: a capacidade de construir demanda social e produzir o interesse (ou necessidade) da pesquisa; o investimento na formação dos caros colegas (profissionais capazes, autorizados a compreender e avaliar o estudo), a criação de instituições e profissões; a busca de aliados alinhados com a

investigação (pessoas que reconheçam e acreditem nos cientistas e nos seus projetos); a articulação entre a técnica e a arte de divulgar a pesquisa, mostrando e explicando à sociedade, as incertezas das investigações e os riscos de não serem resolvidos imediata e definitivamente os problemas sociais. E, somando-se a isso, a capacidade de entrelaçamento das quatro perspectivas; mais especificamente, o fortalecimento dos conceitos e conteúdos da pesquisa.

A intensidade e a complexidade das associações apontadas anteriormente produzem o conceito e permitem seu trânsito em áreas desconhecidas e seu deslocamento no tempo. Tempo compreendido não como a imagem móvel da eternidade ou como uma cópia mal acabada do eterno, conforme acreditava Platão, mas um tempo circular, em que o conceito retorna modificado.

O conceito funciona como “um pensamento estratégico” (LATOUR, 1994, p.12), um jogo que garante a negociação entre diferentes domínios e áreas de conhecimento, com interesses diferentes, múltiplos, singulares. Na perspectiva adotada, o conceito e a ciência não são pensados longe do mundano, das paixões, das disputas, dos erros, dos acasos, das tentativas de elisões, do envolvimento com as pessoas, com as situações e com os objetos

Os conceitos se tramam com os aspectos políticos, econômicos e culturais, imersos em espaços sociais. As estratégias traçam os procedimentos, os processos científicos e as redes para o movimento, o reconhecimento e a credibilidade da pesquisa: “quanto mais estivermos numa atividade científica, mais estaremos preocupados com problemas estratégicos” (1994, p.14).

Michel Foucault anuncia não a relevância de julgar a cientificidade do saber (tarefa assumida pela comunidade científica, pelos caros colegas, pelos auditórios relevantes), mas a vontade de problematizar o discurso da ciência, o funcionamento dos conceitos ou, ainda, a implicação dos discursos na hierarquização dos saberes, na constituição das histórias da verdade e do valor científico.

Cada época e lugar têm seus regimes, regras que legitimam e limitam discursos, inventam critérios para o verdadeiro e para o falso, definem os conhecimentos válidos e legítimos. Todavia, épocas ou períodos não são fechados nem totalitários, não implicam a inexistência de outras formas de racionalidade, de pensamentos distintos; trata-se somente da prevalência de alguns posicionamentos.

Privilegiamos o místico, as crenças e os saberes populares, em grande parte, desfeitos ou pouco valorizados pela modernidade. Outras vezes, optamos por não afirmar a vida, e sim buscar o transcendental, as religiões e aguardar o destino.

O pensamento moderno e sua racionalidade se estabelecem nas verdades universais e no progresso da ciência; no conhecimento científico canônico, na inabalável crença em resolver problemas, responder perguntas simples e complexas. O período em análise põe em cena o Homem, aquele que nega a eternidade e rompe com a transcendência medieval. A fragmentação se mostrou o procedimento preferencial desse modelo de investigação, no qual prevalece o observável, o comprovado e o mensurável pelos métodos precisos e preciosos das ciências. Os mitos antigos se dissolvem em explicações científicas ou migram para outros artefatos, como é o caso das mercadorias. As diferenças e as semelhanças são anotadas e catalogadas para produzirem as classificações.

Com as ciências modernas, passamos pelas dissecações, pelas análises, pelas interrogações e pelas interpretações. Seguimos em evidência nas salas de psicólogas, nas intervenções cirúrgicas, na recodificação genética e nos jogos de linguagem; mais do que dominar o corpo e a conduta, podemos prever, agora e com mais exatidão, os riscos de adquirir essa ou aquela doença, assim como selecionar, e definir geneticamente as gerações seguintes e nelas investir. Tornou-se possível remanejar, refazer, planejar e controlar as formas e as características corporais. Tal focalização expôs as falhas e as fragilidades humanas. Alguns limites e mistérios se desfizeram, especialmente com o uso das biotecnologias e de um conjunto de conhecimentos tecnológicos e científicos.

O fazedor de conceitos e de verdades tornou-se, também, uma dobra do conhecimento, um artefato. O indivíduo foi instituído por meio de técnicas, experimentos, fórmulas, composições e se fez objeto de conhecimento, um conceito. Ferramentas e técnicas dobram e desdobram a vida humana, virando-a de ponta a cabeça.

Entretanto, prevalece ainda uma concepção de ciência segundo a qual os domínios epistemológicos se apresentam, somente ou primordialmente, através de fórmulas e símbolos matemáticos, representações precisas da ciência e do valor científico.

Nos laboratórios e com testemunhas confiáveis, a humanidade desafia o conceito de natureza e prova seu controle, no momento em que constrói ou fabrica realidades e saberes (em circunstâncias também construídas). Dirá Bruno Latour (2008) que, na modernidade, há uma cisão – o poder científico pretende representar as coisas e o poder político representar as pessoas –, mas adverte e nos faz atentos à ligação entre as coisas e as pessoas, os laboratórios e a sociedade.

O estatuto de ciência fraca ou falsa (menos valorizada, menos reconhecida e com pouco crédito) segue marcando as chamadas humanidades; tanto e de tal modo que ainda permanecem os referenciais das ciências não humanas, orientando e traçando os métodos e modelos de investigação de maior relevância e credibilidade na comunidade científica contemporânea.

Ocupando o território móvel e impreciso da representação, da fabricação de sentidos e significados, as ciências dos homens e das mulheres parecem sempre em dívida com as demais ciências: “a invencível impressão de fluidez, de inexatidão, de imprecisão que deixam quase todas as ciências humanas não é senão o efeito de superfície daquilo que permite defini-las em sua positividade” (FOUCAULT, 2004, p.491).

Os movimentos de significação provocam acontecimentos que desfazem (ou flexibilizam) os moldes e as tradicionais dicotomias: homem/natureza, cultura/ciência, objeto/sujeito, verdadeiro/falso qualitativo/quantitativo, conhecimentos objetivos/conhecimentos subjetivos. O que desestabiliza e desaloja os privilégios das ciências matemáticas e físicas. No lugar das certezas, encontramos as aproximações e as probabilidades; no lugar da universalidade e das generalizações teóricas, emergem a multiplicidade e a diferenciação. Saberes e conhecimentos nos inventam de novo e de outros jeitos (mas sempre provisoriamente).

A ciência e seu movimento estratégico se parecem “com aquilo que apaixona o pesquisador – as incertezas” (LATOUR, 1994, p.4). Incertezas, riscos, obstáculos que nos lançam para longe da terra firme, para o alto mar, para locais inseguros. Incertezas que implicam desdobramentos e estiolamento de verdades. Incertezas que nos deslocam de cômodas e sedimentadas posições...

Nessa concepção, a ciência e os conceitos se combinam com a vontade de criar verdades, com o desejo de interferir, intervir e afirmar a vida. Nietzsche, porém, já nos alertava que, logo, logo, as verdades passam, perdem força ou são trocadas por quase nada: “As verdades são ilusões, das quais se esqueceu que o são, metáforas que se tornaram gastas e sem força sensível, moedas que perderam sua efígie e agora só entram em consideração como metal, não mais como moedas (1996, p. 57)

Delimitar ou focar o estudo na festa e suas relações com a escola e com a constituição de subjetividades juvenis significa pôr em evidência outros processos educativos e produzir outras verdades, movimentando os conhecimentos fixos ou pouco flexíveis das instituições. Daqui em diante, os efeitos da festa serão desdobrados a partir de aproximações de cunho etnográfico.

O mundo contemporâneo parece exigir outras formas de metodologias, é o que sugere Gottschalk (1998). Ao eleger uma etnografia pós-moderna[5], ele propõe uma nova forma de escrever a respeito de relações sociais, utilizando a multiplicidade de abordagens, assim como diferentes estilos de escrita. Acrescenta que a etnografia deveria, especialmente: “tratar de forma habilidosa das pessoas e suas culturas” (1998, p. 209).

A fim de mostrar sua proposta de etnografia pós-moderna, traz como exemplo a pesquisa que realizou acerca da cidade de Las Vegas. No referido estudo, comenta que a virada pós-moderna possibilita mais opções e também mais riscos para as pesquisadoras etnográficas que têm a possibilidade de fazer escolhas, mas precisam defender tais escolhas (GOTTSCHALK, 1998). Na investigação, o autor aborda cinco movimentos[6] que orientaram as suas opções metodológicas, dos quais destaco dois, ambos alinhados com minha pesquisa: evocação e subjetividade/autorreflexividade.

[5] A pós-modernidade se caracteriza por alterações nos valores e práticas referentes à modernidade, entre as quais, a alteração nas noções de tempo e de espaço; o desalojamento do sistema social e das estruturas fixas; a pluralização dos centros de exercício do poder; a fragmentação do indivíduo moderno: não existe essência humana (PETERS, 2000; SILVA, 2003).

[6] Os eixos ao qual o autor se refere são: subjetividade e autorreflexividade; *derivações* ou desvios em diversos pontos de Las Vegas; evocação em vez de descrição; interrupções feitas pelos textos de multimídia; intervenções de uma ampla variedade de indivíduos encontrados em Las Vegas.

O movimento metodológico que denominou *evocação* ressalta o processo de significação dos acontecimentos, os efeitos e as implicações no pensamento e nas emoções da pesquisadora, em lugar da descrição supostamente precisa, fiel e imparcial em relação àquilo que a pesquisadora-etnógrafa observa. Ao tratar da evocação, faz uso de práticas textuais, tais como, o uso de metáforas fortes, a recriação de contatos com informantes e a inclusão de textos culturais. A *subjetividade e a autorreflexão* caracterizam o movimento de implicação da pesquisadora com a pesquisa, ao longo da investigação. Nessa linha de pensamento escreve Momo: “O pesquisador considera sua subjetividade e se posiciona no texto, expondo suas dificuldades, questionamentos e limitações durante todo o processo de pesquisa. (2007, p.163). Gootschalk (1998), na pesquisa etnográfica envolvendo a cidade de Las Vegas, dirá: “As histórias que conto necessariamente articulam as posições subjetivas que ocupo e estabeleço. Construo e experiencio o social, o etnógrafo, e o eu das múltiplas posições do sociólogo heterossexual, judeu-europeu de classe média, pós-holocausto associando-o à virada pós-moderna” (2010, p.1998).

Minha tese está implicada com a posição que ocupei e ocupo na escola como professora da educação básica e pesquisadora, com o longo tempo de convívio com estudantes de diferentes níveis de escolaridade, em diferentes escolas públicas. Ao abordar as múltiplas relações entre *escola, festas e jovens,* procurei olhar de outra forma, sem pretensões de esgotar significados ou escapar dos efeitos e riscos de escrever/falar/constituir verdades relativas às juventudes.

Aproximações etnográficas

Os critérios de escolha do grupo de estudantes, aquelas que cursavam o terceiro ano do ensino médio, se orientaram pelas conversas que se insinuavam ao longo das aulas, pelas frases descontraídas e fluentes que remetiam às festas (aos planos de como ir, com quem ir, aos comentários, relatos e vivências que, algumas vezes, vazavam e se espalhavam nas aulas). Uso a palavra grupo para referir-me às jovens participantes da pesquisa, entendendo tratar-se de indivíduos com diferentes percepções e concepções, que convivem nas turmas da série final da educação

básica, na mesma escola pública, e mantêm relações de proximidade e/ou interesse pelas festas, além da disponibilidade para participar da investigação.

Pensar, problematizar as vidas que chegam à escola e desassossegam as instituições, faz parte da profissão docente, faz parte do ofício, vai ao encontro da minha prática docente.

A presente tese se valeu de inúmeras ligações construídas, há algum tempo, com o balneário, com algumas das estudantes pesquisadas, com a equipe de professoras e a direção e com o trabalho docente que exerci e exerço na escola. Creio, na esteira de Denzin e Lincoln, que: “A pesquisa qualitativa é uma atividade situada que localiza o observador no mundo” (2006, p.15). Este o trabalho foi tramado com minhas percepções, entendimentos e experiências, com teorias, com meu olhar curioso, surpreso e, por vezes, cansado da rotina escolar; e, especialmente, com a crença na possibilidade de compor saberes articulando minha prática pedagógica escolar com diferentes estudos/leituras/aprendizagens que os cursos de mestrado e doutorado potencializam.

Entrar em contato, interagir, participar, conversar, observar, impregnar-se com o grupo, reparar nos acordos e nas permissões, no previsto e no que não pode ser contido... Experimentar, intuir, perceber o tom de voz, o olhar, o significado dos gestos, os jogos de poder, as versões, as intensidades das palavras e dos movimentos. Mudar o tempo, deter, reter, gravar na memória, observar e anotar. Organizar os registros, as anotações, as conversas, os lembretes. Comentar os silêncios, os fragmentos de frases, os pensamentos sem continuidade, as conversas não gravadas, as coisas que parecem sem sentido... Rever o que está escrito, analisar por outro ângulo, voltar a escrever, reescrever, lembrar, rever significados...

Procurei documentar as especificidades, as ligações, os modos de trocas, as experiências de viver com outros na escola e nas festas. Os encontros “variam em intensidade, em risco, em capacidade de se miscigenar, de se misturar com hábitos, valores, crenças, modos de ver, enfim, de se tornar mais um (a) daquele lugar (de ser menos estrangeiro)” (SANTOS, 2005, p.11) e, ao mesmo tempo, denotam, para mim, a impossibilidade de olhar com os olhos dos outros ou olhar sobre os ombros dos outros.

A pesquisa esteve comprometida em fazer ver as sutilezas, os detalhes, o movimento das relações, interesses, as intenções, as ações, as situações e os contextos que envolvem a singularidade da vida das jovens. Os aspectos metodológicos da pesquisa ora apresentados primaram pelo processo de produção de significados.

As estratégias de investigação foram reinventadas, modificadas e negociadas no desenrolar dos contatos. No percurso, descartei as imagens fotográficas (linguagem cotidiana e bastante valorizada por elas), constantemente reproduzidas em telas de celulares, de computadores e nas redes sociais *online*. *O* envolvimento com a pesquisa me levou a fazer parte do *Facebook*[7] e a adicionar e ser adicionada pelas jovens. No espaço virtual, tive acesso às fotografias e demais imagens que postavam; porém, optei por não analisá-las. Deixei de lado filmagens e fotografias que chegavam as minhas mãos: “Até nos vídeos que eu te dei tem vários vídeos das festas e das coisas que a gente faz. Muito engraçado, estou louca que tu vejas” (Marysabel, 2011). No entanto, as imagens em questão atravessaram minha escrita.

Mantive uma relação de proximidade com o grupo de estudantes: conversas informais, observações, visitas à escola, participação em projeto cultural, entrevistas (gravação, transcrição), contatos via rede virtual e telefone celular, encontros em comemorações de aniversários, jantar e festas – *underground,* de formatura, balada, barzinho. Os procedimentos se tornaram maleáveis nos encontros; experimentei as situações, as ocasiões, os eventos e os lugares escolhidos, atenta, desviando do olhar convencional que, inúmeras vezes, impedem de ver, ouvir e pensar de outras formas.

Algumas estudantes me diziam: “Aqui no colégio as pessoas não se conhecem, não se falam, não mantém contato, todo mundo mais fechado, no grupo deles, no grupo de cada um” (Lorena, 2010). “No colégio tu olhas assim, a pessoa está ali. Só passa por ti, não conhece” (Pedro, 2010). Mas no “grupo deles, no grupo de cada um” relações são construídas: “As minhas amigas... Eu estudo com elas desde o meu jardim, sabe? Tipo foram amizades que eu estou levando” (Caroline,

[7] Criada em fevereiro de 2004, é a rede *online* mais utilizada no Brasil, tendo atingido 1 bilhão de usuários ativos mensais em setembro/2012, uma em cada sete pessoas no planeta está conectada à rede *Facebook .* Capturado na internet em *4/10/2012,* no site www.estadão.com.br

2011). “Se a gente vê as nossas fotos de uns sete anos atrás, a gente se conheceu no colégio, é isso que marca a gente” (Lana, 2011).

A operação metodológica, de desfazer-se do modo de olhar convencional, implica problematizar as práticas educativas e a escola – lugares e momentos em que se aprendem modos de pensar, de sentir, de existir; de ensaiar-se no mundo e não, somente, como meio, pontes ou atalhos, usados com a pretensão de atingir a realização de projetos de homens ideais. Muitas vezes, estudantes esperam da educação escolar aquilo que ela não consegue ou não deseja oferecer. As palavras de João parecem atribuir à escola uma falha ou uma carência, ao afirmarem que, para alcançar sucesso, é preciso uma inteligência e uma esperteza que somente a vida ensina:

> Chega à vida, a vida vai te mostrar que não é só aquilo, tem um complemento mais da escola, da faculdade, tem uma coisa que só no dia a dia que se você não aprende você vai ser passado para trás numa empresa, se você não for inteligente o suficiente (João, 2011).

Meu olhar colide com os processos de universalização e naturalização das funções sociais e educacionais ou de qualquer outro acontecimento ou coisa dita natural. Procurei desfazer inércias educacionais e existenciais, automatismos e seus efeitos de verdade; desconfiar das evidências e do olhar ligeiro que identifica, classifica, julga e não acolhe: “em vez de fingir um discreto aniquilamento diante do que ele olha, em vez de aí buscar sua lei e a isto submeter cada um dos seus movimentos, é um olhar que sabe tanto de onde olha quanto o que olha” (FOUCAULT, 1990, p.30).

Os procedimentos metodológicos da etnografia priorizam as entrevistas, as quais foram usadas e permitiram aproximações com os sentidos que os indivíduos dão às ações e às situações, às maneiras como mostram o mundo e experimentam os contextos e constroem realidades. Situações e pensamentos que, ao serem enunciados pelas jovens, ao se referirem à escola, fazem pensar a ação formadora – como formamos e como somos formadas: “Quando te pedem para ficar quieto dentro do colégio tu tens que ficar quieto, entendeu? Ele [o professor] é um ser superior a ti ali, entendeu?” (Caroline, 2011). Ou ainda conforme aparecem no relato de Pedro, ao dizer que a professora se aproxima da linguagem patética, impondo-se como uma autoridade:

> Ela não gosta que ninguém fale na aula dela. Ela fala para ti como se tu não pudesse falar nada para ela. Ela diz: *Tu me desrespeitas.* [...] E ela diz: *Tu não fala nada*. Ela passou a aula toda falando disso. Que ela foi num colégio que não eram assim que nem aqui, falou um monte de coisa. Aí as gurias começaram a falar. Aí todo mundo começou a falar, e ela disse *Viu*... *Não dá para falar com vocês*... Aí não teve condições (Pedro, 2010).

Nas pesquisas, projetamos procedimentos metodológicos, estratégias analíticas de descrição dos processos da investigação, assim como as razões das nossas escolhas ou, mais especificamente, as indagações a partir das quais descreveremos não somente o objetivo da pesquisa, mas os elementos que a compõem, os indivíduos – sujeitos-objetos de pesquisa. O outro, o sujeito ou objeto de pesquisa, mantém-se como segredo e é esse mistério que nos seduz. Nas palavras do sociólogo, “O que é designado fatal na sedução é essa alteridade do outro a nosso respeito” (BAUDRILLARD, 1996, p.184).

A escola e o balneário

Morar no balneário, usufruir, repartir o ambiente de mar, dunas, banhados, ventos, matas, arroios e lagoas. Andar, pedalar ou correr pelas mesmas ruas. Cruzar pelos mesmos casarios da avenida central a caminho da escola, pelos barracos construídos nas dunas à beira mar (moradia de algumas), por esquecidas construções projetadas por Oscar Niemayer, pela antiga estação ferroviária transformada em ponto cultural... Ser atendida por antigas e atuais estudantes nos supermercados, nos bancos, nos bares, no posto, nos restaurantes, no cinema, encontrá-las nas festas...

Mais de seis décadas de funcionamento, localizada na entrada do Cassino, em sua avenida central, a *Escola de Ensino Médio Silva Gama* é a única, do balneário, com esse nível de ensino. Uma instituição pública estadual fundada na década de quarenta, inicialmente de 1ª a 4ª séries e, atualmente, incluindo pré-escola, ensino fundamental, médio, educação especial e educação de jovens e adultos (EJA), com aproximadamente 1500 estudantes, considerada *lócus* de

socialização das jovens moradoras e também daquelas que chegam de bairros e localidades próximas e distantes do Cassino.

Na escola se encontram filhas de pedreiros, comerciantes, desempregadas, faxineiras, cabeleireiras, médicas, pintoras, engenheiras, musicistas, professoras, ocupantes de cargos na Marinha... Elas moram nos casarios da parte central, algumas residem em edifícios, outras nas casinhas à beira das dunas, moradias compradas ou alugadas, construídas vagarosamente, improvisadas e inacabadas ou feitas num piscar de olhos, cumprindo projetos de construções populares ou luxuosos projetos arquitetônicos... Elas vêm de outras cidades, vêm de perto, vêm de muito longe... O que emerge em algumas falas: “Lá na minha cidade” (Lorena, 2011); “Eu sou de Bagé” (Marcela, 2011); “Cheguei o ano passado do Rio de Janeiro” (João, 2011); “Eu morei um ano em Santa Vitória” (Talita, 2011).

O prédio mostra, nas paredes e na aparência, as marcas do tempo e os processos de esquecimento. A escola tem a gaivota como símbolo, logotipo estampado no muro da frente – arte produzida por uma estudante da própria instituição, referência ao ambiente marinho onde se localiza.

Nas conversas, entre as estudantes, surgem nomes de bares e boates onde acontecem *shows* com bandas locais e de fora da cidade. O *Larus* é um desses espaços festivos, tendo sido citado por Talita, Renata, Marysabel e Caroline. O prédio está posicionado a alguns metros da escola, em frente a um posto de gasolina, lugar de encontro de jovens que se preparam para as tardias festas noturnas do balneário. Na placa luminosa do bar, aparece uma gaivota estilizada. Larus é o nome científico da gaivota – ave típica da zona litorânea. Como pensar essas coincidentes (?) aproximações entre o bar/festa e a escola/currículo?

Larus também remete aos estudos das pesquisadoras da FURG, especialistas responsáveis por acompanhar e proteger o ciclo de vida das aves costeiras. Recentemente, a instalação dos parques eólicos na região tem como desdobramento pesquisas e estudos objetivando identificar e atenuar os impactos desse tipo de energia para o ambiente. O bar é também bastante frequentado por estudantes universitários do curso de Oceanologia.

A escola está distante aproximadamente 1500 metros das dunas, da praia e do oceano Atlântico; no decorrer do trajeto, as marcas da religião: no meio do

percurso uma igreja católica e, mais próxima ao mar, a estátua de Iemanjá; ao longo da via urbana, existe um canteiro central com antigos eucaliptos, além de palmeiras bem mais recentes nas quadras próximas ao oceano. Junto aos canteiros da avenida, a ciclovia se transformou em espaço de corridas, caminhadas, passeios, ponto de encontro local para descansar ou observar o movimento; pessoas também transitam em automóveis vagarosos nas noites de sábado e nas tardes de domingo. Variam as idades, os ritmos, as direções, os significados dos percursos realizados por moradoras e visitantes. O ir e vir dos habitantes do balneário se parece com a descrição feita por Pierre Mayol, ao comentar acerca dos deslocamentos nos bairros: “lugar de uma passagem pelo outro, intocável porque distante e, no entanto, passível de reconhecimento por sua relativa estabilidade. Nem íntimo, nem anônimo: vizinho” (2008, p.43).

Na avenida, grupos de jovens se reúnem para conversar, cantar, tocar, ficar, beijar, namorar; nela, também circulam pessoas e informações sobre as festas, conforme apontam as jovens: “Eu fico aqui na avenida caminhando, conversando com as minhas amigas” (Marcela, 2011); “Botam cartaz na avenida [...] as bandas mesmo divulgam” (Jane Savernack, 2011).

De um lado e de outro, as casas misturam estilos e épocas, expansão econômica e carências, prática de renovação, reutilização e restauração de antigas construções, traços de um balneário moderno e contemporâneo, de turistas de verão e moradoras.

Projetado e construído no final do século XIX, o balneário Cassino foi um dos efeitos do intenso movimento do porto do Rio Grande, da criação dos Molhes da Barra, das estradas de ferro que garantiam o acesso ao balneário, da chegada de imigrantes, empresários, comerciantes e profissionais da Europa. A vinda dessas pessoas e o interesse pelas atividades terapêuticas e de lazer, incentivaram a criação de estações de banho e a edificação de moradias feitas com materiais e influências arquitetônicas provenientes do Velho Mundo. Nas proximidades do mar, foram construídos hotéis e casas destinadas às famílias abastadas, aos estrangeiros e aos comerciantes (PEREIRA, 2004).

Grande parte dos antigos chalés de famílias tradicionais[8] se transformou em prédios comerciais ou condomínios; seus pátios, jardins e mesmo as calçadas públicas passaram a abrigar pequenos ou médios comerciantes. Nos últimos verões, múltiplos comércios surgiram e ocuparam as ruínas de um antigo casarão – tombado pelo patrimônio, que não foi restaurado e desabou. Outras construções antigas foram pintadas e passaram por pequenas reformas e adaptações, a fim de serem ocupadas pelos bares e restaurantes, por ONGs, pelo cinema etc.

Ao longo dos últimos quarenta anos, a universidade acolheu grande parte de jovens vindos de fora da cidade, do estado e mesmo do país. O balneário Cassino tem sido, desde então, local de moradia preferido pelas estudantes. Recentemente, o hotel Paraíso, próximo ao balneário, foi adquirido pela FURG e se tornou Casa de Estudantes Universitários (CEU-Paraíso). Muitas acabam adotando a cidade e o balneário para viverem, se tornam professoras, enquanto outras se inserem em projetos com a universidade e se mantêm próximas ao ambiente marítimo. Esses deslocamentos de pessoas têm contribuído para as misturas culturais – hibridismo.

Para Burke (2008), o hibridismo cultural está vinculado a três elementos: aos artefatos (arquitetura, mobília, imagens, textos), às práticas (religiosas, de governo, musicais, de linguagens, esportistas) e aos povos (seus deslocamentos por motivos econômicos, religiosos ou políticos). Salienta o autor que isso não significa a existência de um espaço e tempo anterior à mistura dos povos e das gentes.

Na sua visão, existem indivíduos que, por terem pais e mães originários de países ou continentes diferentes, são híbridos. Outros se tornaram híbridos por residirem no estrangeiro, viverem, trabalharem e compartilharem modos de vida em lugares distantes do seu de nascimento.

Nos estudos das sociedades e das culturas contemporâneas, muitas vezes, os procedimentos analíticos associam hibridismo com esterilidade, incapacidade de criação. De outra forma, nas ciências sociais, o hibridismo desmancha a suposta pureza cultural e questiona a essência, as generalizações e os universalismos.

Ele pode ainda reforçar e celebrar a ultrapassagem de fronteiras, a fragilidade dos limites, as fusões das coisas e das pessoas entre si e com o mundo. Ele tem

[8] Refiro-me às famílias tradicionais como sendo aquelas que têm suas casas identificadas pelo próprio sobrenome – os chalés mais antigos do balneário são conhecidos pelo nome daqueles que ocupam ou que os ocuparam por longo tempo.

sido criticado pelos fundamentalistas, pelos segregacionistas e pelos separatistas de diferentes agrupamentos – muçulmanos, brancos, negros – cultuadores de essências e de princípios legítimos, que regem a economia, a política, a religião etc. (BURKE, 2008). Segundo o sociólogo, além das terminologias apontadas, outras expressões caracterizam a interação cultural, entre as quais, ensopadinho cultural, tradução cultural, troca cultural, crioulização, transculturação e empréstimo cultural.

Termos semelhantes são usados para marcar os diferentes campos epistemológicos: “daí que alguns prefiram continuar a falar de sincretismo em questões religiosas, de mestiçagem em história e antropologia, de fusão em música” (CANCLINI, 2003, p. XIX). Nas reflexões do antropólogo argentino, residente no México, a hibridização nomeia as combinações religiosas, étnicas, de produtos tecnológicos e de processos sociais modernos e pós-modernos.

Nos últimos anos, a cidade do Rio Grande, em especial o Cassino, vem sendo ocupado por profissionais envolvidas com a construção do dique seco e das plataformas da Petrobrás, trabalhadoras que constroem estaleiros, ampliam e aprofundam o canal de acesso ao porto; trabalhadoras que duplicam as estradas federais e estaduais. Mudanças na economia têm trazido pessoas de outras localidades, com a expectativa de mudar/melhorar de vida. À beira das lagoas, das dunas, dos arroios, nas margens da cidade e do balneário, as pessoas se instalam, imaginando oportunidades de empregos fixos ou mesmo do mercado informal. As transformações na economia têm sido fonte de trabalho para muitas dessas pessoas e, ao mesmo tempo, fazem ver a pobreza, a miséria e a carência. Grande parte das trabalhadoras não possui qualificação exigida ou disputa as poucas vagas nas novas empresas que se instalam no município.

Integram a paisagem litorânea e balneária, as precárias condições de saneamento; a péssima iluminação pública; a má conservação das ruas; as imagens de pessoas que batem à porta, pedindo qualquer coisa; cenários de roubos, assaltos e brigas, anunciados nas manchetes de jornais ou espalhadas “boca a boca”, nas conversas de ônibus ou de esquina.

Os traços do balneário Cassino permitem pensá-lo como lugar de encontros de culturas, de transformações, de incoerências, de multiplicação de diferenças. A pluralidade de elementos e contextos tem contribuído para torná-lo um lugar de

misturas culturais, exercendo influência nas rotinas de crianças, jovens e adultos; misturas que se mostram nos movimentos ambientalistas, nas escolhas da prática de esportes, nas preferências musicais, na eleição e na produção de festas, nos modos de falar, vestir, viver...

É na avenida central, neste lugar de passagem, em direção ao mar, em direção ao centro da cidade e perto das festas que as jovens estudam.

A INVENÇÃO DAS JUVENTUDES

Fragilidades e acasos do conceito

> Eu estou começando a ficar maior, ela está começando a ter mais confiança em mim e estou começando a sair, estou desenvolvendo mais a maturidade... (Juliano, 2011).
>
> O problema não é mais saber a tradição e o rastro, mas o recorte e o limite: não é mais o fundamento que se perpetua, e sim, as transformações que valem como fundação e renovação dos fundamentos... (FOUCAULT, 2007, p.6).

Não tenho a intenção de reconstruir a história da juventude, mas apenas levantar aspectos que considero relevantes para pensá-la no presente; procuro marcar algumas continuidades e rupturas do que foi dito, escrito e constituído acerca das juventudes. Trago fragmentos para compor formas de pensar, crendo tal como Foucault que: “A história não descobrirá uma identidade esquecida, sempre pronta a renascer, mas um sistema complexo de elementos múltiplos, distintos, e que nenhum poder de síntese domina” (1990, p. 34).

A respeito de jovens existem muitos registros. Jovens são reconhecidas pela faixa-etária e por características como vitalidade, beleza, descobertas, associadas aos problemas sociais como o uso de drogas e a gravidez precoce, à irresponsabilidade, às rebeldias, ao desinteresse pelo estudo, à inexperiência para o trabalho e também à criação de outros modos de viver, pensar, agir... As culturas juvenis são referência nas discussões envolvendo esportes, festas, sexo, desejos, moda, violência, prevenção de doenças, cuidados estéticos, músicas, expectativas profissionais, novíssimas tecnologias.

As diferentes áreas do conhecimento tais como psicologia, medicina, pedagogia, direito, sociologia e biologia, criam ordenações, narrativas para diagnosticar e nomear transformações físicas e afetivas nas diferentes etapas da

vida. Inúmeros estudos delimitam, abarcam e definem as juventudes, assim como divulgam e informam seus rituais, seus direitos, seus deveres, seus desejos, suas imagens, seus sonhos e emoções. Indivíduos, de distintas regiões do conhecimento e dos saberes, ao escrever, descrevem, inventam classificações, nomeiam e caracterizam pessoas nos diferentes ambientes sociais, culturais, físicos, biológicos, médicos: [9] "Um ver e nomear tão ferozes que, devorando e esmiuçando nossas entranhas, nossos sonhos e nossas fantasias, chegariam inclusive a certificar o que somos, em nosso ser mesmo em nossa intimidade" (PLACER, 1997, p.121). A instituição escolar não escapou da lógica etária e classificatória: emergiu e se estruturou tendo a idade como critério e código ordenador (BOURDIEU, 1983).

As características de cada faixa-etária são definidas e significadas por cada sociedade, considerando os ciclos de crescimento (nascimento, procriação, morte...) e as relações coletivas, familiares e institucionais. Fazer parte de grupos de idade implica enquadramentos em modelos socialmente aprovados, em delimitações e orientações, em repertórios sobre o que fazer ou sobre o que não fazer. O tempo cronológico é um forte marcador cultural da sociedade ocidental contemporânea, mas não está dissociado de outras questões, entre as quais a classe, a etnia, o gênero, o sexo e dos vários momentos e lugares sociais: a escola, o trabalho, o lazer...

As fases da vida se estendem, se condensam, são inventadas. Alteram-se classificações e significados. Crianças e adultos desejam ser jovens. A infância se comprime e a juventude se estende, a fase adulta é adiada. Recentemente, inventamos a quarta idade e com ela algumas interrogações: Efeitos do aumento da expectativa de vida? Avanços da medicina? Estratégias para estender o tempo de produtividade do indivíduo e administrar os gastos com inativos?

Juventudes remetem à imprecisão, ao caráter contingente da vida; mostram que as generalizações e as sínteses são também invenções. Elas não são uniformes, não têm interesses comuns determinados pela idade biológica, mas são construídas em diferentes relações, espaços e modos de vida.

Tradução livre do fragmento "Un ver y nombrar tan feroces que, devorando y desmenuzando nuestras entrañas, nuestros sueños y nuestras fantasias, llegarían incluso a certificar lo que somos,en nuestro ser mismo, em nuestra intimidad" (PLACER, 1997 p.121).

Etapas, fases ou períodos de vida orientam as práticas da sociedade e as possibilidades dos grupos, incluindo os favorecimentos e as desvantagens de tal pertencimento; os elementos de união, de afastamento, de negociação. Caterina Lloret (1997) abre espaço para pensar sobre o tempo e a existência quando pergunta se temos ou somos de uma idade[10].

Escreve a autora a respeito dos anos que parecem nossos e talvez mais do que ser nossos, eles nos fazem crianças, jovens, adultos e idosos. As transformações biológicas, psicológicas e sociais vão sendo detalhadas e nomeadas. E, ao mesmo tempo, indivíduos são inscritos em grupos sociais e, portanto, implicados nos processos de significação a eles atribuídos: “Mais que ter uma idade, os anos nos têm e nos fazem” [11] (LLORET, 1997, p.12).

Os rompimentos ou desvios das fronteiras, estabelecidos pela tradição etária assim como adiamentos ou antecipações de fases, de etapas ou ciclos de vida podem produzir inadequações, embaraços e até desordens sociais. Tornar-se adulto muito cedo se agrava em tempos de escassez de trabalho. Ao fazer-se adulto demasiado tarde e adiar o trabalho e a produção, o indivíduo deixa de atender as demandas do mercado. Ao morrer muito cedo, o indivíduo não cumpre as responsabilidades e, ao morrer demasiado tarde, transforma-se em carga social (LLORET, 1997).

As juventudes têm sido constante e intensivamente inventadas na publicidade, nas políticas públicas, nas páginas de jornal, nas telas do cinema e da TV e proliferam-se nas redes sociais. Ao mencionar redes, estou me referindo às imensas possibilidades de contatos virtuais que as tecnologias das últimas décadas oferecem “conexões com outros indivíduos proporcionadas pela *Internet* dentro de plataformas sociais como os *blogs, fotoblogs e sites* que permitem interações sociais” (AMARAL; DUARTE, 2008, p.272).

Muitos grupos fazem contatos rotineiros e instantâneos por meios eletrônicos ou via *internet*; acessam ferramentas que permitem, no acionamento de um botão, agendar, divulgar encontros e festas, conhecer, localizar, conversar com pessoas próximas ou distantes. Tecnologias que permitem estar “Em todos os lugares em um

[10] Escreve Lloret (1997) “Tener una edad o ser de una edad” (1997, p.13).

[11] Tradução livre do fragmento:”Más que tener una edad os anos nos tienen y nos hacen” (1997, p.12)

só lugar e a cada lugar em todos os lugares" (PARENTE, 2004, p.98). Dispositivos que desencadeiam e multiplicam as redes de relacionamento para além das telas, para o contato corporal, através do planejamento e da divulgação de encontros.

Feitos de tecnologia e criadores de tecnologia, jovens se parecem com a definição de ciborgues: "um híbrido de máquina e organismo, uma criatura da realidade social e também uma criatura ficcional" (HARAWAY, 2009, p.36). Conectados aos movimentos culturais contemporâneos, se fazem visíveis os processos de hibridação que as constituem: a utilização sistemática, em especial dos computadores, da *internet* e dos telefones móveis.

Pereira (2010), em sua tese de doutoramento, na cidade de Porto Alegre, mostrou o contraste entre a dedicação de jovens aos games da *internet* e o descaso com a escola. O estudo apontou o uso da *internet* longe das escolas, precisamente nos espaços de lazer e nas atividades cotidianas, acarretando efeitos como a aprendizagem de "códigos singulares e habilidades cognitivas adaptadas às comunicações digitais" (p.9). De acordo com a autora, jovens aprenderam outras línguas e criaram outras linguagens via computadores e *interne*t. Os computadores utilizados na escola ou em casa abrem pouco espaço para o uso inventivo, por servirem apenas para executar tarefas escolares estabelecidas e seguir regras de utilização bem-definidas; muitas vezes, o lugar da invenção e do jogo *online s*e reduz ao pátio, ao recreio, aos finais de semana. Os computadores da escola e de casa, acessados sem regramentos e sem censuras, permitem, como observa o autor, *navegar*, termo que significa, ao mesmo tempo, "conduzir e esperar, manejar e arriscar" (MARTÍN BARBERO, 2008, p.19).

Inúmeras pesquisas mostram as juventudes associadas aos processos criativos emergentes dos encontros culturais e virtuais, em *chats* e *blogs,* elas inventam e se inventam nas relações virtuais, protestam, criam ritmos, rituais e outras gramáticas. Destaca-se a agilidade e a habilidade para compreender o funcionamento de novos programas, navegar simultaneamente por vários *site*s e criatividade para inventar linguagens de forma "resumida, entrecortada, oralizada" (PEREIRA, 2010, p.12). Nos *chats, as* jovens criam personagens para escapar do peso das identidades e do cotidiano, preferindo o efêmero, a mudança, o híbrido;

realizam contatos e assumem diferentes personagens, inventam nomes, sexo, preferências, idades, etnias.

Partiu, digitam as jovens nas suas redes virtuais, quando saem para balada, praia, escola, festa, trabalho ou qualquer lugar... *Partiu! Fui!* - dizem quando estão com outras pessoas. Linguagem que aproxima o passado e o futuro. Partiu para experimentar, partiu para trabalhar partiu para estudar. Juventudes acompanham o ritmo das telas e zombam do tempo cronológico.

A pesquisa coordenada por Sposito (2009) aponta o *site* de relacionamento *Orkut* como a plataforma mais utilizada pelas jovens do Brasil, enquanto Pierre Lèvy em recente conferência realizada na Universidade Federal do Rio Grande (FURG) anuncia o Brasil como um dos países mais conectados às redes virtuais[12]. O Jornal Zero Hora de 18/01/2012 traz a manchete *Facebook passa Orkut no Brasil,* chegando a 36 milhões de visitantes em dezembro, diante dos 34, 4 milhões do site concorrente. No grupo que investigo, a plataforma *Orkut* segue sendo a mais usada e citada, embora perceba que está ocorrendo uma migração para o *Facebook e twitter,* além do uso simultâneo de várias redes sociais. No depoimento de Samara, lemos:

> Claro que o *Faceboo*k está ganhando agora mais valor. *Facebook* é mais fácil e eu acho bem melhor. O *Orku*t já passou um pouco, mas como a maioria das pessoas ainda não passaram para *Facebook, é divulgado mais no Orkut*, porque tu tens certeza que as pessoas vão ver.

Manifestações de protesto pelo mundo têm sido realizadas por grupos jovens via *internet.* Movimentos que levaram pessoas às ruas para protestar contra governos no norte da África e na Europa. Além do *Ocupem Wall Street, nos EUA,* movimento contra a crise econômica e o setor bancário. As mídias eletrônicas, não somente prendem jovens nas telas dos computadores, com netbooks e notebooks, mas significam estratégicas na articulação dos movimentos sociais.

Juventudes contemporâneas irreverentes e tecnológicas fizeram parte do estudo de doutoramento de Valéria Ravier, no qual apontou as formas de intervenção e resistência, a chamada *culture jamming*; *tais jovens* modificam as

[12] Anotações feitas durante a palestra de abertura da 2ª Semana da Ciência da Informação sobre o uso das redes sociais na WEB, realizada no dia 15 de março de 2010, no CIDEC-SUL (Centro de Integração e Desenvolvimento Costeiro e Oceânico), e promovida pela Pró-Reitoria de Graduação, Instituto de Ciências Humanas e Curso de Biblioteconomia da FURG (Universidade do Rio Grande) na cidade do Rio Grande – RS.

imagens e as mensagens, invertem significados e valores veiculados pelas mídias hegemônicas: “Transgressores sagazes e atuais, eles trocam as armas por uma bem humorada interferência cultural na mídia, *internet*, publicidade e produtos de consumo” (2005, p.6).

Outros artefatos foram registrados também em estudo que realizei (BALINHAS, 2008) com um grupo de estudantes do ensino médio. Elas produziram imagens, fotografando cartazes publicitários; distorceram as imagens publicitárias de lanches da companhia *McDonald’s.* O lanche oferecido pela companhia*,* fotografado e exposto na parede do restaurante, foi capturado pelas lentes digitais das jovens, que criaram outra imagem, na qual o enorme lanche parece devorá-las.

Juventudes são consideradas como fase de transição, momento de preparação para a vida adulta. Essas vidas, quase sempre projetadas ou pensadas para o mundo, muitas vezes ficam à espera de um trabalho, de uma profissão e de um salário, na busca por relações. Inúmeras vezes, as dificuldades de acesso, aos bens produzidos pela sociedade, levam jovens ao consumo realizado “por vias ilegais e o uso intensivo da pirataria” (MARTÍN BARBERO, 2008, p.13); atitudes que, para muitas, pretendem facilitar o acesso aos bens culturais, tais como músicas, espaços de diversão e prazer, roupas etc. Noutras, as mesmas vontades e necessidades agrupam jovens em busca de emprego ou de recursos financeiros e materiais, o que implica, não raras vezes, aceitar e aderir a qualquer forma de vida e de trabalho. Quando conseguem emprego, frequentemente são informais, temporários e com baixos salários; isso acontece na vida de algumas jovens desta pesquisa, contratadas para trabalhar em supermercados e estabelecimentos comerciais em geral.

A juventude se mostra também como território desejado e imaginado, no qual grande parte da população gostaria de permanecer e se incomoda em ter de abandonar (SARLO, 1997). E, mesmo quando os indivíduos não mais se enquadram nos padrões de beleza e vitalidade, apelam para o espírito jovem: “E assim, estamos de novo no grupo vencedor, aquele que dirige o mundo, que usufrui da vida, que ri e ama” (SWAIN, 2008, p.269).

Muitas profissionais desenvolvem métodos, técnicas, conhecimentos e procedimentos para que a juventude se estenda. De acordo com Portinari e

Coutinho (2006), a cultura ocidental investe na juventude “os seus próprios ideais de transitoriedade, mobilidade e uma sonhada autonomia face a tudo aquilo que fixa ou submete os indivíduos às constrições da lei” (p. 63). A concepção idealizada de juventude alimenta o desejo do corpo jovem, belo e saudável indefinidamente.

A impossibilidade de manter padrões sociais da juventude produz desconforto e desprestígio, conforme mostra o depoimento de uma professora de quase sessenta anos, que afirma ter se submetido à cirurgia plástica porque se sentia invisível – não desejada, não olhada. O dispositivo de retirar, esconder ou agregar anos funciona como estratégia, não apenas para manter cumplicidades e privilégios, mas também para driblar os estereótipos e os preconceitos das faixas etárias. Tais práticas são algumas formas encontradas para transgredir os limites etários marcados pela sociedade.

A vontade de alongar o tempo de existência e de afastar a morte e tudo que se assemelha a ela é comentada por Courtine:

> [...] o desejo de obter uma tensão máxima da pele; o amor pelo liso, pelo polido, pelo fresco, pelo esbelto, pelo jovem; ansiedade frente a tudo o que na aparência pareça relaxado, franzido, machucado, amarrotado, enrugado, pesado, amolecido ou distendido: uma contestação ativa das marcas do envelhecimento no organismo (1995, p.86).

Para Ortega (2006), os indivíduos agem com o objetivo de prolongar a juventude e a beleza e de buscar a saúde, as formas corporais utópicas e a longevidade. Com tal intenção, eles se voltam para o corpo e a alimentação: “os tabus passam da cama para a mesa” (p.43). De acordo com o autor, contemporaneamente não mais a sexualidade passa a ser o lugar da problematização moral, mas sim “o açúcar, as gorduras e as taxas de colesterol” (idem, p.43).

As juventudes são tratadas pelo mercado como efeito de escolhas e de cuidados, tratamentos adequados e investimentos – a velhice é um problema, que o mercado promete solucionar com produtos, tratamentos, intervenções cirúrgicas, terapias... Embora o consumo esteja conectado ao dever de consumir e ao exercício da cidadania (CANCLINI, 1997), existem elementos como a memória, a visão de conjunto e a experiência, que permitem refletir, perceber os limites do consenso, do conformismo e da manipulação (MARCONDES FILHO, 1993). Isso não exclui as

estratégias mercadológicas e midiáticas para incitar o hábito e a vontade de consumir, criando mercadorias endereçadas para grupos cada vez mais especificados, oferecendo objetos exclusivos. As mídias associam o consumo de objetos à emoção, ao prestígio, ao prazer, aos estilos de vida, à diversão. Criam o desejo por objetos, corpos, estilos e padrões; inventam vidas, tais como o ambiente virtual e tridimensional que simula uma segunda vida – *Second life*[13].

A produção de juventudes e de suas vontades se articula com o pensamento de viverem sob suas próprias regras, negando o mundo, contestando e mostrando seus desconfortos frente aos valores predominantes, não raramente, em oposição aos apelos e às funções sociais que lhe são atribuídas. De outra forma, jovens se apresentam, inúmeras vezes, ajustadas ou seduzidas pela sociedade e alinhadas com preconceitos de todas as ordens.

Fischer (2008) problematiza as juventudes, utilizando o pensamento de autores que põem em xeque formas de narrá-las e categorizá-las, seja para enquadrar, adular ou vender imagens e, mais do que isso, problematiza os modos como jovens se inventam e narram suas experiências, tendo como foco as imagens e textos que circulam:

> Nossas perguntas, pensando a partir da palavra de Skliar (2003), caminharam por várias espacialidades, como diria o autor: estaríamos narrando o jovem como um "outro" colonizado, como alguém que vem se tornando uma espécie de objeto exótico de desejo e curiosidade? E como pensar a "adulação" de que fala Bauman (2001), desse convite a uma espécie de ditadura jovem em nossa cultura? Ainda: os jovens "diferentes", cada vez mais contemplados na mídia e na publicidade, estariam sendo acolhidos como "diversidade multicultural" ou na sua condição de diferença mesmo, como outros irredutíveis, completo mistério, "différance" (Derrida &Roudinesco, 2004)? Finalmente (e não menos importante): como esses jovens narram sua experiência com o tempo presente, passado e futuro, tendo como centro de atenção as imagens pelas quais as diversas gerações, especialmente a deles mesmo, os têm inventado? (FISHER, 2008, p.668).

Historiadores, entre os quais Savage (2009), comentam que o termo *teenager* passou a ser usado, nos EUA, no período da Segunda Guerra Mundial, construindo

[13] De acordo com Correa *(2009), "Second life* foi criado em 2003, pela empresa Linden Lab. Trata-se de um simulador da vida física, ambiente multiusuário online, um metaverso [universo virtual], com liberdade de ações, em uma plataforma de colaboração e criação de conteúdo. Nesse ambiente é permitida a criação de objetos e ações interativas entre os usuários. No *Second life, os* espaços são constituídos por casas, comércios, empresas, eventos, instituições de ensino e por tudo que for imaginado e construído pelo usuário do ambiente" (p.52-53)

e identificando jovens como sendo aquelas entre quatorze e dezoito anos de idade, visíveis pelo poder de consumo e principal alvo de publicitários; juventudes formadas no centro da cultura de massa. Essa construção funcionou como tentativas, às vezes vitoriosas, de captura dos indivíduos, sua aspiração por reconhecimento, desejo de serem ouvidos e aceitos; ao mesmo tempo, tal criação pretendia formas de controlar e prescrever a sociedade.

Para o autor, a busca pelo prazer, no pós-guerra, conduzia ao consumo de bens materiais e simbólicos. Os lugares de lazer, de festas e músicas faziam parte das juventudes, que buscavam sensações, criação e exaltação da vida. Estilos musicais como o *jazz* e o *rock and roll* marcavam o descompasso da juventude com o modelo social.

Outros tantos dispositivos de controle, entre eles, as políticas públicas, as pesquisas e as estatísticas relacionadas às jovens buscam canalizar a intensidade, a energia e a valentia, características associadas às imagens das juventudes, e conduzi-las para processos educacionais, serviço militar, mercado de trabalho, modos de vida e projetos de sociedade. Savage (2009) elenca exemplos de jovens do século XX, arregimentados para os interesses e as políticas nacionalistas, vinculados às guerras e ao consumo. Havia outras tantas pessoas descontentes, irreverentes e infiéis aos acordos e às regras dos adultos e aos seus valores bélicos e mercadológicos.

No pós-guerra, comenta Savage (2008), os modismos se espalharam pela Europa, implicando um período hibridizado pela guerra *"ted's, beats, mods, rockers, hippies, skinheads, glitterboys, punks, assim como Rude Boys e rastafáris"* (p.12); momento em que jovens anunciavam outro mundo, mas também se apegam ao *status quo* e as suas leis.

As décadas de 50/60, os bandos, galeras, tribos, os grupos, os movimentos libertários estudantis e a contracultura compunham outra forma de pensar as juventudes. A rebeldia, a transformação, o descontentamento com os acontecimentos: ditaduras, guerras, moralismos, repressão sexual, tradição familiar etc marcavam uma concepção de juventude. Juventudes eram constituídas pelas influências de filmes como *Rebeldes sem Causa* (*Rebel without a cause)*, do diretor Nicholas Ray e *O selvagem* (*The Wild One)*, do diretor Laslo Benedeck; jovens se

identificam com heróis protagonizados por James Jean e Marlon Brando. Emergiram os movimentos *beat* e, em seguida, o *hippie*.

Esse último, com a recusa da sociedade de consumo e das guerras, levantou bandeiras feministas, ecológicas, libertárias da moral e dos costumes, outra concepção de família, de relação entre gêneros, afirmação dos movimentos feministas, étnicos, homossexuais etc. Juventudes dessa geração oscilavam entre "o *hippie*, o militante de esquerda do campus e o jovem comunitário ecologista" (MORIN, 1984, p.136).

Grupos de jovens de outros tempos, quando balizados pelo movimento das décadas de 60/70 – especificamente o movimento estudantil Maio de 68, ficaram marcados como inertes, inábeis, acomodados, sem posicionamentos, incapazes de fazer análises e de agir de modo contrário ao *status quo* e com criticidade (ABRAMO, 1994).

Movimentos de inadequação e interrogações da sociedade seguem marcando posições na vestimenta, na música, na dança, nas formas de lazer, nas festas. Talvez agora com interesses multiplicados, com outras características e motivações para agir em diferentes espaços, não somente nos movimentos estudantis e nos partidos políticos, mas também nas mídias, no mundo virtual, nas ruas das grandes metrópoles...

Em estudos acerca da juventude paulistana, Abramo (1994) aponta dois grupos jovens, da década de 80, que elaboraram uma visão crítica da realidade e buscaram interferir na organização da sociedade – os *darks* e os *punks:*

> Eles montam uma encenação, articulam uma fala com suas figuras carregadas de signos, com sua circulação pelas ruas da cidade, com suas músicas, levantando questões e buscando provocar respostas, simultaneamente, sobre sua condição juvenil, sobre a ordem social e sobre o mundo contemporâneo (p. XV).

Jovens se juntam em galeras, bandas, bandos, turmas, guetos, seitas, tribos, gangues, em movimentos de exclusão e seleção; ora se aproximam, ~~e~~ ora se afastam, criando relações com grupos ou indivíduos, em lugares, tempos de duração e intensidade que diferem... O termo juventude se mostra muitas vezes associado a modos de vida voltados ao prazer e à beleza, à fluidez, à velocidade, aos estilos e escolhas provisórias, às indeterminações, aos riscos... No processo de significação,

palavras como liberdade, coragem, rebeldia, desregramento, imaturidade, irresponsabilidade, violência e alienação constituem a juventude como um conceito múltiplo, deslizante, contingente. Jovens são associadas ao uso de múltiplas linguagens e estilos, carregam as marcas culturais por onde passam. Jovens se vinculam às festas, se colam com ocasiões e eventos que transgridem as normas e exercitam liberdades, derrubando o habitualmente consentido e aceito pela tradição e pela moral.

Proliferam discursos[14] associando jovens à posição de estudantes, enquanto adultos estariam mais perto da produção e do trabalho. Muitas estudantes ingressam no trabalho precário e desistem de estudar ou frequentam a escola somente na faixa-etária exigida pela legislação; matriculam-se em cursos noturnos ou ainda vão esporadicamente à escola, garantindo a vaga e aguardando para cursar a educação de jovens e adultos, com a possibilidade de concluir dois anos de estudos em um.

A modalidade de educação EJA, insere ou tenta inserir jovens com defasagens de idade, série ou fracasso escolar na educação formal, antes direcionada para alunos com mais de dezoito anos, mas agora abarcando estudantes com idade a partir de quinze anos. Tal processo contribui para constantes deslocamentos de estudantes para o turno da noite, trazendo como um dos efeitos a juvenilização da educação no referido turno (ANDRADE, 2008). A relação de jovens com a escolaridade e a formação se mostra tênue quando o trabalho e o salário garantem a economia familiar, composta por indivíduos de baixa renda ou sem renda.

A respeito das juventudes, postulam-se prescrições e normas direcionadas à preparação de indivíduos para a vida em sociedade com referenciais e interesses que, muitas vezes, destoam das suas vontades, desejos e pretensões.

Perguntar pela juventude é indagar pelo tempo (CANCLINI, 2007), aquele que se desprende dos calendários, dos relógios, do passar dos anos e se aproxima dos movimentos da vida, do jogo das sensações e prazeres, da reinvenção de si, da

[14] Ao me referir ao discurso, me aproximo do pensamento de Michel Foucault, quando o trata como "simultaneamente batalha e arma, estratégia e embate ("choc"), luta e troféu ou ferida, conjunturas e vestígios, encontro irregular e cena repetível" (1991, p. 06)

descontinuidade. O tempo da experimentação, da produção de sentido, dos afetos não coincide com a idade cronológica.

Juventudes são ou podem ser porosas, mutáveis e passageiras, sem as determinações e clausuras dos conhecimentos científicos, das ações educativas, dos moldes das instituições e daquilo que chamamos de normalidade. Porém, as instituições, ao dizê-las, instauram gramáticas, práticas, regras e condutas morais, formas de normatização que, quando pronunciadas, obscurecem ou estigmatizam diferenças e, muitas vezes, cerceiam a potência criadora ou usam a criação para referenciar outras formas de viver; com isso, homogeneízam novos padrões de normalidade. Juventude é desigual, mesmo que dentro de uma faixa-etária mais ou menos padronizada; existem muitas outras circunstâncias e elementos além da idade que constituem a juventude em sua pluralidade – juventudes.

Políticas de identidade: da regra ao riso

Pesquisas constituem políticas e geram modos de vidas, exercendo poder. As formas de lidar com a vida, as estratégias de intervenção coletiva em prol da vida, os modos de subjetivação voltados à saúde e ao prolongamento da existência são problematizados nos recentes escritos de Rose (2011). Para ele, as novas tecnologias médicas "não buscam meramente curar doenças, mas controlar e gerenciar processos vitais do corpo e da mente" (p.16). Considera que o conhecimento médico atual se estendeu no nível molecular, não somente tratando doenças, mas prevendo a suscetibilidade às enfermidades e otimizando a vida através da intervenção no nível molecular e nos códigos gênicos[15].

As políticas de identidade se mostram envolvidas por uma disputa em torno do reconhecimento, da constituição e do controle dos modos de vida; elas são marcadas por discursos que circulam por países, em diferentes organizações mundiais e institucionais. De tal movimento, emergem conhecimentos, saberes, diferenças, teorias que compõem estudos e pesquisas em torno de juventude,

[15] ROSE (2011) comenta que os tratamentos da doença de Alzeimer "abrem caminho para fármacos que aprimoram a memória, a inteligência, a concentração e correlatos, algumas vezes apelidados de Viagra para o cérebro" (2011 p.28).

adolescência, idoso, negro, homossexual, mulher etc. Uma variedade de categorias e conceitos de caráter normativo e regulador.

Tais políticas estão implicadas com a representação, com o processo de produção de significados, com as lutas pela validação e pela legitimação das relações sociais e dos conhecimentos. Representação que significa delegar e descrever: delegar a alguém a palavra, a ação, as tomadas de decisões; e descrever grupos de indivíduos organizados em torno de interesses e características. Os diferentes modos de representação descrevem aqueles a quem representam, assim como delimitam a atuação dos mesmos. Ao representar, inventa-se e nomeia-se o grupo representado.

Nas pesquisas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em grande parte das políticas nacionais e mesmo internacionais, jovens são definidos como indivíduos na faixa-etária entre quinze e vinte e quatro anos de idade, conforme aponta o Fundo de Populações das Nações Unidas (UNFPA, 2011). De acordo com BORELLI (2008), as pesquisas qualitativas de mercado consideram a faixa etária jovens em dois patamares: de quinze a dezessete e de dezoito a vinte e quatro[16]. Diferentes concepções de jovens disputam espaços nas políticas; jovens são caracterizadas como indivíduos que devem ser preparados para o trabalho e para a vida; em outros contextos, são reconhecidos como categoria a ser protegida por determinadas políticas, a exemplo do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), cujo texto estabelece como uma das características da adolescência o pertencimento à faixa-etária entre doze e dezoito anos.

A identificação das jovens também acontece pela biologia, pelas funções fisiológicas, pela capacidade de procriar, por aspectos intelectuais, emocionais, pelas alterações de hormônios e de humores. Conhecimentos e relações que vão nomeando e posicionando jovens nas políticas públicas, na educação escolar, nas salas de aula, classificando indivíduos, em geral, de forma intemporal e universal: “através de estágios universais de desenvolvimento, categorias psicológicas do eu e de medidas racionais de rendimento” (POPKEWITZ, 1994, p.178-179).

O grupo de pesquisa coordenado por Sposito (2009) analisou a produção

[16] Ressalto que as estudantes do ensino médio desta pesquisa, de acordo com esses critérios, estão enquadradas na categoria jovem, sendo que o turno diurno geralmente abarca a idade entre quinze e dezessete anos.

discente envolvendo a temática juventude, nos programas de pós-graduação, tendo como título: *O Estado da Arte sobre juventude na pós-graduação brasileira: Educação, Ciências Sociais, e Serviço Social (1999-2006) sobre as juventudes.* A publicação dos dois volumes do livro é uma das ações do Projeto Diálogos com o Ensino Médio, uma parceria entre o Observatório da Juventude da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) o Observatório da Universidade Federal Fluminense (UFF) e a Secretaria de Educação Básica do Ministério de Educação (MEC)[17]. A finalidade é "subsidiar a sistematização, implantação e o monitoramento de políticas públicas que atendam com qualidade o público jovem no espaço da escola pública" (DAYREL, CARRANO, 2009, p.8).

O abrangente estudo levantou informações acerca de pesquisas tratando de temáticas referentes à juventude, realizadas em cursos de pós-graduação brasileira, no período entre 1999 e 2006. O grupo usou como critério de classificação das teses e dissertações a temática, o título, o resumo e as palavras-chave. As investigações foram feitas no Banco de Teses do Portal da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) nas áreas de Educação, Ciências Sociais e Serviço Social. Foram encontrados 1.427 trabalhos, incluindo dissertações de mestrado e teses de doutorado, dos quais 134 não foram recuperados ou se perderam[18].

---

[17] A facilidade em acessar produções feitas em outros programas com diferentes autoras e múltiplas concepções teóricas, levou-me à leitura dos dois volumes. A circulação do material e a possibilidade de agilizar o contato com as teses e as dissertações, assim como as oportunidades de discussões entre as pesquisadoras me parece o mérito da publicização acadêmica. O livro permitiu entrar em contato com o que foi produzido antes do meu ingresso no mestrado e doutorado.

[18] A análise mostrou a temática juventude focada somente em 6% das teses e dissertações na área da educação, enquanto que no serviço social não atinge 8% e, nas ciências sociais, quase alcançou 5%. Os critérios balizadores de tal seleção foram: restringir a faixa-etária de indivíduos jovens estudados (até 29 anos), capturar teses e dissertações que usaram palavras associadas à juventude, tais como adolescentes, estudantes, jovens, alunos, entre outros. Quanto aos temas mais evidenciados na área de educação, destacam-se: *Juventude e escola*, com 173 pesquisas, correspondendo a 17,82% da produção acadêmica juvenil. No contexto dessa temática, foram identificados subtemas tais como *Identidades/subjetividades juvenis e escola* (com oito dissertações e cinco teses) e *Culturas juvenis e escola* (com oito dissertações e somente uma tese); *Jovens universitários*, com 126 trabalhos, equivalente a 12,98% das pesquisas*; Adolescentes em processo de exclusão social; Jovens, sexualidade e gênero; Jovens, escola e trabalho; Jovens e mídia*. Algumas temáticas são pouco abordadas, como é o caso dos *Grupos juvenis* – 21 trabalhos, correspondendo a 2,16% e *Juventude, lazer, consumo e sociabilidade* – 14 trabalhos, correspondendo a 1,44% dos estudos realizados sobre juventude. Na área do Serviço Social, os temas mais trabalhados foram: *Adolescentes em Processo de Exclusão Social* – com 54 pesquisas, correspondendo a 37,5% da produção; *Juventude e Trabalho* – com 19 trabalhos e *Jovens, Sexualidade e gênero*, com 18 trabalhos. Nas ciências sociais, que incluem a*ntropologia, ciência política e sociologia,* destacam-se as temáticas: *Adolescentes em processos de exclusão social,*

O referido estado da arte aponta que as análises mais psicológicas estão cedendo espaço para orientações sociológicas, quando ganha destaque a concepção de juventudes construídas social e historicamente.

O enquadramento como adolescente, vinculado à psicologia, passa a ser dominante na legislação, mais especificamente no ECA, documento aprovado em 1990. As pesquisas envolvendo adolescentes se voltam para aqueles indivíduos que estão na faixa-etária de proteção prevista no ECA (SPOSITO, 2009).

Para o grupo de pesquisa, houve um crescimento na quantidade de trabalhos tratando da juventude; todavia, eles ainda não ocupam espaço relevante no cenário acadêmico. As pesquisadoras argumentam que estudos sobre juventude ainda são reduzidos se comparados ao número total de teses defendidas; para elas, isso pode indicar uma fragilidade do campo de conhecimento em questão e, ao mesmo tempo, a relevância de tratar de tal temática. O estudo ressaltou problemas enfrentados pelas pesquisadoras, que são também autoras das teses e dissertações, entre os quais, a escassez de recursos materiais e financeiros para a realização do estudo de campo, assim como a falta de interlocução com grupos que tratem da temática; ausência que deixa, muitas vezes, a pesquisadora isolada.

No período abarcado pelo grupo de Sposito (2009), somente uma tese foi categorizada na temática *Escola e juventudes*, tendo como título *Identidade Juvenil e Identidade Discente: processos de escolarização no terceiro ciclo da Escola Plural,* de autoria de Paulo Nogueira, no ano de 2006. O estudo problematiza o modo como as interações entre alunos se estabelecem e criam sentido aos sujeitos na escola. A escrita do autor evidencia vivência na educação básica. Com cuidado, descreve a escola, as ações dos alunos e o cotidiano das professoras nas salas de aula.

Para Sposito: “Os jovens entram na pauta das políticas públicas como parte da questão social e do crescimento da violência no país” (2009, p.17). A expectativa é a de equacionar os ditos problemas da sociedade e interferir na ação dos indivíduos identificados e nomeados como desviantes ou fora dos padrões de comportamento normatizados pelos códigos sociais. A violência jovem, muitas

---

tendo 42 trabalhos, correspondendo a 13,46% da produção; *Grupos juvenis*, com 41 trabalhos e *Jovens, sexualidade e gênero*, com 39 trabalhos.

vezes, é veiculada pela mídia, por meio de mensagens que associam criminalidade e pobreza às pessoas negras.

Em palestra realizada no ano de 2011, a então reitora da Universidade Federal do Pampa – UNIPAMPA, a professora Maria Beatriz Luce, afirmou que existem no Brasil 9,4 milhões de jovens entre 15 e 17 anos, sendo que somente 8,4 milhões cursam o ensino médio; destes, apenas 50% concluem o curso, enquanto 10% são bem-testados nos programas de avaliação do governo federal, como é o caso do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM).

O perfil educacional pronunciado pela então reitora da UNIPAMPA e legitimado por pesquisas de institutos governamentais, como o IBGE, e demais organizações não governamentais, configura-se em um dispositivo que baliza o jogo de disputas por espaço nas políticas públicas e nas de identificação, descrição e constituição das juventudes.

Jovens estão mais visíveis nas políticas públicas no campo educacional, em programas como Programa Nacional de Inclusão de Jovens (PROJOVEM) e Programa Universidade para Todos (PROUNI), além de outros, voltados à inserção no mercado de trabalho como o Programa Nacional de Estímulo ao Primeiro Emprego (PNPE) e Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF JOVEM).

O *site* oficial da Secretaria Geral da Juventude, do governo federal, apresenta os resultados da pesquisa realizada acerca das características da juventude brasileira; a investigação, inúmeras vezes, tem servido de subsídio para as políticas. A referida pesquisa constitui-se em uma iniciativa do Projeto Juventude e do Instituto da Cidadania, em parceria com o Instituto da Hospitalidade e o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE). De caráter quantitativo, abarcou 3.501 jovens entre quinze e vinte e quatro anos de idade, de ambos os sexos e de todos os segmentos e regiões do país, em 198 municípios, nos meses de novembro e dezembro de 2003, utilizando como instrumento o questionário. Ao serem interrogadas sobre as melhores coisas de ser jovem, 45% responderam que o melhor é não ter preocupações nem responsabilidades; para 40%, o melhor de ser jovem é aproveitar a vida e viver com alegria; 26% relacionam com as atividades de lazer e entretenimento, e 22% mencionam o estudo e a aquisição de conhecimento;

o mesmo percentual se refere à liberdade como uma das melhores coisas de ser jovem.

No 4º Diálogo Nacional de Movimentos e Organizações Juvenis, ocorrido durante a Sétima Bienal de Arte e Cultura da União Nacional dos Estudantes (UNE), no dia 21 de janeiro de 2011, houve o lançamento da Carta Aberta à presidenta Dilma Rousseff, redigida por diversas entidades juvenis. No documento, o movimento afirma que ~~e~~ a criação da *Secretaria e do Conselho Nacional de Juventude e do Pró-Jovem,* a partir de 2005, significaram, para o movimento juvenil, expectativas e possibilidades de mais investimentos por parte do governo federal. Na carta, as jovens apontam o investimento por parte do governo Luiz Inácio Lula da Silva, explicitado no fragmento do texto enviado à presidenta:

> A nossa juventude vem sendo contemplada também com mais Escolas Técnicas Federais, ampliação do acesso ao ensino superior com PROUNI e REUNI, mais cultura e esporte com os Pontos de Cultura e as Praças da Juventude, dentre outros diversos programas e projetos, que apesar de não serem exclusivos de juventude, beneficiam diretamente milhões de jovens no Brasil. Temos que valorizar o avanço e o fortalecimento que o Pró-jovem integrado trouxe a política de juventude. Esse programa colaborou e ajudou a tirar as PPJs da invisibilidade, bem como garantir direitos para parcela da juventude brasileira mais excluídas. Além disso, o Governo Lula optou por realizar um amplo processo participativo por meio da 1ª Conferência Nacional de Políticas Públicas de Juventude que envolveu mais de 400 mil pessoas, num processo complexo de mobilização, onde 22 propostas foram priorizadas (2011).

No texto, é igualmente sugerido que o Sistema Nacional de Juventude seja fruto de uma articulação entre a união, os estados e os municípios; além disso, é proposto o *status* de ministério à Secretaria Nacional de Juventude e solicitada a integração entre os atuais e os novos programas específicos de juventude. O fragmento da carta mostra a negociação de jovens na constituição das políticas, no qual propõem:

> [...] priorizar políticas públicas voltadas para a integração educação e trabalho, focando na reestruturação do Ensino Médio aproximando-o da realidade juvenil; reduzir a letalidade juvenil por homicídios ou por acidentes de trânsito; preparação para os cenários de Olimpíadas, Copa do Mundo, Pré-sal; e estruturação do serviço de banda larga. Sempre aprofundando a linha de investir e valorizar a diversidade juvenil combatendo o racismo, machismo e homofobia e impulsionar as políticas de inclusão social referenciadas no território (2011).

O movimento reconhece e apoia as políticas juvenis realizadas nos últimos anos pelo governo, e se posiciona como parceiro do estado, apostando na ampliação ainda maior do setor público nas questões relativas às juventudes.

Jovens desejam mais espaço e propõem a criação de um ministério. Diferentemente da rebeldia e da resistência contra o estado e seus "aparelhos", características do movimento estudantil nas décadas de 60/70, o movimento intenta ocupar o espaço formalizado e burocratizado das instituições.

Em outra escala, na *microfísica do poder*[19] – nos pequenos enfrentamentos, nas microlutas – em diferentes níveis e redes sociais, o riso das jovens, muitas vezes, desafia as relações de poder consagradas na instituição educacional – debocha, ironiza, parodia as linguagens diretas (patéticas) ligadas "a uma posição social ou clichê psicológico" (LARROSA, 2003, p.177). O riso compõe com as rotinas da escola, aparece enredado com a subversão das regras, com outras percepções, pensamentos e sensibilidades; o riso está implicado em perceber, pensar e sentir o mundo com outros olhos.

O riso tem sido narrado com multiplicidade de faces e ênfases: construído como atributo dos deuses, presente do diabo, vitória sobre os medos e as fraquezas, fórmula para inverter sentidos, estratégia de luta e de aproximação por interesses e intenções diversas. Às vezes, tem conotação marcadamente libertária; pode caracterizar-se pelo escárnio, pela sátira, pelo sarcasmo; diferentemente da seriedade, o riso brinca com as interdições, com o oficial e o sagrado (BAKHTIN, 2008; MINOIS, 2003).

O riso age como dispositivo que interroga as posturas estereotipadas – o represamento dos significados –; ele também institui moldes, regras e preconceitos[20] e hierarquias. Os significados e os efeitos do riso oscilam diante das épocas, das demandas e dos contextos sociais. Para Bakhtin (2008), existe uma relação forte

[19] Em relação ao termo cunhado por Foucault dirá Machado (1990): "O que Foucault chamou de microfísica do poder significa tanto um deslocamento do espaço da análise quanto do nível em que esta se efetua. Dois aspectos intimamente ligados, na medida em que a consideração do poder em suas extremidades, a atenção a suas formas locais, a seus últimos lineamentos tem como correlato a investigação dos procedimentos técnicos do poder que realizam um controle detalhado, minucioso do corpo – gestos, atitudes, comportamentos, hábitos, discursos" (p. XII)

[20] Os preconceitos, nesta pesquisa, são tratados de acordo com o pensamento de Larrosa (2002): "tópicos da moral, o que todo mundo valoriza igualmente, as formas de dever que se impõem como óbvias e indubitáveis" (p.84).

entre o riso e o sério, como nas tragédias de Shakespeare, o riso não recusa o sério, mas:

> Purifica-o do dogmatismo, do caráter unilateral, da esclerose, do fanatismo e do espírito categórico, dos elementos de medo ou intimidação, do didatismo, da ingenuidade e das ilusões, de uma nefasta fixação sobre um plano único, do esgotamento estúpido (p.104).

Bergson (2003) relaciona o riso não somente às práticas de transgressão, mas àquelas que afirmam a regra e a norma, os modos de fazer calar e as práticas de desapreço com o outro. O autor nos lembra de que o *rir do outro,* embora julgue e sentencie*,* também faz ver os automatismos, as manias, as determinações do corpo e da alma. As práticas de *rir do outro* são visíveis entre estudantes e aparecem no momento em que alguém mostra falta de jeito nos gestos, se atrapalha com as palavras ou rompe com padrões considerados habituais, belos, bons, verdadeiros ou normais.

O riso – exercício de liberdade e alegria – se mostra no jogo, no instante em que “os guris bem tarados aproveitam para olhar os movimentos femininos hahaha!” (estudante remetendo-se aos torneios escolares com times mistos); nesses momentos de diversão, os códigos morais e as regras se alteram, os corpos ficam mais disponíveis ao olhar e ao contato, as censuras são menos evidentes...

O prazer e a liberdade de estudantes são exercitados quando jogam com as palavras ou criam formas de leitura que fazem ruir o tom acadêmico, oficial e sério da língua e das regras. Palavrões, apelidos, manifestações de afeto ou zombaria, criações, figuras de linguagens, códigos, transformações, invenções de significados – gramáticas sem gravidade.

Quebrando a seriedade da instituição escolar, estudantes se alegram, se exibem, ironizam “se acham”, riem de si e de outros, inventam verdades, fazem gol, pontos, jogadas, perdem o jogo e a paciência, reclamam e gritam palavrões que rasgam a gramática escolar... *Jogo é assim professora...!*

A proximidade entre estudantes propicia a criação de outras formas de comunicação: mudam o sentido das palavras, criam vocabulários e usam linguagens consideradas inconvenientes. Ao se reportar ao carnaval da Idade Média e do Renascimento, Bakhtin (2008) comenta sobre a linguagem familiar – não oficial – das praças públicas, associando os palavrões à liberdade: “Os palavrões

contribuíam para a criação de uma atmosfera de liberdade, e do aspecto cômico secundário do mundo" (p.15).

Ainda no ano de 2010, grupos de estudantes formaram equipes, com a finalidade de participarem dos jogos escolares. No ensino médio, um dos grupos criou a equipe *Até cubanos*, cujo nome se refere também a uma comunidade virtual. O olhar mais atento entra no jogo e inverte o sentido da leitura – da direita para a esquerda – e encontra a palavra inapropriada, inadequada à língua formal; as regras costumeiras da instituição escolar foram violadas e a astúcia do grupo venceu a seriedade e a moral.

O riso não está imune às tentativas de regulação e normatização postas pelas instituições.

Na instituição escolar, o riso, enquanto linguagem mais livre ou menos controlada ocupa lugares e tempos considerados menos importantes, como intervalos e espaços fora da sala de aula, em comemorações e reuniões, nos eventos e nos jogos escolares. Isso não impede aquelas pessoas que rompem a seriedade da aula e fazem a turma rir, conforme dizem os seus depoimentos: "O pessoal se diverte na aula. Eu não saio daqui sem dar uma risada de manhã cedo" (Fernando, 2011). Elementos da festa, não ocupam lugares únicos e definidos, como menciona Costa (2003): "Tudo que acontece na escola tem fios e tramas dentro e fora da escola" (p.71).

Nas festas, o riso aparece junto com as conversas – na pista de dança, no bar e nos banheiros: "A gente ri de todo mundo, a gente bota defeito em todo mundo, a gente ri das gurias, a gente ri da gente mesmo, a gente ri dos guris, a gente bota defeito em tudo" (Ariana, 2011). O riso não prescinde da presença do outro, precisa do eco de outros, dirá Bergson (2004).

A política ou os espaços formais e o aparente paradoxo do riso mostram as juventudes e seus deslizamentos constantes , elas submetem a vida a sua vontade. Ao mesmo tempo em que buscam ocupar o espaço institucional, dessacralizam as instituições formais e burocratizadas e brincam com as interdições.

Domínios da festa

> Quero me divertir, quero beber, quero brincar, quero ficar também. Quero namorar. Pegar alguém lá. Uma, duas, três... Quantas tiverem vontade lá na festa. Essa é uma vontade que sempre o adolescente tem. Até mesmo o pessoal mais adulto sempre tem essa vontade (Juliano, 2011).

As festas se caracterizam pelo distanciamento das preocupações, pela ação de indivíduos em grupos, agrupamentos, bandos, tribos ou galeras, que se desfazem das rotinas e se transformam em personagens construídas com roupas e adereços, figurinos, maquilagens, pinturas, preferências, cenários, trilhas sonoras, ações, sensibilidades: “A festa, campo do possível e do desafio, inventa/fantasia outras relações [...] outras formas de ligar, pois coloca em ação o excesso e transgressão” (PEREZ, 2009, p.8). Excessos e transgressões que, segundo comentário da antropóloga, não somente invertem a ordem ou suspendem temporariamente as regras, mas também realizam desejos.

Perez (2009) comenta sobre os dois modelos epistêmicos de festas abordados, costumeiramente, nas ciências humanas, na antropologia e, principalmente, na história: o tipo *sociológico,* com suas festas arcaicas características das sociedades primitivas e o tipo *histórico,* voltado às festas tradicionais. Acerca da concepção de festa em tais modelos, comenta a autora: “a festa é antes de tudo tomada apenas como um fato/acontecimento” (PEREZ, 2009, p.09)

As festas escolares também costumam ter vínculos com o tempo e os ciclos da vida como a festa Junina, a festa da Primavera e a festa de Aniversário da Escola. Nesses tipos de festas, os ritos se legitimam pela repetição; trata-se de convenções que buscam fixar memórias e significados. As chamadas festas do colégio estão incorporadas no calendário oficial, homenageiam e afirmam personagens religiosos e históricos, celebridades, datas, leis e tradições.

As *festas do colégio* foram pouco mencionadas pelas entrevistadas. Talvez pelos controles e vínculos com a obrigação e com as recompensas – nota ou frequência. Além disso, as festas escolares, muitas vezes, têm finalidades

econômicas, tanto para adquirir recursos para prover necessidades da instituição quanto para os gastos com as festas de formaturas ou com as viagens escolares do final de ano.

Para Bataille (1987), a festa, assim como o sacrifício e a guerra, são consideradas transgressões permitidas ou prescritas, ocupando o espaço balizado e autorizado pelo mundo sagrado. Em tal acepção, a festa (profana ou sagrada) seria a transgressão consentida, pelos modelos sociais, aos que trabalham ou estudam. Nessa direção, escreve Minois: “O caos [a festa, a transgressão, a inversão de hierarquias etc.] é indispensável para representar, em seguida, a criação da ordem” (2003, p.31).

Na escola, a transgressão, os risos de descaso, de deboche e de alegria aparecem em diferentes lugares: nos banheiros, no fundo das salas de aula, nos cantos do pátio, atrás do pavilhão, nos corredores, por baixo das carteiras, nos olhares, nas expressões e também na frente da professora, interrompendo a seriedade e as aulas consideradas chatas. A transgressão se caracteriza pelo apagamento ou obscurecimento dos limites. Ela mantém relação com os limites, mas não os ultrapassa nem os supera; não cessa de passar, não vence, não triunfa sobre as interdições ou proibições. A transgressão se afirma no movimento: não é violência diante de um mundo ético, não funda nem tenta abalar verdades, não é uma prática revolucionária, muito menos dialética (FOUCAULT, 2006a). A transgressão – experiência singular – faz pensar os balizamentos, os limites, as proibições e, ao mesmo tempo, afirma a impossibilidade do limite sem a existência daquilo que o nomeia. Longe de uma lógica pautada pelo positivo ou negativo, que tenta aprisioná-la ou fixá-la no sentido restrito da boa ou da má conduta, a transgressão desconhece os códigos morais. “Uma profanação em um mundo que não reconhece mais sentido positivo no sagrado; não é mais ou menos isso que se poderia chamar de transgressão?” (FOUCAULT, 2006a, p.29).

A festa se delineou na conversa com jovens como espaço que desdobra o tempo linear, as ações definidas e ordenadas pela urgência diária, pelos compromissos e obrigações que a instituição escolar, as atividades de casa ou o trabalho exigem.

O jogo de significados vinculados a ela ou aos elementos que a constituem – transgressão, excesso, experiência, diversão, prazer, riso etc., se imiscui em qualquer parte, em qualquer lugar, a qualquer instante.

Nos cotidianos escolares, elementos festivos são definidos como marginais ou, ao menos, situados em regiões de fronteira entre o prazer e o perigo, estando, quase sempre, na iminência de serem interditados ou instituídos – legitimados, regulados e moralizados.

Nas festas fora da escola, as telas, os telefones móveis e os demais equipamentos eletrônicos e digitais compõem com o aroma, o olhar, o tato, a voz das pessoas. Uma atmosfera em que as emoções, as vontades e as tecnologias animam gestos, danças e aproximações. Os encontros festivos são protagonizados, produzidos e divulgados por MSN, *Twitter,* comunidades *Orkut, Facebook*, entre outras. Jovens desta pesquisa se sentem mais confortáveis e mais seguros quando estão em grupos. Conforme me disse Leandro: “Eu sou tímido, eu me sinto confortável entrando na festa já com aquele meu grupo” (2011). Ou como no comentário de Bento: “Se tu estás com teus amigos tu cresces, né? Se tu estás sozinho, ficas na tua (2011)”

Para as entrevistadas, na festa, as pessoas se tornam mais suscetíveis às paixões, às vontades, aos prazeres: os sentidos e os sentimentos são exaltados enquanto recua a chancela da moral, da tristeza, do dever e da lógica; ao comentar sobre as baladas, dizem:

> Tu danças. Tu estás dançando uma música eletrônica, tu vês uma guria dançando perto de ti, tu puxa um papo, fica perto de ti, começa a dançar com ela, tu arrasta e... Não precisa nem saber o nome dela (Josué 2010).
>
> A festa eu vejo às vezes como uma selva, porque... Porque tem às vezes aquela coisa, o cara solteiro vai sair, ele avista uma garota. Mas vai ter um monte de caras ali, um monte de homens, claro que não é só ele que vai reparar naquela garota bonita. Então um ou outro vão tentar disputar para ver quem vai chegar naquela garota, quem vai ficar com aquela garota. É meio que a luta de um macho para ver se vai acasalar com a fêmea, sabe? Parece um pouco *Geografic Chanel.* Se tu pegares uma festa, gravar uma festa e ficar analisando, é bem isso (João, 2011).

Jovens buscam esquecer os problemas e “curtir” a vida. Essa vontade não impede brigas, disputas, conflitos e insatisfações no decorrer das festas. Remetendo-se ao jogo das conquistas e disputas que caracteriza a festa, diz Bento:

“Tem gente que vai para a festa para brigar, vai procurando isso. Às vezes do jeito que tu olha, o que tu olha, o cara pode te encarar e... *O que foi*? *O que tu estás me encarando?*” (2011).

As entrevistadas relacionam festa com: diversão, prazer, surpresa, experiência, multiplicidade de perspectivas, danças, vontade de conhecer pessoas, lugares e bandas diferentes... Para Bento, nas festas, as pessoas estão mais disponíveis, abertas às trocas e aos contatos: “Nas festas as gurias vão com o espírito esportivo, eu não sei... Elas estão de bom humor, a maioria” (2011).

Não raras vezes, nesses mesmos espaços, ocorrem também estratégias de homogeneização e padronização das condutas, conforme descreveu Bento:

> Se toca pagode tu tens que dançar, pelo menos tens que saber dançar pagode, conversar sobre os assuntos que rolam na festa. Sobre música, trovar as gurias, musculação. Tem uns caras que entram e falam... Eu levantei tanto peso. Legal, vai para casa descansar. É que normalmente as pessoas falam as mesmas coisas. Aí a festa se torna cansativa e as pessoas trocam [de festa]... (Bento, 2011).

As estudantes ouvem ritmos orgânicos, ritmos eletrônicos de DJs[21] ou de bandas, ficam extasiadas pelos encontros, pela atmosfera de liberdade, pela possibilidade de criar vínculos. Os corpos dançam, se colam, inventam linguagens, gritam, gesticulam, agem antes de pensar: “[...] Quando tu te expões na festa não importa, é tu e todo mundo” (Guilherme, 2011).

Nas reuniões festivas, ocorrem situações que escapam às interdições usuais das instituições tradicionais. Jovens movem o domínio da ordem e da norma temporariamente e experimentam o que a escola proíbe: “Qualquer coisa tipo beber, fumar, cheirar, dar...” (Camila, 2010). Para elas, a festa permite jogar com os limites. Isso não significa ausência de regras e convenções, porém mais flexibilidade no cumprimento e na exigência das regras.

As juventudes se constroem na escolha das festas, na preferência por este ou aquele estilo de música, nas companhias, nos modos de ocupar e vivenciar tais ambientes. As narrativas traçam o percurso de chegada ao mundo das festas; às vezes há o desejo de ocupar tais lugares “para pegar outras pessoas; para ficar com outras pessoas; para fazer alguma coisa, para se divertir”. Noutras, jovens escapam

[21] Dj é a abreviatura de Disk Jockey.

das interdições familiares por convencimento ou por transgressão das regras: “tipo, eu disse que fui à casa da minha amiga e fui à festa”. Há, também, aquelas que desistem das festas: “troquei a festa pela religião”.

A escola como o outro da festa

A escola parece deixar pouco espaço para o prazer e, principalmente, para a sensibilidade de jovens, exigindo uma racionalidade e uma estabilidade que parece não mais existir nas instituições sociais (BARBERO, 2008). Há um afastamento entre os desejos e os pensamentos das jovens e aquilo que a escola deseja e pensa sobre elas; distância que, às vezes, se agiganta. As falas das estudantes mostram insatisfação com a falta de disponibilidade e de abertura para as relações e para os questionamentos nas salas de aula:

> Eu já ouvi dos professores assim... *Ah, não tem que ser amigo de vocês, tem que dar aula e deu*. Eu acho que... Sabes... Tudo na vida tem, todos os trabalhos, os empregos que as pessoas tem, tem que ter bom senso eu acho. Tudo na vida tem que ter o “bom senso” (Lia, 2011).
>
> Ela [a professora] disse que se estressa nas aulas dela, mas é claro. Ela não conversa. Não deixa ninguém falar com ela (Pedro, 2010).

Muitas inquietações e indagações se espalham entre professoras e estudantes: afinal, para que servem a escola e a educação? Nas escolas, as professoras, constantemente, se interrogam sobre o porquê do conhecimento ser pouco ou quase nada relevante nas vidas de grande parte das crianças e das juventudes. Concepção que aparece nas palavras do estudante: “Tu vai chegar à escola tu vais aprender o bê-á-bá, vais aprender o básico mesmo [...] O mais importante a gente aprende fora da escola, no dia a dia, na vida” (João, 2011).

O conhecimento escolar para ter valor/reconhecimento não prescinde dos universais, das explicações, das generalizações, das certificações e, com isso, muitas linguagens, modos de vida e condutas não são problematizadas nem reconhecidas, restando pouco espaço para o prazer e a invenção. Na visão do filósofo, “A compartimentalização e o exercício do poder na escola são sustentados

e intensificados pelo aparelho burocrático escolar do qual nós, professores, somos fiéis instrumentos, com nossos programas, livro-texto, diários de classe etc." (GALLO, 2008, p.21).

Embora existam muitas escolas, elas se assemelham. A instituição escolar tem uma rotina e uma gramática que se repete: a professora, o grupo de estudantes, a divisão dos horários, a distribuição das disciplinas na grade curricular, a configuração das salas de aula e de todo o ambiente escolar: "Uma sala de aula nunca é caótica, há sempre uma ordem implícita que visa possibilitar a ação pedagógica, traz também a marca do exercício do poder, que deve ser sofrido e introjetado pelo aluno" (GALLO, 2008, p.20).

Os discursos[22] de valorização das instituições educacionais projetam, organizam e fazem circular o valor dos estudos. Porém, as promessas de estabilidade garantidas ou sugeridas pela formação escolar e o estreito vínculo com a aquisição de bons salários e bons empregos, não são cumpridas. Sposito (2005), utilizando os dados fornecidos pelo IBGE e pelo Instituto de Estudos do Trabalho e Sociedade (IETS), demonstra não haver relação direta, no Brasil, entre escolaridade das jovens e a obtenção de um emprego.

Mais escolas, mais estudantes nas salas de aula e uniformização de currículos são parte de projetos balizados pelas legislações nacionais e internacionais. Estudantes, jovens, crianças e adultos chegam com histórias pessoais, experiências e vivências marcadas por processos de significação contingentes e mutáveis. Outras tantas nem chegam à escola; outras, ainda, desistem quando surge um emprego ou um jeito de ganhar a vida de imediato. Os casos de indivíduos que chegam a ocupar o lugar prometido pela instituição ou que realizam sonhos (de emprego e de ter uma vida melhor) são exaustivamente vistos, ouvidos e lembrados; estão nas mídias; dão credibilidade às instituições; constroem os desejos das estudantes e as mantêm na escola. As falas de estudantes reforçam a aposta na educação escolar como garantia de um futuro melhor: "Então eu venho para a escola porque sei que vou entrar na faculdade e depois ter emprego bom, né? (Gabriel, 2011). "É uma coisa que vai ser para o futuro" (Lia, 2011).

[22] Discursos aqui compreendidos como práticas discursivas, implicadas nos jogos de poder, na produção de regimes de verdade (FOUCAULT,2005).

Ainda que as estudantes sejam agrupadas em turmas por faixa-etária e suposto conhecimento básico e comum, elas são singulares, são únicas; então, como educar do mesmo modo? Circulam discursos de valorização das vivências e interesses de cada indivíduo e, ao mesmo tempo, o processo de escolarização, em grande parte, se esforça para equiparar sentidos e inteligências (RANCIÈRE, 2004). Nesse modelo de escola, a vontade perde para a obrigação de aprender.

O ambiente escolar possibilita a circulação, produção e divulgação de significados, informações, conhecimentos, saberes, produção de subjetividades. Nele são produzidos pensamentos, sensações, modos de perceber e apurar condutas. Larrosa (2008) se refere à escola, ironicamente, como Casa do Estudo, lugar em que estão todos os livros, lugar onde os livros são lidos, explicados, iluminados e onde há pouco espaço para a invenção.

A instituição escolar está implicada com os modos de conduta, com a produção de formas de agir e pensar, classificar e discernir: o certo do errado, o bom do ruim, a virtude do mau hábito, o comportamento normal do anormal – um universo educacional marcado por oposições, dicotomias e poucas problematizações. Mesmo quando os controles são mais ou menos flexíveis, ainda assim essa lógica baliza as práticas escolares e educacionais, constituindo-se como uma espécie de resíduo insolúvel que mantém a escola e os processos educativos.

No ambiente escolar, os impulsos, as sensações, as motivações e os modos de agir são orientados para ordenar, regular e assegurar medidas universais, menos pela disciplina e mais pela constante vigilância e controle – convincente, sutil, insidioso. A vigilância e o controle constituem as práticas de si, modos particulares que pretendem guardar os valores da sociedade.

Práticas, experiências e relações que vão construindo gramáticas do corpo e da alma – subjetividades. Subjetividades que não estão longe do governo de outros, não estão longe das tentativas institucionais de inscrever padrões de normalidades e, mais do que isso, de inscrever a vontade e o desejo de tais padrões. Subjetividades pensadas como:

> Efeitos da composição e da recomposição de forças, práticas e relações que tentam transformar – ou operam para transformar – o ser humano em variadas formas de sujeito, em seres capazes de tomar a si próprios como os sujeitos de suas práticas e das práticas de outros sobre eles (ROSE, 2001, p.143).

> A relação consigo se torna a busca pela verdade e a obrigação de dizer a verdade ou de confessar a verdade para si mesmo: “essa relação obrigatória de si para consigo em termos de verdade e de discurso obrigatório, creio que ela é um dos pontos fundamentais do poder pastoral, sendo aquilo que faz dele um poder individualizante” (FOUCAULT, 2004, p.53).

As falas das jovens reforçaram a percepção de que as práticas escolares investem na competição e na classificação, premiando ou punindo, reforçando, recompensando e enaltecendo condutas em detrimento de outras, seja com notas, palavras ou prêmios. Por vezes, quando as estratégias de convivência e de produção de subjetividades disciplinadas falham, quando a escola se torna incapaz de seduzir jovens e produzir os efeitos planejados e os processos de socialização desejados, entram em cena advertências, ocorrências, transferências escolares e, se preciso, são acionados outros regimes disciplinares, como os conselhos tutelares, as igrejas, as Organizações Não Governamentais (ONGs).

O controle nas instituições educacionais de tradição disciplinar, como as escolas, se mostra nos modelos de avaliações externas, exames que medem, aprovam, reprovam, enquadram, especificam e classificam instituições, professoras e estudantes. Tais informações e posições são *rankiadas* e trocadas por recompensas, na economia educacional; relações que acentuam as desigualdades entre escolas e profissionais da educação, promovendo uma atmosfera de competição que se desdobra em outros campos.

Controles que também são exercidos por tecnologias disseminadas não somente em escolas, mas em *lan houses e demais* repartições públicas ou espaços privados: “(...) as sociedades de controle operam por máquinas de uma terceira espécie, máquinas de informática e computadores, cujo passivo é a interferência e o ativo, a pirataria e a introdução de vírus” (DELEUZE, 1995, p. 221).

Controles marcados no uso das novas tecnologias, quando são instaladas câmeras que monitoram as práticas cotidianas de estudantes e professoras nas salas de informática, nos laboratórios, nos ginásios, nos corredores escolares. Dispositivos de controle que agem também na distribuição e na disposição de

estudantes em turmas e salas de aula (posições estratégicas, incluindo mapas da sala com o lugar que cada uma deve ocupar).

Mecanismos de controle sobre corpos, posturas, gestos, palavras, que buscam normatizar o espaço, o tempo e o prazer, instituindo modos de pensar, sentir, agir e, ao mesmo tempo, o desejo de acolhimento no jogo da ordem e do privilégio institucional.

Entretanto, os modos de agir frente aos controles carregam o imprevisto, as escapatórias, a transgressão e o pensamento inédito, criam estratégias, “navegam entre as regras [...] jogam com todas as possibilidades oferecidas pelas tradições” (CERTEAU, 1994, p.121-123).

Nem sempre os resultados esperados acontecem: “uma coisa é uma regra de conduta; outra, a conduta que se pode medir a essa regra” (FOUCAULT, 2003, p.27) e, outra ainda, o modo como agimos em relação à regra – talvez sejamos mais livres do que imaginamos, diria o filósofo.

A relação entre as festas e a escola, aparece tanto nas conversas sobre os eventos e acontecimentos dos bares, boates e *shows* quanto nas situações de prazer, excesso, transgressão que emergem nas salas de aula, nos espaços formais de educação escolar. A busca pela satisfação na instituição escolar remete às praticas transgressivas, aos excessos, aos risos, às brincadeiras, à criação.

Deleuze (2006), ao se referir às instituições, sublinha que elas impõem modelos, estruturas e saberes que nos permitem prever e projetar; mas isso não descarta a sabotagem dos modelos, das estruturas e dos saberes. As relações de poder existem “em função de uma multiplicidade de pontos de resistência que representam, nas relações de poder, o papel de adversário, de alvo, de apoio, de saliência que permite a preensão” (FOUCAULT, 2005, p.91). O riso e o deboche entre estudantes têm sido usados como movimento de afirmação da diferença, como adversários da uniformização, da mesmidade, da ordem e da obrigação que caracterizam o regime escolar.

Na escola, as estudantes se mostram seduzidas pela presença de outros – colegas, amigas, professoras... O outro significa diferença, diversão e aventura, o outro conduz a outros pensamentos e leva a romper padrões sociais: “É divertido estar aqui. O que faz ser divertido são as pessoas que tu conheces” (Lia, 2011).

Jovens conversam, compartilham músicas e fones de ouvido, abraçam, beijam, se escondem, pulam o muro, fogem da escola, se atrasam, estendem o tempo do intervalo com jogos e brincadeiras, fazem coisas não autorizadas, inventam estratégias para burlar as normas e as regras.

Regras e normas que, muitas vezes, não se sustentam, conforme ponderação de Ândria:

> Não, olha aqui. As regras têm. Sempre tem regras. Qualquer lugar que tu vais tem regras. O problema não é a regra. O problema é a pessoa que impôs a regra não está sabendo cobrar. Aí é que está o erro. A regra existe. Basta tu querer ver se tu vais cumprir ou não. Para que eu vou cumprir uma regra se ninguém... E vou ali mato aula e ninguém faz nada.

Esse procedimento, na visão da jovem, descredencia a escola e os valores vinculados às regras. Na sua concepção, a escola banaliza a transgressão.

Cuidado e a educação escolar

Os processos educativos enveredam pelos caminhos da criação, da reinvenção, do cuidado e não somente do conhecimento tradicional, do controle do tempo, da organização do espaço, das palavras de ordem, do governo do outro e das ações restritivas. A educação como espaço e tempo de cuidado estabelece ou pode estabelecer encontros e vínculos que mudem as relações que os indivíduos têm consigo, com os outros e com o mundo, incitando a produção da diferença.

Na escola contemporânea, o cuidado se embasa, sobretudo, pelas receitas, fórmulas ou, ao menos, pelas tentativas de firmar determinados modos de viver e pela tarefa de ensinar a desfazer-se dos maus hábitos e superar condutas inadequadas. O cuidado está frequentemente comprometido com a preparação de estudantes para que enfrentem, com sucesso, as disputas por trabalho ou por vagas nos cursos universitários.

A noção de cuidado constituiu fortemente o pensamento filosófico grego, helenístico e romano, assim como a espiritualidade cristã e, mais do que isso, está implicada no pensamento moderno e contemporâneo e na produção de subjetividades. Os significados do cuidado assumem temporal e espacialmente

diferentes posições: princípio moral e filosófico, fenômeno cultural, pensamento singular, formas de atenção/relação consigo, conjunto de práticas mais ou menos austeras... (FOUCAULT, 2006). O cuidado de si como práticas sociais se tramam com prescrições, interdições e prazeres que se movimentam e se transformam; práticas que são produções, elaborações, ações, investimentos em si, como lazer, exercícios físicos, meditações, reflexões etc.

Muitas vezes, na contemporaneidade, os procedimentos educacionais, religiosos e de especialistas da saúde e as práticas do cuidado se associam às integrações forjadas e moralistas ou à compartimentação dos conhecimentos, levando ao enfraquecimento do poder de criação. Frequentemente o cuidado se confunde com o conhecimento autorizado pela ciência, tornando-se marcadamente prescritivo e produzindo sistemas de regras que orientam as formas corretas de condução da vida e dos corpos, na busca pela verdade e pelos sujeitos ideais.

As crenças, as essências, a razão e os fundamentos movimentam profissionais de diferentes regiões do conhecimento e do saber (religiosos, médicos, psiquiatras etc.), constroem formas de lidar com os sentimentos e de conter as sensações. Profissionais e instituições formulam procedimentos, padrões e ações que funcionam como respostas e soluções sensatas, válidas e legítimas para tratar as inquietações e os desassossegos da vida.

O conhecimento científico assume o caráter organizador da vida e das coisas; ele demanda práticas de cuidado, modos de agir e formas de tratar o corpo e a mente, além de produzir e direcionar as tecnologias de investimento em si. O cuidado está também emaranhado nas relações econômicas, no consumo de informações, de estilos de vida, de modas, modos e mercadorias... A verdade do cuidado e as formas de cuidar se misturam aos regimes de verdade de campos culturais, políticos e sociais atuais; campos de lutas constituídos de relações de poder e saber – vontades que se enfrentam.

De outro modo, o cuidado se liga à vontade de vida, às multiplicidades, à criação e à invenção de espaços de liberdade, incluindo a liberdade de ser diferente do que se é. Vontade de vida, traduzida como disposição de estar no mundo e desejo de tramar relações que tenham por efeito transformar o olhar sobre nós mesmos e sobre o mundo. Essa mistura, essa permeabilidade aos outros enlaça as

vontades; elas se entrecruzam e o encontro (frágil ou violento, de afinidades ou disputas) muda perspectivas, fazendo emergir diferenças: “a presença de uma outra vontade me faz presente” (HOPENHAYN, 2001, p.258). A abertura ao outro se desdobra em novas experiências, conforme aparece nas palavras de Antônio, ao se referir aos amigos que saem juntos para festas: “Cada um tem uma preferência diferente, faz uma coisa diferente, acaba todo mundo indo pela mesma... Tem a mesma curiosidade... Acaba querendo conhecer o que o outro quer conhecer... Acaba tendo essa curiosidade sempre” (2010).

A vontade de vida e a produção de diferenças não se confundem com a propagação e a massificação de diferenças arbitrárias (o mercado das diferenças e o jogo econômico) ou aquelas diferenças estratégicas e orientadas para grandes causas, sem sensibilidade e disposição para outras perspectivas.

Cuidar, portanto, não significa definir quem é o outro, suas vontades, seus desejos, seus afetos; tampouco significa saber quais as possibilidades de se transformar nisso ou naquilo (ao fazer desse modo ou de outro), nem supor os sucessos, as recompensas e as derrotas naquele gesto ou palavra... Cuidar não significa lançar um olhar que prevê, prediz, profetiza. Cuidar não se trata de receitar modos de tratamento, tampouco tornar a escola lugar de festa; também não significa que outras fórmulas, grades, horários, condutas, repertórios e gramáticas possam indicar trajetos retos e seguros, conhecimentos e saberes adequados, parâmetros curriculares.

As festas, espaço, tempo e lugar de experimentação e seus elementos (transgressão, entretenimento, prazer, sensações, riso, alegria) estão envolvidos com o cuidado? Nos espaços e tempos da escola, as estudantes experimentam o aventureiro exercício de se lançar para longe de si mesmas?

Nas festas e no espaço e tempo da escola, as proibições e as interdições não impedem as experimentações e as transgressões; tais práticas, muitas vezes, incitam o desejo e movimentam a busca pelo prazer: “o ponto mais intenso das vidas aquele em que se concentra sua energia, é bem ali onde elas se chocam com o poder, se debatem com ele, tentam utilizar suas forças ou escapar de suas armadilhas” (FOUCAULT, 2003, p.208). Isso pode ser imaginado a partir da fala da jovem referindo-se à diretora: “Eu acho legal [escapar da diretora] até porque é uma

adrenalina, porque ninguém pode ver ela. Não, ela não pode nos ver, senão ela vai pegar a gente e vai levar para a secretaria".

O eu, a subjetividade, sendo devir e processo, não se fixa nas estruturas da gramática nem na linguística; não se reduz aos signos verbais nem aos pronomes; não pode ser descrito dentro dos moldes universalistas e essenciais. O eu não se restringe ao dito e ao escrito, mas emerge nas relações sociais, nos jogos de significação: "o lugar do sujeito é um lugar que tem que ser constantemente reaberto, pois não existe qualquer sujeito por detrás do eu que é posicionado e capacitado para se identificar a si mesmo naquele espaço discursivo" (ROSE, 2001, p.149). Ou ainda, como escreve Foucault, o sujeito não é uma substância, o sujeito é uma forma que nem sempre é a mesma, nem sempre é idêntica a si mesma. As relações consigo mesmo diferem: "Você não tem consigo mesmo o mesmo tipo de relações quando você se constitui como sujeito político que vai votar ou toma a palavra em uma assembleia, ou quando você busca realizar o seu desejo em uma relação sexual" (2004, p.275).

Processos de subjetivação

Os processos de subjetivação não se restringem às abordagens psicológicas de comportamento, mas se referem à problematização dos regimes de verdades – a produção do eu interior, do dentro, do fora e dos tantos processos de fabricação de nós mesmos: "algumas vezes por meio de comandos brutais, outras vezes por meio de impassíveis pesquisas, outras vezes ainda por meio de murmúrios sedutores e confortantes" (ROSE, 2001, p.52). As relações com nós mesmos se tramam na organização detalhada do tempo, do espaço, dos vínculos pessoais, sociais, culturais, éticos, econômicos. Não há o dentro, o certo, a essência, a ideia, o eu, a identidade, sem a existência das interdições, das obrigações, dos códigos morais.

Subjetividades são modelos efêmeros, vulneráveis, passageiros, esculpidos pelo clima e pelas relações sociais, pelos ventos e pelas paixões, pelas leis, pelas normas e pelos códigos, por espaços, lugares e objetos. Subjetividades não têm um destino. Subjetividades não são zonas invisíveis, tampouco intocáveis; elas se desdobram na produção da fala, do caminhar, do vestir, da indiferença;

subjetividades não estão separadas do humor, da pele, dos órgãos, do olhar, do sangue, da saliva, dos objetos – com os quais negociam e criam modos de vida.

Subjetividades se constituem pelas interrogações, pelo imprevisto, pelo medo e pelo prazer, pelo desejo e pelas confissões, pelo tato e pelo olfato, pelos julgamentos e pela ciência, pelo que expõe e pelo que esconde, pelo corpo e pela alma, por tecnologias, pelos cenários...

O pensamento acerca das subjetividades se associa, inevitavelmente, às narrativas, aos relatos, aos dossiês, que se corporificam em modos de existência. Os efeitos dos agenciamentos nos atam a determinadas identificações e nos afastam de outras; estamos constantemente sendo capturados por discursos que nos subjetivam e, ao mesmo tempo, resistindo a outros, ou a determinados modos de subjetivação. Segundo escreveu Montaigne, no século XVI, “em verdade o homem é de natureza muito pouco definida, estranhamente desigual e diversa. Dificilmente o julgaríamos de maneira decidida e uniforme” (p.14. 1972).

As subjetividades são movimentos de vida, de negociação, de resistência ou de transgressão que entram em luta, se debatem com as tentativas de aprisionamento do sujeito, da identidade, movimentos contra os processos de subjetivação que fixam modos de vida, gêneros, classes, etnias e a moral.

As relações de força, a subjetividade, inventam possibilidades de reverter posições e situações – nada está dado previamente e para sempre. As relações de poder não acontecem sem o outro e sem a ação sobre a ação do outro. Exercer poder implica respostas, ações que reordenem posicionamentos em luta, não em situações de domínio ou de oposição.

As práticas de liberdade – as relações que mantemos com nós mesmos – não são unificadas, essenciais, nem universais, mesmo aquelas protagonizadas pelas políticas da identidade e da diferença – apresentadas por distintos nomes: mulheres, homossexuais, jovens, negros... Os nomes e as identidades carregam talvez mais o peso das identificações e dos reconhecimentos do que o prazer e as vantagens (ROSE, 2011). Contudo, como escreveu Foucault, os processos de liberação, algumas vezes, facilitam as práticas de liberdade “a liberação abre um campo para novas relações de poder, que devem ser controladas por práticas de liberdade” (2004 p. 266-267).

As práticas de si “são esquemas que ele [o indivíduo] encontra em sua cultura e que lhe são propostos, sugeridos, impostos por sua cultura, sua sociedade e seu grupo” (2004, p.276); esquemas e estratégias que, ao burlar, distender ou desdobrar as práticas de dominação e de coerção, podem possibilitar processos de liberação e, mais do que isso, práticas de liberdade.

As práticas de dominação estão comprometidas em minimizar ou paralisar temporariamente o campo de ação, a resistência e a transgressão: “os efeitos de dominação que farão com que um garoto seja submetido à autoridade arbitrária e inútil de um professor primário, um estudante à tutela de um professor autoritário e assim por diante” (2004, p.284).

A INVESTIGAÇÃO

Investiguei dois grupos de jovens do ensino médio, em dois momentos diferentes. O primeiro grupo, no ano de 2010, quando entrevistei cinco estudantes, além de realizar observações e estabelecer conversas informais. Com o grupo de 2011, os contatos ocuparam mais tempo e foram mais intensos. Procurei estar mais atenta ao foco da investigação – a relação entre festa e escola na produção de subjetividades. Entrevistei mais 20 estudantes, fiz observações, anotações, conversei com as três turmas de terceiro ano, participei de festas e demais atividades que surgiram nos movimentos desta investigação. Os processos da pesquisa serão detalhados nas páginas seguintes.

No ano de 2010

Percorri os espaços da escola, atenta ao ritmo, aos rituais institucionais; aos códigos instituídos. No decorrer do intervalo entre as aulas, o pátio, os corredores e o saguão da escola foram ocupados pelas jovens. As relações afetivas se estendiam entre risos, jogos, brincadeiras. De longe, tudo parecia tranquilo e rotineiro.

Na escola, havia estudantes que perambulavam fora da sala de aula, enquanto algumas prolongavam o recreio; outras, antes de finalizar as atividades, saíam para o pátio; havia ainda aquelas que, pela ausência de professoras, se deslocavam para a biblioteca, para a sala de informática, para as conversas no sol, para o jogo de voleibol, para os cantinhos do pátio que escapam às vigilâncias, para lugares com mais descontração e menos controle.

O calendário escolar se mostrou, mais uma vez, marcado pelos feriados e comemorações, pelo dia da criança, pelo dia do professor, pela crença em Nossa Senhora Aparecida, pela preparação do amigo secreto e pela confecção dos cartões para as professoras. Deparei-me com uma atmosfera de homenagens e festividades.

Direcionei-me às jovens dispersas pelos vários espaços da escola, circulei pelos agrupamentos, conversei com diferentes estudantes sobre a pesquisa e o interesse pelas festas e suas relações com a escola, ensaiando algumas interrogações: Com quem vão às festas? Quais são os lugares que costumam frequentar? Ouvi nomes de lugares que se repetiam: *Doha, Saint Patrick, Diesel, Larus, Salento* – bares e boates do balneário Cassino e também da parte central da cidade.

Quando indaguei acerca da relação entre as festas e a escola, uma delas pronunciou sucinta e imediatamente: *Nada*. Outro estudante contrariou: *Tem relação sim*. Alguém comentou que, na escola, combinam de sair juntas, trocam informações, conhecem pessoas e, assim, conseguem privilégios, como descontos no bar e, algumas vezes, entrada livre na portaria.

Em outro momento das conversas, um grupo, composto somente pelo sexo masculino, afirmou não participar de festas. *Não vão à festa?* – repeti. Um deles relatou ser evangélico e que o significado das festas para os evangélicos era diferente: *Vamos às festas, mas não bebemos, não usamos drogas e é durante o dia.* Nesse dia, uma jovem se mostrou interessada no assunto; ressaltou que a mãe a considerava jovem demais para festas noturnas e, por isso, não permitia que as frequentasse.

O relato de uma estudante a respeito da inconveniência de muitos adultos que frequentam as festas e não sabem se comportar pode ser lido abaixo:

> Têm os velhos que vão para incomodar, os que ficam olhando sem cessar, os tarados e as velhas que vão para chamar atenção usando roupas inadequadas, mostrando as banhas ou usando saias muito curtas (Camila, 2011).

Os adultos foram identificados como velhos inoportunos e ultrapassados. Palavras que generalizam, hierarquizam, desqualificam indivíduos e os separam do outro grupo – a juventude. Posições que marcam as classificações sociais; que traçam expectativas, modos de conduta e definem a forma mais conveniente de trajar, assim como os divertimentos apropriados a cada faixa-etária.

A curiosidade e os desejos das jovens lançam-nas a experimentar a vida em espaços sem a presença de adultos; presenças que incomodam pela lembrança do mundo que não desejam repetir, pelas regras e respostas que não querem ouvir

nem seguir. Esse pensamento se mostra na fala de uma das estudantes, incomodadas pela presença da mãe da amiga, que acompanhava a filha, seguindo os movimentos de ambas com olhar inquisidor.

Nas conversas paralelas, propiciadas pelos momentos de descontração, aventei a possibilidade de realizar filmagens e fotografar festas. O nome de três lugares foi citado nas falas das jovens e notei, pela primeira vez, o interesse de algumas estudantes pelas festas *raves,* cuja denominação tem relação com a busca de um lugar seguro para atos considerados ilegais, mais especificamente *Really Safe Heaven*, traduzido como *Paraíso Realmente Seguro* (GUSHIKEN, 2004).

As festas dependem do planejamento, da organização e da batalha do ingresso, seja pela necessidade do dinheiro para comprá-lo ou pela busca pelo ingresso-cortesia, presenteado por amigas ou pessoas conhecidas. Tais aspectos fazem parte do “ir ou não ir” às festas. Com frequência, os planos se desfazem quando o apoio financeiro vindo de casa ou os contatos falham; a falta de autonomia financeira atrapalha os planos das jovens. A festa aciona uma rede, uma maquinaria que nem sempre funciona, apesar do excesso de espaços de comunicação e do acesso à informação proporcionado pelos incontáveis *sites* e comunidades virtuais.

As primeiras entrevistas

Depois do encontro com a equipe diretiva da escola, a primeira entrevista foi realizada a partir do contato nos intervalos das aulas e no período do recreio. O procedimento de conversas e de entrevistas se repetiu muitas vezes, em diferentes lugares: na avenida, na padaria perto da escola e na biblioteca.

Com as estudantes, tratei das festas, da escola e suas relações. Entre perguntas, respostas e conversas mais descontraídas, foi gravado o que diziam e também foram feitas anotações. Abaixo apresento as cinco estudantes que entrevistei no ano de 2010.

Antônio

Tem que ser um lugar que tem uma aparência mais antiga...

Antônio vai às festas com amigos, interessado em assistir a *shows* de bandas em lugares u*nderground*[23]*.* Não gosta de baladas e, com uma dose de ironia, comentou*:* "[...] Eles dizem: É *festa só de gente bacana, que tem dinheiro, não se envolve com droga*. Vai ver os caras tudo drogado lá na frente se dando tiro um no outro".

As festas que lhe interessam são raras e, por isso, Antônio, muitas vezes, se desloca até o centro da cidade do Rio Grande. Participa de festas organizadas em clubes e salões alugados, não há um local fixo, são itinerantes. Elas trocam de lugares e de nomes, mas mantêm o estilo, com músicas do gênero *hard rock* e *punk rock*, do final da década de 80.

No balneário, o mais comum é ele e seus amigos – que curtem esse tipo de festa – caminharem, darem uma volta, beberem juntos, permanecerem na avenida principal. Estão atentos às festas noturnas – quando algo ou algum lugar chama a atenção do grupo, eles vão para conhecer.

A expectativa de Antônio é "tirar proveito da noite", conhecer gente diferente, encontrar lugares, experimentar, evitar a monotonia. Para ele, a festa precisa ter alguma coisa, que pode ser o lugar ou pessoas com as quais seja possível trocar ideias: "pessoas que tenham assunto, gostem de falar". Na conversa que tivemos, lembrou-se de um amigo que busca, nas festas, lugares com mobílias e objetos que lembrem o passado e "gente mais antiga":

> Tem um amigo que é fissurado, que diz assim: Tem que ser um lugar que tem uma aparência mais antiga... Balcão de bar americano, uma mesa de sinuca, um monte de gente escutando música, um lugar assim, gente mais antiga no lugar também.

No que se refere à ligação das festas com a escola, o estudante imediatamente percebe relações. Antônio constrói uma associação precisa entre as festas e a relação de aproximação com os colegas da escola. A festa se torna facilitadora e intensificadora das relações no ambiente escolar:

> Tem muita gente que eu conheci em festa e era do colégio, só que eu não me dava com a pessoa, comecei a me dar depois, com o convívio com as pessoas

[23] O termo *underground* é definido como: "lugar de experimentalismo e vanguarda – em oposição ao *mainstream*, considerado lugar massivo" (SÁ; GARSON; WALTENBERG, 2008, p. 180).

> no colégio também... Tipo isso, tu conhece uma pessoa do colégio, só que tipo tu não conversa, não te dá com ela... Aí tu acabas indo numa festa, começa a conhecer através de alguém e aí no colégio tu continuas te dando bem com a pessoa e vai... Cada vez ficando... Vai tornando amizade. O Irineu, eu não conhecia ele muito bem, aí ele passou para a turma esse ano e fiquei nas mesmas festas. A gente começou a ficar amigo, conheci as pessoas com quem ele se dava, que eu conhecia só de vista, não falava com elas. Através de uma pessoa que eu conhecia eu fui conhecendo outras.

Contrariando as lógicas etárias, dos conflitos geracionais, o estudante prefere o encontro com "pessoas e lugares antigos" e sobre isso diz: "Eu quero saber o que aconteceu antigamente. Eu quero conhecer o que eles faziam, como é que era para ver se é a mesma coisa o que eu faço".

Antônio se refere aos mais velhos como mais antigos. A sua fala me fez lembrar um bar *underground* que, durante dois verões, existiu no balneário e que se chamava *Das antigas*, com estilos musicais das décadas de 60, 70, 80 e 90, frequentado por jovens e "pessoas mais antigas".

Quando questionado em relação à censura dos "mais antigos", ele respondeu de chofre: "Normalmente, o pessoal mais velho, tipo, eles já fizeram coisa bem pior do que a gente já fez... Mas tipo assim, quando a gente faz uma coisa errada eles não influenciam, só dão exemplos".

As festas que Antônio frequenta são divulgadas pelo MSN*,* pelas comunidades *Orkut, Twitter* e, também, no bate-papo escolar. As comunidades virtuais aparecem articulando encontros e programando a vida fora dos espaços institucionais tradicionais.

Para Antônio, as organizadoras das festas quase sempre são aquelas que tocam em alguma banda e precisam do espaço físico, isto é, precisam alugar um salão; portanto, evitar transtornos como brigas e depredação de espaço físico significa ter crédito, garantir locações e festas vindouras:

> Quando tem uma briga, alguma coisa... Torra o lugar. Dizem tipo: Bah... Os caras são rockeiros, todos de preto, se drogam e vêm aqui para brigar e quebrar tudo... Então não vale a pena deixar mais eles alugarem. Aí vai cada vez reduzindo. Tem menos lugares se tem alguma briga.

Antônio fala dos estereótipos que fazem crer que todas as rockeiras ou todas as apreciadoras de *rock* se vestem de preto, se drogam e quebram tudo. Como as

festas, são organizadas por quem gosta ou toca em bandas de *rock,* enfrentam barreiras para alugar bares e boates. Com isso, há poucas festas e, às vezes, casas de moradia, no balneário, se tornam casas de festa.

Camila

A escola é totalmente o oposto da festa.

Para Camila, escola e festas são lugares que se opõem. A escola, marcada pela definição do que não pode fazer. A festa, ao contrário, pelas escolhas dos modos de agir, lugar para fazer o que tiver vontade de fazer. Apesar de existirem formas de comportamentos convencionadas, que organizam a vida e a relação com o outro, nos diferentes lugares, para Camila, a festa se mostra como possibilidade de sonhar e de viver outra vida – uma participação sem normas e sem regras:

> A festa não tem regra, na festa tu fazes o que tu quiseres [...] E na escola é aquele ambiente tipo. É tipo tu não podes beber, tu não podes sair aula no horário permitido, tu não podes... Sabe é aquele negócio regrado. É aquela coisa tipo é assim e tu vai andar assim e não sai fora disso. A festa não, a festa tu vai pelo caminho que tu queres. Eu acho que não tem relação. E uma coisa totalmente oposta à outra.

As festas que Camila frequenta são organizadas por jovens que tocam em bandas. “As únicas festas que eu vou são as *fests*, que é num bar, alguma banda aluga e daí faz um festival pequeno com as bandas da cidade, aí tipo vai todo mundo que gosta das bandas. Mas não é uma FESTA”. Diferem das “FESTAS”, que se caracterizam pela “pegação” e pelo consumo de drogas.

Lorena

É sempre um ritual. Tu chegas e está tocando eletrônica para se pilhar. Aí começa uma banda de pagode. São sempre duas bandas. Começa uma banda de pagode uma hora e meia de show. Acaba e começa funk e aí depois outra banda de pagode e acaba com eletrônica de novo para ti querer ficar mais. Para mim acaba 6h30min. Amanhecendo... Eu sempre volto para casa amanhecendo.

Lorena compartilha as festas com as amigas e colegas da escola atual e de sua antiga escola, tanto as festas do balneário como aquelas que acontecem no centro da cidade do Rio Grande. Afirma, no entanto, que as melhores festas são na cidade de Dom Pedrito, sua cidade natal: “Tem uma única festa, então todo mundo se encontra. Todo mundo vai naquela”. A maior parte das pessoas com as quais convive, ela conheceu e estabeleceu laços afetivos nas festas.

Lorena se remete às memórias da festa: “E no outro dia é sempre melhor. É que tem [o] quê comentar. E sai aquele comentário bah! Ah não sei... alguma coisa que aconteceu contigo e as pessoas não viram”.

Para ela, a festa aproxima colegas e facilita os vínculos escolares e extraescolares “Muitas pessoas que eu não me dava assim, que eu nunca nem oi, sabe? Aqui do colégio mesmo. E chega na festa, tu reconhece e vem me cumprimentar, vem falar comigo”.

Josué

O cara bebe e fica sem-vergonha. Sem-vergonha, mesmo!

Josué me procurou para que eu o entrevistasse. Ele, atualmente, se dedica às práticas religiosas no *Salão do Reino,* pois pretende se tornar *Testemunha de Jeová: “*Eu não sou irmão, eu estou caminhando para isso”. Participa somente das *festas de igreja:* “É como se fosse uma festa normal só que não tem essas pegação, não tem bebida... Mas tem música, tem dança...”.

Embora tenha construído amizades nas *festas normais* (baladas), argumentou que tais relações se restringiram a determinados espaços: “Podes fazer trezentas amizades lá, no final da festa quando acabar tu vai voltar com as mesmas pessoas; os primos, os vizinhos, os parentes”. Para Josué, nesse tipo de festa, “O cara bebe e fica sem-vergonha. Sem-vergonha, mesmo”.

As *festas normais* para ele significam perder-se: “O único que se dá bem é o dono da festa”. Esse pensamento é compartilhado pelo grupo de evangélicos do qual Josué faz parte. Renunciar aos prazeres das festas e aos vícios em prol dos

conhecimentos, do exercício da mente, do futuro profissional e da vida familiar se mostram como virtudes e cuidado de si.

O tom de arrependimento pelas coisas que fazia e pelos lugares que costumava frequentar se mostrou no redirecionamento da vida para a religião – a culpa e a confissão marcam sua fala. Desde que Josué foi convidado a participar das reuniões de estudos religiosos, por um colega, Testemunha de Jeová, sua visão das festas foi alterada:

> Se tu parar para pensar tu vai numa festas dessas. Olha o que esse pessoal vem fazer aqui? Quando eu for mais velho eu não vou fazer isso. [...] Eu quero ter uma família, e vou trazer meus filhos para cá? Não tem nada a ver, entendeu? Tu não vais arranjar uma mulher para te casar numa festa dessas, porque as mulheres que vem aqui ficam com todo mundo. Tu não vai querer casar com uma mulher dessas. Ou seja, isso aqui não é um ambiente para te encontrar namorada nem para fazer amigos. Entendeu?

A disposição do jovem, agora voltada à religião, apesar de seu descontentamento com as posturas de padres e pastores que havia conhecido em distintos espaços religiosos, se direcionou para a criação de laços de devoção. A religião compreendida como rede social facilitou, ao estudante, contatos, informações, acordos, debates, gentilezas etc. Ele lembrou a importância da revista[24] usada pelos fiéis e traduzida em diferentes línguas e regiões do mundo: “Um irmão de Portugal [por exemplo], a gente conversa porque são os mesmos assuntos que são debatidos”.

O estudante encerrou a conversa me perguntando quando retornaria para me entregar um livro sobre a sua nova religião. Essa atitude remeteu-me aos fiéis e às suas caminhadas aos sábados, com revistas na mão e palavras na ponta da língua, que pretendem convencer e converter.

Pedro

Se tu ficas só em casa, se tu não sais. Tu não tens experiência com pessoas diferentes de ti.

[24] Ele comentou acerca das polêmicas e temas da vida social que a revista Sentinela abarca. A seita e os fiéis difundem posições, sinalizam atuações, seguem a orientação da revista, que pretende padronizar posicionamentos em diferentes lugares e nas diversas línguas e culturas, conforme aponta o estudante.

Pedro relata a festa como lugar para aprender a tratar com pessoas diferentes, a ceder e a ouvir, enfim, negociar posições, conviver, ser tolerante:

> Se tu ficas só em casa, se tu não sais. Tu não tens experiência com pessoas diferentes de ti. Numa festa tu não vais só com teus amigos. Vai ter gente que tu não gostas. Vai ter gente que tu vai ter que aturar mesmo. Tu aprendes muita coisa: a conviver com pessoas, a lidar com pessoas diferentes de ti, a lidar com gente diferente, aprende a ter paciência, a não se estressar, a falar.

Em contrapartida, a escola se mostra como um espaço ainda fechado, arredio às mudanças e aos pensamentos diferenciados; um espaço que privilegia e defende as instituições, as posições fixas; impõe restrições e alimenta relações de poder pautadas em verdades hegemônicas, segundo mostra seu depoimento**:** "Eu estava falando isso na aula da professora Mari, ela é muito ignorante. Ela não gosta que ninguém fale na aula dela. Ela fala para ti como se tu não pudesse falar nada para ela".

Pedro se inquieta e se recusa aos limites que os modos de organização social escolar instituem. Na concepção do estudante, a escola tenta uniformizar padrões de comportamento, impedindo ou dificultando os diferentes modos de agir, de falar, de vestir... Diferentemente da escola, na festa, ele encontra mais espaço para as relações:

> No colégio tu olhas assim, a pessoa está ali né, só passa por ti, não conhece. Aí na festa às vezes ela bebe ou sei lá tu tem a possibilidade de falar com ela mais aí tu vê que ela é diferente, mais engraçada ou mais chata... Aí tu tens a possibilidade de falar com ela, ver como é que ela é.

Ainda se referindo ao espaço festivo, ele comentou: "Tu aprendes com a vida. Sei lá, tu aprendes, ficas esperto". A festa rompe a cadeia de valores e de posições que a escola tenta perpetuar; os limites são distendidos e a vida se mostra como possibilidade de aprender com o diferente.

O depoimento de Pedro marcou a escola como lugar em que é preciso se comportar bem. O corpo e os modos de agir, quando escapam às convenções, são considerados impróprios e inadequados e sofrem as desvantagens de tal postura.

Conversas e observações 2011

No ano de 2011, entrei em contato com a escola na primeira semana de agosto, início do segundo semestre letivo, agendei com a supervisão e a direção escolar uma reunião com as três turmas de terceiro ano diurno da escola Silva Gama. O acerto com as professoras foi feito pela equipe diretiva.

Minha pretensão era apresentar e avaliar as possibilidades e interesses das jovens em participarem do estudo. Intuía que as estratégias de negociação surgiriam como tantas outras vezes: sem receitas nem fórmulas; o longo tempo de vivência no ambiente e o convívio escolar me tornavam menos preocupada em estabelecer relações e vínculos e mais atenta à capacidade de tornar o encontro valoroso para pensar os processos educativos e a constituição daquelas pessoas que nomeamos alunas, estudantes, discentes ou jovens.

Na semana posterior estive na escola, mas as estudantes, não. O tempo chuvoso e frio repercutiu em salas de aula vazias. Das três turmas, pouquíssimas pessoas compareceram. Notei que nos primeiros e segundos anos do ensino médio havia por volta de vinte estudantes em cada sala de aula, contrastando com as de terceiro, que tinham em torno de seis estudantes. O desgaste de anos de vida escolar, o estar quase concluindo o ensino médio e deixando a escola, as provas do ENEM e as perspectivas de entrar na universidade, os empregos temporários... Contextos que levam, costumeiramente, essas estudantes a serem menos assíduas.

Depois de duas tentativas frustradas, consegui entrar em contato com duas turmas quase completas. Delas, uma pequena parte teve aula comigo em anos anteriores, relações construídas muito antes desta pesquisa. A outra parte do grupo eu desconhecia.

Falamos sobre o estudo e perguntei pelo interesse de fazerem parte da minha pesquisa. Anotei os nomes de acordo com a disponibilidade. Fiz alguns registros e observações, embora estivesse mais interessada em conquistar a confiança e motivá-las. Busquei não causar constrangimento. Guardei na memória as coisas que diziam e rabisquei, discretamente, outras.

As conversas e entrevistas chamavam a atenção das jovens. Demonstravam vontade de falar sobre as festas, de trocar ideias, de conversar, de sair da sala de

aula – a vida fora das salas de aula se mostrava atrativa. Uma estudante, entusiasmada, entrevistou a colega, sem eu solicitar ou sugerir, e me entregou as anotações. Outras me trouxeram fotografias e filmagens feitas nas festas e na escola.

Contaram-me que passar na frente de bares, boates, baladas ou olhar de longe o que está ocorrendo, para muitas, já basta: é um modo de participar sem gastar. A avenida a poucos metros da escola se tornou lugar de encontros e, de certo modo, lugar de festa. A casa foi outro lugar citado como espaço festivo. Algumas amigas e colegas das entrevistadas tocam em bandas e produzem festas na casa onde moram com os familiares. Uma delas comentou sobre sua preferência pelo que chamou de festas sociais, como aniversários e casamentos. Outras vão às festas com parentes ou retornam com os pais, que vão buscá-las. Algumas inventam que vão para casa das amigas e fogem para as festas. Uma estudante comentou sobre o dia que foi sem permissão e teve o azar de aparecer na *internet* – havia sido fotografada e foi reconhecida pela família. Para algumas delas, a escola está longe da festa, mas concordam que existem coisas em comum entre elas: em ambas se experimentam relações com pessoas e se fazem amizades. Todavia, comentam que o bom da festa é fazer o que não é permitido em outros locais.

Na escola, as jovens comentam da insatisfação com a forma como são tratadas. Para a maioria, os limites são muito rígidos e inadequados à idade que tem. Não aceitam/não gostam do controle, nem das regras sem diálogo. Queixaram-se de que para o simples uso do banheiro precisam pegar chave, assinar caderno, devolver chave – às vezes o tempo gasto é tanto que até a professora reclama e desconfia da demora. Em casos de ausências nas aulas, familiares ou responsáveis têm de assinar uma caderneta, o que deixa as jovens constrangidas com tal situação. Uma caderneta é usada para anotar recados, agendar reuniões, justificar faltas e registrar possíveis problemas enfrentados na escola com colegas ou professoras.

Estudantes se sentem incomodadas com as regras, com os modelos de comportamentos sem espaço para a negociação, com a pouca flexibilidade. Em seus depoimentos comentam acerca da organização escolar, com dinâmicas

descontextualizadas, burocratizadas e impositivas, dos cotidianos presos a práticas que, para elas, não tem sentido:

> Esses dias eles foram se despedir, ela ia para a sala dela e ele para a sala dele e se deram um selinho. E ela [diretora] Saiu... Chamou. Vêm cá os dois. Vão assinar ocorrência [...] É a mesma coisa que proibir os alunos do vespertino e da noite de sair para a festa ou sair na hora dos intervalos das aulas, sair da escola. Não existe. De noite, eles têm lá seus trinta anos, são mães, são avós, não se encaixa. É um exagero (Leandro, 2011).

Uma das turmas pareceu “mais festiva”, disposta e acolhedora. Falaram sobre um aniversário que seria comemorado no bar *Salento*. Fui ao bar e encontrei um grupo de estudantes que me informou sobre o que estava acontecendo na noite do balneário, sobre as outras programações/opções noturnas. Planejavam continuar a jornada daquela noite em outros lugares. Circular pelos bares e boates parece motivá-las, especialmente no verão, quando o balneário oferece mais opções de diversão à noite.

Várias atividades e eventos estavam sendo realizados na turma, tendo por objetivo a festa de formatura no final do ano. Um deles era a venda de ingressos para uma festa, que teria a apresentação de um grupo de samba. Compareci à festa. A grande maioria do grupo era composta por adultos (pais, mães, familiares, amigos e amigas). As estudantes estavam mais interessadas em angariar fundos para a formatura. Elas organizaram o evento - trabalharam na portaria e na venda de ingressos. Nos dias que se seguiram, ouvi comentários acerca dos registros em fotos e imagens da vida escolar para a produção do filme a ser apresentado no dia da formatura.

As observações e conversas no primeiro mês me conduziam a confirmar o interesse daquelas jovens pelas festas, com poucas exceções. Grande parte gosta de festas, frequenta e até mesmo trabalha na produção das mesmas. Uma delas completou dezoito anos e celebrou o *status* que a idade lhe confere, pois terá a chance de experimentar a festa sem a presença de adultos. Antes disso, a mãe a acompanhava. Para a estudante, isso não era algo ruim, mas celebrou a possibilidade de exercer sua liberdade.

Nos encontros e nas conversas jovens sugeriram outras informantes. As pessoas entrevistadas são reconhecidas como informantes-chave nas pesquisas

etnográficas, mas isso não descarta o uso de outras fontes na produção de conhecimentos (POUPART, 2008). Informantes não são intérpretes ou representantes do grupo, mas pessoas motivadas a contar sobre as suas práticas e suas maneiras de pensar; são indivíduos que permitem conhecer e produzir versões da realidade.

Na escola do balneário: 1º Ciclo de Debates Artístico-Culturais

O projeto foi organizado pela escola em parceria com um compositor rio-grandino e morador do balneário. Objetivou apresentar as tendências musicais, valendo-se de documentários, promovendo atividades pedagógicas coordenadas e propostas, na sala de aula, pelo professor que ministrava a disciplina de língua portuguesa, que aderiu à proposta.

O espaço físico utilizado para o primeiro dia do projeto foi a *ArtEstação* – uma ONG voltada às artes, que adquiriu, legalmente, junto à Secretaria Municipal de Educação e Cultura, a permissão para ocupar o prédio de uma antiga estação ferroviária, tornando-se, logo após, ponto cultural, por meio de políticas públicas do governo federal. A *ArtEstação* compartilha o espaço arquitetônico e os equipamentos com a comunidade escolar. A proximidade favorece: basta atravessar a rua e percorrer alguns metros para chegar ao prédio, na avenida central do Cassino.

Após mostrar interesse no projeto sobre música, que estava para acontecer na escola, recebi o convite da direção para participar. Aceitei, na expectativa da proximidade com integrantes das turmas de terceiro ano e por lidar com a temática musical – quase sempre com muitos significados para as juventudes. Eu buscava, no espaço do projeto, situações que viessem a favorecer entrevistas e conversas. Falar e ouvir implica sentir-se à vontade, buscar locais favoráveis, observar, ser discreto, agir pacientemente.

As condições precárias das instituições de educação básica, novamente, estavam visíveis. A escola tem sido marcada pela escassez de recursos materiais, pela falta de locais adequados às atividades educativas e pelo baixo investimento

público na educação e no trabalho docente[25]; entretanto, não raras vezes, tal contexto é atenuado pela atmosfera de prazer e de cumplicidades dentro das salas de aula, nas quadras e demais espaços de práticas educativas, nas relações e parcerias com a comunidade. Para esse projeto, a direção da escola solicitou o espaço físico e o equipamento multimídia da *ArtEstação*, a fim de viabilizar sua realização. Participaram cerca de vinte estudantes do terceiro ano do ensino médio e somente uma das três turmas; mais do que isso o espaço não comportava.

Estudantes, o professor de língua portuguesa e eu assistimos ao filme sobre samba. O documentário focou o cantor Paulinho da Viola e convidados como Zeca Pagodinho, Marisa Monte, Marina Oliveira e a velha-guarda do samba carioca. O promotor do projeto se apresentou como assessor cultural de um deputado estadual. O texto impresso entregue para mim e para o professor, tratava das origens do samba, suas estreitas ligações com africanos escravizados, as influências, as transformações e os vários tipos de samba.

O projeto prosseguiu na sexta-feira seguinte, no espaço escolar. Ficamos com a TV e com o espaço da escola. Foi apresentado outro documentário sobre jazz. O filme tratou-o como uma linguagem que os negros e as negras encontraram para lidar num universo de discriminações, preconceitos e de trabalho árduo nas lavouras, mesmo após a abolição da escravatura. De acordo com o documentário, o povo africano buscava, através da música, a aproximação com Deus e, ao mesmo tempo, a libertação do sofrimento imposto pelos brancos – as músicas estavam marcadas por um ritmo sincopado e cheio de improvisações. Cenários que vão sendo descritos pelos músicos negros, tais como o som do trompete, que imita o elefante quando assustado; em outros momentos, a música remete ao ritmo da caça de tigres na selva. Elementos musicais que nos lançam ao distante mundo africano e suas culturas.

Percebo que as temáticas musicais costumam encantar jovens, a quebra da rotina também parece agradar e torna o projeto musical algo de valor. Preferem assistir ao documentário às aulas nas salas. Embora a música se mostre central nas

[25] No jornal Zero Hora online, a manchete anuncia que o governo federal determina a aplicação de 25% da receita dos estados em educação e o governo rio-grandense investiu um percentual médio de 18,79% no período 2005-2010. Reportagem capturada no site http://zerohora.clicrbs.com.br/rs, dia 4 de junho de 2012.

culturas juvenis, as abordagens durante os documentários não criaram situações de discussões ou reflexões relacionadas aos estilos de música, pelo menos nos dois encontros iniciais. Exceções feitas a alguns comentários rápidos, capturados nas conversas paralelas, algumas risadas e brincadeiras que rompiam o silêncio das jovens ou os sons produzidos pelo filme.

No terceiro encontro do projeto, as jovens estavam mais descontraídas: nas conversas, mencionaram colegas da turma que faziam aula de piano e bateria. Mais uma vez, relacionavam prazer com música. Além do hábito de ouvirem música, algumas também tocam instrumentos musicais. E como havia um piano na sala, uma delas ensaiou alguns acordes durante o intervalo.

O documentário, daquele dia, foi pautado pelo *jazz* e pelo *blues*, descrevendo a vida dos músicos negros, experiências marcadas pela árdua arte de sobreviver em terras distantes. No intervalo e no encerramento, foi apresentado, o último *show* de Michael Jackson, com seu estilo *funk*. O *show* agradou ao grupo inteiro.

O quarto encontro foi o mais participativo e durou pouco. O organizador abriu espaço para discussão da cultura na cidade do Rio Grande e solicitou registros, anotações, conversas com pessoas mais velhas sobre os espaços artísticos que existiram na cidade e os que existem. Naquele dia, o projeto foi interrompido antes do horário previsto, com o propósito de realizar avaliações de uma das disciplinas escolares.

Nesse dia, jovens comentaram acerca das raras opções artísticas da cidade. Elas citaram a Escola Municipal de *Belas Artes,* como sendo o único espaço público em que se pode aprender dança, música, desenho e pintura. Reclamaram da rigorosa seleção da escola, das reduzidas vagas e das raras oficinas de instrumentos. Uma das jovens, que estuda violino, lamentou e criticou a carência de professoras que ensinem outros instrumentos musicais, além do violão e do piano.

O projeto rompeu a rotina da escola. Ficou suspenso o privilégio da sala de aula e do conteúdo disciplinar. O projeto não estava previsto nos calendários: foi inserido ao longo do ano. Entre os olhares atentos nas imagens do documentário e as conversas com colegas, jovens trocavam informações, compartilhavam lanches especiais, trazidos de casa, e chimarrão; interrompiam as brincadeiras e faziam

silêncio para assistir ao filme e escutar a música. Em um desses dias, em lugar dos documentários sobre música, assistimos ao filme *O narrador de histórias.*

Nas conversas, me interpelaram, perguntando se eu iria à formatura da turma de Fisioterapia, na SAC (Sociedade Amigos do Cassino). Respondi que não havia sido convidada e, imediatamente, ouvi da jovem “Então professora, é a primeira experiência de furo na festa. A senhora não quer ir?”.

Entrar na festa segue um planejamento: é necessário investigar, tomar algumas precauções e, mesmo assim, corre o risco de não conseguir “furar a festa”. No relato, a seguir, Guilherme mostra a sensação de prazer sentida quando passa pelos rituais de controle e consegue entrar no lugar da festa. E, finalmente, “no meio de todo mundo”, sente-se seguro e relaxa:

> Quando tu vai furar a festa, primeiro a gente combina. Combinar é bem legal, é divertido porque tu ficas vendo um jeito de que nada dê errado, por exemplo, eu falei que quando eu fui furar a festa lá, eu fui à casa da minha tia pedir o nome de alguns formandos, para se eu chegasse lá e perguntasse eu diria é fulano, aí essa coisa de combinar, já é bem legal Aí tu te arrumas para ir para a festa. Quando tu te arrumas para ir para a festa vem o medo, porque ninguém quer sair de casa tomar banho, botar uma roupa, se arrumar, chegar lá e passar vergonha de ficar lá na frente da festa, não poder entrar. Essa coisa é complicada, vem aquele medo, mas aí tu entras. Quando tu entras na festa, tu consegues entrar. Te dá aquele gostinho, tu podes fazer tudo. Já entraste na festa, nem eras para estar lá. Já está te sentindo o furão agora. Sentindo-te todo poderoso. Aí tu vai assim parece que... Tu olhas um segurança, tu olhas um convidado. É que nem um bandido fugindo de polícia, parece que está todo mundo te olhando, parece que todo mundo sabe que tu estás errado ali. Aí tu ficas naquela coisa assim aí parece que tu foges, vai, vai procurando outros lugares, vai calminho, te mistura... Aí depois de estar lá no meio ninguém mais te tira. Tu bebes, perdes a noção de tudo.

O projeto seguiu um pouco mais. Eu desloquei meu foco para as entrevistas.

No bar *Salento*

Alguns metros adiante do segundo posto de gasolina, pela rua que corta a avenida central do balneário, encontra-se o bar *Salento*. É pouco visível, exceto

pela discreta placa com cores da bandeira italiana. O lugar é uma espécie de casa adaptada, decorada com vários ambientes. Um lugar despojado, mas acolhedor.

O volume da música eletrônica ou das bandas que se apresentam permite dançar e conversar. A intensidade e a distribuição da luz parece adequada aos diferentes ambientes criados no bar. O local possui palco improvisado junto à copa, tela com *clips* de surf e shows, um pátio interno com mesa de sinuca. Mesas, cadeiras e bancos distribuídos harmonicamente pela casa vão sendo retirados na medida em que as pessoas vão chegando, dançando e ocupando os diferentes espaços criados no bar. É possível reconhecer antigos estudantes da escola entre os donos e os atendentes que se revezam na portaria e no atendimento às mesas. Ouve-se música eletrônica, estilo popular como Jorge Ben Jor, Lenine e bandas de *reggae*, *rock*, *jazz.* Bandas de estilos variados costumam se apresentar. O bar funciona às sextas-feiras durante o inverno e, no verão, quase diariamente.

O público é variado em idades e estilos. No espaço estão estudantes de ensino médio e jovens universitárias. Pessoas “mais antigas” também circulam. A maioria mora no balneário, são rostos que reconheço. O *Salento* foi cenário da festa de aniversário, o ponto de encontro para comemorar os dezessete anos dos irmãos gêmeos Fernanda e Caroline, estudantes da escola. Fui convidada e estive lá.

As estudantes da escola se assemelhavam no modo de vestir, nos gestos, nos saltos dos sapatos e na maquilagem que muitas cuidadosamente planejaram. A postura, o jeito de andar e falar, os cabelos longos e lisos. Elas se pareciam. Os jovens também usavam roupas semelhantes: calça de brim, camiseta, moletom, tênis. Bebiam e fumavam.

As roupas, os acessórios e os estilos marcam uma linguagem, as relações, status, reconhecimento, controle e sansões, comportamentos, modos de ser feminino e masculino. Nessa noite de festa no bar, dois jovens do grupo passaram mal pelo excesso e pela mistura de bebidas. Isso levou as colegas a debocharem muito da situação, chamando os dois de criança (uma ofensa!), pois não sabiam se portar. As colegas diziam que aqueles não estavam acostumados a sair à noite, por isso não sabiam beber sem dar vexame. As falas marcavam fronteiras bem nítidas entre aquelas que tinham e as que não tinham experiência.

A comemoração no bar, os comentários sobre as músicas que escutavam, assim como as formas de olhar, de namorar e circular pelo ambiente remetiam a uma atmosfera de criações, sensações e risos. Câmeras fotográficas apareciam nas mãos, que buscavam enquadrar os rostos sorridentes e se aproximavam de outros e olhavam para a câmera e, novamente, sorriam, faziam pose e de novo a foto e outros grupos se formavam e mais fotos... Beijos e abraços para a foto, enquanto a mão de quem beijava e abraçava apertava o botão e fazia mais uma foto.

O que fazem com tantas fotos? As fotografias virtuais se tornam imagens postas em circulação nas telas de computadores, de celulares, das redes sociais e mesmo no telão da escola, na sala de multimídia, compartilhadas nas salas de aula e nos intervalos – em vários momentos do ambiente escolar.

Transcrevendo: da escuta à palavra escrita

Entrevistei aquelas estudantes que voluntariamente se propuseram a participar da pesquisa. Os nomes foram registrados após a primeira conversa com as turmas nas salas de aula. Em outros momentos, novas estudantes manifestaram interesse. Algumas ficaram de fora da lista, pois a quantidade de jovens dispostas a conversar crescia à medida que as entrevistas eram realizadas. Lembro também que algumas jovens citavam as colegas, sugerindo que eu as entrevistasse, pois gostavam de festas e, por isso, teriam coisas interessantes para contar.

As solicitações e os acertos para a realização das entrevistas aconteciam em contatos e conversas informais, com quase imediata e acolhedora permissão tanto das estudantes quanto da equipe de professoras e da direção. Preferencialmente, acertava os procedimentos – quem e quando entrevistar – nos intervalos, nas trocas de salas, antes do começo das aulas e após verificar se não havia provas ou avaliações marcadas no dia e hora da entrevista.

Ocupei grande parte das manhãs do segundo semestre de 2011. Minha presença semanal na escola durava algumas horas; às vezes, apenas o tempo de agendar e capturar algumas informações necessárias à condução das entrevistas e encontros. O número de dias também oscilava entre um, dois ou três. Entrei no ritmo

da escola, ocupando os tempos mais ociosos[26]. Preferi as conversas ao acaso, as saídas e entradas nas salas de aula, as brechas, o tempo do deslocamento de uma sala à outra, as idas ao banheiro, os encontros nos corredores, nos intervalos, a ausência das professoras ou a sua saída temporária da sala de aula.

Algumas vezes ficava no pátio, sentava nos bancos e observava. O ambiente escolar e as cenas eram velhas conhecidas. Olhava um pouco a distância os grupos espalhados pelo pátio, pelos corredores, as conversas, o jogo, as pessoas sentadas no chão, os grupos rindo, brincando. Algumas se detinham, paravam, sentavam, conversavam, perguntavam o que fazia ali, quando seriam entrevistadas ou se já havia feito a transcrição. Era reconhecida por antigas estudantes. Em outros momentos, depois das entrevistas, permanecia no pátio, enquanto aguardava a próxima entrevista agendada.

Havia dias que eu frequentava a sala de professoras, participava de algumas comemorações de aniversários; em outros, ficava na sala dos recursos humanos vendo, ouvindo ou trocando algumas palavras com estudantes que passavam perto da janela e paravam.

Nas entrevistas e conversas informais, notei que o grupo se mostrou confortável em compartilhar informações, reflexões e algumas festas comigo. Comentavam as programações dos finais de semana, perguntavam se eu iria ou não. Algumas sugeriram que organizássemos (eu e elas) uma festa. Destacavam expectativas em relação à pesquisa e à entrevista.

Parte do grupo quis ler a transcrição; então, marquei encontros e, em alguns casos, encaminhei por correio eletrônico. O momento de leitura da entrevista estreitou, um pouco mais, os vínculos entre entrevistadora e entrevistadas. Gostaram de ler, faziam comentários, riam, explicavam algumas coisas; determinadas vezes, questões eram lidas rapidamente, como se não quisessem passar novamente pelas coisas ditas: talvez vergonha, talvez timidez. Algumas pontuações foram alteradas, após ter levantado dúvidas em relação à parte das coisas que ouvi e transcrevi.

[26] Refiro-me às vivências sociais lúdicas, experimentadas no espaço e tempo escolar, fora das salas de aula.

Das estudantes, a maioria nasceu em 1994. Juridicamente, portanto, quase entrando no ano da maioridade; momento em que algumas estavam ingressando nos *festis* (festivais) ou tendo suas primeiras experiências nas baladas, nos bares, shows. Também relataram as jantas organizadas antes das festas na casa de um ou de outro e a violação das festas de formaturas e quinze anos ou, no seu dizer, “furar festas”.

As jovens estão nos meses que antecedem a finalização do ensino médio, da educação básica. Foram aproximadamente doze anos, convivendo com o disciplinamento, com as relações hierárquicas e com as verdades absolutas e universais no ambiente escolar. Mas também com jogos e com as estratégias de resistência ou transgressão ao meio educativo e seus preceitos (fugir da escola, reclamar das condições materiais, dos modos de controle, dos limites, do trabalho docente, da direção, ir aos cantos para fumar, ou ainda, planejar festas, agarrar, beijar na boca...). Na escola, não somente o compromisso, a obrigação, mas também o prazer, a diversão e as redes implicadas no convívio.

Nas laudas que seguem, apresento vinte estudantes da educação básica que constituem as juventudes do Silva Gama, tendo como procedimento metodológico as entrevistas individuais feitas no ano de 2011 e os encontros em ambientes festivos – casas, bares e baladas.

De acordo com Foucault (2004), acredito que não há privilégios para quem pergunta tampouco para quem responde, mas relações que propiciam o movimento dos pensamentos “perguntas e respostas decorrem de um jogo – simultaneamente agradável e difícil – em que cada um dos dois parceiros se esforça para só usar os direitos que lhe são dados pelo outro, e pela forma de diálogo convencionada” (p.225).

As entrevistas e as festas

Jane Savernack

A gente só curte rock. A gente só curte heavy metal. E outras coisas como política, os modos de ver as outras pessoas, isso a gente não... Isso é normal, isso é opinião, o que muda é a música e a opinião sobre a música. Não sobre as outras coisas.

Jane trabalha, estuda, toca guitarra e teclado. Parte da casa em que reside se transformou em local de festa. O pai sempre trabalhou nesse ramo e, antes de residir no balneário, promoveu festas na cidade de Pelotas, em bares, boates e danceterias. Jane destacou o gosto musical mais romântico do pai e também as influências que ele teve de bandas como *Pink Floyd, Deep Purple, Led Zeppelin*. Diferentemente do pai, a irmã prefere o *rock* metálico. Jane compartilha com ambos, os festivais *undergrounds,* assim como a criação musical. Toca guitarra na banda da irmã – que é vocalista – e teclado para acompanhar o pai. Auxilia na organização e promoção das festas, além de trabalhar na copa. Jane gosta de *rock*, um mundo que chama *underground* e aprendeu a reconhecer as tribos que circulam à noite – tal aprendizado a auxilia a agir profissionalmente quando promovem festa.

Jane se diz rockeira. Ela se veste de preto e pinta os olhos com lápis escuro. Ao se definir como alguém que tem estilo, traça um paralelo com aqueles que se deixam levar pelos modismos, pelos sucessos da estação. Acerca do *rock* e dos *rockeiro*s, afirma:

> O *rock* se transformou, esse *underground* se transformou num estilo de vida, a pessoa que adere, a pessoa anda de preto. A pessoa anda de preto de manhã, de tarde, de noite. A pessoa gosta de escutar *rock*. Ela escuta de manhã, de tarde e de noite. E outras coisas como política, os modos de ver as outras pessoas, isso a gente não [discute] [...] isso é normal, isso é opinião, o que muda é a música e a opinião sobre a música, não sobre as outras coisas.

Ao referir-se aos festivais, relata modos de agir e significados que diferem das baladas. As pessoas não dançam como em outros locais, elas batem cabelo acompanhando o ritmo da música:

> O pulgueiro é um negócio que quando mais rápida a dança, mais as pessoas ficam na frente se batendo assim, conforme o ritmo da música. Eles batem cabelo assim... Ele é curtido e aí conforme a batida da música. Então, um show

> de rock as pessoas bangueiam. Banguear é girar o cabelo, bater. Entende? E se empurrar. Mas não tem nada de violência.

Jane, ao descrever a festa, o faz de modo muito breve e preciso: “Não tem muito que falar de uma festa... Um lugar que tu vai para te divertir e tu podes arranjar problema”.

A festa e a vida de obrigações estão muito próximas, neste caso em que, o local de diversão é também o de trabalho. No decorrer da conversa, Jane falou da posição de quem administra a festa e as responsabilidades, as obrigações, o necessário controle quanto às regras e ao repertório de conhecimentos que permitem agir, improvisar e se portar, enfim, frente a situações imprevisíveis.

Organizar a festa não prescinde de conhecimentos e saberes relacionados à observação, às informações que grupos e indivíduos de estilos diferentes vão mostrando, aos signos que precisam de tradução. Traduzir faz parte da tarefa da equipe organizadora. Além da presença marcante e bem-definida do segurança, que faz valer as regras.

Em outro momento da conversa, Jane falou como público ou plateia, como alguém que usufrui da festa. A festa não a lança para o futuro, mas para o momento, para o presente. A festa não é costume, a festa acontece:

> Tu tens que seguir as regras da casa, mas tu não precisas estar ali porque tu estás sendo avaliado, tu estás ali porque tu és. Não precisa ser o melhor, tu estás ali porque tu és, porque tu estás vivendo aquilo ali. É normal. Na escola tu vives uma vida. Mas é uma vida que tu já te acostumaste com isso, com a festa não...

A hierarquização das relações e o caráter classificatório e verificatório marcam a diferença entre festa e escola. Esta se pauta pela repetição do mesmo – ela acostuma, além de querer o melhor – caminho que exige transformação e disciplina (sem o modelo e sem a referência, não há esse melhor). A educação escolar vive de prometer acesso à faculdade, à profissão e ao emprego – mesmo que as estatísticas e as experiências não garantam tais realizações – As palavras de Jane, apontam a escola como obrigação e a dissocia da satisfação e do prazer das festas:

> Porque a gente precisa saber, a gente precisa ir para uma faculdade, ter uma profissão. Isso não tem nada a ver com as nossas festas, não tem nada a ver com nossos gostos, entende?
>
> [...] É que quando tu falas palavra escola tu pensas na palavra estudar, estudar te lembra que tu tens que ter um monte de obrigação, tu tens que fazer trabalho, *tu tens que [...].* Depois tu tens que entrar numa faculdade, depois tu tens que trabalhar – uma coisa bem monótona, tu tens que ser certinho, tens que seguir uma linha, numa festa não precisa fazer isso.

Para ela, no centro do processo educativo, está a figura do professor, que mostra o conhecimento para estudantes que buscam, através do silêncio, da cópia do conteúdo e do querer aprender, a dedicação necessária para conseguir uma profissão e um trabalho. No entanto, diz que isso não acontece nas escolas públicas: “O professor quer explicar, mas o aluno não quer [...] se fosse os alunos ficarem na sala, ficarem de boca fechada e o professor ensinar, seria maravilhoso, mas é que nós, nós mesmos, alunos, parecemos que não queremos aprender” .

Ela considera a escola um mundo diferente, outra vida, momento em que esquece a casa e suas tarefas; a escola é lugar de concentração no estudo: “Aqui, tu vens aqui para a escola e tu não és a pessoa que tu és na escola”. Embora considere a escola outra vida, a experiência da festa se estende para além do dia e da hora marcada, atravessa e se embaralha com o universo escolar: com as conversas nas salas de aula, com o modo de vestir e com as informações compartilhadas com o colega que faz parte da sua banda. Na escola, as festas das noites anteriores ocupam também o espaço das confidências, das versões e das lembranças.

Quando a temporada de veraneio começou, encontrei Jane trabalhando como atendente no supermercado do balneário.

Samara

> *As festas não são festas, mas festis. Significa festival, é cultura, é diferente e tal. Festa lembra baladas, as festas normais de Rio Grande. Aí balada não é. Nas festas que eu vou, lá não existe isso, não tem preconceito lá.*

Samara frequenta as mesmas *festas de rock* que Jane. Elas haviam me informado sobre uma festa no *Boliche.* Estive lá com algumas amigas. A surpresa foi

que, além de Samara, encontrei outras estudantes das turmas de terceiro ano que não foram entrevistadas.

O valor do ingresso correspondia à metade do preço cobrado nas baladas. As bebidas também tinham preços mais acessíveis. Na festa, as bandas tocavam suas próprias composições, bandas não somente da cidade do Rio Grande, mas também de Pelotas e de São José do Norte. Naquela noite, sete bandas se apresentaram. As jovens vestiam roupas pretas com adornos prateados e os olhos eram pintados de preto. Sobre o uso da roupa preta, Samara ponderou dizendo que, no *rock,* tem gente que se veste de preto e tem gente que não se veste. Para ela, o preto tem um significado: “Eu, por exemplo, se eu saísse de camiseta branca ou rosa, eu não vou me sentir a mesma [...] Se eu sair assim parece que não vai ser eu, eu não vou me identificar. É mais do que um tecido, é um orgulho pelo que tu és, sabe?”. Considera que o uniforme escolar também poderia ter significado semelhante: identificação e orgulho de pertencer à escola – mas isso não acontece, tampouco existe uniforme.

O cabelo longo e, às vezes, colorido movia-se ao ritmo acelerado das bandas. A potência vinha da música, da voz, do corpo pulsando, saltando, empurrando sem violência, num ambiente de bebidas, cigarros e fumaça. Em alguns momentos se juntavam umas com os braços sobre as outras, seguindo como em um ritual os acordes dos instrumentos e as vozes. A música guiava os corpos quase em transe. Havia uma imensa interação entre as bandas e a plateia, que se aproximava do palco, movimentava freneticamente a longa cabeleira, girava a cabeça, saltava com movimentos fortes de flexão do pescoço. Quase uma fusão entre plateia e banda. Faziam gestos como “mãos em chifre”, os quais afirmam o *rock* como estilo de vida. Homens e mulheres instrumentistas e vocalistas se apresentavam no palco, ao fundo do salão; um salão onde algumas mesas de sinuca serviam para sentar e colocar copos e garrafas; em outras mesas, próximas ao bar e bem-iluminadas, havia jogo. A iluminação suficiente permitia as vendas no bar e os jogos de sinuca.

Samara mencionou que as festas são lugares diferentes da escola, mas isso não significa problema. O que a incomoda é o preconceito e, nesse ponto, a escola não se parece com a festa: “Lá, tu entras lá e não importa o jeito que tu estejas, não importa o jeito que tu vais estar. Eles vão te tratar como igual”. Na escola, a diferença é usada para discriminar:

> Às vezes as pessoas te olham torto pelo teu jeito de ser, pelo jeito que tu te vestes, porque tu não és igual às pessoas que estão circulando no pátio, porque tu não pensas igual. As pessoas às vezes já te olham torto, sabe? [...] É aquela ideia. As pessoas te botam essa diferença.
>
> Acho que também aqui na escola tem um monte de casal de meninas, né. Eu acho que nem a escola sabe lidar com isso, sabe? Nem a escola lida com isso. E como eu falei preconceito com a música da pessoa, com o jeito de se vestir. É muita bobagem, sabe? Tu não podes te vestir de qualquer jeito que as pessoas ficam te olhando. Tu vês preconceito com quem é mais gordinho, com quem é bem mais magro ou com quem é mais tímido. Sempre tem alguém falando ou fazendo piada. Às vezes eu estou ali na fila do refeitório ou ali no meio do pátio sempre vejo uma piadinha para alguém ou um olho meio torto. Sempre tem, assim, sempre.

Na escola, fazer ou não fazer as tarefas não é uma questão de escolha, mas obrigação e exigência. Na festa é diferente: “A festa tem liberdade. Tem que ter responsabilidade também É que lá cada um sabe de si, sabes? Cada um faz o que quiser, sabes? Se não quiser, não faz. Ninguém vai te coagir a nada”.

Samara fala da festa como exercício de liberdade e de responsabilidade. Local em que há espaço para fazer o que se quer, há possibilidades de escolhas e não há imposição. Comentou sobre o empenho de algumas pessoas para realizar a festa: “Às vezes, as pessoas têm tanta sede de música que uma só dá conta de tudo”.

Lia

Daí depois a gente já foi morar na nossa casa mesmo e a festa era em outros lugares, assim. É como é hoje. A festa do meu pai é em frente do Doha e a nossa casa é no Bolaxa. Daí eles começaram com isso aí, começaram a ganhar bem e continuaram fazendo festas. Mas quando eu era mais nova, nunca pensava em ir à festa do meu pai. Deus me livre!

Lia tem pais que trabalham com festas. As relações entre jovens, festas e a família podem ser pensadas na genealogia do balneário. O balneário emerge como área de lazer de famílias estrangeiras, como moradia de jovens que vinham de São Paulo, Minas Gerais... Jovens acostumadas a conviver com festas, festivais de música e teatro. O ambiente os encantava pela proximidade com o mar, mas provavelmente estranhavam a ausência da noite movimentada, das baladas, dos bares, dos *shows*. Talvez por isso, tantos festivais de arte universitária e festas

organizadas, especialmente, pelos estudantes do curso de Oceanologia que vinham mais da região sudeste, na década de 80. Essas práticas culturais e as características do balneário foram constituindo um modo de viver próximo ao oceano com as marcas da vida de outros estados e mesmo de outros países.

O Cassino tem sido local de festas, baladas, principalmente no verão. Percebo que muitas pessoas residentes no balneário fazem música, outras estão aprendendo a tocar. Ouvem-se ensaios de bandas que vêm das casas do balneário, além dos sons das festas de bares, boates e danceterias noturnas. As festas fazem parte da economia local. No balneário, vivem pessoas que planejam, produzem, divulgam festas e também aquelas que trabalham como músicos, DJs, seguranças, atendentes... A economia do balneário está focada no turismo de verão e nas atividades de lazer noturnas, que ocorrem ao longo do ano, intensificando-se no final da primavera e no verão. As festas estão implicadas com a vida de quem mora no balneário. A festa significa não somente diversão, prazer, lazer, mas lugar de trabalho e sustento.

Lia tem uma namorada. No *Facebook* diz namoro firme. Quando era menor, ela não entendia porque se sentia diferente. Ela gostava de jogar bola com os gurizinhos e não queria saber de bonecas nem de guriazinhas: “O pior era eu tentar entender o que eu era. O que estava acontecendo? Por que eu era diferente?”.

Observando as colegas de escola, ela repara que ser *gay* se tornou uma moda, uma fase e acredita que isso tem contribuído para atenuar o preconceito, pois antes focavam a atenção nas jovens *ga*ys (risos, deboches, ironias etc.); agora, como são muitas, parece mais “normal”: “Hoje em dia é esse negócio todo mundo está vendo ali e todo mundo quer se dizer, fazer as coisas iguais”. A jovem estranha as colegas que escolhem ter relações homossexuais por modismo, pois não considera uma questão de escolha, mas de sentir diferente: “Mas eu acho que no fundo o bagulho que eu passei para eu me aceitar, nossos pais esse negócio tudo. E hoje em dia tem gente que escolhe, parece que escolhe o caminho mais difícil, assim, chega a ser engraçado”.

Ao longo do nosso contato, no decorrer do ano de 2011, algumas modificações foram acontecendo. Lia trocou os cabelos longos por curtos, foi

oradora da turma na festa de formatura; vestiu *black tie* e postou, no *Facebook*, fotos beijando a namorada. Parecia à vontade com seu modo de falar, de vestir, de amar.

Festa na casa de Lia e balada no *Saint Patrick*

No horário sem professora na sala de aula, estudantes combinavam onde seria a janta, quem iria, o que comprariam. Passei pela sala e me convidaram. Aceitei. Depois do jantar, iriam à festa no *Saint Patrick.*

A noite começou com o encontro em frente ao mercado *ArtEstação,* onde fariam compras para o jantar. Depois disso, caminhamos em torno de quinze minutos pelo acostamento da ERS 734, estrada que liga o balneário ao centro da cidade. O acostamento precário e as luzes dos carros em nossa direção ofuscavam a estrada e o caminho. Passamos por uma cerca e atravessamos o campo até chegar às ruas e casas do Bolaxa – especificamente na casa de Lia. Os passos rápidos, as conversas e os risos aqueceram a noite ventosa e fria da primavera. Por volta de catorze pessoas percorreram o caminho.

Na casa estava a família, que gentilmente nos recebeu. Chico começou o fogo e pôs a carne para assar, enquanto a anfitriã ligava o som e cuidava da iluminação. Preparavam o jantar e se divertiam ao mesmo tempo em que eu fazia anotações. De vez em quando, me chamavam para dançar, me observavam e indagavam sobre o que escrevia.

As jovens bebiam e dançavam embaladas, predominantemente, pelo *funk.* Estavam contagiadas pelo ritmo marcado. A música possuía acorde simples e letras fáceis que rasgavam a moral. Músicas que não são para escutar, mas para dançar conforme escreveu Lia: *"*Para escutar eu gosto de rap, pagode, samba*".*

Nem o som alto, nem as letras, tampouco as danças perturbavam a família composta por pai, mãe, irmã e sobrinho, que circulavam no jantar, conversavam e saíam. Para a professora Marisa Costa (2008), a cultura contemporânea "imagética e performática, tem atravessado e embaralhado todas as preferências anteriormente relacionadas ao gosto e distinção de classe" (p.282), sendo a cultura *funk* um dos exemplos:

> Com cobertura global de telenovela apresentada em horário nobre, transformou-se em preferência nacional, sem adesão a um grupo social em particular. Festas de ricos ou pobres, de intelectuais, iletrados ou crentes, todos celebram seu ‘momento funk’. A escola parece que não tem escapado a essa lógica cultural (COSTA, 2008, p.282).

Parafraseando a autora diria que a família de Lia parece que não escapou da lógica cultural.

Os jovens empolgados e desembaraçados dançavam e faziam performances, o corpo estava em festa. Não demorou muito e todo o grupo de jovens estava dançando: em rodas, um atrás do outro em pequenos círculos, um no centro e os outros em volta. Fizeram coreografias para acompanhar a letra da música. Havia muita desenvoltura para cantar, sabiam de cor as letras e os acordes. Letras que remetiam às práticas sexuais e eram acompanhadas de risos, de corpos suados e sem camiseta, de roupas coladas e rostos maquiados. Das músicas f*unk* que ouviram e dançaram, trago uma cujo título me informou Judith no dia seguinte, na escola. Capturei a letra na *internet* e apresento a seguir:

Estaladinha

Mulher Filé

Olha o barulinho,
Estala, Estala, Estaladinha,
Estala, Estala, Estaladinha,
É o barulho que sai da boca,
Chupando minha bucetinha.

Você quer me come,
E eu quero te dar,
Mas antes de transar eu quero a pre-eliminar,

Hoje a noite é nossa,
Eu quero é gozar,
Vem de boca na minha xota, (na minha xota),
Que eu quero escutar,

Estala, Estala, Estaladinha,
Estala, Estala, Estaladinha,
É o barulho que sai da boca,
Chupando minha bucetinha,

Estala, Estala, Estaladinha,
Estala, Estala, Estaladinha,

> É o barulho que sai da boca,
> Chupando minha bucetinha.

A letra causa estranhamento e desconforto. Ela também produz outros e distintos processos de significação. Convivendo com o grupo de jovens, notei que o *funk* interessava na medida em que anunciava atmosferas de liberdade sexual e prazer. Jovens se sentiam à vontade para rebolar e simular gestos e expressões que remetiam aos prazeres do sexo.

Na entrevista do Jô Soares com Tom Zé, que assisti no *youtube*, o músico comentou o seu o texto jornalístico, publicado no Rio de Janeiro, cujo título é *Exegese de Tô ficando atoladinha*. O texto escrito trata da letra e da melodia do *funk Atoladinha.* O autor chama atenção para vários aspectos que o caracterizam, criando três categorias para explicá-lo: metarrefrão, microtonal e polissemiótico.

De maneira criativa, ele ressalta o caráter semiótico na medida em que a palavra "atoladinha" remete a um imenso universo de imagens, sentidos e significados. Acrescenta que no refrão não há mudança de nota, mas sim alterações microtonais. Tal ritmo musical havia sido proibido pela igreja na época do papa Gregório, no século VII e apenas o erudito italiano Giacinto Scelsi e o *funk* carioca, com o *MC Bola de Fogo* conseguiram desfazer a dita prisão diatônica ao modificar a altura da nota em quarto de tons. Para o músico, tal ritmo produz sensações excitantes:

> Você começa a sentir um certo calor, como se houvesse a permissão, [nesse momento a plateia assobia e o Tom Zé segue] calma compadre que isso é permissão, porque os homens assobiam, mesmo, na hora. Isso é a própria igreja católica quem está assobiando, que está proibindo a mulher de gozar, isso é intuitivo. Vamos ver isso obanamente, obanicamente, não maquinamente, não [...] Se você ouvir muitas vezes é capaz de ter energia bastante para se masturbar.

No *funk Atolatinha,* a figura feminina busca prazer e satisfação sexual. Tom Zé trata esse acontecimento musical como momento de embate contra valores morais e sexistas ainda muito presentes na sociedade contemporânea:

> E, além disso, uma moça qualquer um dia estava com esse rapaz e disse *tô ficando atoladinha, to ficando atoladinha, tô ficando atoladinha...* Que liberdade essa mulher lançou no mundo! Essa mulher aposentou o papa Bento V e todos os reacionários, todos os detratores, todos os negadores daquela coisa que as mulheres e homens gozam...

Tanto a letra e a melodia da música *Atoladinha* quanto da *Estaladinha* têm apelo sexual e põe em evidência o prazer e os desejos femininos. São letras que desacomodam o centro do prazer masculino, evidenciando as emoções e as percepções femininas. Grande parte das jovens entrevistadas se diverte, debocha e desafia os limites da moralidade, da ética e da estética quando dançam e cantam o *funk.*

Depois da janta, a balada no *Saint Patrick...* Caminhamos até chegar ao balneário. Quando estávamos próximos dos bares e boates, o grupo se dividiu. Algumas não puderam pagar os ingressos. Eu acompanhei quem seguiu para o *Saint Patrick*. Outra parte, por segurança, chamou o *motoboy* para levá-las para casa.

De longe, a música eletrônica do *Saint Patrick* se espalhava pelo balneário. A pista, o bar e o banheiro estavam lotados. Lá encontramos outras estudantes e algumas ex-estudantes. Na festa, os estilos de música, alternaram-se ao longo da noite: *rock,* eletrônica, pagode, *funk,* sertanejo universitário, DJs e bandas.

Na janta, na casa de Lia, pareciam mais à vontade. No *Saint Patrick*, o espaço para dançar estava lotado. Articularam estratégias para comprar bebidas, a maioria era menor de idade, porém não foi necessário, pois não havia controle/restrições. Os guris, mais entusiasmados, se insinuavam e me mostravam como se aproximavam das belas jovens que passavam naquele apertado lugar.

Circulamos pelo bar. Fomos até a sala VIP (Very Important Person). Saímos para respirar. Dançamos na pista lotada. No meio da festa faltou luz. A banda parou de tocar e aguardamos quase uma hora, até o retorno da energia elétrica. Ninguém parecia incomodado. Algumas se excederam e precisaram de água e ar da madrugada para se recuperarem. Ficamos mais um pouco e saímos. Eu e mais três. Outras ficaram namorando e dançando. A noite estava agradável.

Eu retornei para casa caminhando e conversando sobre o movimento noturno que anunciava o veraneio. As ruas das festas e a avenida ainda estavam lotadas, quase cinco da manhã, quase amanhecendo no balneário, e ainda se ouvia a música eletrônica que vinha do *Eventual*. Como disse Gabriel, as opções aumentam com a mudança de estação: “A maioria das festas a partir de setembro, outubro é tudo aqui no Cassino” (2011).

Marcela

Eu não mato aula, a aula é que me mata.

No final da conversa, Marcela mostrou desejo de ler a entrevista transcrita. Dias depois a procurei na escola. As colegas de turma informaram que estava na "canchinha", lugar em que estudantes costumam praticar aulas de Educação Física, jogar ou simplesmente vão quando "matam aula". Esta era a situação de Marcela. Ela e as amigas conversavam sentadas na quadra, as mochilas atiradas no chão e junto delas uma bola de futsal.

Poucos minutos antes, havia ligado para seu celular e combinado encontrá-la. Quando cheguei, em tom de brincadeira, disse-lhe: "Matando aula!" E ela respondeu rindo: "Eu não mato aula, a aula é que me mata*".* Entreguei a entrevista. Riu e passou os olhos rápidos em algumas partes, não quis ler tudo. Parecia desconfortável com algumas coisas que havia me dito.

Ela havia me procurado para ser entrevistada. Falou, principalmente sobre suas vivências amorosas com uma garota e o como isso havia atrapalhado a vida escolar e familiar: "Aconteceu quase tudo o ano passado. Quase tudo. Eu ia para o colégio, meu corpo estava ali na sala assim. Eu estava olhando para o quadro, mas eu não estava tipo, a minha cabeça estava na lua, é como se eu estivesse na lua assim*".*

Durante a conversa, oscilava entre o silêncio e a fala rápida e contínua. Duas vezes o celular tocou. A mãe ligou na hora do intervalo e, mais uma vez, no decorrer da entrevista.

Sobre as festas, comentou que prefere as GLS[27]: "Fui uma na *El parador* ano passado e uma lá no centro na *Glamours*, que é festa de GLS. É o tipo de festa que eu frequento assim. É o povo que eu ando né? É isso". A festa se apresenta como espaço de prazer, encontros e trocas:

> Na real a festa boa é a mesma coisa que um lugar bom que tu vais ali, que tu te sentes bem ali. E tu encontras pessoas, todo tipo de pessoas [...] Muitas vezes eu encontro as pessoas de fora assim da Argentina, essas coisas assim. Eu converso direto porque eu gosto de espanhol. Encontro também pessoas que

[27] GLS (gays, lésbicas e simpatizantes)

> jogaram futebol comigo, as meninas. Aí a gente fala sobre futebol porque todo mundo sabe que eu sou viciada em futebol.

Marcela não gosta das regras da escola, porque considera difíceis de cumprir. Ao se referir às que também existe nas festas, lembrou ter frequentado somente uma festa em que as relações *gays* eram vigiadas e controladas. Porém, acredita que, na maioria das vezes, os limites exigidos nas festas são mais fáceis de seguir: "A festa que eu vou é liberado lá, assim para beijar, assim, para tudo. A única festa que eu fui o ano passado, eu não lembro o nome. Aí não podia beijar assim, ficar se beijando todo tempo. Não podia dançar grudado. Ah, é uma festa lá, muito careta".

Ela falou longamente sobre os casais homossexuais da escola e as alterações nas regras para conter o namoro *gay* dentro do colégio: "Esse ano está mais rígido, porque agora esse ano tem muitos casais homossexuais no colégio, principalmente, de gurias [...] Nem casal heterossexual pode ficar se beijando todo tempo, no colégio".

João

> *Eu acho que surge na própria escola esse momento da festa. Tu falas para os amigos: Ah, vamos para as festas? Vamos sair de noite? Começa na escola, você quer fugir daquele ambiente da escola, você quer fazer alguma coisa que não dá para fazer na escola, em outros ambientes, ser livre. Como se vocês tivessem na cadeia pegando uma condicional, vamos supor, aí dá aquela fugida e depois tem que voltar.*

João reside há dois anos no balneário Cassino. Chegou do Rio de Janeiro com a mãe. No começo estranhou a relação com as colegas, notou que se sentiam desconfortáveis e agiam com desconfiança: *"*Ah, o cara do Rio de Janeiro, vamos ver como é a dele antes de começar a falar com ele. Parecia que queriam me revistar antes de falar comigo".

O estudante reparou preocupações e inquietações da instituição com o corpo, com os perigos das relações de namoro, a ponto de estabelecer restrições e proibições que pretendiam atingir, especialmente, as relações entre gurias: "Dizem, o diretor e a vice-diretora, que é porque os pais não querem. Mas não, é por causa do homoafeto, a relação homoafetiva, que a escola não tem como controlar e que a maioria dos pais não sabe".

Sugeriu que a escola organizasse conversas com pais e estudantes, para pensar as relações de namoro, negociarem as regras, usando critérios menos rígidos: “Porque um beijo, não ia fazer mal. Aí acontece outro tipo de coisa, tipo não beijo, mas amasso. Tu não és obrigada a ver aquilo, um aluno se esfregando no outro ou uma mulher se esfregando num cara, tu não é obrigado a ver. Isso é baixaria”.

Será que a escola receia perder apoio e credibilidade da família e, por isso, tem inventado regras para controlar e evitar discutir as relações *gays*? Será que os familiares desconhecem os tipos de relações de suas filhas e filhos? Os discursos parecem legitimar a prevenção e a punição das estudantes que estão fora das normas escolares.

João diz que a festa começa com a vontade de fazer coisas proibidas. Ele e seus amigos se reúnem na casa de um deles e depois seguem para as festas onde encontram colegas e namoradas. As combinações são alinhavadas, anteriormente, no colégio, por MSN ou celular:

> *Ah, vai pintar uma festa boa? Aí se junta aquela galera e aí vamos, vamos e todo mundo vai [...]* Fica mais a vontade [de sair com um grupo de amigos], porque tem aqueles guris que gostam de ir a festa com os com os amigos para chegar naquele grupinho de garotas, elas sempre chegam juntas. Não tem como você chegar sozinho numa garota, os amigos também servem para isso. Também a gente faz amizade em festa também, a gente conversa. As pessoas dizem... Ah, vamos ao *show* juntos? Ah, vamos!

Ele gosta das festas em que entram de penetra – festas de formatura e de aniversários. Aprendeu a ter paciência, a esperar o momento para conseguir entrar: “Tendo uma brecha, quando passa de uma certa hora, da meia noite, das duas. Os caras não estão mais olhando os convites. Então, tu já sabes disso”.

Também vai às baladas na *Diesel.* Nas festas, vê coisas que “não são a sua praia”, como: *“*As pessoas usam a bebida para ficar mais à vontade, para poder falar, fazer besteira, poder curtir mais”. Chama besteira “dar uma fugidinha no cantinho da festa” para faze*r “*o que der para fazer”. Concluiu o assunto, dizendo que fazem até sexo nas festas.

Lembrou a importância da escola para a comunicação: “Porque tem na escola sempre aquela pessoa mais tímida e aquela pessoa que fala mais”. Para ele, neste caso, as diferenças contribuem para que aprendam a se comunicar.

João se refere à educação básica como uma etapa necessária para alcançar o propósito de “ser alguém”. “Na escola se tu não aprendes por bem, tu vais aprender por mal. Você vai ter que correr atrás da sua nota, você quer ser alguém...” Apesar disso, acredita que são outras coisas que o mantém na escola: “É impossível passar esse tempo todo na escola, a gente tem algo lá, por exemplo, ver a namorada todo dia...”.

Talita

A festa nada te priva de fazer e a escola tem privações...

.

Talita quis ler a entrevista que me concedeu. Marquei um encontro e mostrei a transcrição. Outro dia, me perguntou: “O que mesmo estás estudando?”. Respondi e, então, sugeriu que eu organizasse uma festa para facilitar meu estudo.

Ela nasceu na cidade de Santa Vitória do Palmar e trabalha com a mãe: “vendendo tachar, roupa, *lingerie*”.

Frequenta as festas do outro lado da fronteira, no Uruguai. Tais festas permitem aprender a cultura de outro país. Comentou que além das músicas e das danças, aprendeu sobre a alimentação: “Eles comem umas coisas que tu dizes assim, bah! Muito estranho!”. Percebeu que os ritmos e as danças diferem das festas brasileiras “A gente dança muito, as danças têm mais jogo de cintura e rodopios. É bem legal, é outro estilo, outra cultura”.

Ela também gosta de participar e organizar festas surpresa para suas amigas: “Veio uma amiga minha dizendo que estava organizando uma festa para uma outra amiga minha que estava de aniversário, lá na *Dump,* e estava me convidando, catando gente para ficar no bar: festa surpresa. Então, é esse tipo de festa que é bom”

No Cassino, Talita frequenta as baladas no *Concentras e no Saint Patrick:*

> Eu ia a todas no *Concentras* sem pagar... Eu faço amizade. Os guris são todos meus amigos, eu ia sem pagar. Ressalta que no *Concentras* há diversidade de estilos musicais: Aqui no verão eles tocam de tudo. Tinham três pistas de dança. Uma tocava essas coisas assim mais antigas – anos oitenta. A outra tocava forró, pagode. A outra tocava *funk* e eletrônica!

Embora com algumas restrições, gosta de festas *raves:* "Tem uma amiga nossa que toca na *rave*. Às vezes, eu vou com elas, mas tipo eu não gosto, rola muita droga. Na *rave* a droga é mais liberada. Mas eu não me privo de ir a nenhuma festa, nem a minha mãe me priva de ir".

Suas parcerias de festa são amigas de outra faixa-etária e não são da escola. Ela prefere sair com mais velhos e justifica: "A maioria ainda nem desenvolveu o cérebro, é uma coisa de louco. Eles não têm nenhum assunto para conversar, entendeu? A galera mais velha sempre tem variedade de assunto".

Para Talita, a escola é um lugar para aprender, para adquirir conhecimento e cultura: "A gente troca experiências... Tu tá passando o que tu sabe para ela [a professora] e ela tá passando o que sabe para ti".

Quando questionada a respeito da relação entre escola e festa, ela se esforçou e, depois de pensar bastante, disse: "Tipo aniversário do professor que a gente mais gosta... A gente vai lá e faz uma festinha, esses momentos que são legais".

Bento

> *E aí claro o colégio me lembra da festa a parte que tu estás com teus amigos, tu estás dando risada; quando tu conheces alguma guria. O que acontece é mais ou menos a mesma coisa que na festa, só que na festa acontece mais rápido. Eu vejo uma guria bonita aqui na escola, que me interessa. Tá então eu vou procurar conhecer para depois falar com ela, conversar... Se tu resumir tudo isso, tudo isso na festa vai ser eu indo lá conversar com ela.*

Para Bento, as festas são pretextos para ouvir música, conversar com pessoas da mesma idade, mas principalmente para conhecer gurias: "Não dou desculpa assim, para conhecer guria!". Para ele, as festas diferem em relação às brigas (frequentes ou não), ao número de pessoas embriagadas e ao consumo de drogas (variedade de drogas e quantidade de drogados):

> E lá [em uma das boates] é mais fácil, vamos supor, não que tu consigas lá, mas tu vais ver gente, no banheiro, cheirando cocaína, fumando maconha. No *Moa* pelo menos eu nunca vi ninguém fazendo isso, mas deve ter. Briga fecha, geralmente fecha no bar do *El Parador*, porque a bebida é mais barata, então o pessoal bebe mais.

As casas noturnas se concentram na entrada do balneário, próximas ao antigo *camping* municipal, um pouco afastada das casas de moradoras. Ao tentar localizar uma das festas prediletas, comentou que elas estão sempre trocando de nomes, mas os prédios ou casas são os mesmos: “É aqui no Cassino, onde era a *Diesel*. Não sei se tu sabes? Era *Diesel*, ficou *El Parador* e agora é o *Tabu.* É o mesmo lugar. Só vai mudando, cada ano o nome”.

As festas seguem um cronograma: “Toda sexta tem Salento. Toda sexta tem *Tabu*, sábado passado teve festa das engenharias... Tu vais te acostumando. *Tabu* tem quarta e sexta, no *Doha* tem sábado, *Efect* domingo tem no Cassino e na cidade”.

Bento disse que não apenas ele, mas em geral, amigos e conhecidos curtem as festas juntos: “Tu vês que o pessoal está dançando junto, faz uma rodinha de amigo. Tu não vês ninguém dançando sozinho*”.* Em grupo, estabelecem relações de segurança e também de cumplicidade quando, por exemplo, não conseguem conquistar uma guria: “Toco é quando a guria te diz um não. Sempre tem um amigo para te dar um consolo. Essa guria não presta mesmo!”.

*A*s estratégias de sedução são bastante usadas pelo jovem. Na festa, ele ficou com uma jovem, pouco depois de ter “ficado” com sua colega de classe em um jantar. Após descoberto, Cristina, que o esperava na balada, incomodada com a situação, resistiu às explicações, mas ele, habilmente, desfez o desconforto. Ele citou situações que precisou contornar para ser bem-sucedido nos jogos de sedução:

> Tu chegas e vamos supor... *Ah tu gosta de festa*? *Tu fazes o quê aqui?* Eu estou bebendo... *Ah, eu detesto quem bebe*. Aí dá uma facada. Aí tu dizes, mas eu não bebo tanto. Tem que dar o teu jeito. Tu te viras nos trinta. Ah, pois é, na real, eu nem bebo tanto assim. É só balaca.

Bento pontuou que as conexões digitais e as redes virtuais propiciam as relações sociais. E, passo a passo, ele descreveu a construção das relações com as gurias na escola, com o auxílio do MSN:

> Por exemplo, quando tu vês normalmente tu não vai diretamente conversar com ela. Aí ela começa a olhar. Tu perguntas se ela tem MSN. Aí tu a adicionas no MSN, aí tu vais conversando no intervalo com ela, aí tu convida para sair. É o ato final, aí tu vês o que ela vai colocando. Amaciando a carne. Depois começa a conversar no intervalo. Pinta aquele clima e depois convida para sair. Na festa é mais legal porque tem aquela adrenalina. Adrenalina porque na hora tu podes dizer uma coisa errada. Se tu faz uma coisa errada deu...

A escola e a festa são lugares em que ele programa o jogo de bola, o cinema, a praia: “Tu ficas combinando o que fazer no outro dia. É uma parte que se torna igual ao colégio. Quando tu sais da festa tu sais com três, quatro coisas para fazer durante a semana”.

Para Bento, o que é permitido varia em diferentes contextos. Ele falou sobre o rigor da autoridade na escola e, ao mesmo tempo, estabeleceu aproximações entre os limites da festa e da escola:

> É que aqui no caso tem autoridade sobre nós, tem o professor, tem a diretora, tem um rigor em cima de ti, te forçando a seguir essas normas. Caso tu não siga isso... Se eu brigo aqui no colégio eu vou ser suspenso. Se eu brigar na festa eu vou ser expulso. Não que eu goste de brigar. Não, não. Mas tem coisas que aqui no colégio não consigo fazer. Não dá para fazer porque não se deve fazer.

Fernando

Aqui o pessoal curte assim, o pessoal se diverte na aula. Eu não saio daqui sem dar uma risada de manhã cedo.

Fernando comemorou seu aniversário no *Salento.* Como ainda não tem dezoito anos, utiliza formas de driblar os porteiros que tentam impedir a entrada de menores: “Só não pode ficar na frente da festa falando bobagem, dando gargalhada. Os caras se ligam que tu és gurizão, assim. Mas se tu ficares meio serinho assim, na fila. Deu né!”.

Falou sobre as festas divulgadas com o nome das bandas que irão tocar e dos DJs que se apresentarão: “O pessoal manda por *Orkut*, por e-mail – às vezes a gente não lê. [...] Todas as festas têm as datas marcadas. A gente vai a um lugar e

sempre tem um folder da festa”. Na escola ele e as colegas conversam e combinam: “Vamos sair para onde? Fazer o quê?” Ele gosta de barzinhos e baladas e descreveu o *Efect,* um dos seus lugares preferidos:

> Não é muito grande assim, né? É tri apertado, sabe? Tu não vês um chinelo lá dentro. Tu não vês cara de bombeta [boné], sentado assim. [...] Esses caras que vão de bombeta e as calças lá embaixo. Vai pessoal mais velho sempre. Tipo, nunca tem briga nessas festas assim.

Para ele, a escola e a festa têm em comum o riso, o deboche e a brincadeira: “A gente começa a rir um dos outros. O Geraldo é o que mais sofre na aula. A gente treme ele. A gente treme os guris, a gente está sempre fazendo piada, bobagem na sala. Mas eu acho que essa é a ligação que tem entre a festa e o colégio mesmo”.

Fernando pensa as festas como lugares para “pegar alguém”, ficar com várias gurias, mas isso exige estratégias e, nem sempre as tentativas são bem-sucedidas:

> Ah, o cara sai de casa com um objetivo. Quantas o cara vai sair durante a festa [...]. Ah, tá louco o cara ir para a festa e não pegar ninguém é brabo. Nunca tinha visto sair sem pegar ninguém. É complicado. Se tu vês os neguinhos saindo da festa de cabeça baixa, o cara tá mal.

O jovem também gosta de sair com pessoas mais velhas, estudantes da universidade. A maioria delas é amiga da sua irmã gêmea, com as pessoas mais velhas a conversa “é mais cabeça”.

Guilherme

Aí a gente saiu de madrugada, só montamos barraca, mas nem dormimos. Isso foi bem legal, porque foi que nem a festa; juntou as pessoas, juntou as turmas e a gente fez várias coisas.

Apesar da pouca vivência em baladas, Guilherme prefere as festas de aniversário – as festas em que entra de “furão”. Ele se diverte, contando as maneiras de driblar o porteiro, de conseguir informações e entrar nas festas sem ser convidado. “As festas que eu vou são aniversários, que eu adoro muito. Porque tem bastante [...] e sempre tem alguém que tá me botando para dentro de aniversário, mesmo que eu não esteja convidado, sobra para mim”.

Ele se refere à escola como espaço de classificações, lugar em que a hierarquia ocupa destaque, e comenta as relações estabelecidas na escola, diferenciando-as da festa: “O colégio nos junta e aproxima porque tu convives, um monte de tempo com as mesmas pessoas, cada um entra na rotina do outro. E na festa não. Mas, o colégio separa porque ele te mostra só diferenças sabe?”.

O jovem identifica a diferença como negativa. Na sua experiência escolar, a diferença é usada para hierarquizar, classificar, valorizar determinadas coisas em detrimento de outras. Guilherme aprendeu que a escola escolhe, seleciona e privilegia aquelas consideradas boas estudantes e, mais do que isso, joga com relações competitivas e com o descredenciamento de grupos ou pessoas, instigando as disputas. Às vezes, de uma forma tão sutil e insinuante, que passa como cuidado e preparação para o futuro.

Para Guilherme, na escola, estão sempre solicitando e exigindo um posicionamento:

> Dar sua opinião, a dizer quem é, a mostrar seus valores, o que gosta, o que quer, o que almeja... Isso acaba dividindo muito a gente. Porque dizem, eu não gosto do fulano porque ele gosta daquilo, eu não gosto por que ele é assim. [...] A festa é tudo muito mais junto assim. Tu vais com aquilo, tu não quer saber se o outro... Se uma guria vai pegar mulher ou homem pegar homem. Tu não estás nem aí, entendeu.

Ele comenta que nas festas as relações não se balizam pelos julgamentos de valores e pelos conteúdos morais. Quando perguntei qual seria a diferença entre conhecer pessoas na festa e conhecer em outros lugares, me respondeu:

> A diferença? A diferença é que é tudo menos sem regras. Para tu conheceres alguém tu não precisas, sei lá... Chegar falar. Tu podes chegar e oi e tal e já está conhecendo e aquilo ali se tornar para sempre, assim... Ah, aqui é meu amigo, bah, conheci na festa. É uma coisa que permite bem diferente do que tu sair na rua e dizer... Oi, tu queres ser meu amigo? Isso não existe. Na festa existe.

Guilherme fala da ligação de estudantes com a música; ele acredita que na escola compartilham e se reúnem em torno da música, ouvindo e tocando instrumentos, e isso lembra o convívio das festas:

> Sei lá tem várias pessoas que fazem música aqui e que junta pessoas. Porque um gosto junta as pessoas. Tu podes nem gostar da pessoa, mas gostar das mesmas coisas que tu gostas já é um baita laço entre duas pessoas. De tu

> esqueceres aquilo que tu leva do pessoal e trazer para aquilo que tu gosta, entendeu?

Para ele, a escola se aproxima da festa quando estudantes saem das salas de aula e estabelecem vínculos afetivos de cooperação e criação coletiva:

> O que pode juntar as pessoas? Quando a gente faz alguma coisa fora da classe, ir para algum lugar ou sei lá.. A gente foi acampar no ano passado e isso juntou muito o pessoal sabe? Porque a gente teve que fazer várias coisas, usar o que era do outro. Ah me empresta tua lanterna, tal e essa coisa de juntar foi bem legal

Guilherme vai mostrando diferentes modos de agir nos espaços da educação escolar e como essas características se aproximam dos momentos de festas. Ele faz ver que estudantes constroem, na escola, relações que vão de encontro às regras e aos códigos educacionais, que se opõem aos controles, às prescrições e aos modelos ideais de estudantes.

Gabriel

> *Se tu não estás a fim de assistir à aula, eu acho que tu deverias ter a liberdade de pegar e sair em vez de ficar em aula e prejudicar os outros, né?*

Ao finalizar a entrevista, agradeci. Gabriel comentou: “Podes contar sempre comigo”. E seguiu relatando que a boa recepção do grupo comigo era porque eu conversava e falava de igual para igual: “Não estás mais gravando? Aqui na escola os professores não escutam muito a gente”. Falando em tom de brincadeira, mostrava sua proximidade, a ponto de me tornar sua confidente. A confiança com o grupo foi estabelecida: relações estratégicas construídas ao longo de muitos anos de trabalho docente.

Quis ouvir, ver e ir à festa com elas e saber como esses lugares fazem parte das suas vidas e, conforme comentários de outros estudantes, eu também acredito que compartilhar gostos ou interesses estreita as relações. Apesar disso, conhecia pouco das relações de prazer e diversão que mantinham nas noites do balneário. O cotidiano escolar, a rotina dos dias e o trabalho eram muito mais próximos e presentes nos vínculos entre estudantes e professoras. Parte significativa das jovens

trabalha nos lugares em que, nós professoras, circulamos: supermercados, restaurantes, *lan houses*, locadoras, cinema, postos de gasolina, praia..."

Para Gabriel, a festa é lugar de relaxar, depois do estudo e do trabalho. Projetos, relações de amizade, amores, diversões, brincadeiras e deboches aparecem na vida noturna, nas celebrações, nas histórias que o jovem narrava. As diferenças entre festas e escola parecem bem nítidas para Gabriel, quando associa festa à musicalidade e animação:

> A música, o espírito de festa. Quando tu vais, tu já estás mais animado. Às vezes na escola tu estás cansado de aula, alguma coisa assim, né? Antes tu te junta com a gurizada já está com aquele espírito de festa de querer brincar e fazer festa mesmo. E aqui na escola tu tens mais é uma obrigação. E se torna mais entediante.

A escola implica um futuro promissor e a expectativa de aproveitar a vida:

> É uma obrigação comigo mesmo né? Se eu não vier na escola, eu não vou... Aí na hora boa de fazer festa, curtir com meus amigos. Vinte e poucos e eu não vou poder fazer isso né? Eu venho também porque não adianta nada eu estar lá com meus vinte e poucos anos e não ter um emprego direito para poder aproveitar e fazer festas e coisas...

E há momentos em que a escola significa prazer e descontrações:

> Por exemplo, aqui no intervalo. Tu podes conhecer outras pessoas no colégio, mas só que sem a bebida né... Por exemplo, tu podes fazer aqui o que tu faz na festa, por exemplo, chegar conversar com pessoas novas, fazer amizade. Sem a bebida se torna como se fosse um colégio de chegar e conversar... Acho tri legal o intervalo que está todo mundo no pátio...

Gabriel mostra o desejo de comemorar seu aniversário em um lugar de festa. Todavia, os recursos financeiros limitam as opções: "Amanhã é meu aniversário. Aí a gente tinha combinado de ir para a *Efect*, lá no centro. Mas é a semana do *show* do Luan Santana, aí fica pesado para a gurizada ir numa festa e mais esse *show".*

Ariana

"Vamos mandar bilhete pro teu pai" Pô eu estou no terceiro ano, eu tenho dezoito anos. A minha mãe e o meu pai sabem o que eu estou fazendo.

Ariana frequenta vários espaços festivos: "Qualquer tipo de festa eu gosto.

Qualquer tipo de música. Tendo música para dançar, curtir junto...". Ao mesmo tempo, mostrou-se seletiva. Ela nomeou alguns bares e boates aonde vão pessoas que não se vestem bem, que usam bonés, roupas e calçados inadequados para festas. Identifica tais pessoas como rafuagem e, sobre elas, comenta:

> Rafuagem é o guri que não é cuidado. É o guri que vai, que fica se achando no meio das gurias Aqueles manos que vão e que não botam uma calça bonitinha para ir, que não tem um sapatênis ou um sapato ou até um tênis direitinho mesmo. [...]
>
> Até as gurias vão de tênis. "Tri largadonas". Aquele povo que bah... Não sei, se veste muito mal, que vai para beber e ficar falando dos outros. Fiasco, bah!

Ariana comentou sobre os guris insistentes, que não desistem quando recebem um não. Para ela, eles querem mais que dançar, eles querem agarrar de qualquer maneira com ou sem a vontade das gurias:

> Tem aqueles que vão mesmo só para bagunçar e ficar fazendo merdinha. Tu vais para curtir e ficam aqueles guris te puxando, forçando... Puxando para um lado. A gente dança. Ele quer ficar com a gente. A gente diz não. Eles saem. Dançam com a gente de novo e forçam, ficavam forçando. Isso é super chato.

Para Ariana, a festa é lugar de ficar[28] e de se divertir: "A gente ri de todo mundo, a gente bota defeito em todo mundo, a gente ri das gurias, a gente ri da gente mesmo, a gente ri dos guris, a gente bota defeito em tudo".

Quando perguntei acerca de coisas que não poderiam fazer na festa ela respondeu: "Briga, não pode ter briga, mas sempre tem briga. Isso é uma das coisas. E aquele guri e aquela guria no cantinho. Isso é horrível, é o cúmulo numa festa. Imagina tu estás curtindo a festa... Tu olhas e tem duas pessoas praticamente...".

Lana

> A meu ver a relação entre e festa é escola não tem nada. A única coisa que tem é que tu encontras teus amigos aqui, dá para combinar alguma coisa, entendeste?

[28] O ficar significa estar com alguém no tempo e no espaço da festa e "depois nunca mais vê" (Ariana, 2011).

Lana estava trabalhando e namorando, por isso as festas ficaram em segundo plano na sua vida: o namoro tornou a festa algo dispensável e, como trabalhava, precisava descansar nas folgas. Em relação ao seu trabalho, comentou: “Eu já trabalhei com dezesseis anos, há dois anos, na Quebra-Mar, no verão. Mas agora eu quero um fixo. Eu queria fazer a faculdade, trabalhar. Eu queria pagar a Anhanguera: trabalhar e estudar. Estou saindo do colégio...”.

Mesmo dividindo seu tempo com várias atividades, sabe desfrutar das poucas vezes em que sai. Gosta de circular pelos bares, de beber, de conversar, de rir... Gosta do *Salento* e também das festas nas casas de amigas e dos jantares com colegas da escola: “A gente junta todo mundo”.

Lana faz parte do grupo comprometido com a organização da formatura. Ela teve alguns desgastes, mas não desistiu: “Eu estou aqui desde o jardim, tem muitos que eu conheço há muito tempo. Então como a gente está saindo, a gente queria fazer uma despedida, queria fazer uma festa, fazer uma cerimônia com os familiares”.

Ela comentou acerca dos conflitos, das “cobranças” entre as colegas, do não cumprimento de acordos, como pagamento das mensalidades para cobrir o aluguel do clube, do som e da iluminação... E concluiu: ”Está me estressando, todo dia eu venho à aula de manhã e eu saio daqui e já vou para o serviço. Saio às 9h e ainda tenho que resolver esse negócio da formatura, fazer trabalho, um monte de coisa na minha cabeça, entendeu?”.

Nas noites em que vai às festas, tem hora certa para voltar. O horário é negociado, anteriormente, com a família, mais especificamente com o pai. Aceita as exigências e se sente segura com as cobranças. Nota que os familiares das suas amigas agem de outra forma e pontua as diferenças:

> O meu pai já é mais protetor, mais cuidadoso comigo, entendeu? E elas não, elas não têm hora para voltar. Agora meu pai está me liberando mais porque eu fiz dezoito, posso chegar mais tarde. Eu não culpo o meu pai, acho certo, porque tu vendo de fora é totalmente diferente. Tem coisas que eu acho feia. Feio para uma mulher ela ficar louca assim. Voltar tarde para casa. Tu vês essas gurias tudo estrambelhada, cara borrada, sem sapato, bêbada. Eu acho feio, entende? É verdade! Se tu sais de manhã cedo num sábado, agora no verão principalmente, tu vê.

Discorreu sobre alguns exemplos que vão de encontro àquilo que imagina como os modos de agir de uma mulher ou de uma jovem (ter pose e charme). Lana descreveu as manhãs de sábado dentro dos ônibus, quando as pessoas saem das festas do balneário e se dirigem para o centro da cidade ou para os bairros. Ela mostra o contraste, entre aquelas que estão indo para o trabalho ou para estudar – sóbrias, sérias, silenciosas, com roupas de trabalho, uniformes de firmas ou de escolas, portando mochilas, pastas, *notebook; e* outras saindo das festas, que se prolongaram à espera do primeiro horário do transporte coletivo, jovens desmanchadas pelo cansaço e pelos exageros da noite, encostadas nas janelas, caindo sobre os ombros de passageiras ou em estado de êxtase, falando e rindo em excesso: “Canso, cansei de ver guria bêbada no ônibus, quase caindo, falando bobagem, dormindo. Isso aí é demais”.

Para Lana*, a* embriaguez, a perda do controle do corpo e o não saber como se portar não condizem com as atitudes que as gurias deveriam ter e, para exemplificar, comenta: “Teve o caso, de uma amiga, não vou citar o nome, que ela foi com um tomara que caia para a festa e ficou bêbada e se sentou em cima do tomara que caia e ficou com as tetas de fora. Eu acho que isso tira a pose da mulher”.

No seu ponto de vista, a escola e a festa possibilitam construir relações de amizade, mas identifica algumas diferenças: “Na escola tu estás acostumada, todos os dias tu convives. Já lá [na festa] não: conheces pessoas novas, diferentes, de outros lugares...”.

Lana também comentou que as combinações relacionadas ao universo festivo são feitas na escola, pela *internet* e pelo telefone. Ela e a maioria das colegas e amigas participam de várias redes sociais: *Facebook, Orkut, Twitter*, entre outras.

Nada tem a dizer acerca dos momentos desagradáveis da escola; porém, depois de uma pausa, falou sobre o padrão como um mal necessário: “O padrão, porque todo mundo tem que ter. É obrigado a ter”.

Deseja finalizar o ano letivo logo, e desabafa: “Eu não aguento mais não. Chega o terceiro ano, tu já estás louca para ir embora. Eu sei que eu vou sentir saudade depois”. Ao mesmo tempo, desdobra sua resposta para falar e lembrar coisas da escola, como as amizades. Pensa que a vida pode mudar muito depois da

escola e, por isso, quer estar com colegas e amigas, fazer uma cerimônia de despedida:

> E pode ser que até o ano que vem a gente ligue para combinar alguma coisa de festa. Mas eu não sei se essa relação que a gente tem hoje vai continuar, entendeste... Por mais que a gente não queira.

Na entrevista, aos poucos, vai mostrando toda sua impaciência com colegas, com os furos no planejamento da festa de formatura, com as desistências; somam-se a isso os trabalhos escolares para entregar e as provas que precisa fazer... Incomoda-se com o tempo da escola, com o ano letivo que se arrasta, embora o ritmo do calendário pareça outro: *"*Agora então que está no finalzinho, falta o quê? Um mês? Como está custando a passar!".

Fez a prova do ENEM, quer cursar Nutrição ou Educação Física e, quando perguntei como se saiu, respondeu-me: "E aí não sei qualé que é*".* Não sabe como foi seu desempenho, não sabe como a avaliação e a classificação são pontuadas, se vale mais os acertos ou se as questões têm pesos diferenciados.

Ândria

> *Tu estás no colégio. O que é que é? Prova. Concentração. Eu penso na nota. Eu preciso passar. Eu preciso saber. Agora na festa não. Quero me divertir, esquecer tudo. É outra coisa. Bem diferente. Eu acho.*

Diferentemente do que ocorre com a maioria das colegas, a festa não significa muito na vida de Ândria. Suas expectativas de diversão e relações novas parecem não funcionar. Participou de festas algumas vezes. Isso aconteceu mais por insistência da mãe do que por vontade. A mãe desejava inseri-la em diferentes contextos sociais para alargar a vivência com outras pessoas, além dos vínculos familiares e escolares.

As experiências em festas não lhe agradaram. Não conseguiu a atenção de quem desejava e foi assediada por quem não tinha interesse. Sobre isso, desabafa: "Só que ele queria além, algo mais, entendeu? Que eu não queria dar. E aí ele ficou meio que, a relação ficou mal, sabe?". Ela crê na festa como lugar de diversão e esquecimento dos problemas, mas não se sente preparada para enfrentar esses

locais. Sentiu receios e medos. Comentou que, no próximo ano, com dezoito anos, talvez se sinta bem.

Acredita que, na escola, o convívio desperta a vontade de fazer festa. “Eu acho que talvez assim, pelas pessoas que tu andas né? No colégio, né? Aí eles, tu vai conhecendo outros mundos, outras histórias né, outras vidas. Aí tu vais [...] querendo conhecer mais...” Percebe a aproximação da escola com as festas quando as colegas estão juntas rindo e fotografando, quando ouvem músicas na sala de aula.

Ândria lembrou quando fugia da escola, mas lamenta não sentir mais aquela adrenalina de “matar aula”, pois, quando escapa da escola, não se importam ou não reparam. O seu prazer era saber que estava fazendo algo errado e corria o risco de ser punida quando fugia: “Eu gostava de matar a aula, porque era uma adrenalina, sei lá... Eu estava fazendo uma coisa errada. Acho que isso era a coisa legal! Saber que estava fazendo uma coisa errada”.

A vida inteira aprendeu que “matar aula” é algo errado e saber que a instituição, agora, se mostra indiferente, a fez refletir:

> Porque tu estás fugindo da escola. Os diretores, né, eles falam que é errado porque os pais eles pensam que estão na escola. Toda aquela ladainha, toda minha vida escutei, desde que entrei nesse colégio [...] Eu queria ver se acontecia alguma coisa comigo. Sinceramente não. Eu abria a porta do colégio e saía. Como se nada tivesse acontecendo. Realmente isso me deixa muito chocada, muito preocupada.

Suas percepções do colégio e da vida foram alteradas. A indiferença leva a pensar que o fracasso ou o sucesso, as recompensas e as punições não tenham tanta importância, não precisem ser tão levadas em conta no processo de construção de si. A instituição escolar mostrou fragilidades nos controles e nas lógicas que a mantêm; assim, ela pensa que educação escolar talvez não tenha tanta importância:

> A aula é chata, não vai servir para nada. Vou fazer alguma coisa melhor na minha vida. Aí eu vou... Nem vou para a festa, porque a aula é pela manhã. Vou para casa, vou para casa dormir. Porque eu tô com sono. Então eu vou para casa dormir.

Ressaltou o valor das regras, da organização e das exigências escolares. Afirma que, na escola em que estuda atualmente, não há limites definidos como naquelas em que havia estudado antes. Perdeu os referenciais. Não sabe como se portar: “Nossa, eu achava maravilhoso porque eu adoro regras. Claro que também é legal quebrar as regras. Mas tem que ter a hora certa para isso, né? Eu nunca ouvi falar nesse colégio daqui, né? Deparo-me com uma outra vida, então isso me deixa... [pausa]”.

Ela não tem celular, não participa das redes sociais e tem somente correio eletrônico. As demais colegas entrevistadas, embora tenham e-mail, não costumam usar. Notei isso ao enviar mensagens eletrônicas. Quando usei o *Facebook* e o celular, as respostas chegavam rapidamente. Conversando com as estudantes, elas disseram que não costumam usar e-mail, por consideram a linguagem meio ultrapassada e desnecessária: “O que a gente vai fazer com e-mail, se tem o *face*?” (Lana, 2011).

Caroline

> *Festa tu não tem limite. Praticamente nenhum [...] Na escola tu tens que ter limite. É um lugar que te exige limite [...]. Acho que a única coisa que não pode em festa é tipo transar com todo mundo te olhando, porque, sei lá, já vi absurdos em festa, muita coisa.*

Caroline comenta que a festa não tem limites: tudo pode acontecer. De outro modo, para ela, a escola ensina o limite. Não considera o limite algo ruim e acredita que aprender a conviver com ele é algo importante.

As palavras da jovem me levam a pensar na ligação entre o limite e a liberdade: “O homem não começa com a liberdade, mas com o limite e a linha do intransponível” (FOUCAULT, 2004, p.214). Limites são mencionados pelo filósofo francês ao tratar da experiência-limite como algo que nos transforma e desafia. Limites também servem para nomear as formas predominantes do pensamento, da ação e do sentimento de determinada cultura (LEARY, 2008). Limites aparecem nos discursos escolares, quando a ultrapassagem dos pessoais é instigada, fazendo crer que as conquistas e o sucesso dependem somente do esforço individual, do empenho de cada um; de outro modo, a ultrapassagem dos limites pode significar transgressão, o que implicaria punição.

Caroline mantém relações afetivas com a escola, com as professoras, colegas e amigas; ela gosta das experiências que o espaço escolar lhe proporciona. Ao argumentar sobre o valor da escola, incluiu esta pesquisa como algo que faz parte do espaço e tempo escolar e integra o currículo: “Tipo isso, eu achei muito legal o teu trabalho” E acrescenta: “Além de aprender que a escola é muito importante para ti, para a tua vida [...] eu fiz muita amizade*”.*

Para ela, a escola é o lugar onde construiu amizades que a acompanham desde os primeiros anos de escolarização. A fala da jovem me remete a vínculos afetivos intensos, a amizade como uma forma de cuidado de si: “A amizade nada mais é do que uma das formas que se dá ao cuidado. Todo homem que tem realmente cuidado de si deve fazer amigos” (FOUCAULT, 2006, p. 239-240).

Com o mesmo desembaraço, fala das relações que construiu na escola e da noite do balneário Cassino e suas festas. Ela reconhece e descreve os ambientes festivos, nomeia as diferenças*,* o público que frequenta e as músicas que fazem parte do repertório de cada bar e boate. Sua festa de aniversário e de mais duas colegas da escola foi realizada no bar *Salento*. A festa faz parte da sua vida. Ela circula pelos vários locais de festas, gosta de todos, mas tem suas preferências:

> Eu acho o *Saint Patrick,* assim. Tem muita gente mais velha no *Saint Patrick*. Sei lá, é outro clima. A *Dump* vai muito adolescente, muito mesmo. Desde essas guriazinhas de treze até... Já é outro ambiente. No *Saint Patrick*, tu vês assim de quinze, dezesseis. Tu vês de dezoito, dezessete. A partir de vinte e poucos já é outro clima. E a música também: sertaneja universitária, pagode... *Salento,* já é outra coisa, totalmente diferente, a turminha que já gosta do *reggae*, do *rock,* sei lá, as pessoas mais aqui do Cassino. Tu não vês muita gente do centro que vai para o *Salento.* É outro ambiente. Tem muita diferença. Eu prefiro festa assim, com barzinho. Que tu sentes, conversas e tal... *Larus* eu curto bastante também. Eu prefiro barzinho, assim que a gente sente e converse.

Descreveu as festas como lugares em que as pessoas escutam música, conhecem bandas e fazem parcerias, em situações e momentos inusitados, como nos banheiros:

> Eu tenho uma amiga a Vivi, eu que conheci no banheiro. É eu me lembro de que ela estava muito mal porque tinha, o guri que ela gostava, tinha ficado com a amiga dela. E ela me contou tipo assim, eu fiquei metade da festa cuidando muito dela, sabe. E ela chorando. E ela estava chorando. A gente se conheceu por causa disso.

Para a jovem, há momentos em que a escola faz lembrar as festas: casais se escondendo, gente cantando e tocando violão... Porém, pondera que há exagero por parte das estudantes:

> Mas tem muitos casais que extrapolam. Tu vê tipo aí, casais se agarrando, se encostando na parede. Não tenho nenhum preconceito contra nada, sei lá. Se outro sexo, fazer... A Antônia já reclamou de casais do sexo feminino juntos, andando por aí fazendo várias coisas...

Caroline citou o exemplo de uma amiga que era muito tímida, mas, com as saídas à noite e o contato com outras pessoas, foi se transformando, tornou-se mais alegre, descontraída e disponível: “Agora ela não é nada tímida, sabe? Ela ri, conversa com todo mundo e é muito simpática. E acho que ela aprendeu bastante com isso, sabe? A largar a timidez. Acho que isso é bom em festa”.

No *Facebook*, Caroline tem seiscentas amigas virtuais e é principalmente nesse espaço que as festas são divulgadas e as saídas, com as amigas, programadas. Ela costuma informar os *shows* e as bandas que se apresentam no *Salento,* onde seu irmão é sócio:

> É, geralmente, a gente fica sabendo de festa, no *Facebook*. É uma coisa que todo mundo posta coisas, né? *Ah, a gente vai trazer tal banda*. Eu digo para as gurias. Se a gente gosta a gente diz, ah já me coloca na lista, a gente vem e só paga a consumação, quando é nome na lista. Aí a gente combina assim, a gente nunca sai sozinha [...] É assim que a gente se organiza e fala para as nossas amigas. . Geralmente é uma galera grande que a gente sai junto.

Juliano

Olha, eu acho que me acostumei com a necessidade de ir à escola...

Juliano tem dezesseis anos e, recentemente, começou a frequentar bares e baladas. Ele gosta de ter companhia para chegar às festas. Nem sempre é possível sair à noite porque falta dinheiro; mora longe e, por segurança, precisa voltar de taxi ou *motoboy.* A mãe permite suas saídas, apesar de não ter dezoito anos, mas faz recomendações:

> A mãe, assim, ela libera: *Ah, tu vai sair? Olha, leva o dinheiro! Olha, vê com quem tu sais!* Coisa de mãe. Eu gosto que ela se preocupe. Tem vezes que eu digo A*h mãe, que saco!* Mas eu gosto disso, eu me sinto seguro perto dela. Ela se preocupa comigo, tranquilo, coisa de mãe.

Quando interroguei sobre as relações entre festa e escola, ele respondeu, prontamente:

> As risadas que a gente dá, a piada que é contada. O pessoal sempre bem divertido. Nunca deixando assim, por exemplo, momentos chatos da aula, sempre tem uma piada que a gente dá risada. O pessoal sempre está querendo fazer uma festa no momento em que geralmente é meio chato. O colégio é chato.

Embora considere que a escola é “chata”, uma vez que “fica preso” e “tem muita disciplina”, avalia que o “o terceiro ano é mais flauteado”, gosta da escola, se acostumou: prefere ir à escola a ficar dormindo até o meio dia: “É obrigado ir à escola, mas ficou uma coisa divertida ir à escola – estudar, fazer minhas coisas, voltar para casa. Aí, eu tornei isso uma coisa divertida. Acostumei com isso, comecei a achar legal”.

Para Juliano, a principal diferença entre escola e festa se refere ao tratamento dado às regras:

> A escola, na escola tu tens que seguir, é claro que na festa tem regras, senão tu és expulso. Mas a questão assim de liberdade. Na escola qualquer coisa que tu fazes aparece um coordenador, na festa não tem. Se tu fizeres uma bobagem muito grande, pode ser que o segurança te jogue para fora de uma vez. Mas tem uma questão de liberdade, o que tu pode fazer e o que tu não pode fazer.

Quando perguntei sobre os estilos musicais, respondeu que não gosta de ouvir *funk*, mas nas festas pensa ser imprescindível*: “*É animado, tem uma letra podre. Posso dar risada da letra. Dá vontade de dançar [...] Tem a questão de contato, sabe? Tu me entendes? Contato com as pessoas”.

Renata

Sei lá, as gurias sempre saem; a gente sempre sai. [...] Sei lá, às vezes a mãe deixa sair, às vezes não, às vezes ela vai comigo. Muitas vezes ela foi comigo. Ela adora sair. Ela e o meu padrasto.

Renata frequenta baladas e barzinhos. Ela também participa da organização da festa de formatura. Para a jovem, a festa faz parte das relações familiares, está

associada ao lazer compartilhado com o irmão, com a mãe e com o padrasto. As pessoas com quem sai à noite possuem vínculos com os espaços de festa – familiares das amigas são proprietários do bar *Salento* e, com isso, consegue ingressos sem pagar. Em relação às festas e seus rituais, comentou:

> Tu chegas à festa e já pega uma cerveja para ti beber, e aí tu não fica normal... Sei lá, falando as coisas sem querer falar, tu estás recém-pensando e já estás falando. Tu pensas, eu vou ir naquele lugar... Quando tu vês, já estás naquele lugar. Teu corpo age antes do que tu estás pensando.

Para Renata, nas festas e no colégio, o que mais acontece são as fofocas, o que considera divertido, e explica: “Fofoca é falares mal dos outros. Sempre tem uma coisa nova para contar, que surgiu. Ficar olhando as pessoas e dizer: Olha, ela está com ele... [...] E no colégio também, sempre tem alguma coisa nova para contar”.

Além das amizades, ela destaca as coisas engraçadas que ocorrem no ambiente escolar: “Aí um dia a gente veio de pijama e no outro de *hippie* [...] Ah adorei, todo mundo com saião, girando no colégio... Todo mundo rindo da nossa cara”. O objetivo foi arrecadar dinheiro para ser usado na formatura: “A gente faz um mico, a gente paga mico e recebe dinheiro”. Tais atividades foram pensadas a partir do contato via *Facebook*, com uma amiga de São Paulo, que costumava fazer intervenções na sua escola.

Leandro

O foco principal são as pessoas.

Leandro trabalha com promoção de eventos musicais, empresaria uma banda, é compositor e toca instrumentos – violão, percussão e guitarra. Ele também escreve no jornal local sobre estilos musicais.

Gosta das celebrações noturnas. Contou que começou a gostar da noite aos doze anos, quando ainda não saía para as baladas. Na referida idade, se reuniam nas casas dos amigos para conversar, escutar música e comer pipocas, ou: “fazia uma massa, uma macarronada, tocava um violão, outros tocavam percussão”. Mais tarde, começou a frequentar lugares fechados e públicos. Agora, com dezenove

anos, diz que a razão de ir às festas são as pessoas “conhecer gente nova”, cada festa e cada lugar têm características e motivações diferentes:

> Tem gente que só vai para mateada. Tem gente que só vai para a danceteria. Tem gente que só vai para a *rave.* E cada um tem o seu motivo. E tem gente, como eu, que vai para todas. Cada um com um tipo diferente. Eu vou para a danceteria para dançar e beber com os amigos, só! Eu vou à mateada para ouvir a música. Vou para r*ave* para enlouquecer, para dançar, para beijar na boca, para beber demais, para extravasar.

Sente-se mais confortável indo com seu grupo de amigos para as baladas; isso porque é tímido. Quando está sozinho, precisa tomar a iniciativa: “Se eu entrar sozinho meio que é obrigado a chegar, a conversar, a conhecer outras pessoas”. Prefere circular pelos diferentes bares e ambientes, mas, para tanto, precisa ter recursos financeiros, os quais nem sempre estão disponíveis:

> Eu gosto de circular, mas a que eu me adaptei mais foi a *Tabu,* antiga *Diesel*. Que é uma festa típica assim. São três bares e um DJ, às vezes tem um palco, uma banda. Geralmente tem um DJ antes da banda e depois o DJ no final da noite, até amanhecer. Para mim, aquilo ali é o meu ambiente porque tem o lugar para dançar, tem sofás e tu sentas para conversar, para descansar, tem banheiro. Lá eu conheço mais gente também. Conheço os caixas, o *barman*, os seguranças [...] Às vezes a gente começa a beber, faz um som e fica por ali mesmo. Ou às vezes não. A gente está com dinheiro, está inspirado... Há vamos para o *Mania de bar*, vamos... Aí a gente vai para o *Mania de bar*. Chega no *Mania de bar*, não tem ninguém. A gente pega um dinheirinho daqui, um dinheirinho dali e vamos para o *Tchê Louco*, vamos, vamos para o *Tchê Louco*. Assim a gente vai pulando de festa em festa até o final, até chegar de manhã e a gente vai para a casa.

Leandro disse que os motivos de ir para a festa *são* os mesmos de ir à escola*:* “Amizade, ficar com as gurias de vez em quando, me divertir com os amigos, encontrar com os amigos”. Considera que as relações pessoais, as brincadeiras e as diversões são acontecimentos que perpassam instituições escolares e ambientes festivos: *“*[...] Brincar, de um ficar mexendo com o outro. Isso aí eu acho que tem uma relação muito forte. Claro, são dois grupos diferentes, mas os dois mexem. Um mexe com o outro, um fica de brincadeira com o outro. Isso tanto no colégio como na festa”.

Eventualmente, ele encontra as colegas de sala de aula nas baladas; então, dançam, bebem e ficam um pouco juntos. Porém, as parcerias da escola e das

festas não são as mesmas: “No dia a dia eu não encontro os meus amigos das festas, só no final de semana. E no final de semana eu não encontro meus amigos do colégio, só durante a semana. São diferentes”.

Para Leandro, entre a escola e a festa, a principal diferença é que na festa “se soltam mais” e isso acontece principalmente pela presença da música. Na escola a música é quase ausente, porém lembrou situações que experimentou na 1ª série do ensino médio, quando estudantes levavam rádio para a escola: “Na hora do recreio tocavam as músicas da rádio e tal. E a gente dançava, tomava um refri. [...] Eu ficava dentro da sala dançando, subia nas classes, começava a dançar nas janelas. Tri bom”.

Atualizando a imagem da escola, comentou as recentes estratégias de controle e disciplinamentos que as regras e a vigilância escolar tentam criar:

> Botaram as câmeras, deu um estranhamento, mas se é para melhor, tudo bem. Mas aí, chegou uma hora que... A gente tinha chegado ao colégio e tinha que ficar esperando na frente da sala de mochila, esperar até bater o segundo sinal. Aí passava a merendeira de sala em sala destrancando. Eu acho isso aí um exagero, né porque se tem câmera... *Ah, porque vão roubar* [diziam]. Se a gente queria ficar no recreio fazendo o exercício para a próxima aula, não podia. Passavam e trancaram as salas.

Incomoda-se com a maneira que estudantes são submetidos às regras. Para ele, a direção parte do pressuposto que o pior vai acontecer, punindo estudantes antes de cometerem faltas. Isso tem sido percebido também no modo de lidar com as relações de namoro. Para Leandro, a direção age motivada pela tentativa de impedir o namoro entre gurias. Em relação a isso, ele comenta a situação e o argumento da direção: [...] “Que a escola não tem como controlar e que a maioria dos pais não sabe. Isso de uns três anos para cá foi acontecendo muito”.

Para Leandro, as regras não são negociadas. Elas são generalizadas, não atendendo as diferentes situações e contextos escolares:

> Esses dias eles foram se despedir, ela ia para a sala dela e ele para a sala dele e se deram um selinho. E ela [diretora] Saiu... Chamou. *Vêm cá os dois. Vão assinar ocorrência. Não pode isso aí, não pode.* Isso aí é horrível, se fosse de tarde, tudo bem, que é até 7ª série. Mas os mais novos dali estão na 8ª série, tem gente de 14 anos. Ninguém mais é santinho. É o mesmo que... Deixa eu ver... É a mesma coisa que proibir os alunos do vespertino e da noite de sair para a festa ou sair na hora dos intervalos das aulas, sair da escola. Não existe. De noite, eles têm lá seus 30 anos, são mães, são avós, não se encaixa. É um exagero.

Argumentou que, diferentemente da escola, a festa é vivenciada de outra forma. Nela, prevalece controle de si mesmo, o tempo da reflexão e da escolha, conforme mostra o depoimento:

> Acho que os limites na festa é mais imposto por nós mesmos. Tu te controlas o quanto tu vais beber, tu te controlas o quanto o que tu vais falar. Então a gente se policia. De olhar assim, antes de chegar numa guria, para ver se ela está acompanhada. No colégio não, a gente não tem essa liberdade. É alguém que chega sempre e diz. Por exemplo, na sala de aula, não dá tempo de tu te conteres, falou um palavrão já tem uma, duas [pessoas], a professora ou os alunos mais quietinhos. Isso também é um exagero.
>
> [...] porque as pessoas são as mesmas, tem regras nos dois lugares, a diversão também tem nos dois lugares, cada um no seu nível, a dança, bebida, outras drogas que podem aparecer. E na festa tu queres te liberar, esquecer dos problemas. Mas o principal é isso, num lugar que as pessoas te dizem o que fazer e no outro tu sabes o que não fazer pela tua própria moral. Como ir numa festa mesmo, eu vou num barzinho eu não vou botar uma guria a sentar no meu colo e altos amassos porque eu estou num barzinho. Então, se eu for para a *rave*, eu posso fazer isso. A gente já conhece cada tipo de festa vai se policiando, se podando.

Considera que na escola há coisas mais importantes para serem tratadas, como as relações de violência entre colegas:

> Ah, eu sofri *bullyng* por ser baixinho, mas nunca me abalei A minha vida me ajudou a montar, não é uma autoestima, mas uma leve confiança em mim mesmo por saber que eu podia lidar com aquilo. Que as pessoas me enchiam, enchiam, enchiam, falavam, falavam, falavam e eu lá com 8 anos não dava bola. Então aquilo foi criando hábito, uma maturidade. Então eu posso enfrentar aquilo, é só não dar bola.

Perguntei se faziam algo para mudar ou contestar essas e outras coisas que desagradavam. Ele respondeu:

> Eu acho que sim, a gente treme bastante. A minha turma já depôs uma professora, que não sabia dar aula, que não sabia a matéria. [...] fizemos um abaixo-assinado na direção [...] O outro ano também [...] a Lia disse ninguém entra no colégio enquanto não consertarem o telhado. Estava chovendo, tinha passado três dias, toda inundada a sala de aula. Antes de chegar a RBS ninguém entra.

Por fim, lamentou a acomodação das turmas: “Ultimamente não tem havido muita, muita resposta assim. As pessoas estão ficando mais enroladas [...] Até as câmeras estão lá, ah, invasão de privacidade, não sei o quê”. As câmeras, a qual se refere, funcionaram durante alguns meses e foram deixadas de lado talvez por

serem desnecessárias, talvez pela carência de servidoras responsáveis pela manutenção dos equipamentos.

Ali

Porque aqui é muito rígido. Se te pegam na rua [fora da sala de aula] já dizem... Oh, o que é que tu estás fazendo aqui? E a festa não, a festa tu vais e fazes o que tu queres né?

Ali estuda e trabalha como ajudante, com seu tio, que é mestre de obras e pedreiro. Não consegue estabelecer relações entre festa e escola. Percebe que, na escola, os colegas são muito diferentes daqueles que encontra, à noite, nas baladas: “E geralmente os camaradas de festa não fazem nada assim. Sabes, são mais para trás. Não estudam, não fazem nada sabe? Eu sou dos dois lados, tem hora para isso, tem hora para aquilo”.

Para Ali, a festa se caracteriza por não ter limites: “lugar de fazer o que quer fazer”. Ela é lugar de conhecer e experimentar: “saber que eu vivi isso e foi assim...”.

Ele comenta que as festas se assemelham, com exceção da *rave*, que foca mais na música, tem menos “pegação” e mais consumo de drogas: “[...] Eles cheiram uns negocinhos, botam uns paninhos. Não sei o nome. Clorofórmio, eu acho. Tem outra coisa também LSD. Tem umas balinhas que eles tomam”. Essa mesma percepção das raves é levantada também em um estudo de doutoramento, segundo apresenta o excerto a seguir:

> *Ravers* que já passaram pelas penumbras dessas festas e profissionais dos ambientes noturnos parecem seguros em afirmar que a origem e o espraiamento das *raves* tiveram como subsídio o disseminado consumo de drogas lícitas (bebidas alcoólicas) e ilícitas (maconha, cocaína, LSD e, aquela que se tornou a imagem da cultura eletrônica, o ecstasy) (GUSHIKEN, 2008, p.37).

As festas de que Ali participa são articuladas virtualmente: “Abro o MSN e digo: Vamos sair? Vão sair? Aí já passam de carro”. Também as relações de amizade são alimentadas e potencializadas com o uso de ferramentas como o *Orkut*: “Sei lá, o cara já vem bêbado. Todo feliz aí. E diz, vamos tomar uma cerveja aí. Aí, ah, como é teu nome. Chega a casa e aí adiciona no *Orkut* e faz uma amizade”.

Para Ali, as redes virtuais fornecem informações acerca de relações pessoais, atividades de trabalho e lazer, servem para compartilhar artefatos culturais como fotos, eventos, *shows*, manchetes, preferências musicais, cinematográficas, literárias... O número de amigos nas redes implica *status* e reconhecimentos.

Ali frequenta bares e boates, dos quais conhece os donos ou o pessoal que trabalha na portaria: “Tem o *Salento*, tem o *Mania de bar*... Não sei se tu já foste? Quando eu vou ali, a gente nem paga nada [...] Eu me dou com o chefe”.

A relação de Ali com a escola e seus momentos de prazer, alegria, descontração, apesar das críticas que faz ao controle escolar, se mostrou mais uma vez. Estive na sala de aula em que ele estudava, no final do ano letivo, antes das recuperações e exames, e estava acontecendo uma festa de encerramento. Ali fez um bolo e compartilhou com colegas e professoras. Comentaram, amavelmente, que, além de construir paredes, ele também fazia tortas e bolos deliciosos. A atmosfera de festa se prolongou. As aulas depois do intervalo foram canceladas. No pátio se abraçavam, brincavam, diziam bobagens... Permaneceram na escola, mesmo dispensadas, eu saí.

Marysabel

> *Eu acho que tem que passar. Eu agora tô namorando, mas eu aproveitei bastante, entendeste? Eu curti bastante com minhas amigas. Eu fiz várias coisas. Se eu tiver que parar para contar. Tem muitas coisas que eu já fiz em cinco anos.*

Depois de desligar o gravador, Marysabel me contou sobre a paixão por um homem mais velho, a separação e os efeitos de fotos suas – nua, que ele postou na rede, após a separação. Lembrou as reações que o episódio provocou: as amigas a deixaram de lado, houve comentários e as fofocas se espalharam pela escola.

Marysabel gosta de falar das suas escolhas e da coragem que teve para casar e tentar a vida em outro estado. Ela completou dezoito anos. Casou-se na beira do mar, com um jovem que está investindo na profissão de surfista. As fotografias postadas no *Facebook* mostram as colegas da escola com vestidos longos e pés descalços, um altar improvisado na praia, amigos e parentes na cerimônia.

Ao se referir ás festas, considera-as uma fase da vida e sente prazer de contar as coisas divertidas que aconteceram:

> Ah, o mais legal é diversão, assim... Sei lá, tu ficar feliz com teus amigos. Tem muita coisa disso, entendeu? Teve uma vez que, sabe a Renata? Ela quase caiu de cima do mezanino, foi muito engraçado, muito engraçado. Ela estava podre de bêbada e quase caiu de cima do mezanino, nunca vou me esquecer.

Antes de namorar e casar curtia as festas dos finais de semana, percorria os bares e as boates do balneário e do centro da cidade. Depois do casamento, reduziu as saídas e as festas. Agora, quando saem, vão ao *Salento e* ao *Eventual.*

Gostava de sair para conversar, dançar e beber com as amigas. Combinavam no colégio ou pela *internet*, especialmente via MSN*, Facebook* e nos sites de bate papo. Nas festas, conversam coisas sem importância: “Fofocas, sobre os outros, sobre quem fica com quem, os gatinhos, delas né?”

Para Marysabel, as festas e a escola têm em comum os encontros. Porém, nas festas, as pessoas se soltam mais “Bebem e aí fazem coisas que n*ão* fariam num dia normal [...] Ah, se tu estás a fim de um carinha, vai lá e fala mesmo... Fica se exibindo... Eu acho que são essas coisas*”.*

Comentou as disputas que ocorrem tanto nos espaços escolares quanto nas festas: “Uma quer estar mais bonita que a outra. Tem muito essa competição. De quem está vestida melhor...” E segue falando “Eu, por exemplo, eu coloco qualquer roupa para vir para o colégio, mas eu gosto de estar com o cabelo legal, essas coisas”.

Algumas situações lhe parecem fora de contexto, como a “pegação”, na escola: “Eu acho que uma coisa normal tudo bem, mas agora ficar se agarrando no meio do colégio eu não acho legal. Na festa tudo bem, mas aqui...”.

Marysabel reparou que a escola não consegue lidar com demonstrações de amor entre homossexuais. Sob tal pretexto, os carinhos ficaram proibidos. Assim como outras colegas, a jovem argumentou que beijo “selinho” e segurar a mão se transformaram em sinônimo de agarramento. E isso implica riscos de assinar ocorrência, de ser suspenso ou de a pessoa responsável da família ser chamada pela direção, a fim de garantir o cumprimento das regras e das normas da escola.

Beatriz

Tem gente que, por exemplo, se preocupa de vir arrumada demais para a escola. Tem gente que se monta para vir para a escola. Acho que nesse ponto tem alguma coisa parecida com a festa. [...] Tu nunca falaste com a pessoa, aí na festa... "Ah, vamos comprar uma bebida ali?" Sabe? E já sai conversando. Acho que não são tão fechados os grupos.

Beatriz percebe diferenças e semelhanças entre festas e escola. Destaca o jeito de vestir, que serve para impressionar e conquistar nos dois lugares. Comenta que nas festas, o estilo talvez seja outro (mais maquiagem, brilhos e saltos bem altos), mas afirma que na escola também existe o propósito da sedução. Ela comenta que nos dois contextos há agrupamentos entre jovens; porém, nas festas, os grupos são mais abertos às trocas e facilmente fazem contato com outros grupos ou outras pessoas.

A estudante trabalha como estagiária da Companhia Estadual de Energia Elétrica (CEEE), no turno inverso às aulas. Por isso, atualmente, sai menos do que gostaria. Recorda como ela e as amigas se preparavam para sair: "E, assim oh, a gente passava a semana inteira planejando a festa. Tentava combinar, juntar o maior número de pessoas que fosse a fim...".

Agora, compromissada (está namorando sério), não precisa investir tanto no visual, não precisa se exibir e aproveita mais para dançar: "Solteira tu não te preocupa se alguém vai ficar na tua volta, se vai te oferecer uma bebida. Até tu queres isso, né?"

Quando está sem namorado, age de outro modo: "Tu queres curtir, aproveitar, quer paquerar e tal". Nessas situações, a conduta muda e a jovem investe nos jogos de sedução:

> Daí tu te arruma mais para te exibir um pouquinho. Para querer que olhem, querer que parem. [...] Aí passava a semana inteira pensando com que roupa ia ir; que sapato ia ir com não sei o quê... Aquela coisa, né? Com quem será que vai ficar, vamos ver quem vai arrumar, vai ter alguém que vai voltar arrastado para casa, vai beber demais, quem é quem vai ter que inventar desculpa para os pais.

As informações sobre as festas chegam a ela via *internet*, pelo celular, nas conversas no colégio e no trabalho. A notícia se espalha: "Sempre tem um festeiro, tu ficas sabendo qual a boa, o que vai ter de legal, o DJ que vai tocar". Beatriz diz do

prazer de sair, esquecer as coisas sérias e focar na diversão; lembra-se do lugar que gostava de frequentar:

> Era uma festa tranquila, não tinha muita briga, não tinha... Eu tento fugir disso, eu gosto de ir para a festa para curtir, não gosto de ir para a festa para ficar aturando bêbado nem separando briga. Aí eu gostava disso, né? Eu gostava de ir. E era perto da minha casa, eu gostava, era sempre agradável, DJs tocavam, tinha umas bandas de pagode, eu não sou muito chegada em pagode, mas as bandas eram conhecidas.

Da escola, prefere os lugares e situações mais lúdicas e menos sérias, fora das salas de aula:

> Alguns professores fazem atividades extras, gincanas e competições, essas coisas assim... A escola não está fazendo, mas eu acho que fica legal, o pessoal se distrai e até fica gostando da escola... E aí acaba brincando, pulando, torcendo e aí puxa mais assim

Imagina que na escola pudesse haver mais prazer, sem o foco nas provas e nas obrigações. Uma escola mais divertida, com mais conversa, com conhecimentos mais relacionados às coisas da vida, conhecimentos que distraiam e façam esquecer que as provas são coisas sérias:

> Ele tem que esquecer que ele está ali obrigando o aluno a passar na prova. Quando ele deixa isso para lá e começa a conversar, explicar a matéria relacionando com a vida e com o que acontece, dando exemplos práticos, aí a gente se distrai e até esquece que a gente está ali para uma coisa séria que seria depois praticar na prova.

Mesmo com as limitações, Beatriz afirma que a vida escolar permite “parar para simplesmente focar em curtição...” E pensa que o universo universitário será mais exigente: “Depois que tu assumes a responsabilidade de uma faculdade, de pegar um serviço, depois de tu te formares na faculdade, é uma coisa que não é tão descontraído quanto a escola”.

Com Beatriz, encerro a apresentação das jovens que fizeram parte desta pesquisa. Procurei mostrar a singular existência de cada uma delas, que veio à tona no decorrer das entrevistas, cuja seleção de fragmentos emergiu de agrupamentos/ categorizações em torno de três temáticas – escola, festa e relação entre festa e escola. Rascunhos que permitiram, inicialmente, visualizar e acompanhar o pensamento das jovens. Depois, esgarcei esses limites, com a pretensão de

abandoná-los, mas de alguma forma permaneceram ao longo desta tese, como rastros dos caminhos que percorri.

Apresentações que estão imersas em relações de poder, pois quem seleciona os fragmentos, narra e descreve, também, fala pelo outro, diz quem são e o que pensam, trava disputas por criação e imposição de significados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A gente aprende mesmo não é na escola, é na vida... [29]

> O espaço no qual vivemos, pelo qual somos atraídos para fora de nós mesmos, no qual decorre precisamente a erosão de nossa vida, de nosso tempo, de nossa história, esse espaço que nos corrói e nos sulca é também em si mesmo um espaço heterogêneo (FOUCAULT, 2001, p. 414).
>
> Olha é difícil porque tem gente que vem obrigada, tem gente que vem aqui só para passar, tem gente que nem pensa em ir para a faculdade, vem para a escola só para terminar, para dizer: *Oh eu fiz o terceiro ano*. Tem gente que não. Tem gente que quer mesmo. Isso é de cada um. Eu acho que as pessoas vêm na escola por... Alguns por obrigação, outros não... (SAVERNACK, 2011)

Para as estudantes, a escola funciona como um ritual[30], lugar de passagem obrigatória[31]. A educação escolar é uma escolha racional, uma ponte para atingir objetivos como o ingresso na universidade, a satisfação na profissão e as condições financeiras para poder aproveitar a vida. Muitas consideram o estudo uma exigência familiar que seguem por costume, frequentar a escola também significa obrigação consigo mesmo.

Para as entrevistadas, as situações experimentadas no ambiente escolar privilegiam relações competitivas (aprendem a desejar serem mais inteligentes, mais bonitas, melhores que o outro), hierarquizam diferenças (ao nomear quem sabe e quem ignora), fazem uso de dispositivos de controle (agendas de registros[32] e

---

[29] Esta citação faz parte da entrevista realizada com uma jovem.

[30] Focault, ao se referir ao ritual das palavras [poderia ser das práticas pedagógicas], define-o como: “os gestos, os comportamentos, as circunstâncias, e todo o conjunto de signos que devem acompanhar o discurso [ou o discurso pedagógico]; fixa, enfim, a eficácia suposta ou imposta das palavras [das práticas pedagógicas escolares], seu efeito sobre aqueles aos quais se dirigem, os limites de seu valor de coerção" (2006, p. 39).

[31] Obrigatoriedade esta que é formalizada em termos de lei – toda criança e o/a adolescente dos quatro aos dezessete anos de idade deve frequentar a escola.

[32] As agendas de registros devem ser assinadas por alguém da família. Tais procedimentos buscam uma ação coesa entre a escola e a família, intensificando o controle acerca da conduta das jovens.

câmeras de vídeo); a escola impõe padrões para prevenir o perigo do namoro entre gurias, o uso de drogas, a violência, as doenças, a delinquência (atos ilícitos e imorais).

Ao antecipar as ações de estudantes, as práticas escolares tentam impedir as possibilidades de agir fora dos preceitos da instituição, como nos exemplos das relações *gays*, que foram coibidas na escola. Jovens falaram sobre as relações amorosas e a posição da equipe diretiva e pedagógica, que optou por inventar regras para impedir os beijos, os abraços e os encontros de namoro – o foco da ação eram as gurias, mas para não caracterizar discriminação, estenderam a proibição aos relacionamentos heterossexuais. Tais práticas preventivas caracterizam a sociedade de normalização, conforme apontam Pereira e Ferraro[33]: "O expediente de mapeamento do *risco* denota um traço típico dessa sociedade de normalização na medida em que representa uma tentativa de controlar e, ao mesmo tempo, de subjugar o *perigo*, impedindo-o de aparecer" (2011, p.138).

O silêncio acerca das questões sexuais pretendeu uniformizar condutas, afirmar a heterossexualidade e evitar reclamações das famílias. Para as jovens, a posição da direção da escola foi ao encontro do que as mães e os pais pensavam como relações normais. As estratégias para evitar o namoro entre as gurias produziram constrangimento, mas também incitaram a pensar, a falar e a experimentar outras relações. Nos depoimentos, jovens desaprovam as regras instituídas na escola e mantêm uma relação de questionamento e resistência às medidas: "Porque isso que está acontecendo, parece uma cadeia. Essa forma de não deixar os afetos dentro da escola, entendeu?" (João, 2011).

Marcela, de outro modo, pensa que, no ambiente escolar, o namoro entre gurias prejudica as crianças: produz confusão, desvia do caminho sexual natural e incentiva relações sexuais precoces. Na perspectiva de Marcela, as crianças são caracterizadas como inocentes, sem sexualidade ou naturalmente pequenos heterossexuais; tais discursos fazem parte das verdades que circulam sobre a suposta natureza infantil. Percebi, nas palavras dela, a tentativa de enquadramento,

[33] Pereira e Ferraro (2011) problematizaram as medidas de prevenção e controle da Gripe H1N1 nos currículos das escolas do RS. Observaram a passagem dos *casos* da Gripe ao *perigo,* ao *risco* e à *crise.* Termos usados por Foucault (2008) para pensar o funcionamento das doenças, o seu controle e regulação assim como as implicações de tais práticas sobre os indivíduos.

o imenso esforço para regular sua conduta, renunciar a relação que mantinha com outra garota, aceitar e viver dentro da norma sexual instituída na escola e na sua família – tentativa de constituir-se heterossexual pela renúncia de si. E, nesse momento, mais uma vez, o questionamento de Foucault se mostra atual:

> Como, por que e a que preço, temos nos empenhado em sustentar um discurso verdadeiro sobre o sujeito, sobre o sujeito que não somos, enquanto sujeito louco ou sujeito delinqüente, sobre o sujeito que de modo geral nós somos enquanto falamos, trabalhamos, vivemos e, enfim, sobre o sujeito que, no caso particular da sexualidade, nós somos direta ou indiretamente para nós mesmos? (2006, p. 306).

A educação escolar pode ser entendida como: "Processo pelo qual os outros são trazidos ou conduzidos para a nossa cultura, sejam eles recém-chegados – crianças e estrangeiros de todo tipo – sejam eles os inclusíveis – anormais e estranhos" (VEIGA-NETO, 2008, p.30)[34]. Arendt (1992) considera que a essência da educação é a natalidade, uma vez que jovens e crianças chegam ao mundo que existia antes de elas nascerem, e a educação faz esse acolhimento, essa apresentação do mundo e, ao mesmo tempo, possibilita os processos de criação e transformação. No entanto, Marcela faz ver que há pouco espaço para a criação, para escapar do previsto e provocar a produção de outros significados à vida. A experiência educacional escolar predominante está associada à cultura única, às informações e aos códigos capazes de indicar ou conduzir os modos de agir, impedir ou bloquear a ação de tudo aquilo que desvie da lógica escolar, das continuidades ou desafie o modelo hegemônico de sociedade, o conhecimento e as verdades produzidas – há menos acolhimento e mais conversão ao mesmo.

A escola se apresenta como a instituição encarregada de trabalhar com os conhecimentos, de disciplinar, regular e controlar os corpos e as vontades. Apesar das tentativas de uniformização escolar, muitas estudantes não concordam com as divisões dos conteúdos disciplinares, com a seleção, a distribuição e a organização dos conhecimentos, tampouco com a rígida rotina escolar e suas normas, regras e regimentos. Elas contestam os limites traçados pela instituição ao definir o que pode ser dito, feito e pensado – se incomodam com o "ter que fazer". O prazer se mostra nos movimentos de transgressão, no reconhecimento dos limites traçados pela

[34] Inclusíveis foi o termo usado pelo autor para designar aqueles a incluir. Ao usar "estranho" se refere àqueles estudantes que não se encaixam nos padrões sociais.

escola e, algumas vezes, o rigor dos balizamentos aumenta a vontade e o prazer da ultrapassagem.

Consideram que a repetição do estudado e os exames são as práticas educativas mais valorizadas no transcorrer do processo de escolarização. Creem que as provas escolares reforçam o pensamento de que algumas estudantes valem mais do que outras.

As falas das jovens me levam a pensar que a atribuição de notas inventa a desigualdade em vez de provar a igualdade das inteligências e vontades como desejava o mestre ignorante[35]. A permanência na escola para a recuperação de notas, para realizar provas e exames se torna castigo, pois significa perda de parte das férias e dos privilégios familiares, como presentes, viagens e, em alguns casos, atrapalha as expectativas dos empregos temporários do veraneio.

Jovens também apontam as carências, as precariedades e as fragilidades da vida escolar; criam formas para transformar aquilo que as incomoda; apontam sugestões e estratégias coletivas. Em alguns momentos, as estudantes transgridem as regras institucionais; em outros, defendem os modos de regulação da instituição e questionam os posicionamentos transgressivos das colegas: “os puxa-saco” – aquelas estudantes que se posicionam sempre do lado da professora, da direção e das autoridades escolares.

Frente ao espaço instituído, algumas jovens agem desviando e inventando outros espaços dentro da escola ou nas suas adjacências. Elas fogem da aula para conversar sobre assuntos que não podem ou não costumam ser tratados nos ambientes escolares mais formais. Ao saírem, elas se acomodam em lugares em que ficam à vontade para opinar, escutar. Estar nesses lugares, às vezes, implica “matar aula”.

“Matar aula” faz parte dos rituais das estudantes. Em muitos casos, quando descumprem o esperado e agem, contrapondo-se ao socialmente valorizado e naturalizado na escola ou deixam de fazer o prescrito, as palavras, os gestos, as ações, os olhares e as interdições atuam para constituir ou reconstituir as

[35] Jacques Rancière no seu livro *O mestre ignorante: cinco lições sobre a emancipação intelectual*, conta a história de um professor, Joseph Jacotot,que abandonou a forma tradicional de ensinar. Ele desconstruiu a hierarquia entre quem sabe e quem ignora, entre quem é inteligente e quem não é. Ele investiu na vontade de saber, sua pedagogia partia da crença na igualdade das inteligências.

subjetividades de determinados modos. No início e no final de cada turno, e também nos intervalos, geralmente, tem uma funcionária ou um “guardinha” [36] que procura evitar as fugas; punir os atrasos com advertências; registrar, em livros de ocorrência, e nos comunicados enviados à família. Porém, guardas e funcionárias nem sempre conseguem manter o controle e a vigilância.

As diferentes linguagens juvenis quando chegam à escola são silenciadas ou refutadas – as preferências musicais, as vestimentas, os adereços, os modos de falar, escrever, olhar, sentir, agir... “Parece que a escola não considera, não consagra e não está interessada em trabalhar com isso” (COSTA, 2008a, p.112). No convívio escolar, inventam e aprendem palavras que vão de encontro às práticas e aos valores, não somente da instituição educacional como também da família. Jovens desafiam os modos de falar e de escrever tradicionais e formais. Elas desejam falar menos e serem mais ouvidas, no sentido de usarem menos palavras e atingirem mais pessoas, como ocorre na linguagem digital. As entrevistas, os contatos virtuais e as conversas informais mostram a criação de vocabulários, o uso de significados e as palavras compartilhadas entre elas.

A escola se apresenta distante das vontades juvenis, com práticas pedagógicas que desmotivam; um lugar em que se aprende pouco sobre as coisas da vida, sobre o cotidiano veloz, de informações, novidades e tecnologias. Como disse Guilherme: “Hoje em dia as tecnologias são mais disseminadas do que antigamente [...] A cada geração que passa alguma coisa fica que marca a gente, e a linguagem marca bastante [referindo-se a sua geração]” (2011). Para ele, tal distância aparece no ambiente escolar, na relação das professoras com as estudantes.

No entanto, as estudantes não apenas reclamam da escola, das regras e dos conhecimentos ensinados, mas lembram, aceitam, sentem prazer na convivência

[36] - O Programa de Guarda escolar – Patrulha Escolar foi assinado pela Secretaria de Segurança Pública (Brigada Militar) e pela Secretaria de Estado da Educação para viabilizar atividades de Policiamento Escolar nas escolas da Rede Pública Estadual, realizadas pelo Corpo Voluntário de Militares Inativos da Brigada Militar (CVMI), nas modalidades de permanência e patrulhamento. Informações capturadas no site http://www.educacao.rs.gov.br , Secretaria da Educação do Estado do Rio Grande do Sul - RS em 14/04/ 2012.

escolar (estabelecem laços afetivos, amorosos e estreitam os vínculos de amizade), elas também gostam quando, na hora da aula, se desfazem as relações hierárquicas entre estudantes e professoras, sentem satisfação quando percebem conexões entre os conhecimentos da escola e as coisas da vida: “Aula de física, química... Quando tu descobres alguma coisa do teu dia a dia [...] Chegar a casa e contar tal coisa ali, como no chuveiro que acontece tal coisa. Quando tu estás descontraído com o professor” (Beatriz, 2011). Outras jovens percebem a aula como lugar de diversão e criação: “Eu gosto de matemática. Eu gosto, sabe, quando eu realmente sei e não quando eu decoro as coisas, sabe? Daí é legal, é divertido fazer os exercícios” (Lia, 2011).

As palavras das jovens mostram a instituição escolar como lugar em que há espaço de criação/invenção; um lugar de disputas, de relações de poder, um campo de saber implicado em jogos de poder, um lugar de ensinar e aprender, de potencializar a vida, e não somente de insatisfação e de obediência aos códigos institucionais.

Os espaços da festa na vida

> A conclusão seria que o problema político, ético, social e filosófico de nossos dias não consiste em tentar liberar o indivíduo do Estado nem das instituições do Estado, porém nos liberarmos tanto do Estado quanto do tipo de individualização que a ele se liga. Temos que promover novas formas de subjetividade através da recusa deste tipo de individualidade que nos foi imposta há vários séculos (Dreyfus & Rabinow, 1995, p. 239).

As festas pressupõem a contestação dos espaços de trabalho, de estudo e da família naquilo que têm de habitual e de repetitivo; elas criam outros espaços. Não somente outros espaços físicos, mas outros posicionamentos que desviam dos comportamentos esperados. Tais características aproximam a festa do conceito de heterotopia, que diferentemente das utopias – espaços imaginários sem materialidade – tem materialidade, se realiza no cotidiano (FOUCAULT, 2006).

A festa aparece como escolha, um jeito de experimentar a vida que se abre para a fruição – o espírito da festa. Ela se mostra como outro espaço. Espaço em que tribos, grupos, bandos e galeras se reúnem em variados lugares por uma noite e, às vezes, por 24 horas. Espaço em que circulam muitas linguagens (diferentes

músicas, estilos, luzes, bebidas e drogas decorações, ambientações, shows, DJs, experiências...); as festas se realizam em ambientes transformados como a casa de familiares que vira boate, o boliche alugado que vira festa *underground*, o casarão tradicional que vira barzinho, o antigo cinema que abriga festas religiosas, os arredores da mata, do arroio Senandes e as tendas na praia que se convertem em ambientes *rave*. Recentes construções e antigos comércios se transformam em *festis* – festivais de *rock*.

Na festa, aprendem a conviver, ficam "espertas", se tornam soltas, engraçadas, alegres e sociáveis; prevalecem as relações de proteção, amizade e solidariedade. Dizem que é preciso passar, conhecer, viver a festa: um ritual voltado ao prazer e às experimentações[37], que possibilita mudar as formas de percepção e sensibilidade.

Os vínculos das jovens com as festas estão, para algumas entrevistadas, associados ao trabalho dos pais, do irmão, das amigas ou colegas; sendo estas organizadoras, promotoras, iluminadoras, musicistas, sócias ou proprietárias das boates ou dos bares do balneário. Há entre as pesquisadas algumas estudantes envolvidas com música e com o prazer de tocar instrumentos musicais ou compor canções, enquanto outras promovem festas e bandas. Uma das entrevistadas vai às festas por insistência da família e outra compartilha com a mãe o prazer de "curtir" as festas. Nos depoimentos, algumas jovens falam que suas famílias reconhecem a importância de experimentar a vida noturna, as vivências musicais, os vínculos sociais, os encontros, a amizade e o namoro.

Observações, comentários e anotações feitas no decorrer das conversas e entrevistas marcam a relação com os ambientes noturnos, as expectativas de viver outras coisas. Festas se mostram como lugares de experimentação e intensidades, em que os limites se estendem ou nem são percebidos – cantos, penumbras, banheiros e esquinas que escondem os atos transgressivos, territórios que parecem imunes às regras e às leis. Lugares para fazer o que não é permitido, dizer o que não poderiam em outros locais, à luz do sol, na presença de adultos e de vigias.

[37] Escreve Foucault que "Uma experiência é sempre uma ficção; é algo que se fabrica para si mesmo, que não existe antes e que existirá depois" (FOUCAULT, 2007, p.45). A experiência entendida como "correlação (...) entre campos de saber, tipos de normatividade e formas de subjetividade" (2003b. p.10).

A festa é marcada pela preparação, pelos efeitos e pelas expectativas: “Todo mundo quer o que não faz todos e dias” (Guilherme, 2011). As descrições das festas desenham roteiros, cenas, criam atmosferas de prazer e curiosidade, mostram acontecimentos antes e depois das festas. Percursos flexíveis, efêmeros, percepções singulares:

> Daí tu te arruma mais para te exibir um pouquinho. Para querer que olhem, querer que parem. [...] Aí passava a semana inteira pensando com que roupa ia ir; que sapato ia ir, com não sei o quê... Aquela coisa, né? Com quem será que vai ficar, vamos ver quem vai arrumar, vai ter alguém que vai voltar arrastado para casa, vai beber demais, quem é, quem vai ter que inventar desculpa para os pais (10).

Segundo comentou João, ao se referir às roupas que as jovens usam nas festas e às estratégias para driblar a censura da família, “E vão para a casa das amigas, botam uma roupa diferente e chegam lá trocam. Botam uma minissaia, botam decote, botam isso...” (2011).

Minhas memórias se misturam ao que dizem as jovens, o relato me remete a fragmentos de composições musicais que circulam nas mídias e nas festas: “Com que roupa eu vou a tudo que você me convidou. Mais que um pano novo, eu quero por um novo à beça, à beça, à beça, à beça[38]. Ou ainda: “A semana inteira, fiquei esperando prá te ver sorrindo, prá te ver cantando. Quando a gente ama. Não pensa em dinheiro. Só se quer amar. Se quer amar. Se quer amar” [39].

Jovens vão à festa quando têm vontade de dançar, de conversar, de tocar, de “enlouquecer” ou de simplesmente assistir a um *show*, encontrar e conhecer outras pessoas. Preferem festas em que, além da música e da dança, oferecem lugares para descansar, conversar, locais que proporcionem ambientes mais reservados. A festa aparece como espaço e tempo em que vivenciam outras dimensões perceptivas, efeitos do uso de substâncias que alteram os limites da razão e da realidade e modificam a sensibilidade: jovens bebem e “perdem a noção”. Às vezes, o consumo de bebidas alcoólicas segue a lei, mas elas conseguem driblar as

---

[38] Fragmento da música “À beça”, composição: Vitor Ramil. Disco em cd, título *À Beça*, de 1995. Produção Independente. Disponível em www.**letras**.com.br/**vitor-ramil**/a-**beca.** Site acessado em 4 de janeiro de 2011.

[39] Fragmento da música “Não quero dinheiro, só quero amar*”,* composição*:* Tim Maia. Disco vinil, título *Soul Tim Duetos*, de 1971. Gravadora: Som Livre. Disponível em http://www.vagalume.com.br/tim-maia/nao-quero-dinheiro-so-quero-amar.html. Site acessado em janeiro 4 de 2011.

normas com a ajuda de amigas maiores de idade. Fazem coisas sem pensar ou que pensam ter feito, mas que não foram feitas. O riso e as brincadeiras são alguns dos efeitos desse estado de embriaguez[40] dos sentidos. As drogas ilícitas parecem meio invisíveis ou pouco dizíveis. O peso de estar fora da lei restringe as informações.

No decorrer das festas, algumas barreiras, hierarquias e preconceitos entre pessoas são deixados de lado, pelo menos provisoriamente, comentam as estudantes. Os procedimentos em questão favorecem as relações, o que, na vida ordinária, seriam pouco prováveis. Bakhtin compara tais relações à situação que se constrói quando as duas pessoas criam vínculos de amizade:

> A distância que as separa diminui (estão em pé de igualdade) e as formas de comunicação verbal mudam completamente: tratam-se por tu, empregam diminutivos, às vezes mesmo apelidos, usam epítetos injuriosos que adquirem um tom afetuoso; podem chegar a fazer pouco uma da outra (se não existissem essas relações amistosas, apenas um terceiro poderia ser objeto dessas brincadeiras) [...] não necessitariam polir a linguagem nem observar tabus, podem usar portanto palavras e expressões inconvenientes (BAKHTIN, 2008, p. 14).

Nas festas, as jovens criam relações de afeto e formas de troca com indivíduos diferentes em gênero, sexo, idade, classe, atividade social etc. Lia, ao referir-se às colegas da sala de aula que são parceiras das festas, disse: “Eu ando com heterossexuais. A gente sai. [...] Os guris ali da sala, as gurias, eu me dou bem com todo mundo, sabe?” (2011). Antônio ao sair para as festas busca ouvir e aprender com outras gerações; tem curiosidade por lugares e pessoas que vivem de outro modo, que falem sobre coisas que não experimentou. Ali se relaciona com quem trabalha à noite e com quem somente aproveita/curte a noite: “Aqui no Cassino, cada esquina eu conheço um que é meu amigo” (2011).

O cuidado entre as jovens, nos lugares de festa, emerge nos vínculos de amizade e solidariedade, no pensamento sobre as formas de conduzir-se sem a presença de alguém que diga qual é o melhor caminho, o que é certo ou errado; sem a aplicação de punições antes mesmo de ocorrerem violações de regras ou

[40] A embriaguez das jovens se parece com aquela anunciada por Nietzsche “O essencial na embriaguez é o sentimento de plenitude e de intensificação das forças. A partir desse sentimento nos entregamos às coisas, as obrigamos a nos tomar, as violentamos (2007, p.70-71).

normas; o cuidado está na abertura/disposição para perceber outras formas de viver, sem procurar uniformizar, sem apontar o bom e o mau caminho, sem normatizar.

As relações de companheirismo e de solidariedade são mencionadas nos relatos das entrevistadas, em diferentes situações: quando um “leva o toco” da guria e é consolado, na troca de confidências no banheiro das festas, quando criam atmosferas de confiança e segurança que possibilitam sair à noite: “E minha mãe... *Ah, vais sair com o Rafa? Ah, vais sair com o Juan*? Tudo bem” (Renata, 2011).

A dessacralização dos espaços

> Talvez nossa vida ainda seja comandada por um certo número de oposições nas quais não se pode tocar, as quais a instituição e a prática ainda não ousaram atacar: oposições que admitimos inteiramente dadas: por exemplo, entre o espaço privado e o público, entre o espaço da família e o espaço social, entre o espaço cultural e o espaço útil, entre o espaço de lazer e o espaço de trabalho: todos são ainda movidos por uma secreta sacralização (FOUCAULT, 2006b, p. 413).

> Já vi praticamente casais quase transando assim, oh. Gurias com vestidos lá em cima. Absurdos mesmo. Mesmo assim... Oh... Aqui na escola tem a Nonô para cuidar as pessoas. Tem uma ali fazendo alguma coisa demais, fazendo, gritando, fazendo esparro... Já vai um ali... Agora na festa tu gritas, faz esparro, fica com quem tu quiseres, fazes o que quiseres e não tem uma pessoa rondando que vai te dizer... Tem os seguranças. Só que eles não fazem nada. Acontece uma briga, eles vão lá, quando botam uma pessoa na rua. E quando vê eles não botam e acontece a briga de novo (12).

Nas gincanas, nos jogos escolares, nos intervalos do recreio, quando tocam instrumentos e ouvem músicas, quando dançam e fazem *performances* teatrais, nos momentos em que a rotina se desfaz e há possibilidades do inesperado e do impensável, a festa e a escola se aproximam. Festa e escola reduzem as distâncias nos momentos em que jovens saem dos prédios escolares para projetos, viagens, acampamentos ou passeios – quando o currículo escolar não se restringe aos conteúdos das disciplinas, aos planejamentos ou quando os conhecimentos e os saberes tratam da vida.

Apesar disso, nas entrevistas, a escola e as festas remetem a imensos contrastes: a festa significa prazer, diversão, mobilidade, liberdade e

experimentações, enquanto a escola significa continuidade, regularidade, obrigação consigo mesmo e exigência da família.

No ambiente escolar, convivem diariamente com as mesmas pessoas; nas festas, circulam por diferentes grupos e têm mais possibilidades de encontros não planejados. No pátio e nas salas, se reúnem por afinidades musicais, por compartilharem a mesma atividade esportiva ou religiosa, por relações de vizinhança ou parentesco... No entanto, quando não se enquadram em nenhum dos grupos ou não pertencem aos outros agrupamentos, são consideradas estranhas, não são bem-vistas.

Jovens acreditam que, nas festas, as diferenças são mais aceitas. Apesar disso ou mesmo assim, algumas estudantes tratam as pessoas que circulam em ambientes festivos com palavras depreciativas, entre as quais: rafuagem, largadonas, destrambelhadas, velhos tarados, velhas ridículas...

A festa se mostra como lugar de fazer o que se quer, diferentemente da escola, um espaço marcado pelas obrigações, pela necessidade, pela preocupação com o futuro. Cuidar, na escola, significa prevenir o perigo, motivar o estudo, as regras e as normas escolares.

Tanto na escola quanto na festa, acontecem o que nomeiam pegação e agarramento nos cantos. Jovens também burlam as regras da escola e das festas: usam drogas ilícitas nas festas e fumam escondidas no espaço escolar; fazem isso para se sentirem descontraídas, reconhecidas ou para experimentar. Na escola, trocam informações, combinam encontros e planejam comemorações: “Aí alguém lá de trás chegou com uma idéia de que tinha essa formatura da Fisioterapia e a gente poderia entrar que não iam pedir convite, não iam pedir nada” (Guilherme, 2011).

Nas conversas, com as colegas e as amigas, no decorrer das festas, agendam atividades sociais para a semana e planejam as próximas festas. A preparação inclui fazer uma janta, beber e dançar antes das baladas, dos bares e das boates; algumas jovens comparecem somente nessa primeira etapa, o que ocorre por vários motivos: às vezes, por falta de recurso financeiro; noutras, a família limita a cota de festas do mês em função das notas, dos estudos e dos gastos. As conversas, as risadas, as brigas, as tentativas de namorar ou ficar com alguém ocorrem tanto na escola quanto nas festas; porém, nas festas, as relações são mais

intensas e espontâneas. As festas se espalham de boca em boca, são divulgadas em cartazes na avenida, pelo MSN, pelo celular, pelo *Facebook,* pelo *Orkut*, pelo *Twitter*, pelas comunidades virtuais, pela *internet.*

A festa atravessa a escola de várias formas. Os comentários e as conversas sobre as festas convivem com os espaços formais da escola, as lembranças do que fizeram e os encontros – com quem "ficaram", as narrativas de acontecimentos engraçados, alegres ou inesperados, cenas que remetem aos risos e às piadas. O riso faz parte da festa, "exceto em ritos mais solenes e na reatualização dos mitos sérios" (MNOIS, 2008, p.30).

Em muitos momentos das entrevistas, jovens se remetiam às brincadeiras e às diversões, tanto no ambiente escolar quanto nas diferentes festas. No banheiro dos bares e boates se divertem, trocam confidências e estabelecem vínculos de amizade. O banheiro do colégio surge na rotina escolar como lugar que tem sido vigiado e controlado com chaves e permissões, procedimentos que pretendem impedir o namoro e para prevenir ações e atitudes que desacatem as regras da escola. Dizem que, tempos atrás, estudantes se escondiam nos banheiros da escola para fumar, por isso, decidiram, recentemente, a utilização de cadeados. No colégio, os dois banheiros (feminino e masculino) estão localizados no último pavilhão, o que favorece sua invisibilidade em relação aos demais pavilhões e ao setor administrativo da escola. Os banheiros, os cantos da escola, as brechas nas salas de aula e nos intervalos são espaços e tempos em que experimentam, namoram, enfrentam ou escapam dos limites da instituição.

As jovens percebem diferenças quando atitudes socialmente aceitas nas festas são mal-vistas na escola: "Como se tu tivesses dançando, ali dançando meio louca assim e todo mundo diz olha lá aquela louca dançando. Na festa não, na festa... Ela está feliz" (Lorena, 2010). Ou como fala outro estudante: "Se tu fizeres música aqui, tem um piti as mulheres aqui dentro" (Guilherme, 2011). Tal como a letra da música, as jovens desatinam e misturam a festa com a escola: "Ela desatinou, viu chegar quarta feira. Acabar brincadeira, bandeiras se desmanchando e ela ainda sambando[41]".

[41] Fragmento da música "Desatinou", composição de Chico Buarque de Hollanda. Disco LP título *Chico Buarque de Hollanda vol.3*, de 1968. Gravadora: RGE. Disponível em www.cifras.com.br/cifra/**chico**-**buarque**/ela-**desatinou**. Site acessado em 24 de janeiro de 2012.

Jovens mencionaram essas e outras situações que se assemelham às festas, momentos que possibilitaram conhecer, aproximar colegas e compartilhar experiências. Atmosfera de festa como relatou Renata, lembrança do dia em que ela e suas colegas se vestiram como hippie e fizeram uma *performance* no pátio da escola.

Escolas se afastam da festa quando impõem disciplina, competição, limites. A escola ensina a reconhecer os limites. Limites que são questionados, aceitos e, algumas vezes, sugeridos. Na festa, os limites são considerados mais flexíveis, se orientam por outras convenções, há mais possibilidades de fazerem escolhas, de haver regras facultativas: “O segurança passa, a gente vai para o cantinho ou sai da festa, chega na esquina faz o que tu tens que fazer e volta” (18).

Nada pode acabar já que não há mais término... [42]

Percorri as maneiras como vinte e cinco estudantes se inventam nas relações com os saberes, com os outros e consigo mesmas – na festa e na escola.

Não pretendi prescrever a vida das juventudes, tampouco encontrar verdades gerais, mas problematizar a produção de subjetividades, pensar as práticas, as forças, as relações e os saberes que engendram os espaços e os tempos da escola e das festas e as constituem.

Fiz ver que as jovens desmancham e embaralham as fronteiras temporais e institucionais, dessacralizam os espaços, se adaptam a situações e a ambientes. Por desconfiar do discurso acomodado e conformado, busquei não somente o silêncio frente ao rigor da tradição, as pressões e os constrangimentos, mas o prazer, a alegria, o ensaio, a transgressão, a possibilidade das estudantes negociarem experimentações, prazeres e saberes da festa com os conhecimentos e a moral escolar.

[42] Fragmento de Veyne (2012) “Nada pode ‘acabar’, já que não há mais término, como não há origem. A originalidade de Foucault entre os grandes pensadores deste século consistiu em não converter nossa finitude em fundamento de novas certezas” (p. 5).

Ao se referirem à relação entre festa e escola, jovens citaram as brincadeiras, os risos, os encontros amorosos, as conversas, as amizades, as transgressões e as invenções; situações que se aproximavam do prazer de experimentar/saber/criar.

Ao pensar o lugar da festa na escola, não desejei apontar as falhas da educação escolar, tampouco me alinho com aquelas que falam do despreparo das professoras e das instituições para lidar com as juventudes e indicam, prescrevem novos caminhos, metodologias, projetos, e políticas a cada nova gestão... Como ironicamente disse o compositor: "É o novo, é o novo, é o novo, é o novo, é o novo [...] Você que é muito vivo me diga qual é o novo, me diga qual é [...]" [43].

Busquei saber os modos de vida daquelas que transitavam pela escola e pelas festas. E elas me mostraram o que as incomodava no ambiente escolar (rotinas, burocracias, práticas educativas rígidas, repetitivas e competitivas) e ressaltaram o que incomodava a equipe diretiva e as professoras (as relações amorosas, as diferenças, a dificuldade de manter o controle).

As jovens disseram que a escola nem sempre é uma escolha – vão mesmo quando estão sem vontade. E que a escola, às vezes, é chata, entediante e as disciplinas são desinteressantes. Disseram que a escola inventa fronteiras difíceis de serem aceitas – regras, comportamentos, posicionamentos institucionais em que há escasso espaço e tempo para exercitar o pensamento e a vontade. Outras pareceram convencidas de que a promessa de um futuro implicava e tornava aceitável a disciplina, o controle, os conteúdos, os exames, as condutas padronizadas, as normatizações etc.

O aprender e o conhecimento escolar apareceram implicados com um futuro promissor, tramado com discursos de sacrifícios e recompensas, com o adiamento da satisfação dos desejos e das necessidades (de cursar uma universidade, de conseguir bons empregos e de atingir o sucesso). Elas também apontaram relações raras da vontade de saber e do prazer com o estudo, com o conteúdo das disciplinas escolares, com os conhecimentos da escola.

---

[43] Fragmento da música "Mote e glosa", composição *de* Belchior e Fagner. Disco LP, título *Belchior de* 1974*. G*ravadora: Continental. Disponível em www.museudatv.com.br/biografias/Belchior%20.ht. Site acessado em 20 de outubro de 2012.

A satisfação no espaço e tempo escolar apareceu ligada mais às experiências e saberes que remetiam aos elementos, contextos e situações festivas Ao esgarçar os limites das festas e da escola, foi possível pensar as juventudes e perceber que, na escola, as promessas feitas para motivar a caminhada das jovens – as utopias – esbarram e negociam com a invenção de espaços, com as heterotopias, com a materialidade da vida das jovens.

Seria possível viver a escola de outra forma? De forma que nem sempre nós, professoras, exijamos das jovens que se “elevem” até nosso conhecimento (nosso?) adulto, formal, disciplinar, burocratizado, classificatório? De forma que nós, professoras, sem pedagogizar a festa, consideremos a cultura das jovens dignas de apreço, pois talvez nela estejam a diferença e a experiência modificadora de si e não a mesmidade? Seria possível mais acolhimento e menos conversão ao mesmo?

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Eliane Ribeiro. A Educação de Jovens e Adultos e os jovens do “último turno”: produzindo *outsiders* (Tese de Doutorado). Universidade Federal Fluminense, RJ, Niterói, 2004.

AMARAL, Adriana; DUARTE, Renata F. Rocha. A subcultura cosplay no Orkut. Comunicação e sociabilidade online e offiline. In: *Culturas juvenis no século XXI*.

ARENDT, Hannah. ARENDT, H. Entre o passado e o futuro. São Paulo: Perspectiva,1992.

BORRELI, Sílvia Helena Simões; FREIRE FILHO, João (orgs). São Paulo: EDUC-Editora da PUC, 2008.

ABRAMO, Helena Wendel. *Cenas juvenis – punks* e *darks* no espetáculo urbano. São Paulo: Editora Página Aberta, 1994.

ACER, F. Gonzáles. Identidad, diferencia e indiferencia. In: LARROSA, Jorge; LARA, Nuria Pérez de (orgs). *Imágenes del otro*. Barcelona: Virus Editorial,1997.

ANGROSINO, Michael. *Etnografia e observação participante*. Porto Alegre: Artmed, 2009.

ARROYO, Miguel G. *Ofício de Mestre:* imagens e auto-imagens. Petrópolis – Rio de

Janeiro: Editora Vozes, 2002.

BACON, Francis. *Novum Organum*. Coleção: Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na idade média e no renascimento*: o contexto de François Rabelais. São Paulo: Hucitec, 2008.

BALINHAS, Vera Lúcia Gainssa. *Currículo e Cultura de Consumo: como jovens estudantes significam o consumo no espaço-tempo escolar* (Dissertação) Universidade Federal de Pelotas, RS, 2008.

BATAILLE, Georges. *O erotismo*. 2ª ed. Porto Alegre: L&PM, 1987.

BAUDRILLARD, Jean. *A sociedade de consumo.* Lisboa/Portugal: Edições 70, 2005.

_____. *A transparência do Mal* – ensaio sobre os fenômenos extremos. São Paulo: Papirus, 1996.

BAUMAN, Zygmunt. *Vida para Consumo.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007.

BERGSON, Henri. *O Riso*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BORELLI, Silvia Helena Simões. Cenários juvenis, adultescências, juvenilizações: a propósito de Harry Potter. In: *Culturas juvenis no século XXI*. BORRELI, Sílvia Helena Simões; FREIRE FILHO, João (orgs). São Paulo: EDUC, 2008.

BOURDIEU, Pierre. A juventude é apenas uma palavra. In: BOURDIEU, Pierre.*Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

BORGES, Jorge Luís. *Outras inquisições*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Lei Federal nº 8.069, de 13 de julho de1990.

BRITZMAN, Deborah. O que é esta coisa chamada amor: identidade homossexual, educação e currículo. *Revista Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 21, n.1, p. 71-76, jan./jun. 1996.

BURKE, Peter. *Hibridismo Cultural.* São Leopoldo: Editora Unisinos, 2008.

CANCLINI, Nestor García. *Diferentes, desiguais e desconectados*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2007.

_____. *Culturas híbridas.* Estratégias para entrar e sair da modernidade. 4ª ed. São Paulo: Editora USP, 2003.

CANEVACCI, Massimo. *Culturas eXtremas*: mutações juvenis dos corpos das metrópoles. Tradução de Alba Olmi. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

CANGUILHEM, Georges. O papel da epistemologia na historiografia científica contemporânea. In: CANGUILHEM, Georges. *Ideologia e Racionalidade nas Ciências da Vida.* Lisboa: Edições 70, 1997.

CARRANO, Paulo Cesar Rodrigues. Juventudes: as identidades são múltiplas. *Movimento:* Revista da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense, Niterói-RJ, n. 01, p.11-27, maio de 2000.

CARTA ABERTA à presidenta Dilma Rousseff – Disponível em www.une.org/home. Acesso em 5 mar. 2011.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano 1.* Artes de fazer. Petrópolis – Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

_____; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. *A invenção do cotidiano 2*. Morar e Cozinhar. Petrópolis – Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

_____. *A cultura do plural*. Campinas: Papirus, 1995. (Coleção Travessia do Século).

CORRÊA, Bruno da Costa. *A Construção do Conhecimento nos Metaversos: educação no Second Life* (Dissertação de mestrado). Universidade Braz Cubas. São Paulo, Mogi das Cruzes, 2009.

COSTA, Marisa Vorraber (org.). *A escola tem futuro?* Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

_____; SILVEIRA, Rosa Hessel; SOMMER, Luís Henrique. Estudos culturais, educação e pedagogia. *Revista Brasileira de Educação* nº 23. Rio de Janeiro, Maio/Agosto, 2003.

_____. Cartografando a gurizada da fronteira: novas subjetividades na escola. In: ALBUQUERQUE Jr.; Durval; VEIGA-NETO, Alfredo; SOUSA FILHO, Alípio (orgs). *Cartografias de Foucault*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

_____;DO Ó, Jorge Ramos . Desafios à escola contemporânea: um diálogo. Educação e Realidade, v. 32, p. 109-116, 2008a.

COURTINE, Jean-Jaques. Os Stakhonovistas do narcisismo: body building e puritanismo ostentatório na cultura Americana do corpo. In: SANT'ANA, Denise (org), *Políticas do Corpo: elementos para uma história das práticas corporais*. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

_____. A Ilha deserta e outros textos. São Paulo: Editora Iluminura LTDA, 2002.

_____. *Conversações*. Rio de Janeiro: Editora 34, 2004.

DENZIN, Norman K; LINCOLN, Yvonna S. A disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: DENZIN, Norman K; LINCOLN, Yvonna et al. *O planejamento da pesquisa qualitativa*: teorias e abordagens. Porto Alegre: Artmed, 2006.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*. Petrópolis: Vozes, 1989.

_____. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1990.

_____. A história da loucura. São Paulo: Perspectiva, 1991.

_____. Sobre a genealogia da ética: uma revisão de trabalho. In: DREYFUS, H.; RABINOW, P. (orgs.). *Michel Foucault: uma trajetória filosófica para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

_____. *Vigiar e punir*: história da violência nas prisões. 20ª ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

_____. *Em defesa da sociedade.* São Paulo: Martins Fontes, 2000.

_____. *As Palavras e as Coisas*. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2002

_____. *História da sexualidade I: A vontade de saber. São Paulo*: Ed. Graal, 2003a.

_____. História da sexualidade II: *O uso dos prazeres*. São Paulo: Ed. Graal, 2003b.

_____. A Loucura, a Ausência da obra. In: FOUCAULT, Michel. *Problematização do sujeito: Psicologia, Psiquiatria e Psicanálise*. Ditos & Escritos I. Org. por Manoel de Barros da Motta. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

_____. Polêmica, política e problematizações. In: FOUCAULT, Michel. *Ética, Sexualidade, Política*. Ditos & Escritos V. Org. por Manoel de Barros da Motta. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004a.

_____. A Ética do Cuidado de Si como Prática da Liberdade. In: FOUCAULT, Michel. *Ética, Sexualidade, Política*. Ditos & Escritos V. Org. por Manoel de Barros da Motta. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004b.

_____.História da sexualidade I: A vontade de saber. São Paulo: Edições Graal, 2005.

_____. *A hermenêutica do sujeito*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____. Prefácio à Transgressão *Estética*: Literatura e Pintura, Música e Cinema. Ditos & Escritos III. Org. por Manoel Barros da Motta. 2.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006a.

_____. Outros espaços. *Estética*: Literatura e Pintura, Música e Cinema. Ditos & Escritos III. Org. por Manoel Barros da Motta. 2.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006b.

_____. A Arqueologia do Saber. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

_____. *Segurança, território e população*: curso no Collège de France (1977-1978). São Paulo: Martins Fontes, 2008.

_____. Nascimento da Biopolítica. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

_____. Introdução (in Binswanger). In: *Problematização do Sujeito: Psicologia, Psiquiatria e Psicanálise*. Ditos & Escritos I. MOTTA, Manoel Barros da. (Org) 3ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

_____. Poder e saber. In: *Estratégia, Poder-Saber*. Ditos & Escritos IV. Org por MOTTA, Manoel Barros da. 3.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010a.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Mídia, *Juventude e Memória Cultural* Educ. Soc., Campinas, vol. 29, n. 104 - Especial, p. 667-686, out. 2008 Disponível em http://www.cedes.unicamp.br

GALLO, Sílvio. Transversalidade e educação: Pensando uma educação não-disciplinar. *In*: ALVES, N. e GARCIA, R.L. (orgs). *O sentido da escola*. Rio de Janeiro: DP&A, 2008.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

GREEN, Bill; BIGUM, Chris. Alienígenas na sala de aula. In: *Alienígenas na sala de aula* – uma introdução aos estudos culturais em educação. SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). SP: Vozes, 2005.

GOOTSCHALK, Simon. Postmodern Sensibility and Ethnographic Possibilities. IN: BANKS, Anna; BANKS, Stephen P. Fiction and social Research: by ice or fire. London: Altamira Press,1998, p. 206-226.

GUSHIKEN, Yuji Noites-Máquinas: Comunicação e Subjetividade em Festas *Rave* (tese de doutorado), UFRJ, 2004.

HARAWAY, Donna. Você é um ciborgue. In: SILVA, Tomaz Tadeu (organização e tradução) *Antropologia do Ciborgue*: a vertigem do pós-humano. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

HARD, Michel; NEGRI, Antonio. *Império*. Rio de Janeiro: Record, 2004.

HOLDERLIN, Friedrich. Sócrates e Alcibíades. In: *Poemas*. Tradução de José Paulo Paes. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

HOPENHAYN MARTÍN. Estilhaços de utopia. Vontade de poder, vibração transcultural e eterno retorno. In: LARROSA, Jorge; SKLIAR, Carlos (orgs). Habitantes de Babel. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

HOULLEBECQ, Michel. *Extensão do domínio da luta*. Porto Alegre: Sulina, 2004.

JORNAL ZERO HORA *Facebook* passa Orkut no Brasil – 18/01/2012 p. 20, Caderno Economia.

LARROSA, Jorge. Tecnologias do Eu e Educação. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org). *O sujeito da Educação*: estudos foucaultianos. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

_____. Linguagem e Educação depois de Babel. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

LATOUR, Bruno. A profissão pesquisador. In: *Conferência debate no Instituto Nacional de Pesquisa Agronômica* (22/09/1994).

LIPOVETSKY, Gilles. *O império do Efêmero*: a moda e seu destino nas sociedades modernas. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

LLORET, Caterina. Las otras edades o las edades del outro. In: LARROSA, Jorge; LARA, Nuria Pérez de (orgs). *Imágenes del otro*. Barcelona: Virus Editorial,1997.

MARCONDES FILHO, Ciro. *Jornalismo Fin-de-Siècle*. São Paulo: Página Aberta, 1993.

MARTÍN-BARBERO, Jésus. A mudança na percepção da juventude: sociabilidades, tecnicidades e subjetividades entre jovens. In FREIRE FILHO, João; BORELLI, Silva Helena Simões (orgs). Culturas Juvenis no século XXI. São Paulo: EDUC, 2008.

MINOIS, Georges. *História do Riso e do Escárnio*. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

MOMO, Mariangela. Mídia e Consumo na produção de uma Infância Pós-Moderna que vai à escola (Tese de Doutorado). UFRGS, RS, Porto Alegre, 2007.

MONTAIGNE, Michel de. *Ensaios*. Trad.Editora Globo SA. 1ª ed., Porto Alegre, 1972.

MORIN, Edgar. *Cultura de Massas no século XX*: O Espírito do Tempo – I Neurose. 6ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1984.

NIETZSCHE, Friedrich. *Así habló Zaratustra.* Madrid: Alianza Editorial, 2008.

_____. *Crepúsculo de los ídolos o Cómo se filosofa com El martillo*. Madrid: Biblioteca de autor Alianza Editorial, 2007.

_____. *Sobre a Verdade e a Mentira no Sentido Extra Moral*. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

NOGUEIRA, Paulo Henrique de Queiroz *Identidade Juvenil e Identidade Discente: processos de escolarização no terceiro ciclo da Escola Plural* (Tese de Doutorado). Universidade Federal de Minas Gerais, MG, Belo Horizonte, 2006.

O'LEARY, Timothy. Foucault, Experiência, Literatura. In: *Foucault Studies nº5*, p. 5-25, Janeiro de 2008. Trad. de Lisa Gertum Becker.

ORTEGA, Francisco. Das utopias sociais às utopias corporais: identidades somáticas e marcas corporais. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de; EUGÊNIO, Fernanda (orgs). *Culturas Jovens: novos mapas do afeto.* Rio de Janeiro: ZAHAR, 2006.

PARENTE, André. Enredando o pensamento: redes de transformação e subjetividade. In PARENTE, André (org). *Tramas da rede*. Porto Alegre: Sulina, 2004.

PEREIRA, Célia Maria. *Memórias de um balneário*. Rio Grande: SALISGRAF, 2004.

PEREIRA, Vanessa Andrade. Juventudes e internet: dedicação na *lan house* e descaso com a escola. In: DUARTE, Luiz Fernando Dias; VELHO, Gilberto.

Juventude Contemporânea: culturas, gostos e carreiras. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2010.

PEREIRA, Marcos Villela; FERRARO, José Luís Schifino. *Currículo e práticas de controle: o caso da gripe H1N1* in: Currículo sem Fronteiras, v.11, n.2, pp.134-146, Jul/Dez 2011.

PEREZ, Léa Freitas *Do lazer à festa: em questão o solo epistêmico da modernidade ocidental** Licere, Belo Horizonte, v.12, n.2, jun./2009.

PETERS, Michael. Pós-estruturalismo e filosofia da diferença. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

PLACER, Gonzalez F.. Identidad, diferencia e indeferencia: El sí mismo como obstáculo. In: LARROSA, Jorge; LARA, Nuria Pérez de (orgs). *Imágenes del otro*. Barcelona: Vírus Editorial, 1997.

POPKEWITZ, Thomas. História do currículo, regulação social e poder. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.). *O Sujeito da educação*. Petrópolis: Vozes, 1994.

PORTINARI, Denise; COUTINHO, Fernanda Ribeiro. A roupa faz o homem, a moda como questão. IN: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de; EUGÊNIO, Fernanda (Ogs). *Culturas Jovens: novos mapas do afeto.* Rio de Janeiro, ZAHAR, 2006.

KUHN,Tomas. A Resolução das Revoluções: *O progresso através de Revoluções*. In: KUHN,Tomas. A Estrutura das Revoluções Científicas. São Paulo: Editora Perspectivas, 1998.

RANCIÈRE. Jacques. *O mestre ignorante*. 2.ed., Belo Horizonte: Valle, 2004.

RAVIER, Valéria. *Caçadores de símbolos*: *culture jamming*, a publicidade e seu duplo, 2005 (Tese de Doutorado). Universidade Católica de São Paulo, SP, 2005.

ROCHA, Everardo. Coisas estranhas, coisas banais: notas para uma reflexão sobre o consumo. In:_____ et al. (orgs.) *Comunicação, Consumo e Espaço Urbano*: novas sensibilidades nas culturas jovens. Rio de Janeiro: PUC -RJ: Manuad, 2006.

ROSE, Nikolas. Inventando nossos eus. In: SILVA, Tomaz T. (Org). *Nunca fomos humanos* – nos rastros do sujeito. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

_____. Biopolítica molecular, ética somática e o espírito do biocapital. In: RIBEIRO, Paula Regina Costa; SANTOS Luís Henrique Sacchi dos (Orgs). *Corpo Gênero e*

Sexualidade: instâncias e práticas de produção nas políticas da própria vida. Rio Grande: FURG, 2011.

SANTOS, Luís Henrique Sacchi dos. Sobre o etnógrafo-turista e seus modos de ver. In: COSTA, Marisa Vorraber; BUJES, Maria Isabel Edelweiss (orgs). *Caminhos Investigativos III*: riscos e possibilidades de pesquisar nas fronteiras. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

SARLO, Beatriz. *Cenas da vida pós-moderna*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1997.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi. Fugir do próprio rosto. In: Rago, Margareth; VEIGA-NETO, Alfredo. (orgs.). *Figuras de Foucault*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

SAVAGE, Jon. *A criação da juventude*: como o conceito de teenage revolucionou o século XX. Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

SEBRAE – Serviço Brasileiro de Apoio a Micro e Pequena Empresa. Disponível em: http://www.sebrae.com.br/. Acesso em 05 mar. 2011.

SILVA, Hélio R.S. *A situação etnográfica:* andar e ver. Horizontes Antropológicos. v.15 n.32. Porto Alegre, Julho/dezembro 2009.

SILVA, Tomaz Tadeu da (org). Liberdades Reguladas. A pedagogia construtivista e outras formas de governo do eu. Petrópolis: Vozes, 1998.

_____. *O currículo como fetiche:* a poética e a política do texto curricular. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

SOUSA SANTOS, Boaventura. Da ciência moderna ao novo senso comum. In: SOUSA SANTOS, Boaventura. *A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência.* 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2000.

SPOSITO, Marilia Pontes. *O Estado da Arte sobre juventude na pós-graduação brasileira:* Educação, Ciências Sociais e Serviço Social (1999-2006), volume I e II. Belo Horizonte: Argumentum Editora, 2009.

SWAIN, Tânia Navarro. "*Velha? Eu? Auto-retrato de uma feminista*". In: RAGO, Margareth; VEIGA-NETO, Alfredo (orgs). *Figuras de Foucault*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008, p.261-270

UNFPA – Fundo de População das Nações Unidas. Direitos da população jovem: um

marco para o desenvolvimento. Disponível em: www.unfpa.org.br. Acesso em 5 mar. 2011.

VALÉRY, Paul. *Variedades.* São Paulo: Iluminuras, 2007.

VEIGA-NETO, Alfredo. Dominação, violência, poder e educação escolar em tempos de Império. In: Rago, Margareth; VEIGA-NETO, Alfredo. (orgs.). *Figuras de Foucault*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

VEYNE, Paul. *O último Foucault e sua moral.* Disponível em www.unb.br/fe/tef/filoesco/foucault. Acesso em 10 agosto de 2012.

VIEIRA, Jarbas Santos. Texto apresentado em Seminário Avançado. UFPel, 2010.

WALKERDINE, Valerie. Uma análise foucaultiana da pedagogia construtivista. In: SILVA, Tomaz T. (Org.). *Liberdades reguladas*: a pedagogia construtivista e outras formas de governo do eu. Petrópolis: Vozes, 1998.

WALTENBERG, Lucas; SÁ, Simone Pereira de; GARSON, Marcelo. Música eletrônica e rock entre ruídos e riffs: Gêneros musicais em tempos de hibridismo: In BORELLI, Silvia H. S.; FREIRE FILHO, João (orgs). *Culturas Juvenis no século XXI*: São Paulo: EDUC- Editora da PUC, 2008.

WELSCH, Wolfgang. Mudança estrutural nas Ciências Humanas: diagnóstico e sugestões em Educação. Porto Alegre/RS, ano XXX, n.2 (62), mai/ago 2007

ANEXO

NA NOSSA
FESTA A
GENTE NÃO
DANÇA, PURIGUEIA

Entrevistas

Antônio novembro/2010

Vais às festas? Quais lugares?
AH... Depende, vou as que meus amigos me convidam, normalmente eu vou a show, para ver uma banda tocar ou coisa assim. Eu prefiro mais show *underground* na cidade.

Tem um nome?
Cada festa eles põem tem um nome diferente. Normalmente eles fazem nos mesmos lugares, mas só mudam os nomes.

E o estilo?
Tocam de tudo assim *punk*, *rock,* música anos 80, *blues*, *heavy metal*...

O que tu preferes?
Ah, eu gosto de tudo.

Algum lugar específico? No Cassino? Na cidade? Bar? Lugar?
Pior que não. Mais aqui no Cassino mesmo, na avenida. Mas lugar específico não.

A avenida é o *point*?
Sim, mas lugar específico não.

O que rola na avenida?
A gente dá uma volta, depois se encontra, a gente bebe às vezes juntos, a gente fica até tarde, vai para casa às vezes de manhã, porque vai para uma festa...

Que festas?
Depende quando tem alguma coisa que chame atenção da gente, a gente aparece.

A última que foste?
Festa foi na casa de um amigo meu. Aí não foi festa aberta ao público, foi mais para amigos.

E aí tem banda?
Sim, também. (risos) A gente faz de tudo.

Tu tocas?
Sim

O que tu tocas?
Toco guitarra.

Que música tu preferes?
Tudo que tiver dentro do *ROCK IN ROLL* eu gosto. Sim, mais de preferência música mais antiga... Ah... Tipo... Mais é... Tipo *HARD ROCK final dos* anos 80, PUNK ROCK também mais antigo, coisas do gênero.

Qual a expectativa quando tu vais a uma festa?
AH... Aproveitar a noite, curtir a noite, conhecer gente diferente, fazer coisa diferente, estar num lugar diferente também. Depende, têm lugares que a gente vai às vezes e se arrepende, não gosta do lugar, o ambiente também não é legal. Mas acho que... o negócio é esse. Passar uma noite, fazer uma coisa diferente mesmo... Ficar naquela monotonia de não ter nada para fazer também.

Tu falas conhecer gente? Isso acontece? É um espaço que dá para conhecer gente?
É meio difícil... Tipo... Pode até conhecer uma pessoa, várias pessoas no mesmo dia, só que o problema é que... As pessoas todo mundo está numa festa é todo mundo amigo, mas no outro dia, normalmente ninguém se dá com ninguém. É muito difícil tu conseguir fazer uma amizade mesmo, num lugar assim, mas acontece.

O ambiente da festa cria o vínculo e desfaz?
As pessoas todo mundo está numa festa é todo mundo amigo, mas no outro dia, normalmente ninguém se dá com ninguém. É muito difícil tu conseguir fazer uma amizade mesmo, num lugar assim, mas acontece.

Tu vais à festa com gente da escola?
Sim.

Tuas parcerias são as da escola?
Tem muita gente que eu conheci em festa e era do colégio, só que eu não me dava com a pessoa, comecei a me dar depois, com o convívio com as pessoas no colégio também.

Então melhorou o convívio?
Sim. Por isso que eu tinha te dito, tu perguntaste se tinha uma relação de festa com o colégio, eu disse que até tem alguma.

Fala então sobre essa relação.
Tipo isso tu conhece uma pessoa do colégio, só que tipo tu não conversa, não te dá com ela... Aí tu acabas indo numa festa começa a conhecer através de alguém e aí no colégio tu continua te dando bem com a pessoa e vai... Cada vez ficando... Vai tornando amizade.

Tens amigos nas festas?
Alguns.
Sim. A maior parte é.
Através de uma pessoa que tu conhece na festa tu ficou amigo dela no colégio tu acaba conhecendo outras também. Tipo assim... Por exemplo, deixa eu ver... O Pedro eu não conhecia ele muito bem, aí ele passou para e turma esse ano e fiquei nas mesmas festas, a gente começou a ficar amigo, conheci as pessoas com que ele se dava que eu conhecia só de vista, não falava com elas. Através de uma pessoa que eu conheci eu fui conhecendo outras.

Quando a festa é boa?
Depende do tipo de festa também... Se for do tipo da festa que eu estou falando, show de alguma banda se tocar algo que me agrada... Alguma coisa assim e não tiver nada que faça eu me sentir mal dentro da festa... A festa foi boa

O que faz tu te sentires mal na festa?
Sei lá. Tu estás tentando aproveitar a festa e alguém está te enchendo o saco, alguém provocando briga ou alguma coisa assim

Rola umas brigas, então?
Sim, é muito difícil, mas sempre pode acontecer nunca se sabe quem vai estar lá. Sempre tem alguém que vai para lá só para provocar ou alguma coisa assim

Provocar como?
Tipo aquela pessoa que tem gente que bebe muito e começa a provocar todo mundo, se encarna, depende assim escolhe uma pessoa se encarna e fica nela, encarnado provocando até acontecer alguma coisa.

Tem vínculo com beber, usar alguma droga?
Em parte sim. Em parte sim. Mas a maior parte é porque não gosta daquela pessoa mesmo, fica provocando
Na festa o pessoal se reúne por grupos ou fica mais solta
Depende até certa parte a festa está meio dividida, depois acho que não, acho que fica todo mundo separado e depois junto.

Que é mais legal de ir a uma festa?
Numa ordem de importância?
Primeiro é tá curtindo com meus amigos.
Primeiro ir para algum lugar que tenha alguma coisa que a gente goste, que chame atenção...

O que pode chamar a atenção?
Sei lá o tipo da festa, tipo de pessoa que esteja lá...

Tipo de pessoa?
De tudo. Tanto amizade, quanto achar alguém para ficar, alguma coisa assim, qualquer coisa. Desde que tenha alguma coisa a ver com a gente, que seja parecida de alguma forma. Que a gente possa sei lá. Puxar uma conversa diferente, que a gente possa se entender, ter um mesmo assunto para falar, alguma coisa assim
Acho que é isso, mais é para isso mesmo... Para... Tá num lugar que tenha alguma coisa que a gente gosta, aparência do lugar, ser parecido com alguma coisa que a gente goste.
Cada um tem uma preferência... Tipo tem um amigo que é fissurado... que diz assim...tem que ser um lugar que tem uma aparência mais antigo... Balcão de bar americano, uma mesa de sinuca, um monte de gente escutando música, um lugar assim, com gente mais antiga no lugar também.

Pessoas mais velhas?
Sim que goste das mesmas coisas também. Tem um amigo meu que diz... não adiante eu ficar aí e ir numa festa que só tenha gente nova, que eu tenho, eu quero saber o que aconteceu antigamente. Eu quero conhecer o que eles faziam, como é que era para ver se é a mesma coisa o que eu faço. Cada um tem uma preferência diferente, faz uma coisa diferente, acaba todo mundo indo pela mesma... tem a mesma curiosidade...acaba querendo conhecer o que o outro quer conhecer... Acaba tendo essa curiosidade sempre.

Não precisa ter a mesma idade?
A gente não se importa se vai ter criança, seja lá o que for. Desde que esteja lá, goste da mesma coisa. Não importa.

Mas, tem criança numa festa?
Não pode, mas a gente não se importa. Uma criança de 13 anos que goste, tá ali para ver a mesma coisa que a gente goste. Curtir a mesma coisa, escutar a mesma coisa... A gente não se importa. Tem gente que se importa. Não vou a essa festa porque tem gente nova. Não vou a essa festa porque tem gente mais velha. A gente não se importa. Desde que seja um ambiente que a gente goste. A gente frequenta...

E as pessoas mais velhas não inibem?
Normalmente o pessoal mais velho, tipo, eles já fizeram coisa bem pior do que a gente já fez... Mas tipo assim quando a gente faz uma coisa errada eles não influenciam só dão exemplos. Tipo assim... Ah nunca pense em fazer tal coisa porque quando eu era nova fui na pilha dos outros e me arrependo do que eu fiz... Só falam isso.

Isso já rolou numa festa?
Ah, tipo... Sim, aconteceu, perguntaram assim, tipo... um amigo meu mais velho... Tem acho 32 anos. Ele viu eu bebendo e aí tem um amigo meu que é viciado, usa droga aí chegou para mim e disse... Tu conheces esse cara? Tu sabes o que ele usa? Sim, eu sei.
Ele me deu um exemplo... Bom eu te recomendo não usar porque depois de tu viciar vai ser uma coisa difícil de tu largar...
Já tive o problema de ter esses vícios e foi difícil de eu largar, entende: E se eu não tivesse parado, não estava aqui hoje.

E qual era droga?
LSD, cocaína, heroína... Já usaram de tudo. Mas em festas normalmente tu não vê eles usarem. É difícil. Vão nas festas para curtir também, fazem isso quando eles estão em ambientes fechados...

Mas nas festas *rave* muitos usam ecstasy...
Ecstasy... Eu não sei como é que tu faz se tu enxerga alguma coisa.. tu só fica suando, suando. A única coisa que eu vi é que tu não para de suar. Está parado e está suando.
A pessoa olha para o nada.
Eu acho que essas drogas tipo LSD é meio difícil viciar. Um amigo meu usou quase todo o verão, depois que acabou o verão ele parou de usar... Não estava viciado. Ele disse que é uma coisa que dá vontade de usar mais porque tu gostas. Exagerado assim mata, overdose.
O efeito leva muito tempo para passar. Geralmente é o dia inteiro.

Preparação da festa?
Normalmente eu conheço quem organiza, conheço alguma banda que vai tocar, alguma coisa assim... Normalmente as informações das festas que eu vou... É mais pela *Internet,Twitter, Orkut, s*ão pessoas que usam tudo isso eles divulgam para todo mundo ver. Tipo... Têm as comunidades. Diferentes tipos de festas e contraculturas, diferentes comunidades. Aí eles fazem a comunidade e tu sabes entrando ali vai ter informação de nova festa, de coisa assim.

Tem alguma frequência?
Depende, quando tem alguma festa que chame atenção, se vai ter alguma coisa que eu goste eu vou, muitas vezes eu não vou...

Diferença entre o verão e o inverno?
Acho que não depende disso porque quem organiza esse tipo de festa que eu vou são normalmente pessoas que tocam em alguma banda e eles dependem de um salão, algum lugar liberar. Por isso que eu tô dizendo... Quando tem uma briga, alguma coisa, torra o lugar. Tipo bah... Os caras são rockeiros, todos de preto, se drogam e vêm aqui para brigar e quebrar tudo... Então não vale a pena deixar mais eles alugarem. Aí vai cada vez reduzindo. Tem menos lugares se tem alguma briga.

Rola briga?
É meio difícil todas as festas que eu fui só vi três vezes brigas... A primeira que eu fui faz dois três anos... Foi naquele União Fabril. Toco um monte de banda lá e o cara chegou, não sei o que foi que ele usou porque eu nunca vi alguém daquele jeito. Não sei que tipo de droga ele usou. Ele estava muito estranho... Acho que usou várias diferentes... Não sei como é que ele quebrou o muro do União Fabril. Abriu um buraco no muro. Eu estava sentado do lado do buraco que ele quebrou. Aí eu olhei assim no buraco para ver... O cara muito estranho, não sei o que ele tinha usado. *Eu quero entrar, eu quero entrar*... Vieram o segurança, fizeram eles pagarem o muro e cobraram multa do pessoal que alugou o salão.

Sobre as festas mais frequentadas do Cassino...
Essas festas aqui do Cassino são as que mais têm briga... Pode alguém matar, vai continuar tendo a festa, continua o mesmo sistema de segurança. Vai ser sempre a mesma coisa. Eu não me arrisco em ir a lugares assim. Eu já vi gente caída no chão porque tomou um tiro nessas festas aí. Não, eles dizem, é festa só de gente bacana, que tem dinheiro, não se envolve com droga. Vai ver os caras tudo drogado lá na frente se dando tiro um no outro. Eu não gosto desse tipo de festa.

Josué – novembro/ 2010

Tu vais à festa?
Festa, festa, não.

Qual festa que tu vais, então?
Eu vou numa festas com meus amigos, mais de igreja, mas é irmão da igreja. É como se fosse uma festa normal só que não tem essas pegação, não tem bebida... Mas tem música, tem dança... Tudo.

Que tipo de música que tem?
Essas músicas da atualidade. *Rock*, pagode – infelizmente, que eu não gosto.

Que tipo de música que tu gostas?
Rock... Olha, eu só bem eclético. Eu ouço uma coisa, se eu gostar eu escuto... Não gosto de grito ueeeeeerrr. Eu gosto de *Jota Quest.*

O que é bom assim na festa?
É que eu acho assim... Tem dois tipos de festa. Tem as festa que eu vou que são as festas de adolescente, as chamadas fest... *Fest* é mais o pessoal daqui.

Qual a relação entre festa e colégio?
É que tu vê lá as gurias que tu nunca... não costuma conversar no colégio e aí fica com elas...Já frequentei esse tipo de ambiente.
É mais por pegação, por azaração.

Isso é pegação?
Claro. Fica com uma, fica com outra.
Um grupo de amiga tem cinco gurias, tu vai lá e fala com uma: *Bota tuas amigas na mão*.. *Qual? Todas*! Aí vai de fila e fica contigo. Isso era normal quando eu tinha uns 14/15 anos. Aí o cara cresce amadurece e vê que... Não tem nada a ver.

O que acontece nessas festas então?
Tu danças. Tu estás dançando uma música eletrônica, tu vês uma guria dançando perto de ti, tu puxa um papo, fica perto de ti, começa a dançar com ela, tu arrasta e... Não precisa nem saber o nome dela.
Se tem bebida, então... Tu dá bebida para ela, tu até arrasta para o meio do mato.

Tu fazias isso?
Fazia.

No meio do mato? Mas qual festa que tu ias?
*Tchê louco a*li, aqui no *Boliche* também.

No boliche também rola essas festas?
Claro. O cara bebe e fica sem-vergonha. Sem-vergonha mesmo.

Com qual frequencia que tu costumas ir à festa?
Agora? Essas? Eu não vou mais.

E por quê?
Por causa que... Se tu parar para pensar tu vai numa festas dessas. Olha o que esse pessoal vem fazer aqui? Quando eu for mais velho eu não vou fazer isso. Quando eu for mais velho... Eu quero ter uma família e vou trazer meus filhos para cá? Não tem nada a ver entendeu? Tu não vai arranjar uma mulher para te casar numa festa dessas. Porque as mulheres que vem aqui ficam com todo mundo. Tu não vai querer casar com uma mulher dessas. Ou seja, isso aqui não é um ambiente para te encontrar namorada nem para fazer amigos. Entendeu?

E tu achas que essas gurias e os guris ficam com muita gente?
Claro.

Nas festas tu encontras as pessoas que estão aqui na escola?
Bastante. Principalmente quando eu estava na 8ª, e no 1º ano não tanto, mas agora... A última vez que eu fui no fim do ano passado e encontra uma galera daqui, uma galera mesmo na *Diesel* então bah... Tá louco. E tu conheces muita gente, principalmente na DIESEL vai muita gente de todos os colégios e tu fazes amizade... O pessoal lá do São Francisco. Tem pessoal que eu conheço que eu nunca vi na rua, só em festas.

E tu achas que a festa não é um lugar de fazer amigos?
Não, é bom de conhecer pessoas, mas foi só para aquela viagem, para aquele fim mesmo. Os amigos que tu vai para a festa são aqueles que tu voltas. Pode fazer trezentas amizades lá, no final da festa quando acabar tu vai voltar com as mesmas pessoas; os primos, os vizinhos, os parentes.

A frequencia com que tu ias à festa?
O cassinense ele é muito assim no inverno a gente fica mais em casa e no verão... No inverno, acho que eu ia três vezes em todo o inverno, e no verão eu ia todo fim de semana.
Tem sempre festa?
Fim de semana sempre tem.

O que era festa boa?
Tinha um trouxa que tinha dinheiro e pagava bebida para todo mundo e muita mulher... Sempre tem um trouxa!

Era colega?

Colega não. Sempre tem um trouxa... Faz uma promoção... Hoje eu vou pagar bebida para todo mundo... Sempre tem um assim. Uma vez eu e o Alex... Não sei se ele contou isso. A gente foi numa festa ali no boliche. Tu compravas ingresso e tinha direito a uma cerveja. Aí a gente entrava pegava o ingresso e tu ficavas e dava ingresso para o cara liberava a cerveja. Pulava a janela e pegava a cerveja de novo.
Ele vai mais para assistir banda. Eu sou bem eclético. Até uma vez a gente foi numa *rave* de LSD. Essa foi a única *rave* que eu fui. Tinha uns putinhos e a gente foi embora na mesma hora.Tinha um amigo meu da noite, ele estava muito bêbado. As pessoas não sabem beber. É bom eu nem dizer o nome. E disse tem muito veado aqui, eu vou me matar. E se atirou na água. E um amigo meu tirou ele da água.
Eu mudei de vida.
Na bíblia na testemunha de Jeová. O Sérgio me ofereceu. Eu ia à igreja católica, no domingo. Era uma coisa assim, era todo o domingo. Todo sábado e domingo. Sábado não era certo. Havia sacanagem. O padre. o cara usa droga, bebe, fuma.. E na igreja evangélica é mesma coisa, os pastores fazem a mesma coisa. Meu tio tinha um bar. Eu quero três cestas básicas, mas essas aqui eu vou colocar os endereços porque é para as minhas amantes.
A bíblia realmente me ensina e eu comecei a frequentar o salão do reino. E tem muita coisa que as pessoas não sabem. Ela é tão clara, tão clara...Testemunha de Jeová, mas porque Jeová? A bíblia diz.
Ele segue um padrão, é uma revista. Chama-se a Sentinela. E vai estudar todo o final de semana. Exatamente a mesma revista. Um irmão de Portugal, a gente conversa porque são os mesmos assuntos que são debatidos. Eu não sou irmão, eu estou caminhando para isso.
Eles orientam para isso. Fornicação. Ficar transando com qualquer um. Eu quero me formar e ter uma família. Não é nas festas que eu vou encontrar.
Ter outra conduta. Não sair correndo de carro. Se te diz eu sou uma testemunha de Jeová. É a parte que tu te batiza. Começa a estudar. Depois frequenta o salão. Publicadora da palavra. Pregando na casa das pessoas. Eu vou me formar em fevereiro.
Troquei a festa pela religião.
São pessoas de boa conduta. Não fuma, assim, não.
A gente resolveu ir para Pelotas. Procurou no google. Achamos a casa do irmão e dormimos na casa do irmão. Tu podes confiar nas pessoas.
O que elas estão fazendo, não tem sentido nenhum. O único que se dá bem é o dono da festa que está se dando bem.

Lorena novembro/2010

Que festas tu vais? Quando tu vais às festas? O que acontece na festa? Quando é que a festa é boa?
Bom... ah. As festas que eu vou são essas aqui do Cassino e também lá na minha cidade. Lá na minha cidade as festas são melhores lá porque todo mundo se encontra lá. Faz tempo que a gente não se vê e tal, então...

Qual a cidade?
Dom Pedrito.Todo mundo se encontra. Tem uma única festa então todo mundo se encontra. Todo mundo vai naquela. Mas é muito bom lá... A cidade é pequena. Fica há umas cinco horas.

É para o oeste?
É para lá (aponta). Lá perto de Bagé. E todo mundo se encontra lá. Então é melhor. E as festas ficam cheias. O bom da festa que ela tem que estar sempre cheia.
Aí não sei se está vazia tu não... É chato.

O que tu fazes na festa?
Dança, conversa, faz amizade, né? Faz muita amizade. Relações perduram.
Algumas sim. Eu acho que a maioria das pessoas que eu conheço foi da festa que eu conheci.

Tu vais com as gurias da escola?
Vou, vou. Eu comecei a sair estudando no Juvenal, eu comecei a sair com as minhas colegas. Que são minhas amigas, né? Que eu tenho contato. E aí eu comecei a sair com elas e a gente sai assim. Sempre quando dá a gente sai. A gente se junta e sai. Saem todas juntas.

Tu vais com o Pedro?
Aqui não. Eu vou a festa com elas na cidade, é mais no verão. Aqui mesmo eu vou com o Patrick sempre vou com o Patrick. E com a Denise, da turma.

Quando a festa está boa?
Quando está cheia a festa é boa, mas não pode estar muito cheia. Não pode estar lotada. Lotada não tem espaço, todo mundo se "pechando".

Tu gostas de ir à festa? Ficas esperando?
Gosto. Espero.

Às vezes não rola?
Às vezes acontece, a gente espera e aí na sexta acontece alguma coisa que a gente não pode sair. Aquele dia mesmo, a gente ia saí, na sexta feira o Patrick estava doente. Aí que a gente vai fazer... Fica em casa ora... Espera para o próximo. Agora o próximo é dia 13 que a gente vai. Vai com certeza. A mãe vai viajar agora né... Eu vou ficar sozinha em casa. Daí vai ter janta, uma festa lá em casa vai ter almoço e coisa. Aí a gente, dia 13 a gente vai certo. Na *Diesel.*

Teme relação escola com a festa?
Acho que tem sim, muitas pessoas que eu não me dava assim, que eu nunca nem oi sabe... Aqui do colégio mesmo e chega na festa tu reconhece e vem me cumprimentar, falar comigo

E segue conversando na escola?
Às vezes sim, às vezes não.

O que mais?
Rola, sempre rola. Sempre a gente fica com alguém né, professora?

Vocês vão juntos e sempre cada um fica com um?
A gente não entra, ah para ficar com alguém... A gente conhece a pessoa ou não conhece. Tipo, a última vez que a gente foi à festa, foi no final de semana retrasado... A gente foi à festa e era meu ex-namorado e eu fiquei com ele, que eu o conheci ele também na festa. Eu só fiquei com ele e aí deu, acabou.

E o Pedro?
A gente só ficou e deu... Estava todo mundo bêbado. Bebe muito: cerveja, vodca, tequila...

No outro dia?
Dor de cabeça... [risos] E no outro dia é sempre melhor. É que tem que comentar. E saí aquele comentário bah! Ah não sei. Alguma coisa que aconteceu contigo e as pessoas não viram. Na última festa, a última vez que a gente foi. A gente tava dançando, estava todo mundo bêbado era tequila dupla. Aí tu paga uma dose e vem duas. No meio da festa pegou fogo no cabelo da Mariele... Eu só vi aquela coisinha no cabelo dela. E vi alguém dando um tapa na cabeça dela... E ela ficou assim... Sem saber o que estava acontecendo.

Foi de cigarro?
Caiu. A gente tinha comentado. A gente debocha muito eu e o Patrick. O Patrick dança tri bem. Ainda mais quando ele bebe. Dança pagode, *funk*... No *funk* ele enlouquece. A gente estava comentando que as gurias estavam tudo dando em cima dele e ele nem aí... Ele estava viajando no meio e das gurias dando em cima dele e ele... Nem aí! Adora dançar; ele dança, dança junto.

Junto deve ser difícil...
Capaz, facilzinho. Eu acho que na festa... Aqui é todo mundo, mas... Aqui no colégio as pessoas não se conhecem não se falam, não mantém contato, todo mundo mais fechado, no grupo deles, no grupo de cada um... Na festa todo mundo se abre. Na festa tu faz o que tu bem entende e ninguém dá bola. Como se tu tivesse dançando, ali dançando meio louca assim e todo mundo diz olha lá aquela louca dançando. Na festa não, na festa [dizem]... Ela está feliz. Liberta-se da timidez.
Depois de beber?
A gente já chega dançando... Chega a fim... A companhia é o mais importante. Se não for com companhias legais...

E não dá para conseguir na festa?
Dá, mas não é como sair de casa todo mundo junto. Às vezes vai para casa de alguém...

Tu vais todos os finais de semana na festa? A mãe deixa?
Não é por deixar, é por querer. Eu não é... Todo final de semana eu não vou.

Cansa?
Cansa.

Uma vez por mês?
Ainda mais agora, tendo que estuda...

E grana?
Sempre consegue. Pai, mãe, vó... Consegue antes, mais barato... Sempre tem os amigos que a gente consegue.

O que tem de melhor nas festas?
As companhias, claro. Depois o clima como festa. O clima depende da música depende muito da música. Pagode é tudo assim... Toca na festa as três mais assim... Pagode, eletrônica e FUNK;
É sempre um ritual. Tu chegas e está tocando eletrônica para se pilhar. Aí começa uma banda de pagode. São sempre duas bandas. Começa uma banda de pagode uma hora e meia de show. Acaba e começa FUNK e aí depois outra banda de pagode e acaba com eletrônica de novo para ti querer ficar mais. Para mim acaba 6:30h Amanhecendo... Eu sempre volto para casa amanhecendo.

Camila – novembro/2010

Quais festas que tu vais?
As únicas festas que eu vou são as *fests*, que é um bar, alguma banda aluga e daí faz um festival pequeno com as bandas da cidade, ai tipo vai todo mundo que gosta das bandas. Tipo nós vamos. As bandas tocam e a gente fica ouvindo. Mas não é uma FESTA.

Isso não é uma festa?
Pois é... É que festa normalmente as pessoas consideram com bebida, música, dança, conversa e essas coisas...

E esses lugares onde tocam as bandas não...?
É que são coisas muito pequenas. Tipo é um lugar assim... Ali no canto está a bateria, os cabos da guitarra, do violão, do microfone aí o pessoal toca. Aí tu tens que fica só vendo.

Onde são essas festas?
Normalmente em Rio Grande ou é no bar central. O bar central é ali na... Esqueci o nome da rua... Sabe ali onde tem o SINTERG? Ai tu pega essa rua aqui né? Aí tu pega essa ruazinha aqui, dobra ... segue. Que tem uma escola até... Na esquina da escola é que tem o bar central. Embaixo, normalmente ali as pessoas ficam, tem um bar em baixo, com as pessoas mais novas e em cima é que tem o salão. *Fest* começa umas cinco e meia da tarde e vai até as onze, meia-noite.

Tu vais sozinha?
Vou com uma amiga, mas eu encontro um monte de gente conhecida lá. Gente do meio onde eu convivo, né?

E nesse lugar tem alguém aqui da escola?
Aqui da escola muito pouco, quase ninguém. Tipo o ano passado eu vi umas gurias que agora estão começando a conhecer esse mundo assim de música *emo*, essas coisas assim.
Elas vão quando vem uma banda de sucesso que toca em Porto Alegre, CLUBE TRÊS. As outras bandas da cidade que quase ninguém conhece elas não vão. Quase ninguém da escola. Só eu e a minha amiga, que é a Natali da [turma] 33.

Como tu achas que são essas outras festas que tu dizes que são diferentes?

As outras festas começam depois da meia noite, tem muita bebida, rola muitas drogas, tem muito mais pegação do pessoal do que nos *fests*.

O que é pegação?
É só ficando né?

E nos *fests* não tem?
Tem mais é bem menos.

Festa?
Uma festa que não é *fest.*
Recentemente eu fui numa festa... Uma festa que não é *fest.* Tipo, eu disse que fui na casa da minha amiga e fui na festa. Fiquei mal (RISADAS). Foi a primeira vez que eu bebi. Mas bem menos que uma festa... Não era uma festa tipo *Concentras*. Um amigo meu fez uma festa na casa dele. Uma festa aqui no Cassino. Tipo ele seleciona o pessoal que ele quer ou ele deixa aberto e o pessoal paga, tem bebida liberada e passa a noite ali bebendo, né.

E às outras festas tu não vais? Tu não vais porque tu não tens vontade...
Minha mãe não deixa. Tenho vontade de ir tipo quero conhecer, tipo eu nunca fui, então eu tenho vontade de conhecer, né. Tipo eu nunca fui. Tenho vontade de conhecer para ver como é. Para ver se eu vou gostar, porque eu não sou uma pessoa muito social né. Eu não vou porque a minha mãe não deixa.
Sexta feira eu fiz dezessete anos, então eu vou tentar começar a ir. Tipo eu tenho vontade. Por exemplo, a minha mãe não deixa eu sair para quase nada tipo eu não posso voltar tarde para casa. Eu não posso sair se não for uma coisa bem explicada e com quem eu vou, para onde vai e que hora volta. Não posso fazer quase nada também. Se eu quiser sair durante a semana também, sei lá, tipo qualquer coisa, eu não posso também. Tenho que ficar em casa. Não tenho vida social.

Qual a tua expectativa?
Expectativa? Conhecer bastante gente. Porque... Eu não bebia porque eu não tinha vontade. Porque também a minha mãe não deixa. Mas só que não tem como me impedir de beber. Se eu quisesse beber antes eu teria bebido porque bebida se consegue... Pessoal oferecendo não falta. Ai bebida isso não é o que eu quero, não gosto. Então bebida na festa eu não vou esperar, tipo eu não quero mesmo. Detesto cigarro, detesto cheiro de fumaça. Então não é uma coisa que me atrai numa festa. Conhecer gente, ficar com pessoas é o que eu mais quero. Porque é a única coisa que eu tenho para fazer numa festa. Não gosto de dançar. Tipo eu não sei se vou gostar da festa porque eu não gosto de dançar.
Eu não gosto de dançar nada eu gosto de topo tipo de música. Eu não tenho preconceito com estilo musical... Escuto qualquer coisa. Pagode, forró funk, sertanejo, emo.

Preferes...?
Prefiro sertaneja. Pagode também gosto. Funk eu também gosto. Ou qualquer coisa. Só que eu não sei dançar, né?

Tu achas que a festa tem alguma coisa a ver com a escola?
Eu acho que a escola tipo serve para ti conhecer. Tipo tu conhece, tu forma teus amigos na escola, muitas vezes, e são com esses amigos que tu vais a festa. Tipo tem gente na escola que tu só vê nas festas. Só se relaciona nas festas. Muitas vezes, os guris, as gurias só ficam na festa e na escola nem se cumprimentam.
É tipo ficam nas festas e na escola não se falam, não se cumprimentam, tipo se cumprimentam, mas é só uma coisa de festa. Tipo, eu ti conheço, mas é só uma coisa de festa, aqui não.

E o que aconteceu nessa única festa?
Me chamou a atenção que as pessoas não sabem beber... As únicas pessoas novas assim era eu e a Natalie, nós tínhamos tipo 16/17 anos e... O resto do pessoal era o pessoal da faculdade. Tudo acima de 20, 22. Muita gente bebeu demais e passou mal. Tipo teve gente vomitando pelos cantos. Teve gurias que passaram a noite inteira dormindo. A Natali foi uma. Beberam até apagar e depois caíram na cama e dormiram. Até às 6 da manhã. Tem gente que não bebe realmente. É raro. Tinha uma guria que não bebeu. Tem gente que sabe beber moderadamente. Mas a maioria das pessoas não sabe beber. As pessoas bebem, bebem, bebem e ficam mal, não aproveitam nada.

Ou então fazem que nem um dos meus amigos que ele tipo estava bêbado demais. Foi pegar o carro e bateu o carro. Bateu no carro de outro cara que estava na festa. E daí deu um baita prejuízo. Tipo ele pegou o carro e não sabe porque tipo ele estava *bêbado*. Ele pegou o carro por pegar, ele não ia para nenhum lugar.

Por que tu achas que as pessoas bebem?
Bebe porque não tem consciência, porque não é uma coisa necessária. Mas eu vi que quando tu bebes tu ficas mais solto assim, tu não te preocupa mais... Tipo não vou fazer isso senão o que os outros vão ficar pensando de mim. Tu não te importa com nada quando tu bebe. Tu perdes a noção de sociedade ali. Aí eu acho que as pessoas bebem por isso. Porque não é uma coisa boa, é ruim. Eu não gosto de bebida, é muito ruim e eu acredito que todo mundo ache. Então eu acho que o único motivo para se beber mesmo é se soltar... Fica...

Então tu achas que as pessoas se soltam...?
Eu comecei a dançar...

Então tu dançaste?
Com a minha amiga, mas só depois de beber, antes disso eu estava quieta. Quando eu comecei a beber... Eu nunca tinha bebido. Geralmente quando as pessoas bebem começam com cerveja. Eu comecei com a tequila. Eu tomei quatro doses de tequila e tomei cerveja e tomei caipirinha e tomei coca cola e misturei um monte de coisa. Eu não tinha comido nada o dia inteiro.
Passei mal na madrugada. Mas eu percebi que sou muito forte na bebida porque eu fiquei mal, fiquei bem pouco mal. Sabe de ficar bêbada? Eu não fiquei bêbada. Fiquei alegre assim, no brilho. E daí eu vomitei porque eu não tinha comido nada e acho que o álcool me fez mal e aí eu dormi uma hora, me colocaram na cama com a minha amiga, que ela tinha desmaiado tinha caído na cama e dormiu. Me deitei as duas horas e aí as três horas eu saí e aí tinha gente caída nos cantos bêbada, tinha pessoas vomitando e tinha as pessoas que ainda estavam de pé. E aí eu já estava bem, já tinha passado a minha, o efeito do álcool.
Eu não sei explicar, mas parece que tu fica mais alegre. Tipo tu fica mais leve, tu fica mais solta, solta. Não sei é uma coisa que... a sensação é boa. Tu ficas livre naquele momento.
Antes eu achava que não era necessário... Eu consigo aproveitar uma festa sem beber né... Tu consegues, mas com o efeito do álcool é muito melhor, porque tu ficas mais alegre, mais eufórico, tu fica melhor. Tem gente que bebe e fica depressivo...Tem gente que bebe e fica chato. Tem gente que bebe... e fica triste.

Tu achas que as pessoas vão às festas para que?
Para pegar outras pessoas. Para ficar com outras pessoas, para fazer alguma coisa, para se divertir. Porque eu não fiquei com ninguém nessa última festa que eu fui, mas eu não me diverti muito porque eu passei a noite inteira cuidando da minha amiga. Eu dormi, acordei as três e passei até as seis e meia cuidando dela.
Não aproveitei nada. Mas as pessoas vão para as festas se divertir, para conhecer gente nova ou então só para sair de casa. Eu detesto ficar em casa. Então eu adoraria poder sair a qualquer hora. Tipo, sábado de noite não estou a fim de ficar em casa, eu vou a uma festa. Mesmo que não fosse para beber... Só para sair. Tipo para ter um ambiente mais alegre. Eu acho que faz bem.

Tem alguma coisa que seja semelhante entre a escola e a festa?
Quando vão para festa, ficam, vão juntos, mas na escola não. Ou às vezes as pessoas se conhecem na escola, formam amigos na escola e vão, trazem os amigos da escola para as festas. Tu és minha amiga, tipo eu vou á festa contigo e daí fica comentando...
Mas eu acho que não tem relação entre festa e escola.
A escola é totalmente oposto da festa, a festa não tem regra na festa, tu fazes o que tu quiser. Qualquer coisa tipo beber, fumar, cheirar, dar... E na escola é aquele ambiente tipo tu não pode beber, tu não pode sair fora da aula no horário permitido, tu não pode... Sabe, é aquele negócio regrado. É aquela coisa tipo é assim e tu vai andar assim e não sai fora disso. A festa não, a festa tu vai pelo caminho que tu quer. Eu acho que não tem relação. E uma coisa totalmente oposta à outra.

E por que a tua mãe é tão receosa de te deixar ir às festas?
Ah, é que minha mãe é assim né... É uma história longa... [risadas]. Porque quando eu tinha... Posso contar a minha história longa?

Porque quando eu tinha 14 anos, não é quando eu tinha 13 anos, tipo uma amiga da minha mãe uma vez viu eu ficando com um cara e falou para a minha mãe. Até então minha mãe não sabia que eu ficava com outras pessoas. Aí ela me colocou de castigo. Aí eu fiquei acho que 3 meses de castigo, tipo eu não podia sair de casa. Porque antes disso eu tinha liberdade. Tipo eu saia só não ia à festa porque eu era muito nova, mas tipo eu saia de casa, eu podia sair de casa. Aí eu fiquei de castigo uns três meses aí a minha amiga, a Natalie, foi lá e pediu para eu sair com ela para eu ir na FEARG. Minha mãe disse tu vais, mas tu vai voltar para casa às 11 horas. Senão eu nunca mais vou confiar em ti.

O que tem que acontecer para que a festa seja boa? Quando a festa é boa?
Eu acho... Depende do objetivo que tu vai para a festa. Tem gente que vai para a festa para beber e acha com isso que a festa é boa se tu beber até cair. Tem gente que vai às festas para ficar com as pessoas... Uma festa boa é conhecer gente nova, tipo uma festa é boa... Uma *fest*, por exemplo, é quando eu não conheço ninguém ou tipo eu fico isolada ali, só eu e a Nati. Tipo eu não converso com ninguém, sabe...
Não gosto de dançar... Não sei dançar nada, Não tenho preconceito com nenhum estilo musical. Sertaneja, pagode, *funk*. Eu gosto de qualquer coisa, eu ouço qualquer coisa.

Numa festa tu conheces gente diferente...?
Sim, tu conheces as pessoas na escola e leva para a festa. A escola é um ambiente tipo tu não podes fazer qualquer coisa na escola. Na festa não tem regra, tu faz o que tu queres.

Pedro novembro/2010

As festas que tu vais? Como são?
Eu vou mais na *Diesel*. Aqui no Cassino mesmo. Tem a *Diesel*, tem o *Concentras*. Toca pagode, eletrônica.

Gostas mais de que?
Eletrônica e *funk.* Não gosto muito de pagode. Gosto mais da *Diesel*. Pelo lugar, pela festa em si, mais pelo lugar. A gente gosta de lá, a gente se sente bem indo lá. Pelo espaço físico, é bem grande. A gente fica na parte de cima lá. A gente não se mistura assim com todo mundo, sabe? A gente fica assim mais nós, tipo uma parte mais VIP mesmo... Como se fosse... Não é VIP, é como se fosse entendesse. Aberto, assim, mas só que não vai todo mundo lá para cima. Tem mais espaço, a gente se sente melhor sabe.

Tem que chegar mais cedo para ir para esse lugar?
Não, sei lá, mas gostam muito de ficar lá, sabes... É mais calmo. Tu conversas, tu danças mais com teus amigos.

E embaixo como é?
Embaixo é para quem vai para dançar, se enlouquecer. A gente não curte muito.

O que é se enlouquecer?
É beber, fazer coisas...

E vocês ficam só observando?
É a gente fica cuidando lá de cima.

Então por isso que é bom festa?
A gente se diverte muito, a gente ri bastante. As pessoas caem lá embaixo. Bah, é um quadro. Elas caem... estão bêbadas sei lá.

O que tu achas mais legal das festas?
Antes eu ia para curtir mesmo, sabe? Eu acho que mudei muito o meu conceito. Antes eu ia para curtir com as gurias, ficar com as gurias, mais para procurar mesmo. Agora não, eu vou mais com meus amigos mesmo, eu vou mais é para me divertir. Eu ia para procurar guria para ficar, dançar, beber bastante, sabe?

E agora tu não vais para beber, não vais para dançar, não vais para encontrar as gurias?
Não é assim. Eu vou para encontrar gurias, mas já vou já... já falo antes de ir, não preciso ficar procurando na festa... Vou com contatos, com os guris já falo antes a gente vai em tal festa. E tal pessoa vai ir e tal. Aí já se fala antes, no MSN, antes... no colégio a gente conversa. Aí tem a relação do colégio também. A gente vai a festa com as pessoas do colégio também.

Como?
No colégio tu olhas assim, a pessoa está ali né só passa por ti, não conhece. Aí na festa às vezes ela bebe ou sei lá tu tem a possibilidade de falar com ela mais aí tu vê que ela é diferente, mais engraçada ou mais chata... aí tu tem a possibilidade de falar com ela, ver como é que ela é.

Tu gostas muito de dançar?
É, danço né... É que eu saio, eu já tenho uma habilidade.

Há muito tempo tu vais à festa?
Há bastante tempo. Mas eu acho que, sei lá, é da pessoa saber dançar, sei lá. Tem gente que não tem, não consegue articular os movimentos... Eu já tenho mais facilidade.

Dançar junto?
É junto. Danço com a Larissa, direto a gente dança... A gente dá show, como ela diz. A gente dança bem.

Fazem parzinho e vão para dançar então?
Às vezes a gente se encontra com as amigas dela. Uma vez a gente estava na *Diesel* ali. Aí, estava na parte do *funk*, aí eu convidei ela para dançar né. Tinha duas gurias atrás de mim... Só que eu não estava vendo elas. Aí, estava eu e a Larissa dançando, eu acho, a gente estava ali e a Larissa disse: Olha ali, olha ali... não sei o que e eu disse o que foi? As gurias estavam assim para ti (assoviou), estavam te cuidando.

E tu nem tinhas reparado?
Não, eu estava de costas, estava dançando.

Quais os motivos que te levam a ir a uma festa?
Para me divertir, encontrar com os amigos, dançar... Acho que é mais por isso mesmo.

Qual a frequência que vais à festa?
Depende também, se está todo mundo a fim de ir, se não estão... Depende da festa também. Se o dia estiver bom, se estiver ruim. Que nem hoje, no caso, hoje seria ruim ir à festa, porque está ruim, está frio, está vento. Porque aí não vai muita gente, não vai encher.

E as músicas que tocam?
A gente chega lá e eles botam eletrônica e *funk,* misturam um pouco os dois, enquanto o grupo de pagode se arruma, daí eles tocam, daí eles botam mais música enquanto o outro grupo de pagode se arruma também. São dois grupos de pagode. Aí no tempo que eles se arrumam tocam *funk*, eletrônica.

Se tu pensares na escola e na festa...Tu vês uma relação entre esses dois espaços?
Acho que sim, para ti combinar de ir, tu conhece gente que vai do colégio. Fica mais fácil, quando tu vais, tu acerta.

Normalmente tu curtes a festa com as pessoas da escola?
São. Normalmente é. Ou já foram.
Se tu vais na escola aí espalha que vai ter festa. Aí ela fala para a prima dela que fala para amiga aí vai indo, vai indo...Espalha...Por isso que eu te falei, tu já vai certo se tu já vai ficar com alguém, se tu vai conhecer alguém. Aí fica mais fácil. Tu conversas antes. Aí rola alguma, sempre rola ou não.

O que rola?
Rola mais é ficar mesmo.

A pessoa que ficas na festa não necessariamente tu a encontras ~~ela~~ de novo?

Não. Às vezes tu nem sabe quem é. Não encontra mais.

O que é ficar?
É tu conhecer a pessoa na hora e ficar com a pessoa. Fica um tempo
Rola... Se está bêbada... Se está bêbada às vezes é mais fácil.

Tu também perdes a vergonha se estás bêbado?
Eu não tenho vergonha. Se tiver que dançar no meio de todo mundo, eu danço.
Vi cheirando... maconha também... Tem gente que nem fuma não tem o hábito de fumar, mas nas festas sei lá o pessoal acaba fumando. Pela festa, sei lá porque.

Para dar um brilho?
Tem pessoas que nunca fumaram, não tem o hábito de fumar e vão as festas e... Para aparecer, sei lá. Ou para experimentar.
E tu aprendes com a vida. Sei lá tu aprende. Fica esperto.

Fala sobre isso...
Se tu ficas só em casa, se tu não sais. Tu não tens experiência com pessoas diferentes de ti. Numa festa tu não vais só com teus amigos. Vai ter gente que tu não gosta. Vai ter gente que tu vai ter que aturar mesmo. Tu aprendes muita coisa: a conviver com pessoas, a lidar com pessoas diferentes de ti, a lidar com gente diferente, aprende a ter paciência, a não se estressar, a falar.
Tem gente dançando, tem gente ficando, mulheres conversando, os caras, casal, casal até mais velho, pessoas ficando nos cantos, tem uns cantos para isso até. Aí tu vais nos cantos e tem um monte de gente se pegando...

Rola umas conversas mais cabeça?
Tem gente que quando bebe fica assim, fica mais sensível, sei lá. Tem gente que gosta de falar quando bebe. Eu fico falante, eu sou falante. Eu converso mais. Tem gente que fica triste, tem gente que fica feliz.
A Larissa mesmo fica muito louca. Acho que foi por isso que a gente se deu bem também assim. Sabes, a gente não se nega a fazer nada. Vamos fazer isso? Vamos. Vamos para lá? Vamos. Não tem aquela coisa, ah não estou a fim. Acho que tem a ver isso também. A festa também, não fica aquela coisa chata, ela fica quieta, eu fico quieta. Com nós não tem isso. Ou ela tá feliz ou eu to feliz.
A gente já saiu com um monte de gente, muita gente, muita, muita gente. Cada um de um jeito. Por isso que eu te falei a pessoa aprende alguma coisa. Porque se tu sai com uma pessoa tu tem que fica com ela ali umas 4/5 horas na festa. Aí depende de cada pessoa. Se tu sai com uma pessoa mais calma que tu e tu queres fazer mais coisa. Tu queres brincar e a pessoa não quer brincar contigo. Aí tu ficas quieto né? Tu aprendes a respeitar. Por isso que eu te falei assim. Tipo aprende mais com as pessoas também.
Eu gosto de conversar mesmo. Eu sei ver quando a pessoa tem algum problema alguma coisa, eu acho que foi assim que eu fui vendo.

E tu achas que a festa te ajudou a ver mais as pessoas?
Eu gosto de conversar mesmo. Eu acho que foi assim que eu fui ... Gostava mesmo de fazer isso. Por isso eu pensei em fazer Psicologia.
Eu gostava mesmo de fazer isso. Só que eu não sei o curso como é que é. Eu não sei como é que vai ser o curso.

Pegação? E rola transa nas festas?
Eu nunca vi, mas eu acho que sim, acho que sim. Mas tem um lugar para isso. Na *Diese*l tem uma parte lá embaixo que não tem telhado, assim para ti pegar ar. Se tu tiver cansado, tens uns bancos até. Eu já vi gente, uns por cima dos outros. Acho que eles ficam ali sabe. Eles se conhecem e vão para ali, que é mais calmo, tem menos gente.
Eu acho que foi a partir das festas. Tu aprende a lidar com pessoas bem diferentes. Eu acho que foi isso. Eu tenho o meu jeito e eu quero que ele entenda. Não é bem assim.
Eu tava falando isso na aula da xxxxxx[nome da professora], ela é muito ignorante. Ela não gosta que ninguém fale na aula dela. Ela fala para ti como se tu não pudesse falar nada para ela.
Ela diz *Tu me desrespeita*,..Tá xxxxx [nome da professora]. E ela diz: *Tu não fala nada*. Ela passou a aula toda falando disso. Que ela foi num colégio que não eram assim que nem aqui, falou um monte de coisa. Aí as gurias começaram a falar. Aí todo mundo começou a falar, e ela disse *Viu*...*Não dá*

para falar com vocês... Aí não teve condições. Ela disse que se estressa nas aulas dela, mas é claro. Ela não conversa. Não deixa ninguém falar com ela.

ENTREVISTAS 2011

Marysabel /2011

Fala sobre as festas e a tua relação com elas
Eu adoro festa, mas agora ultimamente eu não tenho ido mais porque faz quase um ano que eu estou namorando e meu namorado é meio chave para essas coisas. Tu o conheces, ele não gosta. E não gosta mesmo, então a gente sai às vezes, porque eu insisto muito. E também porque ele quer fazer as minhas vontades, às vezes.

Quais festas tu costumavas ir?
Olha, quando eu era solteira eu ia praticamente a todas na cidade. Mas agora, como eu estou namorando eu saio mais quando tem no Cassino aqui. No *Salento*, *Eventual.*
O que tem nas festas que tu gostas?
Eu gosto de conversar com meus amigos, de conversar, de dançar. Eu adoro dançar. É basicamente isso. Beber!

Mas conversar tu pode conversar em outros lugares, beber...
Vê gente, vê gente diferente eu gosto.

Dá para conversar numa festa?
Dá. No *Salento*, por exemplo, dá.

E sobre o que vocês conversam?
Ah, fofocas, sobre os outros, sobre quem fica com quem, os gatinhos, delas, né? Porque eu não tenho mais... Não coloca isso, senão ele me mata.

Por que achas que as pessoas gostam de ir à festa? O que elas fazem na festa que não fazem em outros lugares?
Boa pergunta. Eu acho que lá nas festas, elas se soltam, né? Bebem e aí fazem coisas que elas não fariam num dia normal assim.

O que, por exemplo?
Ah, se tu estás a fim de um carinha, vai lá e fala mesmo... Fica se exibindo... Eu acho que é essas coisas.

Mais alguma coisa?
Não sei, acho que é isso

E a escola?
Eu venho à escola para estudar.

Tem relação entre a escola e a festa?
Tem. Os amigos. Ficar junto com os amigos, na festa também. Só também.

E que fazem na escola que também fazem na festa? E estaria fora das regras da escola?
Ah, pegação, né?

O quê?
Pegação. Eu acho que uma coisa normal tudo bem, mas agora ficar se agarrando no meio do colégio eu não acho legal. Na festa tudo bem, mas aqui...

Por quê?
Ah, não sei. Porque é normal na festa, na noite.

E o que é essa pegação?

Fica se agarrando. Num canto assim. As pessoas se agarram, os jovens.

Quando tu vais à festa? Como é que tu combinas?
Eu vou pelas minhas amigas. O que elas gostam de fazer eu faço

Como tu te articulas para ir à festa?
Ah, dependendo do que vai tocar também.

Como tu combinas de ir à festa com os outros?
No colégio.

No colégio?
É. Ou *internet*

Tu vais às festas com as pessoas que estão aqui na escola?
É. Exatamente.

Sempre com essas pessoas da escola?
Não. No final de semana passado eu saí com meu sogro e com a minha sogra. Eu te vi lá, no Afina Samba. Foi lá que eu te vi?
Não, eu não fui.
Eu não saí no final de semana passado.
Eu te vi numa festa sem ser aquele dia da nossa festa. Eu te vi dançando.Te vi, não estou louca. Eu te vi e tu não me viu. Eu tenho certeza.

Acho que não era eu, mas... Ah, no dia da festa que vocês fizeram para arrecadar grana para a formatura? Naquele dia sim.
É. Acho que foi então. Mas tu não me viste, né? Eu te gritei, mas tu não me viste.

Então tu te articulas na escola ou internet por e-mail?
Não! *Facebook*, *MSN*, no bate papo ali

Além dessas agarrações, tem algo que se aproxima da festa na escola?
Acho que umas querem ser melhores que as outras.

E na festa também é assim?
Também. Uma quer estar mais bonita que a outra. Tem muito essa competição. De quem está vestida melhor... Quem está...Tem muito isso e na festa também, mesma coisa.

Para vir para a escola tem toda uma produção?
Tem. Não adianta dizer que não, porque tem. Eu, por exemplo, eu coloco qualquer roupa para vir para o colégio, mas eu gosto de estar com o cabelo legal, essas coisas.

E as colegas?
Também claro

Então para ir para a festa tem toda uma preparação?
Ih... Se tem... Tem que vê, horas, dias antes tem que ver a roupa.

É?
É

Então não pode sair muito, senão tem que ter muita roupa?
É (risos)

Se tu tivesses que dizer entre festa e a escola, quais as diferenças?
Ah, eu acho que essa cobrança dos professores.

E na festa não tem cobranças?
Não... Aqui tu vens porque tu és obrigado, né?

E na festa?
Na festa é porque tu queres.

Existem coisas que aproxima festa da escola?
Acho que só os amigos.

Então os teu amigos são os amigos da escola?
São. Mas eu tenho amigos fora também.

Mas na escola tem mais? A relação é mais forte?
Não, é que eu convivo diariamente. Não que seja assim. Deixa eu explicar. São companheiros, entendeste? Amigos de verdade eu tenho uma só. Uma só mesmo. Tirando minha família: minha mãe e minha irmã. Mas que eu confio para deixar a minha vida na mão de amizade mesmo eu só tenho uma

E tu gostas de vir à escola?
Agora não. No fim do ano eu não agüento mais. Tô louca que acabe de uma vez. Mas no início do ano eu gostava.

Tu disseste que vens na escola por obrigação?
Não.

Não?
Eu não venho só por obrigação. Porque se minha mãe não tivesse nem aí para mim, eu iria querer.

Por quê?
Ah, porque eu acho que é necessário.

Mas tu falaste em obrigação. Relacionaste a escola com obrigação.
Mas tem um pouco de obrigação também. Tem um pouco de cobrança dos pais também.

Tu acha que é importante a escola para que?
Para ter um futuro, para ter um ensino médio.

E a festa tu acha que é importante para que?
Ah, para tu passares por uma fase da vida, né? Para tu teres experiência, sei lá.

Fala sobre essa experiência. Como assim experiência...
Sei lá para tu passar por aquilo, entendeu? Eu acho que tem que passar. Eu agora tô namorando, mas eu aproveitei bastante, entendeste? Eu curti bastante com minhas amigas. Eu fiz várias coisas. Se eu tiver que parar para contar. Tem muitas coisas que eu já fiz em cinco anos. Eu acho que foi bom eu não me arrependo.

Conta uma coisa legal que tu fez na festa? Que tu achaste legal que aconteceu?
Ah, o mais legal é diversão, assim... Sei lá, tu ficar feliz com teus amigos. Tem muita coisa disso, entendeu? Teve uma vez que, sabe a R? Ela quase caiu de cima do mezanino, foi muito engraçado, muito engraçado. Ela estava podre de bêbada e quase caiu de cima do mezanino, nunca vou me esquecer. Até nos vídeos que eu te dei tem vários vídeos das festas e das coisas que a gente faz. Muito engraçado, tu louca que tu vejas.

E aqui na escola, coisas que tu achaste muito legal?
Ah, eu acho que essa convivência com as pessoas.

Isso é o mais legal?
É.

Alguma coisa que eu não perguntei e que tu gostarias de dizer sobre a festa, sobre a escola...
Tem. Uma coisa que eu me arrependo. Quando eu comecei a ficar com o M, aí eu fui para uma festa por pilha de uma amiga minha que hoje não é mais minha amiga. E aí eu acabei ficando com um guri

que eu não estava a fim por pilha dela também. Sendo que eu estava ficando com o M. E até hoje eu me arrependo disso.

E por quê?
Ah, por pilha.

Por que tu te arrependes?
Porque depois que eu fiz isso eu percebi o quanto eu gostava dele.

Então foi bom de certa forma
Eu comecei a gostar dele de verdade depois disso. De verdade, né? Porque se eu gostasse dele como eu gosto hoje, com certeza eu não teria...

Vocês estão juntos faz muito tempo?
Um ano

Ele não gosta de festa?
Não, na verdade eu acho que ele... Porque quando ele não estava comigo ele não saia muito, mas ele saia de vez em quando. E agora comigo ele não gosta de jeito nenhum. Eu acho que é um pouco de ciúmes que ele tem de sair comigo.

E a festa que tu falaste, qual foi mesmo a festa? Falaste *Salento* e *Eventual, Saint Patrick*…

Que tipo de música rola? Qual a diferença entre esses espaços? Qual música tu gostas de dançar?
Eu gosto de dançar pop.

E o que diferencia *Eventual do Saint Patrick*?
Eu não sei assim... O Eventual vai mais gente mais velha.

E tu gostas?
Gosto também. Para mim... Eu gosto mais desses ambientes assim. Quando não tem muita criança.

E *Saint Patrick*?
Saint Patrick vai todo o tipo de gente. Vai gente mais nova, gurizada de13-14 anos.

Bem novinhos?
Eu já saia com essa idade.

É?
É.

E o *Salento*?
O *Salento* é mais para conversar, tomar uma bebidinha... Não é para festa, para dançar. Para tu ires conversar que nem o *Larus*.

Tu vais ao *Larus* também?
Vou, mais é mais clássico.

E o tipo de música que toca nos três lugares, o que tu preferes?
Eu gosto mais de dançar pop, mas

Pop?
Ah, música para dançar mesmo, tipo Tom Zé. Sabe? Mas barzinho assim eu gosto de Cazuza...

Então o que vais fazer nos próximos meses? Quais teus objetivos de vida?
Por enquanto eu e o meu namorado, a gente está juntando dinheiro, porque a gente vai para Santa Catarina e já tem começar a alugar daqui, entendeste? Por que chega lá e já não tem mais lugar nenhum. Já tem que começar a pagar alugar agora, se não, não vai ter mais.

Vocês já estão pagando aluguel agora?
Não ainda não. O primeiro vai ser esse mês, entendeste? Aí a gente vai para Santa Catarina, vai estudar e trabalhar lá. Porque também ele quer a carreira de surfista. E lá tem muito mais oportunidade.

E tu vais fazer uma faculdade?
Vou, eu quero fazer Veterinária.

E vais começar a trabalhar também? Em que?
Ah, em loja, né?

E já conseguiste alguma coisa?
Já, lá tem muita coisa.
Sim, ele foi para lá e em um mês ele conseguiu emprego

E quando vocês vão?
Em fim de novembro, quando eu me livrar do colégio. Quando eu passar em tudo.

E tu estás quase passada?
Eu tô. Só rodei em religião

E como ficou a relação com o pai e a mãe sabendo que tu vais para lá.. Os pais dele...
Ah, os pais dele, a mãe não quer. Porque acha que ele vai ficar sozinho, que ele tem que esperar um pouco, que a gente não vai conseguir se virar. Na verdade tem muita gente acha que não vai dar certo. Mas a gente está arriscando... Se não tentar... A gente quer ver porque a gente é novo ainda. Se não der certo a gente pega e volta. Pelo menos a gente tentou. A minha mãe quer que eu vá. Tem um lado dela que não quer... Porque sei lá ela me teve todo tempo do lado dela e agora ela não quer mais.

Tens irmãs?
Tenho. Eu sou a caçula.

Qual a idade?
Uma de 32 e a outra tem 28. Mas eu tenho irmãos que são filhos só do meu pai e as irmãs são só da minha mãe. Os meus irmãos, um tem 22 e o outro 19.

Bento/ 2011

O que entendes por festa? Qual a tua relação com a festa? Vais a festas? Não vais? Estilos de festas?
Eu comecei a sair não faz muito tempo, eu comecei a sair com 16 anos, hoje eu estou com 18. Então... Normalmente o tipo de festas que eu vou são tipo diga-se assim normais, que toca pagode, eletrônica, *funk*. As que têm por aqui, não têm nada muito diferente disso.

Normal, o que seria normal? Onde teria esse tipo de música?
Eu, eu não vou para a festa especificamente para escutar música. Eu vou com meus amigos para me divertir, conhecer guria. É esse o meu objetivo quando eu entro na festa lá.

Divertir?
Me divertir? Dançar, dar risada, beber. Ah. É agir como tu não podes agir no teu cotidiano normal assim. Lá na festa tu podes fazer... Tecnicamente né tu podes fazer o que tu quiseres, tu podes agir do jeito que tu quiseres.

Tecnicamente?
Tecnicamente porque como em qualquer lugar tu tens um padrão a seguir. Tu não podes fazer o que tu quiseres.

O que tu não podes fazer?
Na festa... Bom tem coisas. Bem, tu podes fazer, mas tu tens que estar ah... Ligado vamos dizer assim, como aqui no colégio. E não posso sair, vamos supor, eu vejo uma menina e vou ali conversar

com ela. Tipo, eu tenho que ver se ela tem namorado primeiro. Se não arranjas confusão. Tem toda, vamos supor, uma ética dentro da festa. Tu tens que saber. Eu não posso, eu não posso esbarrar em ninguém. Hoje em dia esbarrão é um briga. Se tu virar a cerveja no copo de alguém, no pé de alguém é um briga. Então tu tens que agir de certa forma. Tu não podes... Tu podes te divertir, tu podes te soltar, mas tudo tem um parâmetro, né? Ou 8 ou 80. Tu não podes ser aquele cara loucão, porra loca. Mas tu também não podes ser aquele cara sério que só fica olhando a festa. Tem esse paralelo que tu tens que respeitar. Tu não podes ultrapassar isso

Tipo de festa que gosta? Que lugares tu vai?
Eu vou ao *Salento*, no *Tabu,* no *Doha*, no *Moa*. No *Moa* é o que eu prefiro.

O que tem que tu preferes?
O ambiente eu acho. O melhor ambiente assim... Porque é, é maior. Tem ar condicionado e tudo mais. Então não fica muito quente lá dentro. Principalmente no verão. Tem tipo tem o Tabu, que antes era El Parador. Bah, tu saía no final, no final da festa dava para tu torcer a camisa.

Onde é esse El Parador? No centro ou no Cassino?
É aqui no Cassino, onde era a *Diesel*. Não sei se tu sabes? Era *Diese*l, ficou *El Parador* e agora é o *Tabu*. É o mesmo lugar. Só vai mudando, cada ano o nome.

O que acontece numa festa? O que costuma acontecer numa festa?
Depende da festa. Tem umas que acontecem a mais, outras acontecem a menos. Mas em geral assim... O pessoal fica com a guria e tudo mais, o cara fica com a guria, gente dançando. O diferencial da festa é briga, consumo de droga, quantidade de pessoas bêbadas. Vamos supor, no *El Parador* tu podes achar bem mais drogados que no *Moa.*

Então são diferentes?
É lá é mais fácil, vamos supor tu, não que tu consigas lá, mas tu ver gente no banheiro cheirado cocaína, fumando maconha. No Moa pelo menos eu nunca vi ninguém fazendo isso, mas deve ter. Briga fecha, geralmente fecha o bar no do *El Parador*, porque a bebida é mais barata, então o pessoal bebe mais.

E a escola tem relação com a festa?
É eu acho que a escola... O ambiente é quase como o de uma festa. É claro que tu estas aqui, tu devias estar para estudar, mas não sempre isso que acontece, né? Mas como em qualquer festa, qualquer lugar tu tem que te relacionar com as pessoas. Nem todo mundo na escola é amigo. Tem, tem... Tu até é conhecido das pessoas. Tu conversas, mas nem todos são teus amigos. Tem muita gente que tu não conheces de outras turmas. Então tu tens que agir de outra forma para não colidir, vamos supor, eu não posso desrespeitar alguém como em qualquer festa. Tu tens, tu tens um padrão uma norma, como assim, uma conduta. E aí claro o colégio me lembra a festa a parte que tu estás com teus amigos, tu estás dando risada Quando tu conheces alguma guria. O que acontece é mais ou menos a mesma coisa que na festa, só que na festa acontece mais rápido. Eu vejo uma guria bonita aqui na escola, que me interessa. Tá então eu vou procurar conhecer para depois falar com ela conversar... Se tu resumir tudo isso, tudo isso na festa vai ser eu indo lá conversar com ela... Só que aqui tu enche mais lingüiça. É porque muito... Na festa isso dá certo, mas se tu fazes aqui no colégio não. A probabilidade é menor.

Por que tu achas?
Para a festa as gurias vão com o espírito esportivo, eu não sei... Elas estão de bom humor, a maioria. Aqui não, eu acho... As gurias gostam de ser trovadas um baita tempo; não em festas. Nas festas tipo em uma hora tu... Às vezes uma hora é muito. Mas aqui não, tu tens que passar uma semana conversando aí tu vai lá adiciona no MSN. Tu adicionas no MSN, adiciona no *Orkut*... Aí a guria tem *Twitter* aí tu tem que..

Explica isso?
Por exemplo, quando tu vês normalmente tu não vai diretamente conversar com ela. Aí ela começa a olhar. Tu perguntas se ela tem MSN. Aí tu a adicionas no MSN, aí tu vais conversando no intervalo com ela, aí tu convida para sair. É o ato final, aí tu vês o que ela vai colocando. Amaciando a carne. Depois começa a conversar no intervalo. Pinta aquele clima e depois convida para sair. Na festa é

mais legal porque tem aquela adrenalina. Adrenalina porque na hora tu podes dizer uma coisa errada. Se tu faz uma coisa errada deu...

Coisa errada? O que é coisa errada?
Na verdade não existe coisa errada depende do contexto. Tem as furadas que tem. Ah, tem, vamos supor, tu chega e vamos supor... *Ah tu gosta de festa*? *Tu fazes o que aqui?* Eu estou bebendo... *Ah, eu detesto quem bebe*. Aí dá uma facada. Aí tu dizes, mas eu não bebo tanto. Tem que da o teu jeito, Tu te viras nos 30. Ah pois é, na real eu nem bebo tanto assim. É só balaca.

O que tu faz ou que as pessoas fazem que não esteja nas regras, dentro da conduta escolar?
É que tu tens que tentar manter uma harmonia. Cada um tem seu espaço na hora que tu entra no espaço do outro é que dá conflito. Então... Aqui no colégio como em qualquer lugar tem gente que tu não gostas. Mas não é por isso que tu vai fazer, vai ter discussão. Então tu tens que te manter. Como é que eu vou te explicar. É que aqui no caso tem autoridade sobre nós, tem o professor, tem a diretora, tem um rigor em cima de ti, te forçando a seguir essas normas. Caso tu não siga isso... Se eu brigo aqui no colégio eu vou ser suspenso. Se eu brigar na festa eu vou ser expulso. Não que eu goste de brigar. Não, não. Mas tem coisas que aqui no colégio na não consigo fazer. Não dá para fazer porque não se deve fazer. Tipo eu vou assistir uma aula, mas não deve se matar aula. Ah eu quero ficar conversando. Aqui no colégio tu tem em primeiro de tudo, tu tens uma obrigação. Nem que seja mal feito, mas tu tens que estudar. Depois tu queres conversar com teus amigos tudo bem. Tu não podes ficar só festiando na sala de aula. Tipo ficar dormindo na sala de aula

E na festa?
A festa tu não tem obrigação de fazer absolutamente nada. A festa é só uma desculpa para tu ir lá ouvir musica e ter gente mais ou menos da tua idade para tu conversares.

E tu conversas só com as pessoas da tua idade?
Não eu converso com quem está lá. Eu vou para a festa para conhecer guria. Não dou desculpa assim, para conhecer guria Mas aí tem quem vai que diz que gosta da música É mentira. Ninguém vai lá por causa da música. Pergunta no final da festa com quantos ela ficou? É tem música... Vai atrás... É...

Tu vais à festa sozinho? Com outros?
Não, sozinho não tem como.

Por que não tem como ir à festa sozinho?
Tu podes ter conhecido lá, mas tu não tens aquele teu amigo que tu possas chegar e ficar conversando com ele. Tu não ficas toda a festa atrás de guria e também ninguém... Na festa é como o colégio, tu vês grupos de pessoas. Tá tu vês todo mundo junto num ambiente menor. Tu vês que tem uns dançando ali, outros mais para lá. Tu vês que o pessoal está dançando junto, faz uma rodinha de amigo. Tu não vês ninguém dançando sozinho, vamos supor.

Mas isso tem alguma coisa a ver com segurança? Se sentir seguro?
Claro. Sim, para guri aquilo é aquela história de um dar cobertura para o outro. Porque tu te sentes mais seguro para fazer as coisas. É como no colégio tu, daqui a pouco tu... Sei lá. Tu podes achar que tem alguém... e tu anda por ai...

Toco?
Toco é quando a guria te diz um não. Sempre tem um amigo para te dar um consolo. Essa guria não presta mesmo, vamos para lá. Ah é, quando tu não consegues “essa aí não presta”

Tu combinas na escola: como tu combinas?
A notícia, a festa segue um cronograma... A festa segue um cronograma... Toda sexta tem *Salento*, Toda sexta tem tabu, sábado passado teve festa das engenharias... Tu vais te acostumando. Tabu tem quarta e sexta, no *Doha* tem sábado, *Efect* domingo tem no Cassino e na cidade... Normalmente a combinação sempre começa segunda e até sexta ou quarta tu vais combinar com quem e a que festa tu vais... Aqui no colégio, em sala de aula. Com quem vais, com quem volta, se nos encontramos lá... Combino aqui na sala de aula, quem vai, quem volta....Se vamos todos juntos ou nos encontramos lá

Quais regras poderiam ser mudadas?
Para te falar a verdade, eu acho que nada. Se existem essas regras é porque alguém já experimentou e viu que não dá certo sem elas. O que eu mais fico de cara é briga... É uma bosta (desculpa a palavra).

O que gera briga?
Muito menos, num olhar... Tem gente que vai para a festa para brigar, vai procurando isso. Às vezes do jeito que tu olha, o que tu olha o cara pode te encarar e... *O que foi? O que tu estás me encarando?* Não tanto quanto na festa, mas rola... Mas tu tens que manter. Não pode deixar ninguém te falar gracinha, não pode deixar ninguém ficar te encarando. Para manter a tua imagem tem que fazer alguma coisa.

Imagem de quê?
Imagem de homem

O que é um homem?
Não é o que tu és. É que tu tens que te adaptar lá. Não que tu sejas isso, tem que te adaptar a festa. Aqui no colégio o cara faz uma brincadeira no colégio, tipo eu dou risada junto com eles, e não sei o que. Mas depende. Se fizerem essa brincadeira comigo na festa eu já tenho que ver de outro jeito porque normalmente tu não queres ser chacota em nenhum lugar. Tu quer fazer piada do outro, mas tu não queres ser piada Tem essa hipocrisia assim. Então tu tens que manter uma imagem assim... Não parecer inferior, as gurias não vão gostar... Não vão ficar comigo porque os caras estavam rindo de mim, fazendo chacota, deu uma ombrada e eu não fiz nada Passou por covarde, não fez nada. Se tu estás com teus amigos tu cresces, né. Se tu estás sozinho fica na tua. Geralmente eu acho que tem gente de diferentes tribos que estão na mesma festa. Tu vai ficar com teus amigos; e sozinho na festa não dá certo. Eu tenho amigo, amiga, mas é complicado porque assim né... Se tu convidas um guri para ir numa festa, ele é teu amigo. Se tu convidas uma guria, tu queres ficar com ela. Não tem essa. Geralmente guria tu encontra na festa. Tem gente de diferentes tribos que estão na mesma festa, mas no geral da festa é que tu tens que te adaptar. Se toca pagode tu tens que dançar, pelo menos tens que saber dançar pagode, conversar sobre os assuntos que rolam na festa. Sobre música, trovar a s gurias, musculação. Tem uns caras que entram e falam... Eu levantei tanto peso. Legal, vai para casa descansar. É que normalmente as pessoas falam as mesmas coisas. Aí a festa se torna cansativa e as pessoas trocam... Ficam as mesmas pessoas e os mesmos assuntos. Vai sempre a mesma banda toca as mesmas músicas, as mesmas pessoas e em cada festa tu ages diferente...

O que mais conversam?
Combina outra coisa para fazer depois da festa. Tu ficas combinando o que fazer no outro dia. É uma parte que se torna igual ao colégio. Quando tu sais da festa tu sais com 3, 4 coisas para fazer durante a semana já. Tu arranjas gente vai jogar bola, arranja gente vai a praia, vai curtir, levar a guria para o cinema. Depende, se tu estás com gurias amigas a tua volta, aí tu já não falas tanto de guria, fica feio né? Até fica estranho. Se tu estás só com guri é aquela caçada mesmo. Não tem outra. Tu ficas escolhendo. Não que tu consigas ficar com aquela que tu escolhes. Não é bem assim que a banda toca. Fica falando de guria, né tu fica falando só de guria. Fica falando somente bobagem

Lana/ 2011

Eu gostaria de saber sobre as tuas relações com as festas. Se tu vais ou não vais.
Eu não sou muito de sair, até porque eu sempre tive namorado e trabalho, então é difícil de sair. Quando eu saio eu aproveito bastante.

E quais lugares que tu costumas ir?
Eu costumo ir à festa aqui no Cassino, ou a gente faz festa na casa de alguém ou no *Salento*, que é um lugarzinho mais calmo, assim.

E além do *Salento*, que outro lugar que tu vais?
Eu não saio muito.

Eu achei que saias mais até... Então vais mesmo é no Salento?

É

E o que tu gostas de fazer no *Salento* Por que tu gostas do *Salento*?
Ah, eu gosto de conhecer pessoas novas, eu gosto de caminhar, beber e conversar, rir.

Há quanto tempo tu vais a festas?
Quando eu comecei a namorar eu tinha 14 anos, então eu não saia,

Mas vocês não saem com os namorados?
O meu primeiro namorado ele não gostava de sair, então eu não saia. Aí a gente namorou 3 anos e eu não aproveitei nada assim. Aproveitei mesmo quando eu fiquei solteira.

Quanto tempo tu ficaste solteira?
Dois meses

E aí quais os lugares que fostes?
Final de semana no Salento, festa em casa

E como são as festas nas casas de vocês?
A gente junta todo mundo, de vez em quando a gente faz um churrasco. Um pouquinho de cada um. Ás vezes até é melhor fazer em casa.

Eu te achei tão à vontade no *S*alento...
Gosto, eu ia direto.

E o que tu achas da escola? Tu achas legal a escola, ela tem alguma relação entre o que fazem nas festas e o que fazem na escola?
A meu ver a relação entre e festa é escola não tem nada. A única coisa que tem é que tu encontras teus amigos aqui, dá para combinar alguma coisa, entendeste? Mas isso da para fazer pelo telefone, pela internet também. Eu não vejo relação nenhuma.

E o que achas que tem na escola de coisas interessantes. Tem coisas interessantes?
O aprendizado. E tu estar com teus amigos também. Mas não vejo nada relacionado com festa, assim.

De interessante na escola...
É ver teus amigos todas as manhãs, aprender as coisas... Está na reta final agora.

E já estás passada?
Já.

E o que achas que poderia ser diferente na escola. Alguma coisa te desagrada?
Não, e agora também se desagradasse não faria diferença porque eu já estou saindo. Eu não aguento mais. Não. Chega 3º ano, tu já está louca para ir embora. Eu sei que eu vou sentir saudade depois. Agora então que está no finalzinho, falta o que? Um mês? Como está custando a passar.

E tem alguma coisa que tu aches chato na escola?
Não, acho que não. Padrão. Porque todo mundo tem que ter. É obrigado a ter. Por causa do caráter da pessoa, da obrigação da escola, todo mundo tem que ter... Se tem alguma coisa chata é pessoal, não tem nada a ver com a escola.

Como foi essa decisão de fazer uma festa de formatura... Foi uma decisão do grupo?
Foi. Primeiro porque nosso colégio nunca teve uma festa dessas que nós queremos fazer, entendeu? Eu estou aqui desde o jardim, tem muitos que eu conheço há muito tempo. Então como a gente está saindo, a gente queria fazer uma despedida, queria fazer uma festa, fazer uma cerimônia com os familiares. Relembra o que a gente passou no ano, com as fotos que vão passar lá.

Imagens, coisas que foram mais significativas para vocês na vida escolar?
Acho que é os meus amigos, a R, a C, a B que saiu o ano passado também. Se a gente vê as nossas fotos de uns sete anos atrás, a gente se conheceu no colégio, é isso que marca a gente. E pode ser

que até o ano que vem a gente ligue para combinar alguma coisa de festa. Mas eu não sei se essa relação que a gente tem hoje vai continuar, entendeste... Por mais que a gente não queira.

Fizeste o ENEM?E aí?
E aí não sei qualé que é. Eu estava contando pelo acerto, mas é pelo peso da questão,né?

Tu queres fazer o que?
Nutrição em Pelotas, ou Educação Física aqui. Mas eu prefiro Nutrição.

Sabes te achei meio tristonha na entrevista. Foi pela reunião que tiveram?
Não, por causa desses negócios da formatura.

Estás te estressando muito?
Está me estressando, todo dia eu venho a aula de manhã e eu saio daqui e já vou para o serviço. Saio às 9 h e ainda tenho que resolver esse negócio da formatura, fazer trabalho, um monte de coisa na minha cabeça, entendeste?

Ainda faltam coisas para ti
Para que?

Para tu passares: notas, trabalhos...
Não, só em química que eu tô mal, o resto tudo eu preciso de 50, 60 para passar. Nada demais. Eu me esforcei bastante no 1º trimestre. Isso não é estresse.

E é a 1ª vez que tu trabalhas?
Eu já trabalhei com 16 anos, a dois anos atrás, na Quebra-Mar no verão. Mas agora eu quero um fixo. Eu queria fazer a faculdade, trabalhar, eu pagar a Anhanguera. Trabalhar e estudar, tô saindo do colégio.

E das redes sociais, quais a que tu mais usas?
Eu estou usando mais o *Facebook* agora.

E tu tens outras?
Tenho, tenho *Orkut, Twitter*, MSN

Então tu tens quase todas? Quais não tens?
[Risos] Sei lá.

E tu usas para que?
Eu uso para olhar as fotos dos outros, fotos principalmente. A gente compartilha coisas com os colegas. Combina coisas por lá.

E email, vocês usam?
Eu até uso de vez em quando.

Mas é mais raro, né? Eu percebi que a maior parte não usa...
E que geralmente quem usa email é quem trabalha; quem precisa de alguma coisa. A supervisora lá onde eu trabalho só usa e-mail, ela tem... Já a gente não. O que a gente vai fazer com e-mail, se tem o face?

E no *Facebook* vocês trocam outras coisas...
É...

E se tu tivesse que dizer em relação às festas...
A relação com os amigos, não só com os amigos, mas as relações sociais com gente nova.

Na escola também tem isso?
É diferente, tu estás acostumada, todos os dias tu convives. Já lá não. Conheces pessoas novas, diferentes, de outros lugares...

E vocês conversam sobre o que?
Que nem quando conhece uma pessoa. De onde tu vens? O que tu fazes da vida? O que tu estás fazendo aqui?

Já fizestes amizade em festas?
Já

E elas são mais passageiras ou não?
São mais de festa assim mesmo

E depois fazem outras festas, depois que se encontram, se conhecem?
Na festa a gente não combina nada. No outro dia, na outra semana, mas não no mesmo dia.

Como vocês combinam de ir para as festas?
Geralmente a gente combina uns dois dias antes. Ou se tem um aniversário, A gente combina, *vamos para o Salento*? Vamos

Mas onde?
Geralmente na aula, com as gurias. Aí as gurias que não são da aula a gente liga, a gente fala pela internet.

E passam uma na casa da outra ou se encontram na festa?
Às vezes vamos juntas, às vezes separadas. Às vezes nos encontramos lá.

E na volta?
Na volta sempre volta com o namorado ou meu pai vai me buscar.

E as gurias também?
Não, as gurias sempre foram... O meu pai já é mais protetor, mais cuidadoso comigo, entendeu? E elas não, elas não tem hora para voltar. Agora meu pai está me liberando mais porque eu fiz 18, posso chegar mais tarde.

Que horas? Meia noite?
Não [risos] 4 horas. Elas não, elas voltavam de dia.
Eu não culpo o meu pai, acho certo, porque tu vendo de fora é totalmente diferente. Tem coisas que eu acho feia.

O que tu achas feio?
Feio para uma mulher ela ficar louca assim. Voltar tarde para casa. Tu vê essas gurias tudo estrambelhada, cara borrada, sem sapato, bêbada. Eu acho feio, entende? É verdade. Se tu sai de manhã cedo num sábado, agora no verão, principalmente, tu vê.
Eu acho que se demoraliza. Tudo bem que em que aproveitar, eu estou de acordo, gosto de aproveitar também, mas eu acho demais.

E os homens, os gurias, o que tu achas dos guris quando fazem isso?
O homem eu também acho, mas eu acho que o homem é mais difícil até porque tem carro, vão com os amigos. Não ficam passeando assim, não costumo ver. Não sei se é porque a mulher me chama mais atenção. Sai de salto na mão, toda descabelada, com a maquiagem toda borrada, com bafo de cachaça. Já vi bêbada sábado de manhã, canso de ver. Eu tenho que trabalhar estar às 8h, então pego o ônibus 7h, para estar lá às 8h. Canso, cansei de ver guria bêbada no ônibus, quase caindo, falando bobagem, dormindo. Isso aí é demais.

E quando tu bebes, não ficas meio passada também? Ou não bebes a ponto de ficar passada?
Não, eu já fiquei passada. Mas não tanto, porque eu vou embora mais cedo e começo a tomar umas águas... Teve o caso, de uma amiga, não vou citar o nome, que ela foi com um tomara que caia para a festa e ficou bêbada e se sentou em cima do tomara que caia e ficou com as tetas de fora. Eu acho que isso tira a pose da mulher.

E isso foi onde, no *Salento*?
Não no *Concentras.*

E tu foste ao *Concentras* também?
Não, me contaram. Isso foi o comentário.

E quem te contou?
As gurias

E no Concentras tu não foste, então?
Não, até porque morreu um conhecido meu lá na frente.

João/2011

Tu vais a festas? Que tipo de festas que tu vais?
Eu gosto de festa mais tranquila, que não tenha muito movimento. Eu saio com minha namorada, então a gente procura evitar esses lugares que estão sempre cheios, entendeu? A gente vai lá para curtir, para fazer o que a gente não faz na escola normalmente, entendeu. É o que todo adolescente procura fazer. Ninguém vai querer dançar no meio da escola, ninguém vai querer sair rolando. A gente vai lá para ficar mais à vontade. Eu gosto do meio, meio que a gente fica mais à vontade... Curtir, dançar.

Que lugares? Tem algum lugar específico?
Eu gostava de ir na antiga *Diesel*. Gosto também numas festas que tem na SAC, uma pré que teve o ano passado e esse ano não teve. Esse ano teve o *show* do Luan Santana, aí fica mais difícil.

Como te organizas para ir à festa? Tu vais junto com outros? Tu vais sempre com a namorada?
A gente costuma de marcar na casa de alguém, por exemplo, o ano passado os guris passavam na minha casa, de lá ligava para a namorada e se encontrava nas festas. Era sempre assim, a gente ligava de lá, se encontrava e ficava se encontrando.

Como combinam?
Ah, vamos todos para a festa. A gente fala no colégio, MSN, celular. Ah, vai pintar uma festa boa, aí se junta aquela galera e aí vamos, vamos e todo mundo vai.

E vais sempre com um grupo?
Normalmente, a última festa que teve eu não fui, os guris me chamaram, só que não deu para eu ir. Aí foram as gurias e foram a uma formatura de penetra na SAC. A gente foi, eles marcaram. Foi todo mundo junto.

Conta sobre isso. Vocês costumam ir a festas de penetra?
Olha como sempre dizem... Dando para ir a gente vai. Tendo uma brecha, quando passa de uma certa hora, da meia noite, das duas. Os caras não estão mais olhando os convites. Então tu já sabes disso.

Estavas falando sobre entrar de penetra...
Não só na SAC que a gente entra de penetra, também festa de 15 anos. Isso porque é programado, na maioria das festas, chega um certo horário, tu estás fazendo a formatura, tu estás fazendo os 15 anos tu libera para as outras pessoas entrarem. Porque às vezes as pessoas querem ir a festa, é conhecido de um conhecido. Aí não conseguem um convite. Aí o outro que está lá dentro que é teu conhecido já fala para você. Ah, a partir de um certo horário vais liberar. Aí a gente combina, vai uma galera e a gente vai.

E o que acontece numa festa?
Na festa acontecem muitas coisas que não é a minha praia. As pessoas bebem muito, enchem a cara para tentar se libertar da vergonha, acabam perdendo a vergonha... As pessoas abusam da bebida, dizem para se soltar, eu acho bobagem. Eu gosto de falar as coisas na cara e ser direto sem precisar de bebida. As pessoas usam a bebida para ficar mais à vontade, para poder falar, fazer besteira, poder curtir mais

O que é fazer besteira?

Dar uma fugidinha no cantinho da festa

E fazer o quê?
O que der para fazer.

Como por exemplo?
Sexo!

É? E rola numa festa?
Acontece, se o cara tá a fim da garota e ela também. Também tem uma coisa que sempre acontece também. Se tu estás com uma garota numa festa e ela pede para ir ao banheiro. Ela não quer ir ao banheiro. Ela quer passar e olhar as outras pessoas. Por exemplo, se tu estás ficando com uma garota numa festa, tu está gostando da festa e lá diz. Ah quero ir no banheiro, é uma desculpa porque ela quer olhar vê se tem um cara mais bonito para continuar contigo ou não.

Mesmo? Isso significa que elas não têm vontade de ir ao banheiro?
A maioria não. Pode apostar.

Já visse isso, já vivenciasse isso?
Já vi. Amigos meus já viram isso. Porque eu nunca namorei antes. É a primeira vez que eu namoro sério. Os amigos meus saiam para olhar. Os amigos meus que estavam ficando saiam para olhar.

E na escola acontecem coisas que se assemelham a festa?
Ah, acho que sim. No colégio é proibido ficar agarrado, estava proibido até pegar na mão, mas sempre se dá um jeito. Ah, não está passando ninguém, vamos lá no canto. Vai ali fica namorando, dá uns beijos. Está proibido até agarrar na mão.

Por quê?
Ah, eu não sei. Dizem o diretor e a vice diretora que é porque os pais não querem. Mas não, é por causa do homoafeto, a relação homoafetiva, que a escola não tem como controlar e que a maioria dos pais não sabe. Isso de uns três anos para cá foi acontecendo muito... No time de futebol feminino, somente três garotas que não eram *gay*.
Como o diretor, a vice diretora não sabem como lidar com essa situação, preferem evitar tudo. Eles não vão falar não quero que garota e garota se beijem. Isso aí seria discriminação. Eles não podem fazer isso. Então o que eles vão fazer? Vão acabar com tudo

E o que tu achas disso?
Olha, eu acho que o ser humano evolui em tantas coisas tão simples não está evoluindo. Por que não aceitar, será que vai te doer ver uma menina e uma garota se beijando? Será que isso vai te doer? *Ah, a gente não está acostumado.* Como não estava acostumado a ver uma mulher separada, ela era mal vista agora não, é normal. Isso é uma coisa que é cultura.

E outras coisas que acontecem na escola e se aproximam que seria uma festa?
A relação com os amigos na escola, as festas que a gente combina a maioria dos amigos são da escola. Eu acho que surge na própria escola esse momento da festa. Tu falas para os amigos *ah, vamos para as festas*, *vamos sair de noite?* Começa na escola, você quer fugir daquele ambiente da escola, você quer fazer alguma coisa que não dá para fazer na escola, em outros ambientes, ser livre. Como se vocês tivesse na cadeia pegando uma condicional, vamos supor. Aí dá aquela fugida e depois tem que voltar.

Então a escola é uma cadeia?
De certa forma é. Porque isso que está acontecendo, parece uma cadeia. Essa forma de não deixar os afetos dentro da escola, entendeu?

Então qual a relação da festa com a escola?
Depende, eu consigo fazer essa semelhança da escola e das festas nas férias. Por exemplo, as pessoas reclamam quando está tendo aula e nas férias querem voltar para a escola para rever os amigos, sabe? Para rever os amigos e nas festas tu vais para rever os amigos, sabe? Na escola também, a maioria. É impossível passar esse tempo todo na escola, a gente tem algo lá, por

exemplo, ver a namorada todo dia, na festa também. Quando tu estás de férias, a maioria das pessoas quando chega na metade das férias quer voltar para a escola. Na 6ª série tu estás louco para chegar no 3º ano. Quando chega tu quer voltar para a 6ª série. Na escola se tu não aprendes por bem, tu vais aprender por mal. Você vai ter que correr atrás da sua nota, você quer ser alguém.

E tu achas que a importância da escola está em que?
Está em tudo, desde a comunicação, porque tem na escola sempre aquela pessoa mais tímida e aquela pessoa que fala mais, por exemplo. Eu no meu caso sempre falava mais, falava com todo mundo. Cheguei novo, cheguei o ano passado e falo com todo mundo, comecei a falar com todo mundo. Eu aprendi essa relação desde pequeno, em casa todo mundo falava. E eu peguei essa mania de falar.

Tu vens de onde?
Do Rio de Janeiro. Desde o jardim eu já falava, eu cheguei lá. O pessoal chegava no jardim chorando porque não queria, criança, normal, criança não queria ir para a escola. Eu fui bem acolhido pelos meus amigos, então eu peguei essa mania de ser acolhedor, falar com todo mundo. Conhecia uma pessoa, já perguntava que horas são, se o dia está assim... Na fila de banco, fila de lotérica, então

E há quanto tempo estás aqui na escola?
Faz dois anos.

Vieste em função da família?
É. Por causa da minha mãe.

A tua mãe veio para cá e tu vieste junto?
É

E tu achas muito diferente a escola de lá e a escola daqui?
Eu achei que as pessoas eram meio fechadas, não falavam muito. As pessoas sempre têm um pé atrás com você. No início as pessoas ficam meio assustadas contigo... *Ah, o cara do Rio de Janeiro, vamos ver como é a dele antes de começar a falar com ele.* Parecia que queriam me revistar antes de falar comigo

E rola ir à festa sozinho?
Muito raro.

Tem alguma razão para ir à festa com outros?
Fica mais a vontade, porque tem aqueles guris que gostam de ir a festa com os com os amigos para chegar naquele grupinho de garotas, elas sempre chegam juntas. Não tem como você chegar sozinho numa garota, os amigos também servem para isso. Também a gente faz amizade em festa também, a gente conversa. As pessoas dizem... Ah vamos ao show juntos? Ah, vamos!

Não tem nada a ver com a questão de segurança, de se sentir mais seguro?
As garotas talvez. Às vezes *ah o pai deixou eu ir para a casa de fulana*, ah, *então vamos todo mundo com ela que o pai vai levar e um outro vai buscar muitas vezes. Só que isso acontece mais com as garotas.* Na sala de aula, com nossas colegas, elas vão juntas, vão com as colegas, até por causa de segurança. O pai de uma vai deixar porque o pai de outra vai levar. Uma garota voltar sozinha tarde da noite também é perigoso.

Então com as gurias da aula vocês costumam ir?
Sim, vamos, somos todos colegas ali. A gente costuma sair, não muito, mas saímos. A gente sai juntos se diverte. Às vezes a gente vai fazer uma janta na casa dos colegas. A gente costuma marcar uma jantar, uma lasanha, uma pizza. Vai junta uma galera, a gente vai se come brinca, se diverte, mexe com o outro, se xinga... É bem legal... É na casa dos pais dela, os pais dela estão lá, a gente fala besteira... Mas a gente faz mesmo assim. Eu tenho 19 anos na cara, eles me deixam voltar tarde da noite, mas querem saber onde é que eu estou. Se eu disser, eu vou voltar às 6 horas da manhã, eu tenho que estar às 6 horas da manhã em casa. A hora que eu botar um horário eu tenho que estar em casa.

Lembrei, estávamos conversando sobre a importância da escola, falaste que é importante em relação a tudo, inclusive a comunicação..., falaste da relação com os amigos... que mais?
Eu acho que é isso, além de aprende... Olha aqui eu acho que a gente aprende mesmo não é na escola, é na vida mesmo. Tu vai chegar na escola tu vais aprender o beabá, vais aprender o básico mesmo. Chega na vida, a vida vai te mostrar que não é só aquilo, tem um complemento mais da escola, da faculdade, tem uma coisa que só no dia a dia que se você não aprende você vai ser passado para traz numa empresa, se você não for inteligente o suficiente. O mais importante a gente aprende fora da escola, no dia a dia, na vida. Cada pessoa vai ter o seu modo de pensar de acordo com o que ela vai viver.

E a festa?
A festa eu vejo às vezes como uma selva, porque... Porque tem às vezes aquela coisa, o cara solteiro vai sair, ele avista uma garota. Mas vai ter um monte de caras ali, um monte de homens, claro que não é só ele que vai reparara naquela garota bonita. Então um ou outro vão tentar disputar para ver quem vai chegar naquela garota, quem vai ficar com aquela garota. É meio que a luta de um macho para ver se vai acasalar com a fêmea, sabe? Parece um pouco *Geografic Chanel.* Se tu pegares uma festa, gravar uma festa e ficar analisando, é bem isso.

E na escola não acontece isso?
Acontece também. Teve até briga agora. Eu estou com a minha garota, tu olhou para a minha garota, agora tem isso agora.

Na escola ou na festa?
Na escola também, na festa também acontece isso.

Que outras coisas tu achas que acontecem na escola que pode ser considerado “transgressão”, coisas fora da norma?
Fumar qualquer tipo de coisa.

Fumar qualquer tipo de coisa? Fumar maconha, por exemplo?
No ano passado era insuportável... Atrás do pavilhão

Sentiam o cheiro?
Direto, insuportável, pior que todo mundo sabia quem era. Só que ninguém falava nada, ficava todo mundo quieto. Não sabiam ou fingiam que não viam. Era um fedor no corredor do colégio.

Esse ano acabou?
Está acabando. Diminui a maconha e aumentou o uso do cigarro. Pode ver, estão fumando antes de entrar no colégio. Antes e também fumam dentro do colégio. Por isso essa norma de botar cadeado no banheiro do colégio

Em que aspectos a escola poderia ser diferente, para se tornar lugar mais agradável?
Eu acho que ela poderia ser mais flexível. Naquele aspecto que falei de tentar barrar qualquer tipo de afeto entre homo ou heterossexuais. Acho muito errado. Conversar com os pais. Todo mundo sabe que o que é proibido é muito mais gostoso. Então a pessoa vai proibir só que não vais adiantar nada, vai continuar fazendo. Então eu acho que se tivesse uma conversa entre ambos, pais e alunos, acho que poderia melhorar. Porque um beijo, não ia fazer mal. Aí acontece outro tipo de coisa, tipo não beijo, mas amasso. Tu não és obrigada a ver aquilo, um aluno se esfregando no outro ou uma mulher se esfregando num cara, tu não é obrigado a ver. Isso é baixaria. Pode mas até certo ponto. Só que proibir beijo, dar a mão no colégio, eu acho assim... Eu acho uma atitude não pensada por parte do diretor e a vice diretora.

O que estavas falando que acontece na festa?
Filhinho de papai, filhinha de mamãe que não querem ver direito. Vão para a casa das amigas, botam uma roupa diferente e chegam lá trocam. Botam uma minissaia, botam decote, botam isso... Estão usando muito isso.

Tu relacionaste festa muito com a s relações sexuais, relações amorosas, tu achas que isso é o foco?
Na maioria das vezes.

Por que tu falaste que a escola era que nem uma prisão, e tu te sentes mais livre na festa?
Se está chovendo na rua, ninguém vais querer dançar na rua. A festa é o lugar em que juntamos adolescentes e eles meio que se libertam, entende? É uma coisa que eles podem ser eles ali. Eles bebem, fumam... Mas eles acabam se libertando.

Beatriz/ 2011

Fala sobre as festas que costumas frequentar...
Olha, eu costumava ir bastante direto, saia todo fim de semana com amigas, aproveitava, ia bastante à *Diesel.* Tinha ali adiante. E, assim oh, a gente passava a semana inteira planejando a festa. Tentava combinar, juntar o maior número de pessoas que fosse a fim, para a gente realmente se divertir, dançar, tirar foto. Que era um momento assim, vamos esquecer, vamos focar ali na festa. Aí passava a semana inteira pensando com que roupa ia ir, que sapato ia ir, com não sei o quê... Aquela coisa, né? Com quem será que vai ficar, vamos ver quem vai arrumar, vai ter alguém que vai voltar arrastado para casa, vai beber demais, quem é quem vai ter que inventar desculpa para os pais. E a gente acaba se divertindo, tanto no preparativo quanto na festa e depois também. Aí depois eu passei um tempinho sem ir. Agora que eu estou voltando. Agora é diferente porque eu estou voltando compromissada.

Como é isso compromissada?
Namorando

E qual a diferença disso na festa?
É que eu acho que é assim... Solteira tu não te preocupa se alguém vai ficar na tua volta, se vai te oferecer uma bebida. Até tu queres isso, né. Tu queres curtir, aproveitar, quer paquerar e tal. Daí tu te arruma mais para te exibir um pouquinho. Para querer que olhem, querer que parem. Aí namorando tu já vai um pouco mais comportada. Vai te preocupando em curtir, mas mais curtir com aquela pessoa ali, né? Não tem que ficar caçando, procurando. Eu bebo bem menos namorando, bem menos. Mas dança igual, aproveito igual, eu adoro dançar. Acho que é isso.

E essa festa que tu gostas de ir, como é mesmo o lugar?
Eu ia muito na *Diesel*

Fala um pouco da Diesel
Agora não tem mais a Diesel, abriu outra festa no lugar.

Qual que abriu no lugar?
Tabu.

Já haviam me falado sobre isso. E tu já foste na Tabu?
Não, eu vou no próximo fim de semana.

E a *Diese*l como era? Como funciona a festa?
Como tu combinavas com colegas e agora com o namorado?
Assim... Qual é a boa do fim de semana. Ah, tal lugar parece ser vais legal, então vamos? Vamos!

E combinam como?
Ah, internet, celular, até ao vivo no colégio. No trabalho.

Tu trabalhas?
Trabalho.

Em que?
Faço estágio na CEEE, à tarde. Sempre tem um festeiro, tu ficas sabendo qual a boa, o que vai ter de legal, o DJ que vai tocar, diferente. Agora eu não estou focada em nenhuma festa, que nem eu ia bastante. Eu vou, me chamam para ir, mais na *Diesel.*

E o que mais te chamava atenção na Diesel?

Era uma festa, apesar de ter muito..., Era uma festa tranquila, não tinha muita briga, não tinha... Eu tento fugir disso, eu gosto de ir para a festa para curtir, não gosto de ir para a festa para ficar aturando bêbado nem separando briga. Aí eu gostava disso, né? Eu gostava de ir. E era perto da minha casa, eu gostava, era sempre agradável, DJs tocavam, tinha umas bandas de pagode, eu não sou muito chegada em pagode, mas as bandas eram conhecidas.

E que música tu gostas mais?
Gosto de música eletrônica.

E tu achas que a escola tem alguma coisa que se parece com a festa? Acontecem coisas na festa que aqui também acontecem?
Eu não sei assim, eu acho que depende assim, um pouco. Tem gente que, por exemplo, se preocupa de vir arrumada demais para a escola. Tem gente que se monta para vir para a escola. Acho que nesse ponto tem alguma coisa parecida com a festa. Nível diferente é claro. Mas aí tem, né? Tem gente que se preocupa em vir arrumada e tal, roupa bonitinha. Tem gente que se preocupa e tem o mesmo nível de preocupação de ir para a festa. Só que claro, aí, põe um salto, se maquia mais, troca o estilo de roupa, mais para a noite mesmo. Mas acaba se preocupando igual. Eu acho que os grupos também têm, mas na festa não são tão fechados, às vezes do grupo tu encontras alguém na festa que tu nunca conversou dali da tua escola e até mora do lado da tua casa, às vezes. Tu nunca falaste com a pessoa, aí na festa... Ah, vamos comprar uma bebida ali, sabe, e já sai conversando. Acho que não é tão fechado os grupos.

E aqui na escola, tu achas que ela é para quê? Por que vens para a escola?
Eu quero me formar [risadas], mas eu acho que é o momento de fazer amizades. Porque depois que a gente sai da escola é difícil a gente parar para simplesmente focar em curtição assim... Fim de semana, às vezes tu consegues sair e tal, mas depois que tu assumes a responsabilidade de uma faculdade, de pegar um serviço depois de tu te formares na faculdade, é uma coisa que não é tão descontraído quanto à escola. A escola é um momento que tu estás ali, é uma coisa séria, mas também é descontraído, tem um tempo de fazer amizade, de conviver, de conhecer as pessoas. Então, eu acho que é isso.

Tu achas que a faculdade é mais compromisso que a escola?
Deveria ser um pouquinho mais, as pessoas levarem um pouco mais a sério, não que seja assim né, na prática, eu vejo a faculdade como uma coisa mais séria.

E agora tu trabalhas e estuda. Puxado para ti, né?
Bastante

E tu achas que na escola as pessoas fazem coisas, além dessas que falaste de conversar, fazer amizade, se conhecer... Coisas que fazem na festa e na escola não são permitidas
Cigarro, agora está diminuindo bastante, mas ainda tem. Tem gente que fuma na... Não fumam em lugar nenhum, mas na escola conseguem se esconder e fumar. Não sei se alguns até para parecer legal, tem uns que acham importante fazer algo até que não gostam muito, mas para ser visto, bem visto pelos grupos... Aí a pessoa acaba que ah, se eu fumar vou ser legal e aí nas festas também, o pessoal que bebe, que fuma são os descontraídos, são os legais.

E fora isso?
Acho que não. Sempre tem os casaizinhos se agarrando também, né? Sempre tem.

E fora isso? Mais alguma coisa? Nada mais? E tu gostas de vir para a escola?
Eu gosto. Eu não gosto de acordar cedo. Mas eu gosto de vir para a escola.

E tu consegues sentir essa atmosfera de festa na escola Em alguns momentos?
Eu acho assim, nas determinadas atividades, que a escola não foca muito, mas que alguns professores gostam de fazer atividades extras, gincanas e competições, essas coisas assim... A escola não está fazendo, mas eu acho que fica legal, o pessoal se distrai e até fica gostando da escola... E aí acaba brincando, pulando, torcendo e aí puxa mais assim

Na festa tu vais para te divertir e na escola?
Para conversar [risos] basicamente

Mas o objetivo da festa seria se divertir e da escola?
Também... Procurar diversão

E quanto ao conhecimento, aprender... Ou é só um passo para a faculdade?
Não, eu acho que é tudo misturado assim. São coisas que a gente tem que botar junto assim, na balança. Gosto de vir para a escola para conversar, para ficar de zoeira na hora do recreio e tal, intervalos que tem, mas ao mesmo tempo a gente se vê obrigado a encarar. Alguns porque gostam e outros porque são obrigados.

Por que obrigados?
Alguns se desesperam, quando tiram uma nota baixa... *Meu pai vai me matar! Meu pai vai me matar*! [risos]. Outros porque não querem rodar, no fim do ano vão ficar de exame e aí já vão perder férias.

Tu percebes vontade de aprender, de conhecimento na escola?
Poucas pessoas, poucas...

E tu?
Eu gosto de conhecer, de aprender. Não gosto assim de ficar o dia inteiro em cima do livro. Mas eu gosto assim quando conversando com o professor tu descobre uma coisa, dá até vontade assim, bah, hoje descobri tal coisa, descobri que acontece tal coisa... Aula de física, química... Quando tu descobres alguma coisa do teu dia a dia eu gosto de contar assim, sabe. Chegar em casa e contar tal coisa ali, como no chuveiro que acontece tal coisa. Quando tu estás descontraído com o professor. Porque o professor passar a matéria no quadro, dá exercício e depois prova, né? Quando sai um pouco disso e o professor ele tenta aproximar aquilo que está dizendo no quadro, ele tenta aproximar da realidade, mostrar aquilo na prática. Aí ele vai conversando. Ele tem que esquecer que ele está ali obrigando o aluno a passar na prova. Quando ele deixa isso para lá e começa a conversar, explicar a matéria relacionando com a vida e com o que acontece, dando exemplos práticos, aí a gente se distrai e até esquece que a gente está ali para uma coisa série que seria depois praticar na prova.

Sério seria o que?
A prova

E tu terias um exemplo desse conhecimento, dessa ligação com a prática e que foi prazeroso, que tu gostaste?
Acho que agora a pouco tempo a gente estava na aula de física estava em uma aula, resistores era a matéria E aí perguntei por que quando que os resistores estragavam, as pessoas falavam que o resistor queimava, se ele não queima. Aí cheguei em casa e o meu irmão estava a umas duas horas no banho e queimou uma resistência no chuveiro. Aí eu disse, *oh pai tu sabia que na real a resistência não queima, ela quebra. Ah que legal*... Eu aprendi na aula de física.

Juliano/ 2011

Fala um pouco da tua relação com as festas. Tipo de festa...
Eu sou um cara que gosto mesmo de ir à festa, gosto de festa. Só que a minha mãe é só agora que ela está começando a liberar, né? Eu estou começando a ficar maior, ela está começando a ter mais confiança em mim e estou começando a sair, tô desenvolvendo mais a maturidade... Estou conseguindo ir no *Salento.* Fui na da Júlia. Tem vezes que eu vou nas volta de casa. Daí que só agora ela está começando a deixar. Eu prefiro, eu gosto mais daquelas festas tipo a da Júlia, pessoal mais conhecido, mais de casa. É um churrasquinho na casa, uma musiquinha, é o que eu gosto mais, mas também não dispenso né uma festa tipo *Salento,* por exemplo, daí gosto mesmo de festa

Tu achas que tem alguma relação da festa com a escola?
Olha, é assim... Os comentários da festa depois, o pessoal que tu conhece vai sempre na escola, né? Na escola é que vai ter o que tu fez, o que tu não te lembra, o que tu lembra, o que tu perdeu da festa Tem uma relação assim, o pessoal conhecido que sempre vai. Sempre vai achar alguém conhecido da escola. Sempre vai ter alguém para comentar bah eu te vi fazendo tal coisa, bah fizeste tal coisa, bah ficaste com alguém. Sempre tem uma relação. O pessoal geralmente tu combina o que faz na escola, esse tipo de coisa.

Como é que tu vais às festas? Sempre com colegas, sozinho, com outros? Como é que rola?
Eu não gosto muito de ir sozinho, né? Eu gosto sempre de ter companhia antes da festa. Sempre tem que ter, no caso o cara vai sozinho, vai com outras pessoas que não tem muito contato e daí não dá muito certo o convívio assim. É certo que depois de tomar umas, todo mundo é amigo, mas igual eu prefiro a gurizada mais conhecida, um grupo mesmo que tu vai sempre para a festa...

E tu achas que a escola tem momentos e situações que lembrem situações de festa? O que é bom que te lembra ambientes mais festivos?
As risadas que a gente dá, a piada que é contada. O pessoal sempre bem divertido. Nunca deixando assim, por exemplo, momentos chatos da aula, sempre tem uma piada que a gente dá risada. O pessoal sempre está querendo fazer uma festa no momento em que geralmente é meio chato. O colégio é chato né?

É chato o colégio?
É chato o colégio. É muito ali preso. É claro que libera mais, está terminando o 3º ano, é mais flauteado assim, mas acho que tem muita disciplina, essas coisas, é chato, né? Tem que entregar um trabalho, a gente lembra de última hora. Mas igual eu gosto do colégio, eu acho legal.

O que tu gostas?
Pelo mesmo motivo das festas, já chegamos ao assunto. Tem os colegas, a interação com outras pessoas, tem também não passar o dia inteiro dormindo, a manhã inteira dormindo, né? Porque se eu não tenho aula ia dormir até meio dia. Não tem jeito, isso é meu né. E eu não gosto disso. Ah, num sábado lá para descansar, eu durmo até meio dia, nem durmo até... Vou pescar com o pai, eu prefiro fazer outra coisa. Tem muito mais... Eu gosto de ir a aula por ter um convívio com os colegas, os meus colegas é uma coisa bem legal, os professores também. Tem muito professor... As risadas que a gente dá, a piada que é contada. O pessoal sempre bem divertido. Nunca deixando assim, por exemplo, momentos chatos da aula, sempre tem uma piada que a gente dá risada. O pessoal sempre está querendo fazer uma festa no momento em que geralmente é meio chato. O colégio é chato né?

Então qual a diferença entre o espaço da escola e o espaço da festa?
A questão de regras eu acho. A escola, na escola tu tens que seguir, é claro que na festa tem regras, senão tu és expulso. Mas a questão assim de liberdade. Na escola qualquer coisa que tu fazes aparece um coordenador, na festa não tem. Se tu fizer uma bobagem muito grande pode ser que o segurança te joga para fora de uma vez. Mas tem uma questão de liberdade, o que tu pode fazer e o que tu não pode fazer.

Se a festa e a escola são parecidas qual a diferença... Na festa tem a segurança, na escola tem a coordenadora...
Bom, como eu te disse eu gosto da escola e da festa também. Eu acho que a diferença principal são as pessoas, tem muito mais gente que tu não conhece, na festa tem música, tem coisas assim. E na escola tem que realmente parar e na festa não. Na festa, festa movimenta a noite toda ou todo tempo que tu vai. Tem uma diferença assim, bastante diferença.

E na escola tem coisas que as pessoas fazem que seja considerada incorreta, que transgridam as regras que tem na escola?
Primeiro não pode beber na escola, na escola não se bebe (risos)

E coisas que fazem na escola... Elas bebem na escola? Coisas que fazem?
Não, não... Não tem muita coisa. Por exemplo, aquele negócio de dançar sem camisa, na escola já não faria. Tem coisas que não caberia na escola.

Fiquei curiosa em relação aquela festa que eu participei. Queria saber sobre o funk. Lembrei daquela festa de vocês na casa da X Vocês gostam de *funk*?
Eu não gosto de *funk*. Para mim *funk* não é música, mas sei lá.

Mas vocês se divertiram?
Claro, é sempre divertido. Mas eu assim, eu não gosto não é um ritmo que eu bah vou chegar em casa agora, vou almoçar e escutar um funk. Não vou fazer. Mas música para festa mesmo, não dispenso um *funk*

Por quê?
É animado, tem uma letra podre. Posso dar risada da letra Dá vontade de dançar assim. Tem a questão de contato, sabe? Tu me entendes? Contato com as pessoas.

Me fala desse contato. É a sexualidade?
A questão da sexualidade libera para um lado. Leva para esse lado, querendo ou não querendo leva para esse lado.
Por isso que é indispensável?
É indispensável.

Então a festa tem uma relação grande com a sexualidade?
É, sempre tem. A gurizada vai para a festa, o objetivo principal ficar. Eu acho. A pessoa vai lá sempre... Sempre claro, quero me divertir, quero beber, quero brincar, quero ficar também. Quero namorar. Pegar alguém lá. Uma, duas, três... Quantas tiverem vontade lá na festa. Essa é uma vontade que sempre o adolescente tem. Até mesmo o pessoal mais adulto sempre tem essa vontade. Então o *funk* é uma música que te ajuda. Sim, porque a pessoa se solta dançando funk. Eu por exemplo, sou mais de ficar sentado na minha assim. Pô, dançando funk, eu não dança bem, mas me solto no *funk*, eu me divirto dançando *funk*

Sim eu vi que vocês se divertiram muito dançando
É, estava muito divertido. Eu não fui para a outra, para o Saint Patrick, eu não sei como é que estava. Mas eu gostei muito da noite na J., estava muito legal.

Então me fala, eu notei que os guris dançavam até mais que as gurias, depois que elas entraram no ritmo. Como é que é isso? É assim?
Não, é que eu não sei se a questão é das gurias mesmo ou da gente. A gente que estava lá é o pessoal mais conhecido sabe. Aquelas gurias a gente conhece elas da escola, mas elas não são muito do nosso grupo, sabe? A gente não anda muito. Daí a gente começou a beber primeiro (risos). Depois que elas começaram daí... A gente começou a dançar, apagaram a luz, começaram a tocar a música mais solto assim e elas começaram a dançar depois mesmo.

E a história de tirarem a camiseta? De dançar? Ficou à vontade?
É a gente ficou à vontade, a gente estava muito à vontade.

Isso eu achei interessante porque vocês estavam se divertindo, um monte, né?
É eu estava me divertindo um monte. É que assim, o M ficou alto demais. Tu entendeste né? Alto de beber. Mas aí foi ele tirou a camisa, o V já tinha tirado e ele tirou junto. Começou uma loucura, já ninguém dando bola para nada... Gordinho, magrinho, não sei o quê, ficamos dançando. Divertido ficamos à vontade...

E o F chegou também tirando a camiseta...
É o F. chegou e todo mundo já sem camiseta, vou tirar também, pegou e tirou a camisa.

E qual o tipo de música que tu gosta então? *Funk* tu gosta para ti liberar...
É, para final de festa, finalzinho de festa eu gosto é de *funk* mesmo.

Mas aquilo era início de festa?
Ah, é, mas aquele dia era inicio de festa, a gente bebeu como se fosse para ficar já para o final. Aí a gente já ficou direitinho já. Bom, ritmo musical eu tenho vários momentos, sabe? Por exemplo, quando eu estou em casa, quando eu quero ficar quieto ouço um sertanejo, ouço um rock, uma coisa assim. Para festa eu gosto de um pagode, de sertanejo para dançar, de funk para dançar. Pagode eu gosto do ritmo para festa, tomando uma cervejinha com a gurizada, pagodinho é tri bom. Depende do momento, assim.

Tu costumas sair muito ou não?
No máximo 3 vezes por mês. Mas no máximo dos máximos, tem vezes que eu fico sem sair, tem meses que eu saio uma vez, tem meses que eu saio três vezes.

Por quê?
É que assim, a minha mãe não gosta de me deixar sair, meus pais são bem assim, para sair.

Tu tens quantos anos?
16. A mãe assim ela libera, ah, tu vai sair. *Olha leva o dinheiro, olha vê com quem tu sais*. Coisa de mãe. Eu gosto que ela se preocupe. Tem vezes que eu digo, ah mãe que saco. Mas eu gosto disso, eu me sinto seguro perto dela. Ela se preocupa comigo, tranqüilo, coisa de mãe. Ah, G. *Quanto tu tens na carteira? Estás com a identidade? Com quem tu vais? Olha a bebida G. Cuidado G. Olha, cuidado... Cuidado*. Sempre assim. Daí tem vezes que a gente está assim, está sem dinheiro, isso faz parte também. *Oh G a gente está sem dinheiro. Queres ir igual?* Aí eu não vou. Eu também não gosto de sair à custa dos outros, beber a custa dos outros. Eu me sinto mal. Eu acho errado. Tu queres beber, tu levas o teu dinheiro, tu não vais à custa dos outros. Isso aí leva prejuízo por outros e tu te vês a custa do outro. Isso não é legal. Ele vai estar ali sem dinheiro. Em vez de se divertir, vai estar preocupado como é que eu vou voltar, preciso pegar um taxi, estou sem dinheiro agora

Vocês saem com os outros. Tem alguma coisa a ver com segurança?
Tem, claro que tem. Uma pessoa sozinha, meia noite o pessoal sai sozinho na noite, tem perigo né? A pessoa pode ser assaltada, alguém que já está alto já a essa hora pode querer brigar, qualquer coisa assim. Quebrar uma garrafa e vir brigar contigo. Sempre tem, quando a gente está 5/6 o pessoal já fica. Claro, eu não saio para brigar. Eu sou um cara assim que eu não gosto de briga. Eu não gosto de violência, eu não gosto desse tipo de coisa assim. Eu sou um cara bem calmo. Quando eu saio vou a festa, eu saio na intenção de me divertir. E eu não vejo diversão nesse tipo de coisa. Então eu não saio nesse intuito. Por isso que eu nunca briguei na minha vida, eu nunca briguei. Nunca me senti em perigo. Eu nunca provoquei ninguém, esse tipo de coisa, mas é uma questão de segurança também. Faz sentido, faz sentido.

Dá para pensar viver sem festa?
Pode. Esse ano que eu comecei a sair. Eu passei 15 anos da minha vida sem festa. Eu acho que dá né? É claro que dá. Faz diferença né? Assim, tu conheces mais pessoas tu tens uma interação maior com a sociedade assim, indo para a festa. Tu conheces outros tipos de pessoas. Coisas que tu não conheceria em casa, coisas que tu conheces na escola, mas não num nível tão elevado

E tu acha que existe alguma discussão sobre esses lugares que vocês frequentam? Vocês conversam sobre isso nas aulas?
Com professores assim, não. Só entre nós, os alunos mesmo. Isso acontece contar o que aconteceu, mas com professores assim, não.

E na escola o que tu achas mais interessante? O que tu achas da escola?
Olha eu acho que me acostumei com a necessidade de ira à escola. É obrigado a ir na escola, mas ficou uma coisa divertida ir na escola estudar, fazer minhas coisas, voltar para casa. Aí eu tornei isso uma coisa divertida, me acostumei com isso, comecei a achar legal

Tu achas legal?
Acho legal. Eu prefiro muito mais ir para a escola, ficar ali estudando do que ficar em casa.

E me diz uma coisa, para a gente mais ou menos encerrar porque já está quase batendo... Qual é a próxima festa? Já está planejada ou ainda não?
Olha, estavam falando hoje de ir na, não lembro direito, se não me engano era na *Efect. E na sextas feira vai ter um na casa do Ari que ele arrumou. Eu não vou ir porque estou sem dinheiro, mas...*

Porque se gasta na festa, né?
Se gasta, eu, por exemplo, moro muito longe, eu moro em direção a Querência, então eu pego um motoboy ou eu pego um taxi até a casa dos guris ou encontro eles lá. Levo o dinheiro da ida, levo o dinheiro da volta.

Aquele dia tu disse que tinhas levado o dinheiro... Lembra? Eu me ofereci parate levar em casa
É qualquer coisa eu to no taxi...

Renata/ 2011

Como funciona a festa? Qual a relação da escola com a festa, com a tua vida?

Primeiramente a relação entre festa e escola. A gente vai à festa... Eu vou à festa, se faz muita amizade em festas. Muita mesmo. Eu e as gurias a gente está sempre grudadas. A festa a gente se diverte muito. Aquele clima que tu viste no Salento, a gente está sempre rindo. Sempre muita coisa. A festa é sempre mais legal que se fazer churrasco e coisas na casa dos outros. Porque é um ambiente muito diferente. É gente totalmente diferente, então a gente acaba falando com pessoas que tu nunca viste na tua vida, além de ah. Eu acho muito divertido

Quando tu te divertes?
Dançando com as gurias, escutando música, muita banda boa, a gente acaba conhecendo bandas que a gente nunca ouviu falar, sabe. A gente se diverte muito, a gente canta na frente do palco e rindo sempre. Muito engraçado. Comentando coisas, não que a gente não faça isso diariamente, mas é muito mais divertido estar num lugar que tenha a música alta, que esteja todo mundo junto bebendo na volta de uma mesa. É bem mais divertido.

Tu achas que é um espaço de construção de amizades?
Eu acho não te digo que tu faças amigo para a vida inteira, mas tem muita gente assim, sabes que eu encontro em tudo quanto é festa e que... É gente parceira que tu convida. Ah, vamos sair qualquer dia... Ah, vamos, certo. Tu encontras em tudo que é lugar. É lugar assim, para fazer parceria, no caso, para sair.

Tu achas que a escola tem alguma coisa que lembra esse ambiente festivo?
É, Sim, porque agora na hora do recreio, agora, está todo mundo junto, está todo mundo conversando. Não acho que a escola seja assim... Tipo na hora do recreio tem muito grupinho fechado, festa é isso também, sabe. Tem muito grupinho fechado. Tu nunca vai chegar no meio de uma rodinha para conversar com as pessoas, entendeu?. Principalmente guria, guria é muito fechada no seu grupinho. Aqui no colégio é isso também entendeu? É muito difícil de fazer amizade na hora do recreio, vamos supor. Tu não conversas com as pessoas do nada, só se tu tens alguma ligação. Não poderia né, mas tem muito casal por aí, ah, se escondendo para ficar. Ah, um monte de coisa, isso me lembra festa também. A Ângela está sempre incomodando, mas sempre tem. Ai, a gente cantando, tocando violão, como tu viste. Bem parecido assim, coisas que lembram muito o ambiente, a festa.

Qual a tua relação com a escola, o que achas da escola?
Primeiramente para aprender. Ai, fora aprender, fora esse monte de experiência que eu já tive. Tipo isso, eu achei muito legal o teu trabalho. Muita coisa assim, oh. Além de aprender que a escola é muito importante para ti, para a tua vida. Eu acho que... Tipo, eu fiz muita amizade. Tipo, as minhas amigas eu estudo com elas desde o meu jardim, sabe. Tipo foram amizades que eu estou levando 17 anos praticamente.

Tu sempre estudaste aqui?
Eu estudei somente um ano no Bibiano, mas não gostei e voltei para cá. Além de aprender, além do ensino, além de tudo que tu leva para a tua vida. Agora a gente vai fazer o ENEM. Além de aprender com os professores, a amizade, amizades, muita amizade sabe, a gente acaba levando. Agora está acabando o 3º a gente fala, já está todo mundo, a turma inteira triste, já quase chorando, vamos se separar. Sim, tem gente que está desde o Jardim juntos, né? É muito legal isso.

O que acontece na escola que foge das regras?
Como eu citei casais. Tá tudo bem, tu estás ali fazendo um carinho, alguma coisa com teu namorado. Mas tem muitos casais que extrapolam. Tu vê tipo ai, casais se agarrando, se encostando na parede. Não tenho nenhum preconceito contra nada, sei lá. Se outro sexo, fazer... A Nonô já reclamou de casai do sexo feminino juntas, andando por aí fazendo várias coisas...

E tu vês isso como um problema a relação entre gurias?
Eu não acho problemas, eu não tenho preconceito nenhum, eu acho assim, tanto o casal feminino e masculino juntos quanto isso, eles tem que ter limite, entendeu? Eles estão em uma escola, tem crianças andando aqui. Tu não pode passar dos limites, tem muita gente que passa dos limites. A Nonô já reclamou milhões de vezes e todo mundo comenta

O que é passar dos limites?

Ai, ficam se passando a mão e se agarrando, sabe? Muito assim, sabe, isso não é legal. As pessoas não precisam estar vendo, entendeu? As pessoas precisam fazer suas intimidades na tua casa, em outro lugar. Além do mais é uma escola, a escola tem os seus limites.

E para que serve uma escola, então?
Primeiramente tu aprende a ter muito limite dentro da escola, porque dentro de uma sala de aula tu não podes fazer muita coisa, entendeu? Tu aprendes a respeitar primeiramente, porque o professor está ali na tua frente ele é a pessoa... Como se fosse teus pais, entendeu? Tu não podes tratar ele com desrespeito. Eu converso muito na sala de aula, mas eu já acho um desrespeito. Tem professor que não se importa. Mas tu aprende a ter mais limite entendeu? Quando te pedem para ficar quieto dentro do colégio tu tens que ficar quieto, entendeu? Ele é um ser superior a ti ali, entendeu? Ah, não sei tu aprende a ter muito limite dentro do colégio também, entendeu? Embora muita gente não tenha, tu aprendes bastante.

E na festa tu aprendes alguma coisa?
[Silêncio]... Ah, não sei. Na verdade acho que a gente aprende. Mais a se relacionar dentro de uma festa, assim, com outras pessoas. Porque tipo na rua tu não tem como chegar... Na festa eu acho que são muito mais desinibidos para conversar com uma pessoa. Ah, geralmente é porque tu bebeu ou porque o ambiente já te ...sabe.. Ah, música alta, um monte de gente conversando juntas. E ah, tu estás conversando com teu amigo e ele já é amigo de outro e tu começa a conversar, sabe? Coisas que tu não tem como fazer isso no meio da rua , entendeu? Não tem como tu conversar no meio da rua. Acho que é isso tu aprende a te relacionar. Eu tenho uma amiga, por exemplo, a Carol, a pequeninha aquela. Ela era muito tímida, tipo fazer amizade para ela, nunca, sabe. E hoje em dia ela se dá com muita gente que ela conheceu em festa. Agora ela não é nada tímida, sabe? Ela ri, conversa com todo mundo e muito simpática. E acho que ela aprendeu bastante com isso, sabe? A largar a timidez. Acho que isso é bom em festa.

Quando tu vais à festa como é que vocês se organizam? Tu vais sozinha? Com outras? Como combinam?
É. Geralmente a gente fica sabendo de festa no *Facebook*. É uma coisa que todo mundo posta coisas, né? Lá a gente geralmente fica sabendo ou por quem nos contou. Eu me dou com muita gente, dono de festa, né? Os guris do *Salento*, do *Eventual* eu me dou bem com os donos. A maioria nos conta... *Ah, a gente vai trazer tal banda*. Eu digo para as gurias. Se a gente gosta a gente diz, ah já me coloca na lista, a gente vem e só paga a consumação, quando é nome na lista. Aí a gente combina assim, a gente nunca sai sozinha. A Bianca agora não está saindo muito, está fazendo faculdade, mas geralmente é nós ali. A gente chega 2ª feira... *Olha fim de semana que vem tem festa em tal lugar*. *Vamos ir? Ah, vamos.* É assim que a gente se organiza e fala para as nossas amigas. . Geralmente é uma galera grande que a gente sai junto.

E tem alguma razão para sair junto?
Intimidade, eu acho. Porque é chato, bah, porque já teve festas e eu já saí com pessoas assim que eu me dou, mas não é a mesma coisa que as minhas amigas. Sei lá... Eu saio com as gurias e comento sobre o que eu quero, fofoca em banheiros, da fofoca em tudo quanto é lugar.. Sei lá uma pessoa que tu não tem muita intimidade, só dança e conversa sobre coisas a mais.

E como é essa história de fofoca?
Olha ali a fulaninha ficando com não sei quem, olha a roupa dela... Uma coisa que tem nos assustado demais. É tipo, quando a gente tinha 12/13 anos, uma coisa que a gente não saia para festa. E, hoje em dia eu vejo assim, olha... guriazinhas de 12/13 anos podres de bêbadas. Vão para a festa de bebida liberada e dão showzinho. E ficam tipo, com guris da nossa idade. 18/19 anos. Isso a gente fica apavorada, é isso que a gente tem comentado. Ah, é um absurdo.

Tu tens 17?
Vou fazer 18 agora em novembro
Ah quanto tempo vais a festas?
Ah, sei lá. Desde os 15/16. Eu já ia aniversário de 15 anos. A partir daí a minha mãe já começou a me deixar sair. É que a gente anda todas muito juntas. Entendeu? É os guris também. Eles estudavam aqui. O Juan, o Rafael, todo mundo. Eles andam desde pequenos com a gente. E minha mãe... Ah, vais sair com o Rafa, Ah, vais sair com o Juan? Tudo bem. Por isso desde novinha, assim.

E tu costumas ir à quais lugares?
Eventual, que eu já ia. O *Salento*. A gente está sempre no *Salento.* Eu saia muito o ano passado, no centro. O *Doha* era uma das melhores festas, só que agora o *Doha* está bem quebrado. A que era o Chalé, virou DOHA e agora voltou a ser *Chalé*. Era bem legal. *Dup* também uma festa bem legal, muito boa. *Dup* e *Doha* dividiram lá onde é o *Chalé.*

Consegues estabelecer diferenças?
Ah, consigo. *Eu acho o Saint Patrick, assim. Tem muita gente mais velha no Saint Patrick. Sei lá é outro clima. A Dup vai muito adolescente, muito mesmo. Desde essas guriazinhas de 13 até já é outro ambiente. No San Patrick, tu vês assim de 15/16/ Tu vês de 18/17. A partir de 20 e poucos. Já é outro clima. E música também: sertaneja universitária, pagode... Salento já é outra coisa totalmente diferente a turminha que já gosta do reggae, do rock, sei lá, as pessoas mais aqui do Cassino. Tu não vês muita gente do centro que vai para o Salento É outro ambiente. Tem muita diferença. Eu prefiro festa assim, com barzinho. Que tu sentes, converses e tal... . Larus eu curto bastante também. Eu prefiro barzinho, assim que a gente sente e converse.*
Teve um dia...
Fui eu, a Bianca , a Morgana e a Carol. A Gi, nesse tempo estava namorando um guri. Eles brigavam demais... Aí eu sei que era aniversário de uma das nossas amigas e a gente foi tudo para o *Open bar*, que a bebida era liberada, era um das 2ª vezes que a gente ia para o *Open Bar*. E a gente estava muito bêbada, demais. E as gurias odiavam uísque, eu odiava uísque. Nós bebemos muito uísque, né. Eu não lembro metade do que aconteceu. O meu irmão estava lá e eu não lembro disse que quando ele me viu, tinha um mezanino lá, tinha uma madeirinha, quando ele me viu eu estava com a barriga na madeirinha, quase caindo lá em baixo. É praticamente desmaiada. A única coisa que eu lembro, para ti teres uma idéia foi de olhar para baixo e ver uma espécie de formigueiro de gente e começar a ficar muito, muito tonta e começar a falar ai meu Deus. Ele disse que se ele não tivesse me puxado eu iria cair, porque eu estava com a barriga na madeirinha, quase caindo. Diz que meu irmão me pegou pelos cabelos, me sentou numa cadeira, me deram açúcar no bar, para ter glicose, me contaram as gurias. Deram-me água, a minha cunhada na época disse que me levou no banheiro e eu queria sair pelada do banheiro. Eu não me ligava que eu não tinha colocado a roupa. Não fechei o meu colan, sai toda mal. O vestido lá em cima. E quando eu já estava bem vi vários quadrinhos das gurias, né. A Gil muito parada sentada numa mesa e ela assim.. Tu olhavas para ela e ela estava super bem. Daqui a pouco do nada a guria bota a cabeça para baixo da mesa e vomita, vomita, vomita muito embaixo da mesa. Aí ela se levantou e saiu como se nada tivesse acontecido. Demais,. Aí ela brigou com o namorado dela na época. E eu lembro que a gente voltou pra o Cassino. Podre, eu a Bianca, ela e o Pablo namorado dela na época. Eles começaram a brigar dentro do carro. E eu e a Bianca no banco de trás. Ela começou a chorar, ele começou a chorar junto dirigindo. E eu, a Bianca chorando. Nós viemos os quatro até o Cassino chorando. Só de gritar dentro do carro. Ah, a gente dizia, *Não faz isso com a gente*, a gente chorava muito. Mas a gente chegou aqui na casa da Morgana e encontrou as gurias que vieram em outro CARRO. Quando a gente chegou aqui na frente a mãe da Morgana não abria a porta para a gente e a Morgana estava se mijando, ela se mijou nas calças na frente da casa dela. Essa foi uma das festas mais engraçadas da minha vida... As gurias estavam muito mal, assim. A Bianca disse quando me botaram dentro do carro para ir embora eu me sentei no banco de trás e deixava a porta aberta. Eles me deixaram e eu fiz assim... *Paft*, quase bati de cabeça na rua. E aí me botam de novo. Eu não me lembro de praticamente nada. É muita loucura assim...

E beber é interessante por quê? Vocês bebem né?
Eu gosto de beber. Eu adoro beber cerveja.

Gostas do sabor, do efeito?
Eu gosto do sabor, não é pelo efeito. Eu gosto de cerveja e gosto de caipira também.

E tem alteração?
Com certeza, tu ris muito, tu achas graça de mais. Tu te desinibes totalmente É um perigo, porque tu sais falando tudo que tu não deve para as pessoas, né; contando coisas. Banheiro é uma coisa muito engraçada em festa porque tu conheces gente tipo naquela noite e elas já te contam tudo da vida.

No banheiro?

No banheiro, é muito engraçado. Eu tenho uma amiga a Vivi, que eu conheci ela no banheiro. É eu me lembro que ela estava muito mal porque tinha, o guri que ela gostava tinha ficado com a amiga dela. E ela me contou tipo assim, eu fiquei metade da festa cuidando muito dela, sabe. E ela chorando. E ela estava chorando. A gente se conheceu por causa disso. E hoje eu me dou tri bem com ela já faz tipo um ano e meio que aconteceu isso. Do nada assim, começa a conversar por um motivo no banheiro e já começa todo mundo a já falar mal de outro e é muito assim dentro do banheiro.

E o efeito da bebida?
Desinibe muito. Por um lado é bom. Mas beber exageradamente, não é tão bom. Tipo, quando eu passei mal no *Doha*, foi um dos piores dias da minha vida, prometi para mim nunca mais fazer isso, porque a gente passou passei muito mal e não se lembrar das coisas é horrível. Tu não saber o que tu fez, tu não. Só lembro-me de cair, do meu irmão me dar água, só uns flashes.

Qual a diferença entre a escola e a festa?
Limite. Festa tu não tem limite. Praticamente nenhum. Sei lá. Na escola tu tens que ter limite. É um lugar que te exige limite. Festa acho que não tem quase nenhum praticamente. Acho que a única coisa que não pode em festa é tipo transar com todo mundo te olhando, porque sei lá já vi absurdos em festa, muita coisa.

Um absurdo?
Já vi praticamente casais quase transando assim, oh. Gurias com vestidos lá em cima. Absurdos mesmo. Mesmo assim... Oh Aqui na escola tem a Noêmia para cuidar as pessoas. Tem uma ali fazendo alguma coisa demais, fazendo, gritando, fazendo esparro... Já vai um ali. Agora na festa tu gritas, faz esparro, fica com quem tu quiseres, fazes o que quiseres e não tem uma pessoa rondando que vai te dizer... Tem os seguranças. Só que eles não fazem nada. Acontece uma briga, eles vão lá, quando botam uma pessoa na rua. E quando vê eles não botam e acontece a briga de novo.

Tu consegues te imaginar sem a festa?
É um problema, porque eu namorei um ano e meio e o meu namorado não gostava muito de sair, não bebia, fazia academia... E eu batia pé, sabe. Foi um dos problemas muito graves no meu namoro foi esse. Porque as gurias saiam todos os finais de semana e eu queria sair no final de semana também. E eu queria que ele saísse, queria levar ele junto... Não consegui me imaginar mesmo, foi um dos problemas bem graves de meu namoro foi isso. Eu costumo sair, agora não tenho saído por causa do ENEM, mas sei lá eu saio nos finais de semana. Raramente eu tenho saído agora, e eu fico muito mal em casa. Não tem o que fazer. Final de semana em casa é muito chato. Agora a gente tem feito mais churrascos, para fazer jantas, esses negócios. É divertido também, mas eu prefiro sempre a festa.

Gabriel/ 2011

Fala um pouco da tua relação com as festas...
Eu estou indo mais agora, esse ano. Nos outros anos, no 1º e 2º anos eu trabalhava, não tinha muita relação com festa, eu não saía muito. Mas agora esse ano eu tenho saído mais. O tipo de festa que eu gosto mais mesmo é que tem mais música eletrônica, que tenha música alta. Tenho ido mais ali, no *Salento*, que é um bar, um barzinho, um pub, mas... Sei lá, eu até gosto desse tipo de pub, mas não sempre... A gente estava indo sempre lá... Mas a gente acaba enjoando, fica li conversando, mas não tem muito espaço para dançar. E até o ambiente ali, a gente que é mais novo, assim né... 16?17 anos, a média de idade. Ali o pessoal é bem mais velho, gente da universidade. Na última vez que eu fui eu estava falando com uns caras que estavam fazendo mestrado, é um ambiente mais maduro, de pessoas mais velhas mesmo. Mas é legal quando tu consegues juntar toda a gurizada, os teus amigos assim e ir para lá para conversar, beber... Mas o tipo de festa que eu mais gosto mesmo é eletrônica, que dá para dançar, mais agitada mesmo assim, né? .Ali no *Salento* é mais parado, né? Uma festa mais agitada, que tenha mais gente, mais povão mesmo. É o tipo de festa que eu curto mais.

Que lugar é esse, que rola essa festa que tu mais curtes?
Eu nunca fui muito a essas festas, mas tem a *Efect* lá no centro, na *Dumb, Doha*, agora aqui no Cassino abriu o *Tabu.* Aqui no Cassino a partir de setembro/outubro que começam a vir essas festas.

Lá no centro tem as festas. Mas no Cassino elas fecham e ficam no centro, né? Mas a maioria das festas a partir de setembro, outubro é tudo aqui no Cassino.

Que lugar tu preferes?
O que eu tenho ido mesmo é no *Salento*. A gurizada a gente tem combinado para ir numa festa mesmo. Acho que no *Efect* mesmo. Amanhã é meu aniversário. Aí a gente tem combinado de ir para a *Efect*, lá no centro. Mas é a semana do show do Luan Santana, aí fica pesado para a gurizada ir numa festa e mais esse show.

E vocês vão para esse show?
A gente está combinando... Eu, Graciano, Felipe, Bruno...
Eu saio mais com o pessoal da turma 231. Eu sempre estou com os guris...

Eu vi que estavas ali agora...
A gente está sempre ali junto. Ali tem um monte de... Um monte de... Sei lá eu gosto de sair com a gurizada e ali tem um monte de guri que eu me dou melhor.
Eu me dou muito com o Pinguim e ele não é muito de sair assim. É mais de ficar em casa. E os guris gostam mais de sair... Aí né... Felipe, Bruno, Ari...
A gente estava mesmo a fim de ir na *Efect.*

Tu disseste que lá no *Salento* vai gente mais da universidade. Tu preferes gente mais...
Eu prefiro gente mais da nossa idade

Por quê?
Tu vai chegar perto da guria e vai conversar. Aí a guria vai fala.. faz engenharia, sei lá faz uma engenharia 20, 20 e poucos anos já..Não se interessa pelo cara assim que tá no ensino médio ainda.. Mais novo assim

Não se interessa?
É que na verdade ela se atrai porque uns caras mais velhos assim, né? Mais maduro que já tenha carro, casa.
Para guri assim do ensino médio elas nem dão muita bola... Aí então é chato né? A gente chega e conversar, nesses ambientes mais maduros.

Mas a conversa rola ou não? O assunto é diferente?
É muito diferente, né. É uma questão de maturidade, né?

Já conversaste com umas velhas? E foi difícil?
É que a minha irmã é universitária, né? Então quando eu saio com a minha irmã conversava com as amigas delas, assim né? Mas não adianta a conversa é diferente, é outro tipo de conversa. Por isso que eu não gosto muito do Salento...

Tu não gostas, mas vais bastante?
Eu vou bastante, mais por causa da gurizada, né? Falta de opção também né? Porque agora, só agora aqui no Cassino que começa as festas mesmo. Antes era só o *Salento* ou a *Loka.*

Qual é a outra? *Loka*? Onde é isso?
Ali na entrada do Cassino. É uma de GLS que tem. Ali naqueles sobradinhos rosa.

Não sabia. E não gostas desse tipo de festa?
Não

Por quê?
Sei lá é de GLS, né?

O que acontece numa festa?
É só tu conhecer outras pessoas, né? Para ficar e beber. Acho que é isso que caracteriza a festa.

Mas tem outros lugares que tu conhece as pessoas e podes beber?
Mas nas festas é mais fácil né?

Por quê?
Porque daí, numa festa tipo assim que tenha música alta... Tu bebes, tu te agitas mais. É mais fácil de chegar para conversar, é melhor.

Numa festa assim é mais fácil? Por que é melhor?
Porque é festa né?

E o que acontece? As pessoas se soltam mais?
Sim, a bebida faz se soltar mais né? Vira uma loucura

O que é vira uma loucura? O que tu faz que virar uma loucura?
Numa festa tu começas a escutar música, ai tu começas a beber, ficas mais desinibido assim e é bem mais fácil chegar nas gurias e já ficar também.. É que tá todo mundo bebendo, aí tu chegas, sai, fica com outra ... Na festa não tem como tu não fazer isso.

Não pode fazer festa se não beber?
Até dá, mas é porque a bebida te solta mais. Se tu não bebes tu começa a pensar mais nas atitudes e... Na festa tu fazes muita coisa que tu nem pensa... Se tu sem bebida tu fica mais cabreiro, começa a pensar mais... A bebida serve mais para soltar a pessoa.

Como combinas para ir à festa?
Durante a semana a gente vê. Às vezes no *Orkut* tem uns recados de festa. Chega lá por quinta, sexta feira, a gente diz: *Qual festa agora*?

Vão definindo?
A gente vê as opções, a que mais combina com a gente qual vai estar melhor e vamos.

E se tu tivesses que dizer... Tem algo na escola que se aproxima da festa?
Por exemplo, aqui no intervalo. Tu podes conhecer outras pessoas no colégio, mas só que sem a bebida né... Por exemplo, tu podes fazer aqui o que tu faz na festa, por exemplo, chegar conversar com pessoas novas, fazer amizade. Sem a bebida se torna como se fosse um colégio de chegar e conversar... Acho tri legal o intervalo que está todo mundo no pátio...

As coisas que fazes na escola e na festa são diferentes ou não são?
Quais as diferenças. Só a bebida?
A música e o espírito de festa. Quando tu vais tu já estás mais animado. Às vezes na escola tu estás cansado de aula, alguma coisa assim, né? Antes tu te junta com a gurizada já está com aquele espírito de festa de queres brincar e fazer festa mesmo. E aqui na escola tu tens mais é uma obrigação, né
E se torna mais entediante.

<u>Que obrigação é essa?</u>
É uma obrigação comigo mesmo né? Se eu não vier na escola, eu não vou... Aí na hora boa de fazer festa, curtir com meus amigos. 20 e poucos não eu não vou poder fazer isso né? Eu venho também porque não adianta nada eu estar lá com meus 20 e poucos anos e não ter um emprego direito para poder aproveitar e fazer festas e coisas... Então eu venho para a escola porque sei que vai entrar na faculdade e depois ter emprego bem, né?

Tu vens na escola para quê?
Para me formar, basicamente.

E quando tu vens na escola tu não ficas pensando tem coisas que poderiam ser diferentes...?
A festa é uma opção, é um lazer, né... Se tu vais para a festa porque tu queres, não porque alguém te obrigou a ir à festa. Tu vais porque tu queres alguma coisa na festa, te chamou a atenção. Aí tem vários motivos.

Então tu vens na escola...

Eu venho porque eu sei que tenho que passar por aqui para entrar numa faculdade né? Mas numa festa se eu não estou a fim de sair eu não vou numa festa. Aqui se eu não estou a fim de vir, eu venho igual.

E tua achas que na escola poderia ter algo que pudesse ser diferente?
Que fosse menos por obrigação?
Eu acho que não teria como. Assistir aula e aprender... Não tem como ser diferente

Na escola as pessoas fazem coisas que não podem fazer?
Eu acho que mais o fato de matar aula. Tu estás matando aula, tais te prejudicando, mas mesmo assim tu estás fazendo né? É proibido. Hoje mesmo nos ficamos aqui no pátio, ficamos conversando e não assistimos aulas. Acho que também vai da consciência de cada um né Se tu não estás a fim de assistir aula. Por que tu vai querer ficar? Se tu continuar em aula tu vai atrapalhar, tu vai acabar prejudicando os colegas. Acho que isso é uma falta de respeito, né? Por exemplo, eu acho que o colégio, se fosse mudar alguma coisa teria que ser essa questão da flexibilidade. Vai da consciência de cada um, né? Se tu não estás a fim de assistir a aula, eu acho que tu deverias ter a liberdade de pegar e sair., em vez de ficar em aula e prejudicar os outros, né?
Eu acho que se tivesse que mudar alguma coisa no colégio seria isso, né?
Se um dia não estás a fim de assistir a aula...

Que outras coisas?
Eu por exemplo, eu gosto de praticar esporte eu acho que aqui se tivesse mais incentivo para o esporte, eu acho que daria mais vontade de vir a aula né? Eu ia ficar em aula, mas na hora do intervalo iria ter um esporte para praticar. Aqui até é um problema por causa do espaço físico, não tem muito espaço. Tem o vôlei aqui, né? Mas tu podes ver que a rede está toda rasgada, é baixa. Eu prefiro esporte, eu gosto de praticar. Tem outras pessoas que vão dizer outra coisa, né? Mas para mim seria mais interessante assim dar um incentivo para o esporte.

Samara/ 2011

Qual a tua relação com as festas?
Como eu falava aqui em Rio Grande, o meu estilo de música é *rock and roll*. E aqui eles não dão muita importância para isso. Então a maioria das festas que tem aqui são conhecidos meus e gente que realmente gosta mesmo no Boliche ou na frente do Boliche. Então a gente faz a festa com umas 5 bandas e vai a noite todas, sabe? Até as 5 da manhã. Como aqui quase não tem nada, geralmente a gente vai para Pelotas ou cidades vizinhas. E que tem uma estrutura maior e é bem mais legal. E claro, né, a minha relação com isso eu me encontro lá, sabe por que tem pessoas que pensam como eu e que são mais ou menos iguais. Sabe? Eu me dou melhor, sabe? Acho que nessas festas assim, ela não tem muita influência, ela não tem muita relação, porque algumas pessoas lá, elas agem diferente dos conceitos da escola sabe? A escola eu não sei muito explicar, mas tem muita diferença mesmo.

Vocês organizam as festas? Vocês alugam os espaços?
É verdade. Eu acho engraçado isso até, porque é sempre uma pessoa que aluga. E aí, sinceramente as pessoas não acreditam e tal. Às vezes as pessoas têm tanta sede de música que uma só dá conta de tudo, para juntar todo mundo indo para lá.

No Boliche e?
E tem um na frente que é o *Fênix* bar. É um que é assim, mais perto. E tem outro que é *Mania de Bar.*

Ouvi dizer que terá festa no *Fênix* nesse final de semana...
Não vai rolar. Não vai ter. Tiveram problemas de ordem pessoais e não vai ter. Porque o bar é da família.

Não vai ter?
Não, essa festa só ia ter aí mesmo.

Na festa os conceitos são diferentes. Eu queria que tu me falasses sobre isso.

É que lá, lá é tudo, não vou dizer que é tudo liberado, mas tu tens liberdade para fazer as tuas coisas. Aqui na escola eles fazem coisas de não fumar, de não usar isso. Eu não uso drogas, claro, mas lá às vezes rola e também tem essa coisa. E o nosso modo de agir é diferente do que a escola faz porque lá a *maioria das festas é de punk rock e eles têm a filosofia deles*. Que não tem nada a ver com moralismo. Que é assim, tipo tu faz uma coisa certa. Lá tu fazes o que quiser. Na escola tem essa coisa de regras e tal. Tipo a bebida, tu não podes entrar com a bebida, sabe? A bebida tem que ser comprada lá e tem que ser por maior, sabe? Então tem todas essas coisas assim, eu acho que tem muito mais liberdade. E a escola... Não vou te dizer que está errada, a escola está certa., sabe? Mas a escola ela restringe mais, sabe?

E porque tu achas que a festa é interessante além da música? Eu queria que tu falasses um pouquinho mais sobre isso. O que diferencia?
Sinceramente eu acho que não tem muita relação, qualquer festa com a escola... São coisas diferentes e tu tens que saber dosar. E, ah, acho que tem que saber dosar porque a festa é um lugar para te soltar, para te divertir e a escola é mais responsabilidade. Cada um deles tem suas responsabilidades, mas eu acho que tudo é dosado. É bem diferente uma coisa da outra.

Tu percebes algumas situações, alguns contextos em que se aproximem
Ah, tem outra coisa também. Na escola tem muito preconceito. Às vezes as pessoas te olham torto pelo teu jeito de ser, pelo jeito que tu te vestes, porque tu não és igual as pessoas que estão circulando na pátio, porque tu não pensa igual,. As pessoas às vezes já te olham torto, sabe?
É aquela idéia. As pessoas te botam essa diferença. Elas te acham maluco. Elas te põem como se tu fosse retardado , sabe? Nas festas que eu vou, lá não existe isso, não tem preconceito lá. Lá tu entras lá e não importa o jeito que tu esteja não importa o jeito que tu vais estar. Eles vão te tratar como igual. Sabe? Não tem, sabe? E na escola tem sempre aqueles graus, das pessoas achando que são mais que os outros. Sempre tem umas bobagens que eu acho assim, nada a ver, sabe? Tipo isso.

Vocês têm um estilo. E se eu chegar lá com roupas coloridas e não preta...
Já me fizeram essa pergunta, porque eu falei desse preconceito e tal. Mas eles falaram, mas eu se eu chegasse lá meu jeito... E eu falei, mas não é verdade porque lá não é só de preto que tem. Às vezes as pessoas gostam de rock, mas não se vestem assim. Aí tu vais lá e abraça a pessoa. Até a última festa que eu fui, entrou um cara que trabalhava de palhaço, sabe? E ele saiu direto do serviço e foi direto para lá. Vestido assim, sabe. Eu não sei o nome dele, mas ele se divertiu lá. Eu acho que qualquer pessoa entra lá, ele é bem mais velho. Umas gurias mais arrumadinhas e vão lá, sabe? Elas gostam, elas curtem, a gente não tem problemas com isso. A gente não fica dizendo e tal. Até porque no rock, tem gente que se veste e tem jeito que não se veste.

Qual a relação com essa roupa preta?
A roupa, eu vou te dar um exemplo. Sabe o time de futebol que tu gostas? Tu não vai usar a camiseta do teu time de futebol? Mais ou menos isso. É como se tu tivesse orgulho do que tu és, sabe?. É como se tu não quisesse, mas é a tua identidade, entendeu? Eu por exemplo, se eu saísse de camiseta branca ou rosa, eu não vou me sentir a mesma. É mais do que um tecido, é um orgulho pelo que tu és, sabe? Se eu sair assim, parece que não vai ser eu, eu não vou me identificar. Então é mais ou menos um orgulho pelo que tu és é a tua identidade.

E como é essa identidade?
Como assim?
É que cada gênero do rock tem, como é que eu vou te dizer. Cada gênero tem uma, tem um conceito, tem uma coisa que tu olha, claro para as pessoas que entendem um pouco até eles sabem quem é. Tipo, a gente tem muito dessa coisa dos anos 50 até os anos 90. Até criou-se muitos gêneros e tal. Tem assim, posso até te dar um exemplo, as pessoas que gostam de *hard core punk,* as pessoas que gostam de *hard rock*. Cada uma se veste de um modo diferente.

É uma forma de identificar?
É, tipo. Quando tu sais nas ruas as pessoas sabem quem tu és sabe? Tipo, que tu não gostas de tal. Não é diferença. Elas sabem que tipo de música tu gostas, tu gostas de rock. Mas tem outro tipo de som dentro do rock, então

Que tipo de som tu gostas?

De *hard rock.*

E como é esse som?
São as bandas do final dos anos 80 que foi de 85 até 90. Era até meio comercial, até. Porque naquela época começou uma banda aí outras bandas fizeram por causa de dinheiro. Mas é claro tem muitas boas que fizeram porque gostaram.

Que bandas tu gostas?
Eu gosto de *Guns N Rose*, *Snake*, eu gosto de *Warren*t. Tem umas bandas bem conhecidas até.

E na escola tu achas algumas situações acontecimentos que te lembrem ou se pareçam com o espaço da festa?
Não sei, eu acho que só na questão dos amigos mesmo, sabe? Aqui eu tenho amigos que eu converso e lá na festa não é diferente. A gente conversa também e tal.

E tu vais à festa com o pessoal da escola?
Só tem uma amiga que gosta de rock assim e que vais à festa comigo de vez em quando. E tem gente aqui que vai que eu me dou bem, mas que não é amigo

Como vocês sabem da festa?
Ah, internet e às vezes. *Facebook*, O*rkut*, twiter. *Twitter* é menos. A maioria mesmo é O*rkut*, todo mundo tem O*rkut.*

Tu achas que *Orkut* é mais usado que *Facebook*?
É a maioria. Claro que *Faceboo*k está ganhando agora mais valor. *Facebook* é mais fácil e eu acho bem melhor. O *Orku*t já passou um pouco, mas como a maioria das pessoas ainda não passaram para *Facebook, é divulgado mais no Orkut*, porque tu tem certeza que as pessoas vão ver.

E a escola, tu achas que na escola tem preconceitos?
Acho que também aqui na escola tem um monte de casal de meninas, né. Eu acho que nem a escola sabe lidar com isso, sabe? Nem a escola lida com isso. E como eu falei preconceito com a música da pessoa, com o jeito de se vestir. É muita bobagem, sabe? Tu não podes te vestir de qualquer jeito que as pessoas ficam te olhando. Tu vês preconceito com quem é mais gordinho, com quem é bem mais magro ou com quem é mais tímido. Sempre tem alguém falando ou fazendo piada. Às vezes eu estou ali na fila do refeitório ou ali no meio do pátio sempre vejo uma piadinha para alguém ou um olho meio torto. Sempre tem assim, sempre.

Tu achas que com atua música tem preconceito?
Não, porque as pessoas nem entendem. Acho que é com o meu jeito de vestir, assim.

E tu achas que acontecem transgressões, coisas que as pessoas fazem fora das regras? Por que tu disseste que tem muitas regrinhas.
Eu acho que sim. Eu falei na regra na regra em geral, porque o Silva Gama tem sempre um ôba ôba. Eu acredito assim, que a escola até é boa, mas tentam criar regras ou uma coisa organizada. Mas acaba sempre desviando e sendo bobagem. Já vi gente fumando aqui entro. Se agarrando...

Isso no intervalo?
É, no intervalo. É como eu digo, aqui ainda falta muita organização. Eles tentam, mas não dá muito.

Tu achas que deveria ser diferente?
Acho, acho.

Como deveria ser?
Não sei dizer como poderia ser, fazer o que, mas eu não sei como eles poderiam fazer, mas eu acho que eles precisam realmente mudar, para melhor. Na questão de ensino também. Na organização, nessa coisa de faltar professor, sabe. Essa coisa também de trancarem a sala quando a gente entra. Outra, acho que eles em vez de trancar no recreio, não trancam. Essa agenda também para o 3º ano. Eles tentam fazer uma coisa organizada, mas acabam desviando. Eu acho que eles não calculam direito como vai ser a coisa. Tem coisas que não são assim, sabe. Eles tentam... Eles querem que a gente use uniforme, mas não tem pulso para dizer. Olha, aqui vocês vão ter que usar uniforme, senão

não entram. A Ângela o começo do ano inteiro falando que ah, se tu não vieres, não vai entra no colégio e não deu em nada. Sabe?

E tu achas que uniforme é interessante?
Eu não gosto de usar uniforme, mas se a escola falasse que era para usar, eu iria usar. Acho até bonito sabes essas escolas particulares? De todos usarem uniformes. Embora seja uma coisa meio antiga e tal... É uma coisa da escola, uma identidade da escola. Acho que iria ser bonito todo mundo usar o uniforme

E o que achas da agenda?
Acho que a minha turma, acho que as outras turmas também não gostaram da agenda. Ainda mais para o 3º ano. Eu não sei, eu acho uma coisa até engraçada, porque quando a gente falta aula e eles mandam, botam um bilhetinho na agenda falando, ah seu filho faltou à aula e não sei o que. E assina embaixo. Eu acho assim, eu acho que não tem nexo a coisa. Nada a ver isso.

E o que tu falaste de trancar as salas?
No recreio às vezes eles trancam, às vezes eles não trancam. Às vezes eles destrancam no recreio. Eu acho que tem que trancar no recreio, porque podem acontecer furtos e tal, essas coisas assim... É, mas na hora da entrada eu acho nada a ver. Tu vais roubar o quê? Entendeste? Não tem nada ali dentro, ninguém entrou ali.

E qual a diferença mais significativa entre escola e festa?
Acho que diversão, a escola é muito séria.

E como é se divertir?
Ah, se divertir... Ah, dançar, conversar, rir, na escola tu faz isso também, né: Claro, mas na escola tu tens que levar um pouco mais a sério. A festa é para ti comemorar alguma coisa ou tu estás muito cheia das coisas que tu estás passando. Aí tu vais à festa e se diverti. Na escola tu sabes que tens que estudar, tens que prestar atenção na aula, tem toda essa coisa assim. Eu acho que essa é a diferença.

Tu costumas ir frequentemente à festa? É freqüente?
Quando tem, eu vou. *Fênix* costumava ter uma vez por mês, mas agora parou. No boliche teve no mês passado e agora vai ter uma em novembro.

Tu disseste que são festivais?
Festa a gente vai igualar a essas que em Rio Grande. Tipo *Concentras*. Acho que festival, sei lá A gente chama festival ou festi.
Festi?
Não sei explicar, a gente chama assim. A gente mesmo que apelida e chama assim. É porque é nosso assim. Tem várias bandas. Claro nos últimos tempos teve várias festi só de punk rock, *hard core punk* então a gente chama de Gig.

E tem algum significado?
Significa festi, festival, é cultura, é diferente e tal.
Festa lembra baladas, as festas normais de Rio Grande. Aí balada não é.

E o melhor da festas?
Liberdade, eu acho

Liberdade?
Tem que ter responsabilidade também. É que lá cada um sabe de si, sabes? Cada um faz o que quiser, sabe? Se não quiser, não faz. Ninguém vai te coagir a nada.

E aqui na escola?
É a mesma coisa também. Ma tem bastante diferença, a relação é bem diferente mesmo

Talita/ 2011 (27C- gravador)

Qual a tua relação com a festa?
Eu acho tipo assim... A festa não é uma coisa assim para ser legal. A festa, em si, não é legal. Legal é o que tu faz na festa. Tipo assim... Tem muito amigo que a gente fica separado. A maioria que estão na faculdade, tem gente que está trabalhando... já são pai, não sei o quê.. Então a gente não se encontra muito assim sabe. De vez em quando a gente faz uma janta, coisa assim... A gente se reúne todo mundo na festa.
A minha mãe vende *Tachar*, segunda feira eu matei as duas últimas aulas do cursinho e fui para lá. Cheguei lá e em dou com todas as gurias. Veio uma amiga minha dizendo que estava organizando uma festa para um a outra amiga minha que estava de aniversário, lá na *Dump* e estava me convidando, catando gente para ficar no bar, para ela... Festa surpresa. Então é esse tipo de festa que é bom.

Qual festa que tu gosta então?
Eu não me privo de nenhuma. Eu adoro pagode. Segunda tem uma aqui do *Disfarce*, dos guris *Eu sei que tu danças*.

Onde?
Nos ferroviários.

Aqui no Cassino tu não vais?
Vou sim, as gurias me convidam para ir às *raves.*
Tem uma amiga nossa que toca na *rave.* Às vezes eu vou com elas, mas tipo eu não gosto, rola muita droga. Na *rave* a droga é mais liberada. Mas eu não me privo de ir a nenhuma festa, nem a minha mãe me priva de ir

Uma festa legal?
Para mim todas as festas aqui são legais: *Saint Patrick, Concentras*... É bom. Os guris mesmo eu ia a todas no *Concentras* sem pagar... Eu faço amizade. Os guris são todos meus amigos, eu ia sem pagar. É um lugar de divertimento, tipo, aqui no colégio tu estudas de segunda a sexta, faço cursinho, sábado de manhã também. Ai chega sábado de noite tu quer mais é zoeira, não quer ficar em casa.

O que é essa zoeira?
É um momento de descontração. Para mim é isso é um momento de descontração, de esquecer de tudo, colégio, mãe, pai, problema, conta.

Tu pagas conta? Tu trabalhas?
Eu trabalho com minha mãe. Vendendo tachar, roupa, *lingerie*. Agora o ano que vem eu vou trabalhar mesmo. Estou pensando até em trabalhar no verão. Esse ano eu não estou muito para festa. O pessoal se distanciou muito. De vez em quando a gente faz janta. Sábado teve um janta. A gente conseguiu reunir 60 pessoas para a janta, 60 amigos.

Isso é uma festa?
Com certeza, é o momento de coloca o papo em dia, conversar, porque a gente se distanciou muito. Eu morei um ano em Santa vitória. Eu tenho um amigo que a gente é super amigo, sabe? E agora ele está me enchendo o saco para ir para lá no verão. E lá também tem as festas *castilhanas* eu gosto.
Eu vou
Como são essas festas?
A gente dança muito, as danças têm mais jogo de cintura e rodopios. É bem legal é outro estilo, outra cultura.
Porque é do outro lado da fronteira. Tem espaço fechado, Música ao vivo, às vezes eles jogam um pagode para descontrair, porque tem muito brasileiro lá também. E tu aprendes a cultura deles. Eles comem umas coisas que tu dizes assim, bah. Muito estranho. Tem na frente uma lancheria...

Qual o nome?
Agora eu não lembro. É que troca muito os nomes

E aqui no Cassino?
O som é diferente. A batida é mais longa. É um só batidão muito alto. O som é muito alto. Tu não danças bem. Ninguém te olha.

O que tu não gosta das festas?
O que seu não gosto é o que as pessoas fazem das festas. Às vezes tu passas na frente e dizes, ah essa festa aqui é ruim, não sei o que. Tipo, não é a festa em si que é ruim, tipo, é que fazem na festa tipo Para que tu vais numa festa para brigar, para bater nos outros, entendeu?

Tu já foste à festa que teve briga?
Já, eu...
O meu irmão agora mesmo foi no show, sexta feira MV Bill. A minha mãe estava preocupada. Ele tem 27 anos, mas a minha mãe sabe como é... Foi ele e a minha cunhada. E minha mãe estava super preocupada porque ... tinha que ir de colete de prova de bala. Foram de moto, na metade do caminha furou o pneu, olha, uma loucura! Mas estava bom, não deu briga, tiraram até foto com eles. É um momento de descontração divertimento

O que é uma festa boa?
Uma festa que toca de tudo. No *Concentras* aqui no verão eles tocam de tudo. Tinham três pistas de dança. Uma tocava essas coisas assim mais antigas (anos 80). A outra tocava forró, pagode. A outra tocava *funk* e eletrônica. Então uma coisa assim... que dá para todos irem. Porque tem umas pessoas que dizem assim.. *Ah, eu gosto só de pagode.* Ah eu gosto só de *hip hop. Ah eu gosto só de rap*. É uma festa que tem variedades. Porque às vezes tu vais a festas que só toca um tipo de música. Se eu vou sozinha, eu vou encontrar a galera toda lá. A gente sempre sai de grupo, nunca sozinho.

Eles são da escola?
Não, eles são muito mais velhos que eu, eu tenho amigos de 30, 32, por aí. Eu...

Tu vais com pessoal mais velho?
Sempre vou com mais velho.

E tu achas isso legal?
Acho, porque é diferente se tu vais sair coma galera aqui do colégio... A maioria ainda nem desenvolveram o cérebro é uma coisa de louco. Eles não têm nenhum assunto para conversar, tá entendeu. A galera mais velha sempre tem variedade de assunto, A gente fala de colégio, de formatura, isso e aquilo... Agora na nossa formatura eu vou tentar reunir os mais próximos.

Lá na festa é possível conversar?
Ah, sobre tudo!!! *Ah, vais viajar? Vamos fazer uma viagem*. *Vamos alugar um ônibus, vamos viajar, sei lá para qualquer lugar*. Agora no cursinho mesmo as gurias estavam pensando em ir para Paranaguá
As gurias estavam a fim de ir.

Vocês planejam coisas?
É com certeza, no ano que vem eu já vou estar na faculdade. Não vou ter tempo para nada porque vou fazer faculdade de manhã e de tarde, trabalhar de noite. Não vou ter tempo.

E a escola? O que tu faz na festa que na escola não dá para fazer?
Ficar conversando.
A escola é um lugar a parte. Tu vens para aprender, adquirir mais conhecimento, mais cultura. Tem momentos que a gente faz alguma coisa. Tipo aniversário do professor que a gente mais gosta... A gente vai lá e faz um a festinha esses momentos que é legal... Esse pessoal aqui a gente faz muita janta porque a gente já está junto desde o ano passado, teve gente que eu estudei na 7º série. Tem uma galera que a gente se conhece faz muito tempo

A escola é o que está a parte?
Tem muita gente que vem para cá, só zoeira, só zoeira. Eu acho que a escola não é para isso. Tem momentos de adquiri conhecimento.

A escola também tu disseste que aprendes?
A gente troca experiências. Tu tá passando o que tu sabe para ela e ela tá passando o que sabe para ti.

E na sala de aula acontece alguma relação com a festa?
Acontece, o professor libera mais cedo para tomar chimarrão. Aí a gente vem e... Vai lá no refeitório pega água, bolacha.

O que na escola não se pode fazer?
Fumar usar droga não estaria certo. Nem destruir patrimônio que é nosso.
Ninguém pensou que isso á para nós e que eu posso deixar isso para meu filho. Acha que está bem, está certo

E o que tu achas que seria bom fazer e não está?
Incentivar esporte, eu me dou com todos os professores. Eu consigo jogar e depois... Se eles incentivassem para o esporte e para a leitura. Tu não vê adolescente lendo. Não tem incentivo, Não sabe, nem o dia que a biblioteca está aberta, sobre esportes, sobre o ler, conhecer. Falando da leitura, do esporte... Qualquer lugar que tu ias tinha gente jogando futebol, vôlei, basquete, andebol. E agora é pouco se desvalorizou muito.

E as festas, como combinam as saídas?
Orkut, telefone e *MSN, Facebook, Twitter.* Tenho todos.
Combinam de se arrumar em casa.
Eu me dou mais com os guris do que com as gurias. As gurias têm muito de fofoquinha, de ficar excluída. Os guris não,às vezes brigaram com o outro, já se desculparam, já estão amigos. Não tem aquelas panelinha como nos grupos das gurias. As pessoas mais velhas não têm muito isso.
Depois que acontecem as fotos. Fotos na máquina
Todo mundo tem máquina hoje em dia.
Qual foi a última festa?
Foi no *Larus*, o aniversário da Flávia.

O que tu não pode fazer na festa?
Não tem
A festa nada te priva de fazer e a escola tem privações...
Beber, fumar, essas coisas... Nem sei. Vamos, vamos, vamos...

O que fazem nas festas que não fazem na escola?
Pegar gurias, determinadas gurias também, ficar namorar, se conhecer...
Não é para mim.
Eu prefiro conhecer muito umas pessoas. Conversar sobre tudo, o que gosta de fazer, onde gosta de ir se gosta de sair, se tem irmão.

E o que elas fazem depois da festa?
Vão para a casa daqueles que encontraram na festa. Só fica na festa. Umas vão as outras ficam.

Jane Savernack/ 2011

É que assim, eu vou te explicar um pouquinho. As festas que eu vou é um pouco diferente das que a turma falou, o que o pessoal deve ter falado. É festa de metal, rock. Então assim oh... O meu pai tem uma danceteria. A minha irmã começou a montar uma banda, no início desse ano. Aí ela me convidou já que eu toco guitarra e teclado. Só que eu fiquei de guitarra. Então nós fazemos as festas. Tá, a gente vai também em outras festas como em Pelotas, em festival.. No porto. Tem também aqui no Cassino o *Boliche*, mas é muito raro. Nós é que fazemos as festas. Eu não fico só tocando. Eu também fico na copa com meu pai, a minha irmã fica de vez em quando organizando. É ela que organiza, meu pai só empresta para a gente. Aí a gente convida outras bandas para tocar. A gente convida bandas de Pelotas, não sei que... Aí gente pega e é KURZI o nome da nossa banda.

O que significa?
É um nome próprio, é um nome... A gente criou um personagem e como se fosse uma bruxa, entendeu? É um personagem, é tipo uma mitologia. E representa assim cada um de nós assim, é uma coisa. É um nome próprio, é um nome que a gente criou. E a gente faz as festas. Ela ia às festas e não tinha banda antes, aí gente começou a organizar, foi esse ano em julho. Antes eu ia, só ia não fazia. Eu toco com meu pai também, só que meu pai não é do metal. Meu pai toca música

romântica... Não tem nada a ver, não tem nada a ver. Só que eu toco teclado com ele. E toco guitarra com a minha irmã. É assim, a gente é que faz as festas porque no estilo que a gente gosta, que é metal, que é rock... Não tem. É só *rave*. A gente, a gente é *underground.* A gente é que faz os negócios.

O que é *underground?*
É assim oh. É um mundo metal. É um mundo obscuro. É um mundo anos 80 sabe? Hard rock, heavy metal. Isso a gente está resgatando aquilo de novo. Assim oh.. Tem muito *rockeiro.* Tem. Só que o problema é que eles não têm lugar para tocar. Então a gente resolveu fazer uma casa que só toca metal. Que é para resgatar aquela coisa anos 80, anos 60. Que acabou, não tem mais. Então a gente é que faz isso.

E onde é isso?
A minha casa, tu sabes onde é o *Doha*? Na rua do *Doha* na frente do *Dup*.. Bem no lugar onde tem festa mesmo.

É na própria casa?
Sim, é. Porque é assim, oh... A minha casa é grande assim... E o meu pai já fez para a gente fazer festa ali na frente. Desde Pelotas ele sempre teve isso, ele sempre teve um bar... Só que não desse jeito.

Clima da festa? O que acontece?
O que acontece? Mas tu que saber exatamente o quê? O que acontece de físico? Ou de emocional?
De tudo.
Uma festa metal, como a gente vai... Não sei como te responder essa pergunta. Deixa eu ver (silêncio).

Por que tu tocas?
Toco porque eu gosto.
Organizo festa porque é legal .. oh não é uma coisa que oh dá um monte de dinheiro.. não dá. É por fazer mesmo. Por que as pessoas reclamam.. As pessoas que são rockeiros eles reclamam que não tem aonde tocar.. que tá acabando.. Essas coisas todas. Mas quando têm eles queimam a casa. Eles são umas pessoas extremamente estranhas porque eles reclamam muito que não tem e depois eles chegam lá e ficam queimando. Mas sempre vão. Sempre falam mal. Toca uma banda eles vão lá e dizem que não gostou, não sei o que. Mas eles vão, eles vão. Eles acham defeito. É uma festa como as outras. Tem tudo normal. As pessoas veem problemas, as pessoas veem isso. Veem é normal, é a mesma coisa. Só que é um espaço para eles. Então eles aceitam isso. Não tem muito assim, muita diferença das outras festas. As pessoas vão para se divertir Vão para beber, para cair. Essas coisas normais assim. Não sei.

Faz de conta que eu não sei o que é uma festa? Como é então uma festa? Uma festa...
Uma festa se tu vai te colocar do lado do público que está indo, como tu queres que eu faça? O que eles acham? Ou do lugar da pessoa que está organizando a festa.

Dos dois lados.
Dos dois lados. Para a pessoa que está organizando a festa. Organizar é legal e ao mesmo tempo é chato. Porque nem sempre tu conheces o publico que vai. Se tu estás na parte da organização tens que ficar atento. Tu tens que saber o que fazer em certas situações. Sempre aparece uma situação estranha.

Por exemplo?
Por exemplo, é uma festa que tu... Tem sempre alguém querendo invadir a festa. Tem que saber o que os seguranças têm que fazer
Invadir?
Invadir é entrar sem pagar. Por exemplo, o ingresso está 5 reais. Chegas três caras se juntam lá na frente e dizem que vão entrar, metem a mão com os seguranças e tentam invadir. Aí então, tem que chamar a organizadora, o organizador da festa. No caso a minha irmã. Ela tem que saber exatamente o que fazer, quem são os caras que estão querendo invadir. Algumas vezes a gente nem conhece as pessoas. Então a gente, sabe... Mas nem sempre é assim. Às vezes tem gente que apronta lá dentro mesmo. Tem gente que por, exemplo, foi lá na copa comprou alguma coisa e não gostou. Aí essa

pessoa pega e reclama, se junta com mais um grupinho e diz que nunca mais vai voltar. Tudo isso acontece. Do lado do público que vai.. Eu acho assim, oh. Tem sempre aqueles que vão para encher o saco, para reclamar, para azoar mesmo e tem aqueles que vão para se divertir. Os que vão para se divertir vão e se divertem mesmo. Entram, pagam tudo certinho. Ficam lá assistem as bandas e depois vão embora normal. Esses vão mesmo para se divertir assim. É isso. Não tem muito o que falar de uma festa. Um lugar que tu vai para te divertir e tu pode arranjar problema;

E o que tu acha mais legal de uma festa?
Eu acho, eu não gosto muito de organizar uma festa. Eu acho uma chatice, mas eu gosto de tocar. Eu gosto de tocar porque nós... Porque nós já que eu tenho uma banda. E a minha banda já está bem conhecida. Então para nós, a gente... É só música própria. Na última festa que a gente fez, a minha irmã é vocalista. Ela pediu assim para o pessoal cantar junto. O pessoal cantou junto. Cantou as músicas junto. Elogiou a banda não sei o que..
Teve um problema com uma banda aí... Foi uma banda punk. Teve um probleminha porque eles quebraram uns negócios lá. Só eles nos queimaram um pouco, mas tirando isso, não tem muito problema.

Eles quebraram o quê?
Ah, foi a minha irmã emprestou o instrumental e eles estragaram os cabos lá. Do microfone. Mas só esses probleminha, é pouco.

Foi tocando?
Foi, foi tocando. É que eles se empolgam.
Porque nunca tem lugar para tocar, então às vezes eles se empolgam um pouco para tocar, começa a subir um monte de gente em cima do palco. Aí eles pegam e sei lá. Eu acho que eles ficam emocionados (risos). E aí eles pegam e acabam quebrando os negócios. Mas os caras ficaram tri apavorados. É as pessoas se empolgam (risos) É numa festa tem isso também.

E o pessoal dança bastante?
É que não é bem dançar, né... Nunca assististe um show assim? As pessoas não dançam tem um pulgueiro. O pulgueiro é um negócio que quando mais rápida a dança, mais as pessoas ficam na frente se batendo assim, conforme o ritmo da música. Eles batem cabelo assim... Fazendo isso. Nunca viste?

Não!
Risos/ ah muito hilário. É que é assim, a música, o metal não é dançado. Ele é curtido e aí conforme a batida da música. Então, um show de rock as pessoas bangueiam. Banguear é girar o cabelo, bater. Entende? E se empurrar. Mas não tem nada de violência.

Eu vi alguma coisa assim.
É mas não tem nada de violência.

Como chama? Pulgueiro?
É pulgueiro. Roda punk. Muito pulgueiro acontece em festival punk. Hard core. Punk rock. E todo mundo se junta ali fica. Correndo assim, caminhando e se batendo. Entende? Eles fazem uma rodinha e ficam só ali dentro da rodinha se batendo assim... Pulando.

E tu gostas também?
Gosto, mas não participo. Não participo porque... Pulgueiro é muito... Guria não gosta muito de pulguear porque os caras são muito violentos assim... Nos pulgueiros têm muito empurrão, tem muita coisa.

Mais homens então?
É, porque eles se empurram muito. Então quando se empurram às vezes caem. Caem, podem se machucar. Então em pulgueiro assim, guria não se mete.

Então pulgueiro é masculino?
Não! É feminino! Pode entrar. Mas não tem muita guria por causa que é muita empurração assim. Pulgueiro *heavy* metal, é *trash* metal porque *heavy* metal. *Trash* metal é um estilo dentro do metal, um pouco diferente, mais pesado, um pouco mais rápido. Pulgueiro mais é rápido também, mas não

é tanta empurração quanto o pulgueiro punk. Que é o estilo de dança deles, que é mais empurração. Então pode se machucar. Então é mais guri. Não tem muita guria. Porque as gurias caem lá.

Já se machucaram?
Claro, claro.
Mas às vezes não é, assim não é de propósito, às vezes se bate e cai. Então é perigoso. As gurias não gostam muito. Os guris não se importam muito.

As festas já começam direto com as bandas tocando ou não?
Não é música. É que é assim, a gente convida umas 4 bandas para tocar., para encher a noite. Cada banda toca uma hora, depende de quantas músicas tiver. Então a gente abre uma meia noite. Aí começa com música. Aí junta um grupinho lá na frente porque eles nunca gostam de entrar de primeira. Sempre junta um grupinho dizendo que não vai entrar, não sei o quê Mas ai depois quando a gente anuncia. Ah.. a banda vai começar a tocar. Aí todo mundo entra. Aí fica pouquíssimas pessoas na rua. Aí a banda começa a se preparar. Aí começa a tocar a primeira banda. Dependendo a gente não mistura estilo, porque se não fica complicado, fica muitas pessoas diferentes e sempre dá confusão. Festa de bastante rock, assim do jeito que a gente faz a gente tem que ver. Se for banda de heavy metal a gente até pode colocar banda de punk, mas tem que ser para o final, porque se não junta *punk* com *heavy metal*, daqui a pouco entra uns cara que não gosta de *punk* e aí dá confusão. Não pode fazer isso Tem que ser separado. Esta é a diferença de festa, essas festas comuns que eles vão, de *rave*, essas coisas que é só botar qualquer coisa que a pessoa dança. Ma num festival de *rock* não pode misturar estilo por que senão dá briga. Não pode fazer isso. Então a gente faz assim... Bota uma banda para tocar. O último festival que teve lá em casa, a gente botou uma banda *couvert de Iron Maden,* aí depois tocou a gente e uma banda de punk para o final. Não teve 4 bandas para tocar. Mas como a nossa banda não é só de musica própria, a gente tem bastante música também. Então a gente tocou mais ou menos uma hora e meia, com mais toda a falação, mais todo o povo gritando, não sei o que. Então a gente tocou mais ou menos umas duas horas. Aí depois a gente bota a música de novo e depois continua.

Quando é a próxima, para eu ir?
Ah, eu não sei, é que agora vai ter em outubro. É que a gente é parceiro de um outro cara que faz festa também e a gente marcou de nunca fazer festa nos mesmos dias, porque senão o povo se divide. Rockeiros são bastante, mas não são muitos. Então fica dividido. Então a gente marcou, ah não. Então se ele vais fazer dia 7 que eu acho que é 7 de outubro, a gente só vai fazer lá pelo dia 29. Lá em casa. Eu acho que a gente vai fazer uma festa de *halloween*, porque 31 cai segunda ou terça, né

29 acho que é sábado.
Então não vai dar de fazer em dia de semana, não tem nem condições de fazer em dia de semana. Então eu acho que a gente vai fazer num sábado. Acho que vai ser dia 29. Não sei ou só em novembro. Depende das bandas, as bandas têm que assinar contrato. Agente faz tudo certinho, no papel. As bandas assinam dizendo que vão se responsabilizar, qualquer dano, não sei o que. Tem tudo certinho, para não ter problema delas pegarem e depois ah... não.. E a banda faltar. Não tem isso. Então tem tudo no papel direitinho.

Falaste mais como organizadora. E tu como uma pessoa que vai a festa.
Assim, eu como uma pessoa que vai a festa. Eu não vou a festa só para.. Quando eu não toco também vou em festa. Eu vou para curtir as bandas mesmo assim não gosto de ir a festa para beber, para fazer essas coisas. Eu acho que não tem nada a ver. Se tu vais para uma festa, tu tem que ir para curtir. Então eu, a minha irmã, o pessoal todo da minha banda que anda comigo, a gente quando vai em festa, uma outra festa que não seja lá em casa , que não está organizando, a gente pega e vai para curtir mesmo, para assistir as bandas para ver como é que está é só isso, a gente vai para curtir

Tu falaste do *underground*, eu queria que tu falasses um pouco mais sobre isso. Qual a diferença de uma festa *underground* para uma outra festa?
Uma festa *underground* é uma festa que ela vem dos anos, ela vem lá dos anos 60 70, tem a *new wave.* É uma coisa completamente diferente porque é uma coisa de estilo. Não é uma coisa que segue um padrão, ah saiu uma música nova, não sei o que.. É um mundo do metal, é assim né.. É que o rock ele é dividido em várias coisas, dentro do rock tem heavy metal, black metal, tem gótico e

underground é tudo isso.. É todo esse mundo metal, essas coisas que as pessoas parece que esqueceram. Ah não, rockeiro é uma coisa do passado; não sei o que. Mas, não. Continua. É o estilo que continua lá dos anos 80, lá de quando surgiu da Inglaterra, é lá daquele tempo...

Por que tu achas?
Porque as pessoas... A música é uma coisa que não acaba, mas ela evolui. Então eu... Aqui no Brasil a gente não tem essa cultura. A mesma coisa, dentro do rock tem a cultura nórdica de black metal. É aqui no Brasil não tem isso. Aqui é cultura, por exemplo, gaúcha, certo. Teve o desfile domingo, mas é uma coisa que acontece uma vez por ano. Não tem essa coisa de tradição. Não é uma coisa que vem. Que no Brasil ela é pagode, ela é samba. É o *underground* não é uma coisa do Brasil, é uma coisa dos países lá de cima Inglaterra, Espanha, mais europeu. Nos EUA também tem, só que é *trash meta*l, entende É uma coisa que pertence ao *underground*, mas não pertence ao Brasil. Então as pessoas aqui no Brasil não tem essa cultura, por isso que aqui no Brasil é escasso. Tem bastante, principalmente em Porto Alegre tem tudo. Mas aqui, especialmente no RS as pessoas não conhecem muito

E de onde vem esse teu gosto pelo estilo rock?
Desde pequena porque meu pai gosta desse estilo de música romântica, não sei o que... mas o meu pai sempre gostou dessas músicas assim. The Purple, todas essas bandas assim... Pink Floyd, Led Zeppelin. Minha irmã começou a escutar, desde que tinha dez anos. Aí ela começou a gostar de um rock mais pesado, ai começou a se aprofundar, a pesquisar e aí ela começou a escutar. E eu também nunca gostei dessas músicas aqui do Brasil, dessas coisas, samba, pagode. Não gosto dessas coisas. E aí o que... eu me identifiquei com aquilo, tem estilo, é uma coisa legal, uma coisa própria, tem vontade. Então desde pequena, desde os meus 7 anos.

Que é esse estilo que tu falas? Como é isso?
É uma característica, o rock tem uma característica, não é uma coisa, *rave* tem uma característica, certo? As pessoas vão lá. Mas entra numa *rave* as pessoas vão lá, monte de gente, tem pagodeiro, tem funkeiro, tem qualquer coisa... Do *rock* não, dentro do rock é aquilo... O rock se transformou, esse underground se transformou numa num estilo de vida, a pessoa que adere a pessoa anda de preto, a pessoa anda de preto de manhã, de tarde, de noite, a pessoa gosta de escutar rock, ela escuta de manhã, de tarde e de noite. Não tem essa coisa, se ela vai dar a opinião dela, ela vai dar sempre aquela mesma opinião, ela não vai mudar. Vai chegar o ano que vem.. Ai vai sair um, saiu lá não seio que, saiu um outro estilo, a pessoa vai dizer, a não tô lá naquele outro estilo. A pessoa é sempre aquilo. Entende: O rock se transformou não mais naquilo, anos 80, ah tá acabou... Não, ele se transformou na vida, A pessoa que é do *underground*, ela até sai, ela sai, mas ela vai continuar sempre gostando daquilo, Entende Sempre quando tiver uma coisa nova ela sempre vai, ela sempre vai querer.. Se ela mesmo de origem... Também tem os falsos, se vestem hoje e amanhã não são mais. Essas pessoas que dizem eu e a minha banda, essas pessoas da origem, a gente curte, a gente é mesmo, a gente aderiu a isso, é um estilo de vida

E esse estilo de vida além do rock e de usar preto, o que mais. Como vocês veem o mundo, a vida?

Não, o mundo, a vida cada um vê de um jeito, mas o jeito que a gente vê a política... Isso aí não interfere entende tá se a gente fosse punk, a gente teria ideias talvez se fosse punk anarquista teria ideias contra a política, não sei o que. O estilo que eu e a minha banda somos, não posso falar pelos outros estilos porque eu não sei, assim. Não, não tem nada a ver. A gente só curte rock. A gente só curte heavy metal. E outras coisas como política, os modos de ver as outras pessoas, isso a gente não... Isso é normal, isso é opinião, o que muda é a música e a opinião sobre a música. Não sobre as outras coisas.

E tu consegues ver relação entre essas festas *underground* e a escola?
A escola e essas festas? Não sei, acho que... Não, não essas festas não interferem em nada. Não tem...

E na escola tu não vês na escola coisas que se parecem com essas festas?
Na escola não. Tem só as pessoas que curtem as festas tem, só isso. Por exemplo, o pessoal da outra turma ali, tem as gurias da outra turma que curtem a festa tem a.. o pessoal da minha banda, o guri da minha banda que é do 1º ano tem... a escola não interfere em nada porque tu é rockeiro, mas

tu é uma pessoal normal, tu vais a essas festas mas durante o dia tu frequenta escola tu vai a faculdade, tu faz isso, não interfere.

Em alguma conversa sobre o que acontece nas festas?
Só conversas normais de cotidiano, por exemplo, ah uma guria da outra turma foi lá na festa, mas é claro que ela vai comentar, mas não tem nada a mais sobre isso.

O que tu acha da escola: ela interessante, desinteressante.
A escola em que sentido?A escola no sentido de festa?
A escola é obvio que é interessante.

Por quê?
A escola, a escola é interessante porque, olha, tu vê só... eu organizo festa mais isso não significa que só porque eu organizo festa eu não dou bola para a escola, que eu não dou bola para o estudo. Isso não tem nada a ver.

Não, não era isso...
Sim, só estou dizendo que claro a escola é importante, é que a escola não é... Eu estava falando isso com a minha irmã, escola é como se fosse outro mundo, a escola é como se fosse uma coisa diferente. Aqui tu vem aqui para a escola e tu não é a pessoa que tu é na escola, Tu estuda na escola, tu tem os amigos da escola mas não é a mesma, é como se tu vivesse outra vida. A escola é diferente, é como se fosse uma coisa profissional, profissional, uma coisa que tu vais ter que precisar então tu tens que estar aqui, tu tem que te concentrar, tu tem que pegar e estudar, em primeiro lugar, mas depois que tu saiu da escola tu começa a tua vida. Vida... fazer uma festa é como trabalhar. Tu trabalhas no supermercado, tu tens uma vida lá, entende? Então não tem nada a ver, escola é importante, a escola a gente necessita dela.

Por quê?
Porque a gente precisa saber, a gente precisa ir para uma faculdade, ter uma profissão. Isso não tem nada a ver com as nossas festas, não tem nada a ver com nossos gostos, entende?

Mas a festa, tu podes ser músico profissional?
Podes, mas para ser músico profissional tu precisa de uma escola. Tu precisa, tu precisa passar, tu tens que ter feiro pelo menos uma outra escola tem que ter feito pelo menos aqui no Rio Grande tens que ter feito o Belas Artes, aí depois tu vai para Porto Alegre, fazer um teste para tu ter a carteira de músico profissional que meu pai tem. Tem que fazer teste para tu fazer a carteira de músico profissional. Tu não pode só ser músico e sair tocando por ai, tu tens que ter a carteira de musico. Então tu tens que ter estudo.

E a tua profissão tem alguma relação com isso?
Não, eu quero ser física, eu acho que eu vou fazer faculdade de física ou se eu não passar, talvez eu estude mais um pouco e tente direito. Não tem nada a ver com música, mas eu não deixar a musica, eu vou continuar, talvez eu continue organizando festas, talvez eu compre um espaço maior, talvez a gente saia daqui.

E tua achas que as pessoas vem a escola, por quê?
As pessoas vem na escola?
Olha é difícil porque tem gente que vem obrigada, tem gente que vem aqui só para passar tem gente que nem pensa em ir para a faculdade, vem para a escola só para terminar, para dizer oh eu fiz o 3º ano. Tem gente que não, tem gente que quer mesmo. Isso é de cada um. Eu acho que as pessoas vêm na escola por, alguns por obrigação, outros não...

A maior parte?
Eu acho que não por que... A gente vai a escola desde que tem 5, 6 anos, daí já virou rotina. Tem gente que vem por que é rotina. Tem gente que tem que acordar de manhã, ir à escola, copiar a matéria e ir para a casa.... Já é uma coisa automática.

É que nem levantar e escovar os dentes?
É, é que nem levantar e escovar os dentes, uma coisa automática, as pessoas vem

O que é bom na escola?
Não, tem, tem uma coisa boa quando tu estás com vontade de vir para a escola, tu tens um objetivo, por exemplo... Tu queres vir para a escola para estudar. Então tu vens para a escola para estudar. É isso que é bom na escola, tu sai, tu esquece a casa, tem que fazer um negócio, tu te concentras aqui, Outra, a escola é assim só inicio, porque se tu quiseres estudar, tu não vais estudar só na escola. Tu vai estudar em casa também, porque a escola é a escola, a escola é boa porque ela te dá um, um chão, um alicerce, mas só também porque...

O que tu gostas na escola?
Essa escola é meio precária nas coisas de ensino, né? Eu gosto da escola, digamos é bom a convivência aqui na escola, tu convives com pessoas diferentes, tu aprendes a conviver, na escola, com os professores também, dizem [perguntam] tu gosta da matéria. Sim, eu gosto da matéria estudo em casa, mas não sei a escola para mim não é lá uma coisa assim uma obrigação. Eu venho para cá, eu estudo, é bom... Não sei não tem muito..

E a festa?
A festa não é um trabalho, a festa é uma diversão, mesmo quando eu estou organizando... Ela não é uma escola, ela não te obriga a nada tu não precisa saber mais, é... Uma festa é um lugar em que tu vais te divertir, o dia que tu vais esquecer um pouco o dia cansativo que tu teve, tu vai reunir os amigos para conversar bastante vou tá, vai ter outras ideias.
Sim escola e festa, eu acho que não tem muito a ver. Aqui tu estás aqui para estudar, numa festa não precisas. Aqui estou está para aprender, tu tem que ter uma nota no final o trimestre. Numa festa tu fazes o que tu quiseres, quando tu tocas, tu sobes em cima de um palco, tu podes estar tocando para 5 pessoas, aquelas 5 pessoas estão gostando da tua música. Tu vais continuar tocando e elas vão tocar para 5 ou para 1 milhão uma festa é praticamente a mesma coisa, porque tu tocas porque tu gostas daquela música. Na escola tu estudas, às vezes não porque tu gostas de estudar, mas porque tu precisas.
É. O que foi?

Fiquei pensando no que tu estás dizendo.
É... escola e festa são mundos completamente diferentes. Tem relação porque tu precisa de escola, mas na festa qualquer um pode ir, tu pode fazer o que tu quiseres, tu é livre. Numa festa tu defendes tua opinião e é ela. E aqui, aqui não, tu tens regras, tu tens limites, não que numa festa não tenha tu não pode sair quebrando as coisas, mas é diferente.

As duas têm regras então?
É lógico que tem regras, que tem limites. Tu não podes entrar numa festa, tu não podes entrar com bebida, numa escola tu não podes entrar com um canivete. Que é isso...! Tem que entrar com teus livros, com o que pode. Regras são a mesma coisa, só que é diferente a regra das duas. Entende, numa festa tem regras, tem coisas também, mas nós que estamos organizando, nos não somos os professores, a gente não quer ensinar nada nada, a gente quer divertir..... o objetivo é ensinar.

E tu gostas desse aprender e ensinar na escola?
É legal, só que numa escola que ainda tem... o fato de uma escola pública, uma escola que é particular... Uma escola pública não é que os professores não se importem, os professores se importam, mas numa escola pública os alunos não se importam. O professor tem uma disciplina para explicar, aí tá, o aluno copia a matéria do quadro. Aí chega no final do trimestre, vai olhar ali... O ensino em si de uma escola publica é reprimido, o professor quer explicar, mas o aluno não quer, então o ensino em si, se fosse todos os alunos verem, se fossem os alunos ficarem na sala, ficar de boca fechada e o professor ensinar, seria maravilhoso, mas é de nós nos mesmos alunos parecemos que não queremos aprender.

E na festa aprendes?
Aprende assim... A andar com outras pessoas, aprende a conhecer, numa festa tu conheces. Eu tenho um grupo lá de pessoas que tu sabes que eles são bagunceiros, significa que eles podem ser as melhores pessoas do mundo durante o dia, mas chegam numa festa eles acabam anarquizando as pessoas, umas coisas que aprendes numa festa, é conhecer as pessoas e saber o que deve ou não fazer, só essas coisas assim...

Mas disseste isso em relação à escola...

É. É que tu aprendes a conviver, o que pode e o que não pode.
Sim, tem relação. É que a escola é diferente

O que é mais marcante na diferença?
É que quando tu falas palavra escola tu pensas na palavra estudar, estudar te lembra que tu tens que ter um monte de obrigação, tu tens que fazer trabalho, tu tens que, então escola... Depois tu tens que entrar numa faculdade, depois tu tens que trabalhar, uma coisa bem monótona, tu tens que ser certinho, tens que seguir uma linha, muna festa não precisa fazer isso. Tu tens que seguir as regras da casa, mas tu não precisas estar ali porque tu estás sendo avaliado, tu estás ali porque tu és, não precisa ser o melhor, tu estás ali porque tu é, porque tu estás vivendo aquilo ali. É normal. Na escola tu vives uma vida. Mas é uma vida que tu já te acostumaste com isso, com a festa não...

Como divulgas a festa?
Bota cartaz na avenida, pelo *Orkut*, pela internet, as bandas mesmo divulgam. E sempre depois que termina, aparece umas 3 ou 4 bandas querendo pegar os papeis porque é tudo direitinho, tem que ter papel, assinatura de todos eles porque senão as bandas não tocam ai eles sempre perguntam, eles mesmo já dizem as bandas que eles querem chamar e eles mesmo já cuidam da divulgação...

Marcela/ 2011
Não mato aula, a aula é que me mata!

Tu vais a festas? Que festas?
Eu vou a festas, eu vou a festas, mas tipo... Eu vou em poucas festas por causa que a minha mãe não libera muito para sair. Ela cuida muito da gente. Cuida muito de mim e do meu irmão porque a família somos nós. Tem mais gente da família, mas a família mesmo sou eu, ela e o meu irmão. Aí ela cuida muito porque tenho 17 anos. Ela não libera muito. E agora mesmo eu estou procurando emprego. Para ajudar ela, porque ela vive de aluguel e o ano que vem agora em janeiro acaba a minha pensão. Aí, se a gente não conseguir trabalho, se eu não conseguir trabalho, aí a gente vai ter que voltar para Bagé. E eu não quero. Eu sou de Bagé. Faz dois anos que eu estou morando aqui. Dois anos e meio, quase três. Daí, eu gosto de todo tipo de festa, mas as duas que eu frequentei. Fui uma na *El parador* ano passado e uma lá no centro na Glamours, que é festa de GLS. É o tipo de festa que eu frequento assim. É o povo que eu ando, né? É isso.

Fala um pouco sobre essas festas que tu vais? O que acontece?
Ah, é bom, os *shows* que tem são bons, a gente dança, a gente se diverte, bebe. Se a minha mãe deixa eu beber. Ela diz Ah, tu bebe tal coisa, mas não te passa. Não chega bêbada em casa. Aí eu bebo um pouco, não sou muito de beber não. Eu gosto mais de sair para dançar mesmo. Dançar, rir, conversar com todo mundo assim. Que na festa eu encontro a maioria dos meus amigos. Que eu não vejo há muito tempo. A maioria deles frequentam festas. Eu não sou muito de frequentar festa, aí quando a gente se encontra a gente tira foto, conversa, tudo mais... Dança. É isso.

A festa e o colégio?
Talvez tenha uma relação porque a gente encontra os amigos. A gente encontra os amigos. Mas no colégio têm poucos. Mas é pouco que a gente tem amizade assim, né? Eu pelo menos, meus amigos são todos do centro, fora do Cassino e estudam no centro, são poucos do colégio e daqui. A gente se encontra mesmo nas festas o no verão mesmo, que eu fico aqui na avenida caminhando, conversando com as minhas amigas tudo... A maior parte das vezes é no centro que a gente se encontra, lá na praça. Porque eu não saio muito também. Eu saio uma vez por semana, eu saio porque eu tenho curso lá, senão nem ao centro eu iria. Eu conheço muito pouco o centro lá. Quando eu vim morar aqui eu morei só dois meses no centro e aí eu não saia no centro, eu não sou de sair muito, eu não gosto muito. Só nos finais de semana, agora na época de aulas eu não tenho saído porque no ano passado eu rodei e ai minha mãe não, esse ano ela está me trancando mais porque eu não podia ter rodado o ano passado.

Qual foi mesmo a festa que tu foste, Glamours?
Glamours, festa de GLS.

E o que acontece na festa?
Ah, acontece de tudo, a gente conversa, dança, bebe.

Eu gosto de ir porque eu me sinto bem lá. Eu encontro os meus amigos todos lá. Eu me sinto bem. É o meu meio lá. É o tipo de música que eu gosto.

Que música rola?
Tudo. Eletrônica, funk, pagode, reggae. É o tipo de música que eu curto. Só não sou muito de rock, mas rock não toca lá. Só toca música para dançar mesmo, é o tipo de música que eu gosto.

E a escola? Tu gostas?
Gosto, eu gosto. Ela tem de bom porque tu acabas conhecendo pessoas de toda a volta do Brasil. Agora mesmo, acho que há duas semanas chegou um colega do Paraná. Ele é bem legal assim. A gente conhece muita gente alí, no colégio, a gente conhece muita gente de fora. Gente que a gente já conhecia e pessoas que vem de fora também para estudar aqui. Daí é isso, a relação é essa.

O que fazem na escola que está fora das regras?
Ah muitas coisa. Uma delas é não usar os uniformes. Porque nem todo mundo usa, gosta de usar e tem gente que às vezes foge das regras e fuma no colégio.

Fuma cigarro?
Fuma também. Fuma cigarro, fuma de tudo... Principalmente à noite. A noite ali é, sei lá um ponto de droga. Só não vou falar o nome deles. São meus amigos também. Eu não uso essas coisas, mas se são meus amigos têm que respeitar, né? Cada um com seu cada um.

Quando tu vais à festa o que tu esperas da festa?
Espero que ela esteja boa.

O que é uma festa boa?
Uma festa boa? Na real a festa boa é a mesma coisa que um lugar bom que tu vais ali. Que tu te sentes bem ali. E tu encontras pessoas, todo tipo de pessoas. E assim conversa. Eu mesmo, eu gosto de espanhol. Muitas vezes eu encontro as pessoas de fora assim da Argentina, essas coisas assim. Eu converso direto porque eu gosto de espanhol. Encontro também pessoas que jogaram futebol comigo, as meninas. Aí a gente fala sobre futebol porque todo mundo sabe que eu sou viciada em futebol E é isso. E até por isso que eu vou tirar faculdade de Educação Física, no ano que vem. Aí, acho que é por isso. Eu me sinto bem nos lugares que eu me sinto bem, eu gosto.

O que tu gostas da escola e o que não gosta?
O que eu mais gosto é a aula de Educação Física. Mesmo eu não frequentando mais agora, porque estou fazendo curso. Sempre foi a minha aula preferida. E espanhol, que eu gosto muito do espanhol. E o que eu menos gosto são as regras. Regras têm, é difícil cumprir, mas ninguém cumpre regras. É difícil.

E a festa não tem regras?
Tem, mas dá para seguir as regras. Dá para respeitar. Tipo, a festa que eu vou é liberado lá, assim para beijar, assim, para tudo. A única festa que eu fui o ano passado, eu não lembro o nome. Não sei nem onde fica, não lembro porque eu fui de noite. E eu não conheço a cidade. Aí não podia beijar assim, ficar se beijando todo tempo. Não podia dançar grudado. Ah, é uma festa lá, muito careta. Aí... Sei lá, mas...

Que festa?
Eu não sei, eu não sei, eu não lembro o nome porque eu fui de noite para lá e não conhecia, foi o primeiro mês. Eu vim para o Cassino e os meus amigos me convidaram para ir a essa festa. Mas aí, no fim acabamos saindo da festa e ficamos na rua mesmo, ratiando na rua. Porque a festa estava muito ruim mesmo!

E na escola?
E na escola é a mesma coisa. Esse ano está mais rígido, porque agora esse ano tem muitos casais homossexuais no colégio. Principalmente de gurias. Aí esse ano está mais rígido assim, não pode... Nem casal heterossexual pode ficar se beijando todo tempo no colégio. Às vezes eles não deixam

nem andar de mão por causa das crianças que, para as crianças do jardim, ali, para as crianças não ficarem influenciadas, entendeu, mas... Acho que está certo; eles também...

Por que tu achas?
Acho que as crianças porque as crianças não têm que ficar vendo assim, porque senão as crianças, criança vai olhar e vai achar *ah, é certo isso aí, vou fazer a mesma coisa.*

Não é certo?
Não é que não seja certo, mas sei lá. A gente faz as coisas que a gente faz, mas a gente tem que respeitar o lado dos outros também. Eu acho que é assim, eu penso assim. Tem gente que achas que não precisa respeitar, eu sou assim e pronto. Eu sou assim e não tem nada que ver. É só não me olhar. Eu não penso assim. Tem que haver respeito entre os outros assim. Todo mundo tem que se respeitar. Se tu queres ser respeitado, tens que respeitar primeiro. Eu penso assim.

E está certo não deixar guri ficar com guria, guria ficar com guria?
Não é que eles não devam fazer isso. Eles podem fazer, mas fora do colégio.
Porque na real o colégio é o lugar para estudar. Para ir lá estudar, pode conversar e tudo, mas ficar se agarrando assim na frente das crianças não dá porque... Criança pensa diferente da gente. Criança vê e acha que é certo e vai querer fazer a mesma coisa.

E se for guri com guria?
Aí é normal, é normal, mas... É que assim... Eu não sei explicar, mas eu acho que as crianças assim, elas têm uma forma diferente de pensar realmente, tanto é que quando tu és criança e vês um assim mais velho fazendo alguma coisa, tu acha que aquilo é certo e vai querendo fazer a mesma coisa também.

E porque tu achas que não é certo?
Não é que eu ache que não seja certo ou errado. Não penso que seja certo ou errado. Porque eu também, eu fico só com guria, todo mundo sabe disso e até por isso, muita, eu sei que tem muito preconceito, mas...

Tu ficas com guri, com guria?
Só com guria. E, sei lá eu acho que tem que respeitar as pessoas, principalmente as crianças. Tem muitos pais que não gostam de ver isso e não gostam que os filhos vejam. Fora do colégio, faço o que quiser, está na rua, lugar público. Mas dentro do colégio, pode ficar de mão e tudo, mas não ficar na frente das crianças se agarrando, não é certo. Pode ficar assim, mas não se agarrando todo tempo. Eu acho que não é certo. Eu não acho errado também
O problema que é na frente das crianças. Se tivesse o banheiro ou algum lugar assim... Mas assim fica no pátio, assim. As crianças passam ali toda hora e para ir no banheiro, essas coisas assim também.

São teus amigos?
A maioria

E tu não gostas?
Não é que eu não goste, porque eu também sou, né? Mas sei lá, tem que respeitar. É o que eu penso. Mesma coisa, eu tenho muitos amigos que usam drogas. Não é por isso, porque são meus amigos que eu vou chegar neles e usar. Eu não sei, mas isso é coisa de pessoa que não pensa. Tu fazes o que tu gostas. E só porque teu amigo é assim, tu não precisas ser assim. Eu penso assim. Tem gente, muitas pessoas que são muito influenciadas... Não sabem o que querem, não sabem o que querem da vida e acabam fazendo o mesmo que o outro faz, só para entrar no meio do grupo assim, entendeu?

Isso na escola, de não deixar namorar é correto?
Ah, eu acho que está certo.
Não deixar namorar guria com guria.

E quando é guri com guria?
Aí é normal, né.

E de outro modo é anormal?
Não é que não possa namorar professora, eu estou falando assim. Não pode assim... Não sei se quiser ficar abraçado, de mão tudo bem. Mas ficar todo tempo assim na frente das crianças eu não acho certo isso. Eu mesmo não faço isso, eu não faço. Eu não me sinto bem. Sei lá. Cada um, cada um pensa de um jeito diferente. Se todo mundo pensasse igual seria todo mundo robô, para fazer tudo igual

Agora tu estás saindo da escola, se tu tivesses que dizer as coisas boas da escola?
Foi que eu conheci muita gente de fora. Gente diferente. Eu, ah, como é que é, como é que eu vou dizer... Aprendi outros tipos de vocabulários que eu não falava em Bagé e muitas gírias. Eu não era muito de falar gírias por causa da minha mãe mesmo. Ela não gosta de gíria. Se eu estou conversando com ela e falo *Tipo assim. E aí? Tá ligado? Qualé que é*? Ela já me corta. Não fala assim comigo. Eu não vou falar contigo se tu seguir falando assim. Aí eu já falo mais certinho assim e tudo.

Tua mãe é muito rigorosa?
A minha mãe é. Eu entendo ela, porque ela é mãe, né? Ela tem que cuidar. Eu acho certo o que ela faz. Ela tem que cuidar. Eu digo para ela é por isso que eu não vou ter filho. Aí a gente, ás vezes, discute e eu digo. É eu não vou ter filho por causa disso. Tem que estar cuidando, brigando toda hora, fica enchendo o saco.. Eu encho o saco, porque eu fico preocupada É, eu sei que é coisa de mãe isso, mas... Às vezes irrita, qualquer um se irrita, mas é normal, normal é coisa de mãe.
Pior se fosse uma mãe, como muitas mães que eu conheço aí que... Muitos filhos aí estão largados porque a mãe nunca deu bola, não dá bola se o filho estuda, se o filho come, se o filho bebe, se usa droga, não dá bola. E aí quando aparece na TV o filho sendo preso assim. *Ai meu filho! Eu não sabia*! Não sabia ou se fez que não sabia assim. Como diz a minha mãe, pior cego não é aquele que não vê, mas aquele que não quer enxergar.

O que tu achas de melhor?
Fazer novos amigos, conhecer gente nova e acaba conhecendo novos professores também, né?.

Aprendeste gíria na escola?
Aprendi gíria e jeito de falar. A gente de Bagé é bem, bem, bem “de Bagé” para falar e quando eu cheguei aqui mesmo e perguntavam: De onde tu és? Tu não és daqui? Não eu sou “de Bagé”. Ah, “de Bagé”, “de Bagé”. Eu não posso fazer nada, eu falo assim e não vou mudar, mas eu fui acostumando, todo mundo fala É tu vais? Muita gíria assim... Aí eu acabo falando. Muita gíria, tipo colocar s, tipo tu queis? É o jeito né, mas e vez em quando escapa, é de costume. De onde? Aí já me olham assim, ah, é o jeito... Mas de vez em quando escapa ainda é de costume. De onde? Aí já me olham assim. Ah, é o jeito, não posso fazer nada!

E de pior?
O ano passado. Que eu rodei, eu nunca pensei que ia rodar, eu nunca tinha rodado até o ano passado. Aí, no ano passado eu rodei. Esse ano eu estou meio que no susto, mas eu estou indo bem, eu estou estudando nunca tinha rodado. Se eu tivesse passado, o ano passado eu teria me formado com 16 anos.

Por que foi tão ruim o ano passado?
Foi ruim por causa que, não sei esse ano podia estar melhor, eu podia estar num emprego,podia até estar na faculdade porque. Nem o ENEM eu fiz o ano passado, porque tive que muda de casa e a correspondência foi para a casa errada. Abri e não deu para mim fazer. Aí esse ano eu estou me preparando, estou estudando para o ENEM e...

Tu vais fazer Educação Física?
Vou, vou!
E o que foi ruim foi isso que eu rodei, porque eu menti muito para a minha mãe o ano passado também.

Por que mentiu muito?
Menti, porque eu menti? É uma longa história, bah.
Tipo, eu comecei, eu nunca tinha ficado com guria na minha vida. Mas eu já tinha... A maioria das minhas amigas já era, e eu olhava assim. Não achava nem nojento nem normal. Ah, é eles. Aí a vida

deles, eu não posso fazer nada. Ah, eu não vou dizer, ah eu não vou ser amiga de vocês porque vocês são assim. A vida é deles eu vou seguir assim. Seguia fazendo amizades. Aí eu conheci uma guria lá (não vou dizer o nome). Aí tipo, a gente meio que ficou assim. Aí ela gostou de mim e a gente começou a namorar. Namoramos 7 meses. Aí, no 5 mês a minha mãe descobriu. Eu não tinha tido contado para a minha mãe, eu não tinha tido a coragem para contar porque eu sei como ela é. Aí a gente brigou muito eu e a minha mãe; Eu quase voltei para Bagé. Quase fugi de casa. Aconteceu quase tudo o ano passado. Quase tudo. Eu ia para o colégio, meu corpo estava ali na sala assim. Eu estava olhando para o quadro, mas eu não estava, tipo a minha cabeça estava na lua, é como se eu estivesse na lua assim. Eu parava tipo... Onde é que eu estou? O que é que eu estou fazendo aqui? Tipo, era o meu pensamento o ano passado. Eu ficava fazendo música na aula, que às vezes eu faço poema e coisas quando eu estou inspirada eu faço poema e sim, como é que eu digo quando eu estou inspirada, faço muita coisa, até eu tenho lá em casa, umas músicas que eu fiz. Mas, eu não sei tocar nada, para fazer ritmo eu não sei. Eu só escrevo. Aí eu menti muito para a minha mãe. Eu não sei fazer música eu só escrevo. Quando ela descobriu ela brigou muito comigo porque disse, isso é novo para mim tu fica com guria, porque tu nunca ficou. Eu disse bah mãe eu também não sei. Bah, a gente brigou muito o ano passado, eu mentia para ela por longo tempo e foi por isso que acabei rodando no colégio e também perdi meio que a confiança dela. Eu nunca tinha mentido para ela antes. Desde os 9 anos eu ia lá no banco para tirar dinheiro para ela, depositar dinheiro para ela. Ela sempre confiou muito em mim. Aí esse ano ela está pegando a confiança em mim, de novo. Ela nunca tinha desconfiado, o ano passado como eu menti muito, eu sei que foi ruim isso para mim isso também, mas não sei por que eu fiz isso. Foi isso. Mas esse ano não. Aí eu penso esse ano.

Matei muito a aula. Aí a ultima vez que a gente brigou foi o ano passado, foi em dezembro. No colégio tinha formatura aqui no colégio, tinha umas amigas minhas se formando. Aí a gente veio e ela disse: Visse? Tu ia estar lá se não tivesse mentido. É eu sei, eu sei aí, eu penso esse ano.
Eu mentia muito dizia que o professor não tinha dado a nota e tinha dado, eu não tinha me saído bem. Tudo que podia imaginar eu mentia para ela. Não tinha mais o que inventar, de tanta mentira que eu inventei. Não tinha mais o que inventar assim. De tanta coisa que eu contei para ela não tinha mais o que mentir.

Depois ela aceitou a relação?
Aceita ela não aceitou e disse que não vai aceitar nunca, mas ela disse que se eu respeitar ela vai respeitar. Se eu tiver namorando com uma guria e apresentar para ela. Ah mãe essa aqui é minha namorada. Ela disse na minha frente tu não vai te agarrar. Pode ficar do lado conversando como amiga. Nas minhas costas tu fazes o que tu quiseres. A vida é tua, tu já vai fazer 18 anos, mas na minha frente eu quero respeito. Não, tá eu entendo. Tu sabes que eu nunca vou aceitar isso. Tu *és minha filha, eu não vou te tirar de casa, eu não vou te abandonar, porque tu és assim, mas eu vou te respeitar se tu me respeitar. Ah está eu entendo isso, eu não iria dizer para ela, ah, eu* vou sair de casa porque tu não me aceita.

E na escola tu sentes que?
Existe em todo lugar, não é só na escola. Na escola. Na rua. No pátio da tua casa existe. Porque eu tenho um vizinho. Meu vizinho nos fundos por que a gente mora em casa alugada o cara repartiu em duas casas. A nossa e a do vizinho. Mas ele é meio assim. Ele olha meio assim de canto de olho. Tipo Ah! Um espanto, assim, entendeu? Mas sei lá.
Todo mundo olha. As pessoas dizem que não que as pessoas estão aprendendo a ver assim. Dá em tudo que é novel a esse negócio aí de homofobia, essas coisas assim... As pessoas fingem que aceitam, têm muitos que até gostam acham bonito de ver, não que achem, queiram que os filhos sejam assim, mas gostam, vivem bem... Tem pessoas que só de olhar já recriminam ai porque é nojento, não sei o que porque eu não gosto disso, não vou deixar meu filho sentar com esse tipo de pessoa. Isso não tem nada a ver, isso vai da cabeça da pessoa. Mas muita gente olha com preconceito.

Na escola existe isso também?
Nesse ano tá cheinho, a maioria... Entre gurias... Entre os guris eu não sei, porque eu tenho muita amizade com guri. As gurias, a maioria esse ano é homossexual assim. E apesar de todos serem, são amigos , conversam e falam, tem uma certa, mas tem gente que ainda olha assim tipo: Ai que nojo. Não vou chegar perto! Eu sei que... A gente sente no olhar da pessoa, a gente sabe, no olhar a gente sabe... Quando a pessoa gosta de ti...

Eu sou fechada quando chego no lugar assim, Quem me olha acha que eu sou alegre, divertida, eu sou série, sempre foi séria... As pessoas dizem achei que era marrenta.
Eu sou sincera e eu sou séria. Ah eu sou tua amiga agora, quando eu te conheci achei que tu eras nojenta... E que tu nunca ia fazer amizade comigo, não sei o que... É só o meu jeito, mas a gente conhecendo a pessoa gente aprende muita coisa também.

E a formatura?
Eu estou participando. Tem muita gente que não vai fazer formatura por causa da festa. Perguntam: Por que tu não queres fazer? E elas dizem Sei lá. É por causa da turma. É porque a turma é muito desunida. É um por si e deus por todos... Sei lá, na hora que tem trabalho é sempre o mesmo grupinho e um fica debochando da cara do outro. Mas essa turma que eu conheci, agora, é bem melhor que a do ano passado. A do ano passado era uma bagunça, não era uma turma. Era só gente dentro de uma aula, dentro de uma sala, porque... É isso!

O que tu esperas dessa festa de formatura?
Porque é o último, apesar dessa turma que eu conheci esse. Porque eu estudei com uma turma diferente. Eu acho que a última vez que a gente vai se vê, todo mundo reunido , né? Depois cada um vai para o seu lado. Um vai para a faculdade, o outro vai trabalhar, outros vão embora da cidade, outros vão.. Sei lá, para a Europa, para os Estados Unidos, sei lá...
Espero que todo mundo se reúna assim, porque depois cada um vai para o seu lado e perde o contato. Mesmo não sendo da turma a gente gosta, era colega e quando tu vês a pessoa ali.. Ah, aquela era minha colega. Ah, sei lá acho que é isso.
Apesar da turma ser desunida é isso. Na hora da festa todo mundo vai se vê, vai se abraçar. Por mais que seja um abraço ou um sorriso falso assim. A pessoa vai se lembrar. Ah, eu fiz a formatura de 3º ano, com meus colegas todos. Ah... passa na rua e diz.. Aquele ali foi meu colega, passou comigo. Foi uma baita de uma festa. É isso. Fica na lembrança, né... As fotos, tudo. Os vídeos. É isso. Eu vou fazer também por causa. Vou ter que procurar um salto. Eu vou colocar salto e vestido. Uma semana antes eu vou ter procurar, comprar um salto ou pedir para uma amiga emprestado para ir na festa. Porque eu fiz essa promessa. Seu eu me formar, se eu for a formatura, eu vô colocar salto e vestido. Tá todo mundo dizendo *eu vou só para te ver*. Ah, tu de salto e vestido. Ah, eu nem imagino1 Ah tu vai fazer isso? Eu vou de salto e vestido, porque não? Salto e vestido. Olhava assim para o chão e dizia, salto e vestido? Tu tem certeza que tu vai de salto e vestido? A mãe diz eu te maquio, eu te maquio. Eu não vou morrer por causa disso. Tem certos lugares que exige uma roupa assim. Eu não sei daqui para frente. Por que não? Eu sou guria. Eu posso usar salto e vestido. Nunca me viram de salto, nunca. É todo tempo chinelo, tênis e pé no chão. Sempre de pé no chão eu não uso salto. E eu disse para mãe, vai ser a única vez que eu vou usar salto e vestido, porque eu já prometi para a minha mãe. Ah, eu te coloco vestido, eu te coloco salto. Disse, não está tranqüilo. Uma vez eu não vou morrer por causa disso. Nada a ver. Tem dias. Tem certos lugares que exige uma roupa assim, né? Exige um estilo, que tu coloques uma roupa social. Vestido, alguma coisa assim Tem que acostuma porque eu não sei daqui para frente, o que pode acontecer, onde eu vou ir.
E tu vai te vestir de guriazinha? Aí eu olho assim e digo:
Eu sou uma guria. Não é porque eu tenho uma preferência diferente da de vocês que eu não sou uma guria. Aí me olham assim e dizem Ah, eu vou te filmar, tirar foto, vou dançar contigo! Ah, tira. Eu não sei
Eles não estão exigindo, mas se cada um quiser ir de tênis a gente prefere que vá arrumadinho. Eu também penso a mesma coisa, formatura é uma festa assim, né? Porque é uma vez na vida, que é a do 3º ano e depois é só a da faculdade. Também tem que É uma vez na vida, é uma noite.
A mãe vai adorar, ela está vendo se consegue alguma coisa. As minhas amigas saem de vestido. Vou me maquiar, fazer o cabelo. Não é o meu estilo.

Estás a fim de experimentar ou é só para agradar?
Nem Deus conseguiu agradar a todo mundo, porque eu vou agradar...

Em outro contato perguntei se havia ido em outras festas, quando mostrei a entrevista. Fui na Loka, me disse a jovem.

Leandro/ 2011
Qual a tua relação com a festa?
Minha relação com as festas é assim, eu saio muito nos finais de semana para beber, às vezes fico em casa relaxando, esse semestre está difícil. Mas geralmente eu saio e aí eu não tenho paradeiro.

Às vezes a gente começa a beber, faz um som e fica por ali mesmo. Ou às vezes não. A gente está com dinheiro, está inspirado... Há vamos para o *Mania de bar*, vamos... Aí a gente vai para o *Mania de bar*. Chega no Mania de bar, não tem ninguém. A gente pega um dinheirinho daqui, um dinheirinho dali e vamos para o *Tchê Louco*, vamos, vamos para o *Tchê Louco*. Assim a gente vai pulando de festa em festa até o final, até chegar de manhã e a gente vai para a casa.

Tu não vais sozinho, então...
Não geralmente eu estou com amigos, mesmo quando dá o acaso de eu marcar com alguém e não encontrar, eu vou sozinho mesmo, porque eu chego na festa é já tem um conhecido. Sempre. Mas eu procuro ir com outro assim, de casal.

E tu gostas mais de sair com outros...
Gosto, eu me sinto mais, seguro não é palavra certa, mas mais ou menos isso, eu me sinto mais confortável. Eu sou tímido, eu me sinto confortável entrando na festa já com aquele meu grupo. Se eu não conhecer ninguém dentro da festa, eu vou estar com aquele grupo. Mas se eu entrar sozinho meio que é obrigado a chegar, a conversar, a conhecer outras pessoas

Por que esse gosto pela festa?
Principalmente as pessoas, o principal é ver gente nova, conhecer gente nova, mas depende de festa para festa. Tem gente que só vai para mateada. Tem gente que só vai para a danceteria. Tem gente que só vai para a *rave*. E cada um tem o seu motivo. E tem gente como eu que vai para todas. Cada um com um tipo diferente. Eu vou para a danceteria para dançar e beber com os amigos só. Eu vou à mateada para ouvir a música. Vou para *rave* para enlouquecer, para dançar, para beijar na boca, para beber demais, para extravasar. Sempre depende, mas o foco principal são as pessoas.

Qual a que tu mais curtes? Ou não tem?
Eu gosto de circular, mas a que eu me adaptei mais foi a *Tabu*, antiga *Diesel*. Que é uma festa típica assim. São três bares e um DJ, às vezes tem um palco, uma banda. Geralmente tem um DJ antes à banda e depois o DJ no final da noite, até amanhecer. Para mim, aquilo ali é o meu ambiente porque tem o lugar para dançar, tem sofás e tu sentas para conversar, para descansar, tem banheiro. Lá eu conheço mais gente também. Conheço os caixas, o barman, os seguranças

E tu tocas também algum instrumento?
Toco, eu toco mais para compor mesmo. Mas toco violão, percussão e guitarra. Mas eu toco mais violão para compor música, eu sou empresário de uma banda Macaco Velho que toca no *Mania de bar*

Que tipo de som é?
Rock, pop rock, reggae. Aí varia dependendo do público. Quando tem gente de uma certa idade a gente toca anos 70, 80.

Que tipo de música tu gostas mais?
Eu acho que para compor tu não podes escutar só rock. Senão tu vais ficar bitolado, só vai compor rock. Como eu sou músico, compositor, eu escrevo para várias bandas. Então, um dia o cara pede, faz um samba... Eu escuto desde Osvaldo Montenegro até Pavarotti. Tem umas músicas que eu escuto mais a trabalho mesmo, para criticar, por exemplo, para escrever uma crítica. Esses tempos eu escrevi uma matéria sobre a evolução do funk no Brasil, o funk carioca. Então eu fui obrigado a escutar uma década de funk. Horrível, mas eu escutei.

Tu não gostas de funk?
Não, eu gosto para dançar, mas não é uma música que eu pegue, por exemplo, o forró, não é uma música que eu chegue em casa e bah, vou escutar. Na danceteria, eu estou lá, a gente está bebendo, está tocando, eu danço. Mas em casa eu prefiro Ana Carolina, Legião Urbana...

E o Michael Jackson não tem a ver com *funk*?
Tem, tem bastante do R&B (ritmo e blues) que é o original. O rap mais autêntico tem a ver com o *funk*. O rap eu gosto bastante, escuto também, mas...

E quanto tempo tu vais a festa?
Acho que desde os 12.

E com quantos anos tu estás?
Com 19.

Faz tempo que frequentas...
Mas as festas mudaram. Mudaram com o tempo. Fechava uma casa, numa casa, pipoca, a gente fazia uma massa, uma macarronada, tocava um violão, outros tocavam percussão... E a gente ia a noite toda assim No inicio era assim. Depois eu entrei numa idade que comecei a gostar de festa, ir para balada mesmo, lugar fechado. E aí a gente começou a conhecer pessoas novas e isso aí mudou um pouquinho.

Tu consegues ver relações entre a festa, a escola, tua vida?
Eu vejo com a minha vida uma relação de amizade mesmo eu vejo uma relação. Não sei se é isso, não sei com os outros acontece isso. Praticamente os meus motivos de ir para a festa são os mesmos de ir para a escola, amizade, ficar com as gurias de vez em quando, me divertir com os amigos, encontrar com meus amigos. No dia a dia eu não encontro os meus amigos das festas, só no final de semana. E no final de semana eu não encontro meus amigos do colégio, só durante a semana. São diferentes.

Os da festa e da escola não são os mesmos... Os amigos da escola não vão às festas contigo?
Não. Até dá o acaso de se encontrar. No Cassino mesmo são poucas festas que tem no inverno, então volta e meia a gente se encontra, mas não que a gente vá marcar. A gente pergunta assim, vais para a festa no final de semana. Vou, eu vou para a festa também. Ótimo.

E aí vocês combinam?
Não, a gente se encontra, toma umas juntos. Aí passa... Vamos dançar? Vamos dançar. A gente dança e sai. Mas nada de ficar a festa toda

Então a relação maior que tu vês é a relação com as pessoas, né?
É, com as pessoas. Também tem aquela coisa de se divertir com amigos, sabe? De brincar, de um ficar mexendo com o outro. Isso aí eu acho que tem uma relação muito forte. Claro, são dois grupos diferentes, mas os dois mexem. Um mexe com o outro, um fica de brincadeira com o outro. Isso tanto no colégio como na festa.

Qual seria a diferença entre festa e escola então?
Eu acho que a gente se solta mais na festa

E o que é isso se soltar mais?
A música.

Se soltar tem relação com música?
A música é o principal. Até beber, mas quem gosta de festa não precisa beber, precisa se divertir. Na escola teve um ano ou dois que a professora, a diretora deixou a gente tocar na aula. Na época eu estava no 1º, eu acho. E os guris do 3º ano tinham um rádio e na hora do recreio tocavam as músicas da rádio e tal. E a gente dançava, tomava um refri. Tocava música e ficava lá dançando. Eu ficava dentro da sala dançando, subia nas classes, começava a dançar nas janelas Tri bom.
Quando?
Na 1ª série, eu acho que faz uns 4 anos.

E subia nas classes?
Ah, eu subia
A professora não via , eu subia, ficava de bobagem, mexia um com outro

E agora?
Agora não, está tudo rígido. Essa coisa de virar moda o politicamente correto. Tudo nos conformes. Tu não podes... Eu estou no 3º ano, estou me livrando, né? Esse ano foi um ano de mudanças.

Ah, é , o quê?
Regrinha. Botaram as câmeras, deu um estranhamento, mas se é para melhor, tudo bem. Mas aí, chegou uma hora que. A gente tinha chegado no colégio e tinha que ficar esperando na frente da sala

de mochila, esperar até bater o 2º sinal. Aí passava a merendeira de sala em sal destrancando. Eu acho isso aí um exagero, né porque se tem câmera... Ah, porque vão roubar. Se a gente queria ficar no recreio fazendo o exercício para a próxima aula, não podia. Passavam e trancaram as salas.

Quando foi isso?
No 1º trimestre. Metade do 1º e metade do 2º. No inicio do1º trimestre não tinha quase nada, nem tinha professor.

Durou muito tempo? Vocês reclamaram?
Reclamamos. Começamos a brigar demais com os professores, com a diretora e aí parou. A gente ficava com muita raiva porque a moça ia trancar a nossa sala e a gente via e as outras salas estavam abertas. Aí a gente começava a reclamar, só o 3º ano bagunça? Só o 3º ano rouba?Se for para trancar tranque todas. Aí uma amiga minha disse, não, mas não é só o 3º ano porque a 33 está aberto. É só a 31 e 32
Os cara do 3º ano é até um preconceito, ridículo.

Estranho...
E a nossa turma sempre foi muito elogiada. Tem fases que uns entram outros saem, mas a turma sempre foi elogiada. Esse ano o 3º ano está muito bagunceiro. Acho que é porque é 3º ano.

E será que não foi por isso que inventaram essa regra?
É, pode ser, mas não falaram nada

Não estou justificando nem achando correto, mas estou tentando entender...
É, pode ser, mas mesmo assim eu acho muito errado. Eu até falei que a diretora está se achando, ela está querendo mostrar, impor uma verdade, uma autoridade que ela não tem. Mesmo sendo diretora ela não tem. Um amigo meu que namora há dois anos, com minha amiga de infância também. São namorados, andam de mãos dadas no colégio. Esses dias eles foram se despedir, ela ia para a sala dela e ele para a sala dele e se deram um selinho. E ela [diretora] Saiu... Chamou. Vêm cá os dois. Vão assinar ocorrência. Não pode isso aí, não pode. Isso aí é horrível, se fosse de tarde, tudo bem, que é até 7ª série. Mas os mais novos dali estão na 8ª série, tem gente de 14 anos. Ninguém mais é santinho. É o mesmo que... Deixa eu ver... É a mesma coisa que proibir os alunos do vespertino e da noite de sair para a festa ou sair na hora dos intervalos das aulas, sair da escola. Não existe. De noite, eles têm lá seus 30 anos, são mães, são avós, não se encaixa. É um exagero.

Fala sobre os limites na escola e na festa.
Acho que os limites na festa é mais imposto por nós mesmos. Tu te controlas o quanto tu vais beber, tu te controlas o quanto o que tu vais falar. Então a gente se policia. De olhar assim, antes de chegar numa guria, para ver se ela está acompanhada. No colégio não, a gente não tem essa liberdade. É alguém que chega sempre e diz. Por exemplo, na sala de aula, não dá tempo de tu te conter, falou um palavrão já tem uma, duas [pessoas], a professora ou os alunos mais quietinhos. Isso também é um exagero. Os professores também dizem, mesmo dentro ou fora da sala dizem. Eu acho que tinha que ter mais liberdade nesse aspecto até para nós aprendermos na escola a vida adulta. Para a gente aprender a ir se adequando em cada ambiente. No colégio mesmo se eu vou xingar alguém eu já vou pensar. Não, eu não vou xingar no colégio. Posso xingar uma vez, mas na segunda vez eu vou pensar de novo. Tudo isso depois, punir antes.

Punir antes?
Punir antes, às vezes a gente... Como eu vou explicar. Quando eu digo punir antes, botar uma regra que não se enquadra sempre ou, por exemplo, não pode se agarrar. Deu um selinho bah.. Está se agarrando, ocorrência. Tinha que ver antes. Ah, tá estão se agarrando atrás do pavilhão. Vão lá contam para ela, ela viu. Então está ocorrência, pode. Ah, mas até estabelecer isso complica muito porque cada caso é um caso.

Generalizar? E na festa é a mesma coisa?
Não, na festa é o oposto. Tu que sabes do limite. É muito difícil vir um segurança te dizer “se separa aí”. Só quando a coisa está muito louca. Mas geralmente não passa disso. O segurança passa, a gente vai para um cantinho ou sai da festa, chega na esquina, faz o que tu tens que fazer e depois volta. A gente estabelece esses critérios assim. A mesma coisa beber. Não tem uma pessoa que te diga assim, oh... Teus amigos, só que tu dá liberdade para eles te corrigir ou, tu mesmo, pega e diz

vou tomar uma água agora senão vou fazer bobagem. No colégio não, existe sempre alguém que está te dizendo antes de tu fazer ele já está te dizendo oh

Se a escola também é espaço de se conhecer e se relacionar, o que diferencia mais são os limites?
É, porque as pessoas são as mesmas, tem regras nos dois lugares, a diversão também tem nos dois lugares, cada um no seu nível, a dança, bebida, outras drogas que podem aparecer. E na festa tu queres te liberar, esquecer dos problemas. Mas o principal é isso, num lugar que as pessoas te dizem o que fazer e no outro tu sabes o que não fazer pela tua própria moral. Como ir numa festa mesmo, eu vou num barzinho eu não vou botar uma guria a sentar no meu colo e altos amassos porque eu estou num barzinho. Então, se eu for para a *rave*, eu posso fazer isso. A gente já conhece cada tipo de festa vai se policiando, se podando.
E na escola poderia ser assim, é isso?
A 1ª vez, diz... Bah, estou me agarrando um monte... Mas sem essa coisa de bah, vou te dar uma ocorrência não sei o quê. Diz, bah calma aí. A mesma coisa em 2009 eu estava namorando com uma amiga minha que estudava no Wanda Rocha. Aí eu saia do Silva Gama e ia lá para frente do Wanda Rocha esperar ela sai e levava ela para casa. E aí no Conselho de classe a minha ex sogra ouviu uma professora falar eu vi a tua filha se agarrando com um guri aqui, não sei o que. Aí ela disse, não espera aí não estavam se agarrando, ela estava ficando, com o namorado dela que ela namora em casa, ela é uma menina de respeito eu não admito que tu fales isso deles os dois. Ela não estava dentro do colégio, ela estava na frente do colégio, soltando... Eu acho que isso.. Deveria ter mais atitudes assim. Ver como é que é, se eu estou ficando. Ah, aconteceu de eu esbarrar com uma guria e ficar, eu estou namorando tudo certinho. Os pais dela me conhecem, já não é agarramento. Namoro, tudo certinho.

Tu pensas que na escola as pessoas passam desses limites...
Eu acho que o *bullyng* é o principal. O *bullyng* é a violência na escola. Fora da escola não é *bullyng*, é violência. Eu acho que é um dos aspectos que existe, é mais para a fala.. porque acontece diariamente, no convívio diário. Eu acho que isso é um dos limites que a pessoa tinha que se impor e o colégio também. É uma área que os dois podem se ajudar... A pessoa, o colégio, a família também. Eu andei muito focado nesse assunto o ano passado. Eu estava escrevendo sobre isso, postando no jornal e tudo. Eu fiquei muito tempo com isso na cabeça pensando em tudo que eu via, podia ser diferente e tal, mas.. Quem sou eu para mudar?

Que exemplos disso tu viste ou percebeste?
Ah, dentro d sala de aula. Ah, eu sofri bullyng por ser baixinho, mas nunca me abalei A minha vida me ajudou a montar, não é uma auto-estima, mas uma leve confiança em mim mesmo por saber que eu podia lidar com aquilo. Que as pessoas me enchiam, enchiam, enchiam, falavam, falavam, falavam e eu lá com 8 anos não dava bola. Então aquilo foi criando hábito, uma maturidade. Então eu posso enfrentar aquilo, é só não dar bola. E foi evoluindo, mas tem outras coisas assim. Hoje em dia eu já não sofro tanto, porque eu aprendi a me defender. Já tenho outra coisa. Não que a minha auto estima seja lá grandes coisas, mas eu consigo responder a altura. E eu vejo pessoas que não conseguem. No início desse ano, uma amiga linda. Uma guria que eu vi, descobri o nome dela, vi e segui no twitter, comecei a conversar e começaram a mexer com ela dizer que ela estava grávida, não sei o que. E ela era virgem. Descobri quem estava falando, uns guris que ela deu o fora. Uma guria linda, morena olhos azuis. Eu falei para ela isso é inveja, não dá bola. Eu estou procurando o cara certo, a pessoa certa. E as pessoas inventam umas coisas dessas. Ela foi embora da escola. Aí eu vejo... Nessas horas, cabe ao colégio. É como quando a gente diz a polícia deixa os bandidos soltos e prende os trabalhadores, não sei o que... O que está errado elas não veem e o que está menos errado elas veem.

E quando tu dizes *O que está errado elas não veem e o que está menos errado elas veem.* Tu achas que estudantes fazem alguma coisa para contestar o que acham errado?
Eu acho que sim, a gente treme bastante. A minha turma já depôs uma professora, que não sabia dar aula, que não sabia a matéria. A gente foi fizemos um abaixo-assinado na direção, professora de geografia. A gente fez o abaixo-assinado, levou para a direção. Se ela não sair a gente não volta mais para a escola. E aí tiraram a professora. O outro ano também, quando chegamos para ir a aula, a Júlia disse ninguém entra no colégio, enquanto não consertarem o telhado. Estava chovendo, tinha passado três dias, toda inundada a sala de aula. Antes de chegar a RBS ninguém entra.

Vocês ligaram?

Ligamos e no mesmo dia a RBS foi. Aí a diretora disse, se eu soubesse que eles viriam eu teria me arrumado. Mas é assim que eu quero te ver na TV, eu quero ver a tua cara sem ensaiar nada. Aí ela falou que já tinha verba, mas não tinha a licença do estado. No outro dia estavam lá consertando e a gente foi para a aula. Um dia deu. Já fazia um ano. Eu acho que essas coisas assim, dão um ânimo para as outras pessoas verem. Eu mesmo quando eu estava dando aula para a invernada, eu queria que mais pessoas fizessem para entrar, dar aula também ou aprender. Quando eu fiz teatro no colégio, no ano retrasado, foi a mesma coisa. Eu não queria montar um grupo para eu ficar famoso,para crescer e tal. Não, eu queria que outras pessoas vissem e dissessem... grupo de teatro... Eu vou entrar no Belas Artes, eu vou entrar no municipal, se mexer.. Ah, ele montou aqui no colégio... para se mexer mesmo. Questão política. Fizeram uma revolta, uma greve e consertaram o telhado. Pô, e o banheiro que passa fechado? A gente quer sair e não pode, não sei o quê. Quer ir no banheiro e não pode. Vamos fazer alguma coisa. Mas nesse sentido ultimamente não tem havido muito, muita resposta assim. As pessoas estão ficando mais enroladas... Deixa acontecer

Acomodada?
É acomodada. Esse é o ultimo ano. Até as câmeras estão lá, ah, invasão de privacidade, não sei o quê

Chegaram a reclamar das câmeras?
Sim, mas nada formal... E a nossa biblioteca fechada

Mas não estão funcionando...
Sim, e aí acabou! Outra coisa. Não sei se a gente vai envelhecendo, mas a nossa geração menos contente com aquilo, mais e os outros todos acomodados... Quando Aquela coisa ah, quando eu estava no 1º ano... E agora não fazem nada

Será que não fazem mesmo?
Que eu veja não. Para contestar, coisas que caiam nos nossos ouvidos não.
E agora até o 3º ano está meio acomodado, porque o 3º ano... Agora, no ano que vem não estarão aqui (eu acho que é isso)

Lia/ 2011
Qual a tua relação com as festas?
A festa para mim é... Diversão, né? Música, dança, bebida, rir...

Diversão?
Na verdade gira em torno dos amigos com quem tu vais assim, o propósito tem gente que vai para ficar com os outros, tem gente que vai para ficar com os amigos, tem gente que vai sem saber o que vai fazer, tem gente que vai para beber, tem gente que vai para tudo isso que eu estou falando

E o que acontece numa festa?
Dançam, bebem, acontece muita coisa

O que faz ires à festa?
As pessoas, música e não sei te explicar... Como é que eu posso te dizer. As pessoas que tu queres encontrar, que se divertir contigo. Eu vou para dançar também. A maior parte das vezes eu vou para dançar.

Que músicas gostas?
Gosto de pagode, funk... Para dançar. Para escutar eu gosto de rap, pagode, samba... É o que mais toca

Que lugares tu gostas de ir que toca essas músicas, porque o Salento não toca isso...
O *Salento* não toca, o *Salento* é mais para beber
Mas para dançar mesmo... Fui no *Chalé* agora num *show* de rap e depois pagode. Fui agora sexta passada. Foi o *projota*. Eu sou muito fã dele.

É? Como é o som?

Ele canta rap. Ele é um cara que teve uma história de vida e tal né? As pessoas vão pela música e também pelo que ele é. Porque ele passa uma mensagem nas músicas entendeu?

Que mensagem?
Cada música tem uma mensagem assim, né? Uma sobrevida. Sobre o que é certo, sobre o que não é certo tu fazeres. Não é aquele rap que fala de bandido; essas coisas, sabe? Ele fala de valores. Foi muito legal, eu sou muito fã. Tirei fotos com o cara.

Tens algo para eu escutar?
Tenho.
Queres escutar agora?

Não, agora não [risos].
Tá!

E o que a escola tem a ver com a festa?
Com a festa? A única ligação que eu vejo é as pessoas que tu conheces aqui que viram teus amigos e tal, depois saem contigo. É a única coisa que eu vejo de festa e escola.

É?
É.

Não tem nada?
Nada, a escola é o lugar que tu vens para te instruir melhor, eu acho. É um negócio que muitas vezes não é diversão, mas tem que fazer, né? Tem coisas que a gente precisa e não quer fazer. Precisa. E festa não, festa é mais lazer. Escola não é. Algumas matérias, algumas coisas que se gosta até vira um lazer, mas... A maioria não, né

Quando é bom estar aqui na escola?
Quando... Em relação a que... Assim... É bom estar na escola quando a gente conhece, quando a gente está aprendendo uma matéria que gosta. Eu gosto de matemática. Eu gosto, sabe quando eu realmente sei e não quando eu decoro as coisas sabe? Daí é legal, é divertido fazer os exercícios, bah! É divertido, é legal. Essa é a única relação que eu vejo de festa com escola... As pessoas que tu acabas conhecendo aqui, e tu acabas indo para festa.

Como tu te organizas para ir à festa? Tu vais com quem?
Tu vais com o pessoal da escola ou não?
Depende, eu tenho conhecidos, bastante conhecidos aqui no colégio, mas não. Conheço todo mundo praticamente. Mas amigo – amigo mesmo, eu não tenho muito. Não digo só de escola assim. Amigo que eu considere é dois ou três.

Tu vais à festa com quem? Ou tu vais sozinha?
Vou com uma amiga.

Aqui da escola?
Vou, tem amigos que eu vou também. Amigos mesmo, que eu fiz na escola.
Então teus amigos são daqui da escola

Tens outros?
Dois , três.

Os mais próximos são da escola?
Só um
É muita diferença de amigo para conhecido, né?

Qual?
Conhecido é aquele que tu vai à festa e está do teu lado, quando tu estás tendo alguma coisa para oferecer. Amigo não, amigo está ali contigo. Tem para oferecer e te oferece também. Está ali contigo quando tem, quando não tem também. Amigo é que realmente se importa com o que está acontecendo contigo.

Aqui na escola, o que as pessoas fazem consideradas típicas de outros espaços?
Não sei, né. Tem gente que fica no colégio. Isso não adianta isso nunca vai mudar. Tem pessoas que usam drogas na escola. A gente vê na TV e tal. Se quer usar sua droga usa em outro lugar, não no colégio, né? Eu acho isso.

Por que tu achas que as pessoas vêm à escola?
Ah, para concluir o ensino médio [risos]

Só por isso?
É divertido estar aqui. O que faz ser divertido são as pessoas que tu conheces. E de vez em quando tem professor que está ali e não faz nada. Mas o que te ensina e que ao mesmo tempo te ensina rindo, ele sabe. E não mal-humorado e não sabe, só querendo trabalho, trabalho, trabalho... Que mais entende, tenta entender o aluno e tal. Esse negócio de... Eu já ouvi dos professores assim... Ah, não tem que ser amigo de vocês, tem que dar aula e deu. Eu acho que... Sabes. Tudo na vida tem, todos os trabalhos, os empregos que as pessoas tem, tem que ter bom senso eu acho. Tudo na vida tem que ter o bom senso. Não adianta trabalhar, fazendo o trabalho mal humorado, não gostando do que faz, sabe? O professor gostando de dar aula, o aluno gosta de aprender. Tem aluno que não gosta de aprender nem quando o professor gosta de ensinar? Tem, mas isso aí é o futuro dele que está em jogo, sabe?
Eu? Eu encho o saco, eu falo, eu isso e aquilo, mas eu não rodo. Uma vez só na minha vida, no ano passado e passei. Nunca, não rodo na média, não faço nada. Isso vai da cabeça de cada um, né? É que nem eu penso para mim e converso com meus amigos mais chegados da aula e tal o que a gente tem na cabeça. A gente conversa, a gente faz piada, mas na hora mesmo ali, da prova, do trabalho ali, a gente está ali fazendo, sabe? É uma coisa que vai ser para o futuro.

Quando tu planejas ir à festa, como tu fazes isso?
Geralmente na internet, nos sites das festas, nas páginas do *web site*, tipo *O*rkut, *Facebook*. As festas têm seu perfil, né? Daí elas mandam recados para as pessoas. Dali a gente fica sabendo quem vai tocar, quanto é que vai ser, como vai estar a festa. Daí pela internet mesmo, pelos amigos mais próximos a gente combina de sair. Se quem vai tocar é um grupo legal, sabe. Se a festa tem algum tema. Ultimamente tem algum tema, tipo assim. Ou promoções têm festa da finaleira, tem as promoções de bebidas, esse negócio...
Na festa que a gente acha que vai estar mais gente, mais legal, é a que a gente vai.

E, além disso, rola mais alguma coisa?
Sim, conversa. Geralmente a gente vai para dançar bastante, beber, conversar... Sobre o quê? Sobre as coisas que estão acontecendo na hora... Tu não vai bater um papo cabeça na festa né? O que está acontecendo ali.

Por exemplo?
Ah, tu viu aquela pessoa ficando com aquela pessoa ali? Não sei o quê... É esse negócio assim

Tu vais mais com teus amigos ou com as tuas amigas na festa? Ou tanto faz?
Sinceramente, vou mais com a minha namorada.

É aqui da escola?
Não, ela já terminou.

Então tu vais mais com ela?
Nossos amigos são amigos em comum. Aí a gente vai, se dá bem

Então para encerrar... Se tu tivesse que fazer uma relação entre escola e festa..?
Digamos que assim O jovem gosta demais de ir á festa porque a festa tem... Talvez o jovem gostasse demais da escola se ela não fosse uma coisa assim... ah, como eu posso dizer... É uma coisa que o que as pessoas dizem para nós entendeu. Assim oh, falta um bom senso no colégio, sabe, falta às pessoas serem agradáveis, sabe? É isso. É o que na festa tem. É o que ele busca na festa e na escola não tem.

O que é ser agradável?

Olha, os professores que eu mais me dou bem, os que são mais rígidos assim eu me dou bem também por que... Tem uns que... É uma questão se saber conquistar o professor. Saber pegar a confiança dele sabe? É isso, as pessoas tinham que ser mais, assim, é bom- senso. Bate o sinal 8 horas e...

Tem pai é dono de espaço de festa aqui no Cassino. Como é isso?
Quando meu pai começou a fazer festas. Ele já tinha feito antes rodeio. Meu minha mãe eram envolvido s com isso aí. Meu pai minha mãe moravam... Meu pai tinha um camping daí ele tinha um salão e atrás era a minha casa. Só que depois a gente foi para outros lugares assim. Daí depois a gente já foi morar na nossa casa mesmo e a festa era em outros lugares, assim. É como é hoje. A festa do meu pai é em frente do *Doha* e a nossa é no Bolaxa. Daí eles começara com isso aí, começaram a ganhar bem e continuaram fazendo festas. Mas quando eu era mais nova, nunca pensava em ir à festa do meu pai. Deus me livre.

Por quê?
Criança, mais novinha. Estava naquela fase só escutava rock e não sei o que. Aquelas fases retardadas que todo mundo passa. Daí eu só ia de vez em quando ele pedia minha ajuda. Para ficar na bilheteria e tal. Hoje me dia eu vou. É que antes tocava umas músicas que eu não gostava. Hoje em dia é as musicas de agora.

O que toca?
Sertaneja, pagode, funk. Todas essas tocam agora.

E o teu pai sempre esteve envolvido com festas?
Eles já tiveram um mercado. Meu pai e minha mãe começaram com um trailer que o vô deu assim. Meu avô não queria dar as coisas de mão beijada para ele sabe? Daí ele deu para eles se virarem. E hoje em dia a gente tem o que a gente tem. Até é legal a história do meu pai e da minha mãe. Brigaram muito para ter o que gente tem. Trabalharam bastante. Começaram com isso é depois com esse dinheiro conseguiram alugar um mercado e depois do mercado com lancheria, depois camping e depois esse negócio de festa, A gente já teve ali no camping do Cassino, ali onde é o Lad's agora. Que era do meu pai e ele vendeu. E agora, a gente teve também um restaurante onde era o Boliche do Ramiro, sabe? Meu pai já teve ali também. E agora na frente do *Doha*, está bem bom ali.

Estavas indo com ele no Chuí pegar as bebidas? Tu ajudas ele?
Para o bar. Também as luzes, o DJs. Esses últimos meses eu ajudei ele porque eu estava ficando ali na porta, cobrando o ingresso. Mas agora eu vou dar uma parada para aproveitar o verão. Agora que eu vou entrar em férias, falta um mês e pouco.

E vocês se entendem?
A gente se dá bem, porque é muito atrasada a mentalidade né? Dá para perceber né, com toda a liberdade que eu tenho a tudo assim

E com a namorada também?
Está louco, claro! Na real eles sempre souberam. Eu sempre tive esse jeito. Eles souberam assim, né? Mas quando eu contei assim eles.

Ficaram na boa?
Na boa, a minha mãe que levou um tempo assim para conversar comigo sobre isso. Mas hoje em dia eu tenho liberdade, ela vai lá em casa, sai e a minha mãe adora ela. A gente conversa e coisa. Normal assim. Como se fosse um guri e tal. Disseram que eu era para ser do jeito que eu me sentia feliz e tal, mas diziam que como o mundo era preconceituoso, a importância do estudo e tal. Que eu sempre procurasse melhor nas coisas que eu fizesse, entendeu? Que sempre tentasse estudar mais, me esforçar mais nas coisas para que ninguém pudesse me julgar. Se quisesse falar alguma coisa da minha vida não ia poder falar porque eu que pago minhas contas, eu que fiz tudo para chegar onde eu queria.

Ah, não porque foi desde criança. Pior que eu mesmo contar para o meu pai e minha mãe foi eu entender o que estava acontecendo comigo, sabe? Por que eu era assim, porque que em vez de querer brincar de boneca, eu queria jogar bola, sabe? Um negócio assim, Por que eu prefiro os gurizinho como amigo do que as guriazinhas. Tentava me entender assim, era muito difícil para mim

porque eu era pequena.Quando eu era menor, assim, quando eu tinha uns 8e tal achava que a minha mãe, que iria ser uma tristeza, sabe? Eu não entendi direito o que estava acontecendo comigo, sei lá eu nunca tinha conversado com ninguém sobre isso, sabe? A primeira vez que eu conversei foi a minha irmã, assim. Daí que ela falou que sempre deu para perceber. Só que, ela falou, me ajudou a contar para os meus pais também. Ela que meio que começou e depois meu pai e minha mãe me chamaram e perguntaram. E um bagulho que desde nova eu sofria com isso. O pior era eu tentar entender o que eu era. O que estava acontecendo Por que eu era diferente? Por que eu não era igual a todo mundo? E, bah, tri ruim quando eu era pequena, eu não falava para ninguém. Era um negócio que de noite eu ia dormir e ficava pensando... Por quê?

E aqui na escola...
Porque eu olho essas gurias e obviamente, com algumas pessoas acontecem, se interessar depois ou por certa pessoa entendeu? Mas eu vejo muita gente assim que é porque todo mundo é, sabe?

Tu achas que tem um pouco de modismo?
É, tem bastante! Sim, tem aquelas pessoas que se interessam só por determinada pessoa ou porque descobre esse negócio depois. Só que também tem pessoas que vão na onda, assim. E fiquei com pessoas que foi na onda, também com pessoas que aconteceu ou já eram. Esse negócio de acontecer, assim, é norma. Hoje em dia é esse negócio todo mundo está vendo ali e todo mundo quer, se dizer fazer as coisas iguais. Mas eu acho que no fundo o bagulho que eu passei para eu me aceitar, nossos pais esse negócio tudo E hoje em dia tem gente que escolhe, parece que escolhe o caminho mais difícil assim, chega a ser engraçado.

Escolhe o caminho mais difícil porque não seria uma vontade de ficar com a pessoa?
Sim, entendeu, acabam não... é difícil no caso, mas é compensadora para quem quer ser feliz, no caso eu. Eu sei que não seria feliz de outro jeito, mas por isso que eu enfrento tudo e coisa, sabe? Só que eu acho que é isso sabe ousa, que tem muita vontade e tal, mas tem muita moda também.

E na escola tu achas que tem modismo?
Tem também.

E como tu achas que a escola vê isso?
Ah, não sei eu acho que é fase... Como eu já escutei só rock, andava de preto, tem essa fase aí. Na minha época todo mundo fazia isso [escutar rock e ficar de preto]. Hoje em dia é isso, é fase. Outra hora a moda vai ser outra coisa. É fase, é fase. Isso até, por um lado é bom. As pessoas estão se descobrindo e uma hora quem não é ou quem realmente gostar da coisa vai permanecer. Mas quem não é realmente e quem faz por moda, talvez não viva uma vida inteira. Não vai agüentar, uma hora vai cair em si. É isso assim. Hoje em dia virou uma fase para muita gente.

Estavas me dizendo que isso ajudou...
Ajudou no preconceito [evitar]. Ah, hoje em dia todo mundo.. Ah, norma, acontece em todo lugar. Eu acho que meio que nisso no caso ajudou. Para essas pessoas que não são tão só na moda afetou só elas... Mas no caso teve um lado bom, não é uma coisa tão rara assim, todo mundo ah... Sem aquela pessoa que foca naquela e fica enchendo o saco. Isso aí já virou uma coisa normal

E tu não sentes preconceito em ralação a ti?
Não porque assim oh... Na realidade eu sempre tive esse pensamento: sofre preconceito quem é... Como é que eu posso explicar... Quem aceita sentir sabe? Porque no caso quem se impõe assim, quem mostra que não liga... Na realidade eu, eu não tenho só amigos *gays*, homossexuais. Eu ando com heterossexuais. A gente sai. E por andar mais com pessoas... Não por eu ser homossexual, tenho que andar só com homossexual para me sentir bem, sabes? Não. Os guris ali da sala, as gurias, eu me dou bem com todo mundo, sabe? E com pessoas que não são, sabe? Então muita gente que é homossexual hoje em dia, anda só com grupo de homossexuais, para sentir menos preconceito, mas sei lá, sofre mais preconceito. Porque a pessoa se limita a viver daquele jeito, eu não. Não porque eu tenha que andar, eu ando com qualquer pessoa que eu me sinta bem, eu ando...

Guilherme/ 2011

Fala um pouco sobre essas festas?

Por exemplo, eu não costumo ir muito a festas que são proibidas para menores. Não que eu não possa entrar, até várias pessoas que estudam comigo e que tem a minha idade entram nessas festas. Tu ganhas uma pulseira diferente ou tu é limitado a alguma coisa, bebida por exemplo. Só que eu não costumo ir porque sei lá, não fui criado com essa coisa de ir para a festa, de poder fazer coisas na festa. Ah, tu podes pegar mulher só na festa. Não, isso para mim é coisa tri diferente sabe. Tu vais para a festa mesmo para te divertir. Claro que acontece de encontrar uma garota e tal, mas essa coisa é bem separada assim para mim, sabe? Tá, aí as festas que eu vou são aniversários, que eu adoro muito. Porque tem bastante para mim e sempre tem alguém que tá me botando para dentro de aniversário, mesmo que eu não esteja convidado, sobra para mim. Ah, eu vou lá tem, vamos comigo e sobra pulseira. E as festas de lugares que eu gosto de ir, tipo SAC, esses bagulhos assim; eu curto muito. E sair com os amigos é que tipo, e tinha vários amigos aí eles foram arrumando namorada entendeu? Aí eles vão largando a gente, eu sou solteiro. A gente vai se separando. Tu ir para a festa não depende só de ti, depende de ti e da tua namorada. Então eu saio só com meus amigos solteiros, bem dizer; 90% das vezes com os solteiros.

Tu comentaste desta festa de formatura que tu foste, na SAC, como é que foi?
Foi o seguinte, a gente estava na aula e as gurias começaram a reclamar que, estava eu, um amigo meu e mais três, não mais quatro gurias, aí elas começaram a reclamar que não tinham festa para ir. Aí alguém lá de trás chegou com uma idéia de que tinha essa formatura da fisioterapia e a gente poderia entrar que não iam pedir convite, não iam pedir nada. Mas a gente começou a combinar isso uma semana antes. A formatura era no sábado e a gente começou a combinar isso na segunda.

Como vocês combinaram isso?
Ah a gente começou... Vamos ir? E as gurias falaram vou falar com meu pai, não sei o que. Aí era só eu e um amigo meu de guri. Aí a gente foi. Aí quando chegou o sábado na hora de ir, as gurias começaram a desistir e só foi duas gurias das quatro e eu e o meu amigo, que a gente falou que era certo que a gente ia. E aí a gente foi. Aí um dia antes disso, na sexta, não no sábado de manhã, eu fui lá encontrar com a minha tia que ela estuda lá na Anhanguera também, ela faz faculdade. Daí eu peguei uns nomes dos formandos e aí eu anotei os nomes e levei comigo.

Interessante!
Claro, para se alguém perguntasse, tu és convidado de quem? A do fulano.

Como vocês a foram combinando isso?
Foi na escola e depois via MSN e mensagem depois a gente enviou várias. A gente queria se encontrar e elas não chegavam. Aí... Começamos a mandar mensagem, a gente usa bastante isso de combinar de vários tipos, sabe? Porque hoje em dia as coisas [as relações] são muito limitadas. Tu tens... Tu podes combinar na escola, mas tu só podes combinar de segunda à sexta. Tu podes combinar no MSN, mas só quando tu tiveres em casa. Cada lugar que tu vai, cada circunstância tem um meio de comunicação, sabes? Que a gente usa para se achar.

E a festa, essas festas, porque tu vais? Como é que tu te divertes?
Bebendo [risadas]. Mas têm várias outras coisas, conhecer pessoas novas. O que eu disse é que dizem... Eu não vou para as festas para pegar mulheres. Eu não vou às festas para isso. Isso acontece, mas tu vais, eu vou... Tu vais. É como sair, dar uma volta, conversar, dançar, conhecer as pessoas novas.

Qual a diferença da festa para os outros lugares em que tu vais e tu encontras pessoas diferentes, conversas?
A diferença? A diferença é que é tudo menos sem regras. Para tu conhecer alguém tu não precisas, sei lá... Chegar falar. Tu podes chegar e oi e tal e já está conhecendo e aquilo ali se tornar para sempre, assim... Ah, aqui é meu amigo, bah, conheci na festa. É uma coisa que permite bem diferente do que tu sair na rua e dizer.. Oi, tu queres ser meu amigo? Isso não existe. Na festa existe.

E por que tu achas que isso acontece na festa e na rua não?
Eu acho que tipo, quando a gente está na rua, a gente está na rua porque precisa e na festa não. A festa tu vais porque tu queres sair de casa. Tu não tens os mesmos motivos. Tu queres sair, tu queres beber. Então na festa está todo mundo com o mesmo, não com a mesma, vamos dizer assim não motivação, com vontade.

De quê?
De querer a mesma coisa, todo mundo quer a mesma coisa

E na escola? O que acontece na escola? Como é esse espaço para ti?
A escola é uma coisa que, por exemplo, ela nos junta mais também nos separa. Por exemplo, tu conheces um monte de gente, mas ali na escola essas pessoas, esses grupos os que são criados, eles estão sempre sendo ah... A dar sua opinião, a dizer quem é, a mostrar seus valores, o que gosta, o que quer, o que almeja... Isso acaba dividindo muito a gente. Porque dizem eu não gosto do fulano porque ele gosta daquilo, eu não gosto por que ele é assim. Na festa é tudo muito mais junto assim. Tu vai com aquilo, tu não quer saber se o outro... Se uma guria vai pegar mulher ou homem pegar homem. Tu não estás nem aí. Entendeu? E na escola eles impõem a disciplina, o jeito que nos ensinam eles impõe que a gente seja melhor que os outros, que a gente se sobressaia sabe? Na festa isso não existe.

Explica mais isso?
Assim, quando tu te expões na festa não importa é tu e todo mundo. Na escola, quando tu estás aprendendo, o jeito de ensinar que induz a gente... Faz com que a gente se divida sabe? Porque cada um tem sua opinião, cada um seu gosto, cada um gosta de um jeito, cada um apóia uma política, cada um... Sabe? E isso acaba dividindo muito porque a gente está sempre trabalhando isso... O que cada um acha, o que cada um acha.. Na festa não. Eu acho que essa é a diferença entre a escola e a festa. O colégio nos junta, aproxima porque tu convives, um monte de tempo com as mesmas pessoas, cada um entra na rotina do outro. E na festa não. Mas, o colégio separa porque ele te mostra só as diferenças sabe? Ele [o colégio] trabalha com isso, na festa todo mundo quer a mesma coisa

E será que todo mundo quer a mesma coisa na festa?
Eu acho que tipo, ninguém vai para a festa para ficar sentado na festa. Todo mundo quer o que não faz todos os dias.

Então, embora já tenhas falado qual a relação que tu vês entre a escola e a festa? As aproximações, os afastamentos...
Por exemplo, a festa é muito momentânea porque acabou e tu começou... Tu conheceste alguém tu te divertiu, mas vai acabar. A escola dá uma continuidade. Várias vezes tu vês pessoas que tu tens vontade de conversar, tens vontade de chegar, sei lá, de ter uma relação com ela e tu não tem porque tu não tens uma oportunidade assim... Não é o lugar mais preciso para acontecer isso. Quando tu vês, tu conheces lá na escola e dá continuidade na escola. É isso. Talvez as duas pessoas quisessem a mesma coisa, mas não tiveram uma oportunidade, aí vai lá na festa e conhece e depois carrega para a escola e entra na tua rotina, no teu dia a dia.

O que se parece com a festa na escola? Situações, contextos?
Até acontece, mas é bem mais difícil, é limitado a turma, sabe. E mesmo que todo mundo saia, todo mundo se conheça, sempre tem aquela coisa... Ah, ele é da turma tal, ela é da turma tal. Isso divide a gente.

E o que pode juntar?
O que pode juntar a pessoas? Quando a gente faz alguma coisa fora da classe, ir para algum lugar ou sei lá.. A gente foi acampar no ano passado e isso juntou muito o pessoal sabe?Porque a gente teve que fazer várias coisas, usar o que era do outro. Ah me empresta tua lanterna, tal e essa coisa de juntar foi bem legal A gente conheceu várias pessoas que eram de outras turmas e nem dava bola, não se conhecia. Isso foi juntando a gente e criou uma coisa legal. Foi um momento que nem a festa. Um momento que... A gente foi na ilha, foi de barco para lá. Aí a gente acampou num lugar assim, sei lá como se fala... No meio do mato. Aí a gente acampou e tinha que fazer várias coisas, a gente tinha que fazer comida. Aí a gente saiu de madrugada, só montamos barraca, mas nem dormimos. Isso foi bem legal porque foi que nem a festa; juntou as pessoas, juntou as turmas e a gente fez várias coisas.

E aqui na escola?
Sei lá tem várias pessoas que fazem música aqui e que junta as pessoas. Porque um gosto junta as pessoas. Tu podes nem gostar da pessoa, mas gostar das mesmas coisas que tu gostas já é um

baita laço entre duas pessoas. De tu esqueceres aquilo que tu leva do pessoal e trazer para aquilo que tu gosta, entendeu?
E na festa assim. Os loucos fazem pagode, tem um monte de gente que gosta de pagode. Pode nem gostar daquelas pessoas, mas gosta de pagode Isso é o mais próximo que não pode ser feito no colégio e que... Se tu fizeres música aqui, têm um piti as mulheres aqui dentro.

E quando isso acontece?
Quando eles trazem instrumentos.

Em que horário?
Tem vários dias que eles ficam fazendo no horário da aula e outras horas na hora no recreio

E tem mais alguma coisa?
Teria, quando a gente foge do colégio,quando a gente foge do colégio que todo mundo. É o que eu falei. Está todo mundo querendo a mesma coisa, sabe? Essa coisa de várias pessoas terem o mesmo objetivo junta muito.

Fugir da escola?
Tipo fugir da escola

E vocês fazem o quê?
A gente vai para a avenida. A gente fica sentado conversando. Várias vezes a gente não tem oportunidade de... Por mais que seja liberal a escola, de conversar assim... Tem certos assuntos que a gente não pode conversar dentro da aula.

Por exemplo?
Sexo, por exemplo.
E se a gente conversa, os professores, principalmente os mais velhos, mais conservadores, do jeito que a gente conversa para eles é meio chula sabe?

O que é considerado chula?
Ah, tipo assim... A fulana me deu. Eles dizem ah..me deu!!! Isso aí não existe, não sei o que... Sabe assim, não que seja errado. A cultura impõe, eles não são acostumados com isso. Não de coisas, mas de palavreados assim. Porque a linguagem que a gente usa é muito nossa.

Tu achas que existe muita diferença entre a linguagem dos professores e a de vocês?
Sim, não somente dos professores como dos pais da gente.

Tu achas que é uma questão de idade isso?
Não acho que é uma questão assim como a linguagem dos meus pais e a dos pais deles era diferente... A cada geração que passa alguma coisa fica que marca a gente, e a linguagem marca bastante.

Por que a linguagem marca bastante?
Não sei, as pessoas tentam fazer tudo mais fácil possível e hoje em dia as tecnologias são mais disseminadas do que antigamente

Quais tecnologias?
Várias. Computador, fotos, celular, tu fala com alguém onde tu tiver, na hora que tu quiser. Sem preço, bem dizer. Essa coisa do acesso a tecnologia faz com que as pessoas sejam mais acomodadas. Elas não querem nem ter o trabalho de mexer no mouse do computador. Tem um mouse sem fio. Tudo pelo menor esforço. E a língua é uma coisa que acompanha bastante isso. A gente quer falar o menos possível e, por exemplo, falar literalmente menos possível e ter mais voz. Essa coisa de chegar para várias outras pessoas num tempo menor.

Outro dia:
Fala sobre furar a festa

Quando tu vai furar a festa, primeiro a gente combina. Combinar é bem legal, é divertido porque tu ficas vendo um jeito de que nada dê errado, por exemplo, eu falei que quando eu fui furar a festa lá,

eu fui na casa da minha tia pedir o nome de alguns formandos, para se eu chegasse lá e perguntasse eu diria é fulano, aí essa coisa de combinar, já é bem legal Aí tu te arrumas para ir para a festa. Quando tu te arrumas para ir para a festa vem o medo, porque ninguém quer sair de casa tomar banho, botar uma roupa, se arrumar, chegar lá e passar vergonha de ficar lá na frente da festa, não poder entrar. Essa coisa é complicada, vem aquele medo, mas aí tu entras. Quando tu entras na festa, tu consegue entrar, te dá aquele gostinho, tu podes fazer tudo. Já entraste na festa, nem eras para estar lá. Já está te sentindo o furão agora. Te sentindo todo poderoso. Aí tu vai assim parece que... Tu olhas um segurança, tu olha um convidado.. É que nem um bandido fugindo de polícia, parece que está todo mundo te olhando, parece que todo mundo sabe que tu estás errado ali. Aí tu ficas naquela coisa assim aí parece que tu foges, vai, vai procurando outros lugares, vai calminho, te mistura.. Aí depois de estar lá no meio ninguém te tira. Tu bebes, perdes a noção de tudo.

Renata/ 2011

Relação com a festa?
Ah, eu saio quando a minha mãe permite, porque eu não tenho ainda 18 né. Sei lá, as gurias sempre saem; a gente sempre sai. Elas são mais velhas que eu, um ou dois anos mais velhas, aí depende muito Sei lá às vezes a mãe deixa sair, às vezes não, às vezes ela vai comigo. Muitas vezes ela foi comigo. Agora ela está deixando mais eu ir sozinha, mas o ano passado a gente ia junto. Ela sai. Ela adora sair. Ela e o meu padrasto. Aí eles me deixam na festa com as minhas amigas e eles ficam curtindo, não me enchem o saco. Estranho até, mas...

E como surgiu isso de vocês começarem a ir a festas juntas?
Ah, isso faz tempo já. Acho que dois ou três anos que a gente sai junto porque eu gosto de dançar e ela também. E como a gente se entende muito bem. Eu morava com meu pai, eu era muito presa. Aí quando meu irmão decidiu vir morar com a minha mãe eu vim também. Aí eu nunca tive muita afinidade com a minha mãe. Aí ela viu que era uma coisa que eu gostava e ela começou assim. Claro, sei lá eu tenho 17 e foi nos 15 mais ou menos. Ela me cuidava, a gente se conhecia bastante.

Que festas vocês iam?
Ah, começou com barzinho, assim: *Larus, Eventual* (risos), mas só.

Tu falaste que vais à festa porque gostas de dançar? Falaste que gostas de ir para dançar. Qual a diferença de ir com a mãe e sozinha (sem a mãe)?
Tu podes fazer as tuas coisas (risos)

Que coisas tu podes fazer?
Beber um pouquinho mais, ficar um pouquinho mais no brilho.... Mas não tem muita diferença não. É bom porque se tu precisares da tua mãe ela está ali. Pede dinheiro para a tua mãe – eu acho.

Quando tu não vais com a mãe com quem tu vais?
Com a s gurias ali da aula. Aí tem esse pessoal que eu conheço. Do direito.

De onde tu conheceste?
É porque é assim, minha mãe... Tem uma amiga minha essa que eu conheci através da minha mãe, na verdade, porque a mãe tem uma loja e essa guria estava procurando uma casa, para ela morar. Aí ela passou lá na loja para perguntar se tinha, se ela sabia se tinha um lugar para alugar e se tinha vaga para trabalhar lá. Aí minha mãe começou a trabalhar com ela e a gente começou a ficar muito amiga. E foi assim. Eu vou na casa dela, ela vai na minha. Ela é minha amiga mesmo. É muito legal.

Qual a idade dela?
Ela tem 20.

Mais velha?
É.

E aí tu começaste a sair com ela?
Também.

Qual a festa que mais gostas de ir?
Não tem...

Tu vais a muitos lugares?
Vou em vários, no centro não vou muito porque fica ruim a locação. Eu fico mais no Cassino. Eu gosto aqui do *Eventual,* do *Salento*.

O *Salento* parece ser o mais curtido
É.

Por que vocês gostam tanto do *Salento*?
Não sei. Porque o pessoal é todo conhecido eu acho. Um dos donos é amigo da Hillary, outro é irmão da Hillary. Sei lá... A gente consegue cortesia. A gente faz uma festa ali.

Ah, conseguem umas cortesias?
É, sempre tem. É como é barzinho e todo mundo se conhece aqui no Cassino

Falando em festa, eu lembrei da festa de formatura, tu que estás mais envolvida com a organização...
Teve uma discussão agora com o Rodrigo, o Rodrigo saiu e eu peguei mais com a Iani. Porque antes era o Rodrigo e a Iani. Eu só ajudava por cima, assim. Vai sair com certeza.

Eu soube, conversei com ele e ele saiu de tudo da organização e da festa
E ele já tinha as mensalidades, faltava somente dois meses.
Eu conversei com ele. Ele é amigo do meu irmão. Eu gosto um monte dele. Fiquei super chateada. Eu conversei um monte com ele. E eu disse para ele que achava errado largar tudo agora que ficou difícil o negócio... Tu pega e sai. Ele disse, “não é que eu cansei”, não sei o que. Eu disse ah... Teus motivos...

Tu achas que a escola tem coisas que se assemelham, se pareçam com a festa? Algumas situações, coisa que acontece, tu achas que tem a ver?
Eu acho que o que mais tem em festa e colégio é fofoca (risos). É verdade. Eu acho que é o que mais tem nesse meio.

O que é fofoca então?
Bem, deixa eu ver. Fofoca é tu falares mal dos outros. Sempre tem uma coisa nova para contar, que surgiu. Fica olhando as pessoas e dizer: olha ela está com ele, olha ele está com... E no colégio também, sempre tem alguma coisa nova para contar.

Tu achas que isso é uma coisa legal ou não?
Não. É divertido.

É divertido? Por que é divertido?
Acontecem coisas engraçadas

Como o quê, por exemplo?
Tem coisas assim, tipo... As amizades que se faz aqui... Saem todos juntos ali da turma, a gente acaba conversando. Têm momentos legais tipo como aquelas fotos que tu viste, todo mundo de hippie. A gente adora fazer isso, agora no inverno não deu para fazer, trocar de roupa no colégio no inverno é ruim, né? Agora que já começa a fazer uns dias bonitos, já dá para fazer

Conta sobre isso?
A gente combina tipo quarta feira vai vir todo mundo de palhaço. Aí a gente consegue umas roupas e vem... Todo mundo não. Eu e as gurias, porque ninguém ajuda. Aí a gente consegue dinheiro

O objetivo disso é...
Dinheiro, só que aí a gente faz um mico, a gente paga mico e recebe dinheiro.

De onde veio essa ideia?

Eu tenho uma amiga em São Paulo que faz isso. Eu já vi em vários outros colégios todo mundo fazendo e aí eu peguei e disse vamos fazer? Aí um dia a gente veio de pijama e no outro de hippie, minha amiga tinha feito de hippie e eu adorei.
Aí a gente conseguiu várias roupas legais e a gente fez ficou muito legal no dia do hippie.

E porque tu adoraste o dia do hippie.
Ah adorei, todo mundo com saião, girando no colégio... To mundo rindo da nossa cara. Foi muito legal.

E me diz uma coisa, quando vocês fizeram foi liberado para vocês fazerem?Pediram?
Não, como a gente viu que não deu nada, a gente fez de novo. Porque a gente não ia fazer todos os dias, quando podia...

Em que horário?
No intervalo. A gente pedia para o professor para sair um pouco antes da aula e se arrumava

E foi inesperado? Ninguém sabia o que ia acontecer?
A turma só.

A direção não sabia?
Não. A gente pediu dinheiro para os professores... Estava bem legal

O dinheiro arrecadado era para quê?
Para a formatura. No primeiro dia a gente conseguiu 15 reais e no 2º conseguimos menos 8 reais eu acho. Porque a outra turma também estava fazendo a mesma coisa que a gente.

Quais turmas? Vocês combinaram com as outras turmas?
A 232. Não, eles fizeram diferente... Eles pegaram e riscaram umas camisetas Nada a ver. Eles saíram antes da gente. E como na turma é lá no final, eles saiu antes da gente e passaram nas turmas. Todo mundo já não tinha mais dinheiro para nos dar. Todo mundo, ah eu dei para eles, não sabia que vocês iriam fazer. Vocês estão muito legais com essas roupas. Todo mundo falou que nós estávamos muito melhor que eles, sabe? Mas, tudo bem.

Mas a idéia foi boa na medida em que outros se interessaram em fazer, não é? Há certa divergência entre as turmas do 3º ano?
Assim, acho que a 231e a 233 são bem mais unidas. A 232 é bem mais isolada, assim. Sei lá, acho que porque eles são meio crianças. Eles estão unidos desde a 1ª série unidos.

E vocês não?
Não, a gente se uniu no ensino médio e eles não. Eles estão juntos desde o início de tudo. Acho que é isso também, e depois quando rolou esse negócio da formatura que íamos fazer todos na SAC e aí ninguém se agilizou. Aí ficou todo mundo parado. Quase que nem rolou a formatura. Aí a gente começou a procurar um lugar e a 231 saiu, disseram que iriam fazer só viagem. Depois a ficou a 232 e a gente.
Aí a gente pesquisou e...

Fizeram um grupo para realizar esse levantamento?
Não, disseram.. Ah tu fala com fulano e eu tinha um número, peguei e liguei estava o mesmo preço... Aí eu disse, então não vale a pena. A gente queria um lugar um pouco menor também. Aí eu fui ver no Centro Português. Aí fomos falar com a 232 o que tínhamos visto e aí eles disseram que também iriam fazer lá, mas que fariam em janeiro. Aí a gente fechou só a gente. Depois a 231 também decidiu fazer, mas tinha uns pinguinhos de gente... E a 232 decidiu fazer com eles.

E por que decidiram fazer festa e não viajar?
Até o professor Xiru, nosso regente, queria que fizéssemos viagem. Aí a gente queria fazer viagem e formatura. Aí diziam... Viagem e formatura precisa de muito dinheiro. Aí teve votação e a maioria quis festa.
Eu queria as duas coisas. Na minha 8ª série eu fiz as duas coisas.

Além da dança que tu gostas, de observar as pessoas, o que mais acontece na festa?

As pessoas bêbadas, isso é muito engraçado, tem muita coisa para contar.

O que acontece quando as pessoas bebem?
Fazem as coisas sem pensar.

Por exemplo? As pessoas vão para quê?
Tem gente que vai só para beber, para ficar fora de si. E se divertir.

E beber para quê?
Para se divertir também. Não é como no teu dia-a-dia. No dia-a-dia tu estás normal, brincando assim, mas com a música tu ficas um pouco mais alegre, tu falas umas coisas sem pensar. Sei lá dependendo da situação tu fica mais... É bom

Tu ficas um pouco mais? Tu falaste fora de si? Como funciona isso?
Tu chegas na festa e já pega uma cerveja para ti beber, e aí tu não fica normal... Sei lá, falando as coisas sem querer falar, tu estás recém pensando e já estás falando. Tu pensas eu vou ir naquele lugar... Quando tu vê já estás naquele lugar. Teu corpo age antes do que tu estás pensando. Ou tu fazes umas coisas sem pensar mesmo. Que nem aquele dia do meu aniversário, muito engraçado.
Eu fui procurar as gurias e era perto da meia noite, aí as gurias estavam todas no banheiro Eu entrei para fazer xixi. Aí elas começaram a cantar parabéns e eu apaguei a luz sem querer e ficamos procurando a luz, cantando parabéns no escuro. Aí a luz acendeu. Aí de novo eu me encostei não sei onde e apagou a luz de novo. Aí eu liguei de novo sem querer. Então as gurias disseram é tu que estás apagando... As gurias davam risada no banheiro

Isso aconteceu por quê? Esse apagar e desligar a luz?
Eu não me liguei. Engraçado e outras coisas... Tem muitas histórias que no outro dia a gente lembra e dá risada... Tropeçar e quase cair.
(Risos) No Salento também... Eu tinha ido de casaco e um short, meia calça,né. Aí fui no banheiro e saí. Eu estava lá com as gurias e tudo mais. Veio uma guria e me cutucou. Oi, eu Oi, não conhecia a guria... teu colan está aberto. Que horror, ai que vergonha. Eu fui no banheiro e arrumei em seguidinha. Aí eu disse, eu nunca mais vou de colan. Tem várias coisinhas que tu fazes e nem te lembra mais...

Por que isso é bom?
Depois que tu lembras, tu te divertes.

O que significa isso?
Significa diversão, eu não sei te falar outra palavra sabe, porque tu pensa que tu fez, mas tu não fez. Eu pensei que tinha fechado o meu colan, mas eu não fechei. Aí a guria falou que estava aberto. No outro dia eu conto para alguém e agora a gente se diverte imaginando a cena, entendeu?

São cenas que acontecem...
Só ali e todo mundo entende o motivo porque... Tu mesmo já deve ter feito isso (risos).

Outras coisas, não a história do colan.
Essas cenas ...
Tem gente que bebe faz escândalo, para brigar por uma coisa que não aconteceu ali, que aconteceu anos atrás. Se lembra... Eu acho ridículo, eu não sou assim. Eu acho ridículo fazer escândalo porque está bêbado ou finge que está bêbado. Tem gente que finge que está bêbado, nem bebeu, diz que está bêbado só para chamar a atenção.

Chamar atenção por quê? Ficar bêbado dá status?
Tem gente que pensa que sim. Eu não acho. Eu gosto de beber. Não é uma coisa de mostrar para os outros, eu gosto de beber. Eu bebo com minha mãe em casa. A gente abre um vinho, a gente abre uma cerveja... Eu gosto de beber. Chega em casa... Vou te contar uma da minha mãe. Um dia eu cheguei em casa, no inverno isso, antes das oito E a minha mãe trabalhou com vinho. Ela conhece muito, ela trabalhou vendendo vinho, provando vinho, ela tinha paixão. Aí eu cheguei em casa e perguntei... Onde é que a mãe está? Ah, ela está tomando banho. Aí ela abriu a porta do banheiro bem enrolada numa toalha, no cabelo uma toalha também e com uma taça de vinho, tomando banho (risos). Ah, como eu ria aquele dia. E dizia esse é o exemplo que tu dás para a tua filha?

A relação é boa...
É, ela é bem amiga. Tem as coisas de mãe, é claro, mas às vezes as gurias dizem que eu sou mais mãe do que a minha própria mãe. Como a gente não teve isso de relação, tipo dos dos 10 aos 14 anos. Eu acho que é uma idade que tu tem que estar com a tua mãe, tu menstrua pela primeira vez, aquela coisa toda. Eu estava morando com meu pai quando tudo isso aconteceu Aí...

Desde de quando estás morando com a tua mãe, desde os 15?
Desde os 15, é catorze, o final da 8ª série, em 2008. Aí na 4ª série eu morava em Floripa com meu padrasto, aí meu irmão decidiu morar com meu pai. Eu morava com minha mãe, meu padrasto e meu irmão. Aí a gente veio passar um verão com minha mãe e o meu pai aqui na cidade e aí decidimos ficar. Eu sempre sigo meu irmão nas decisões dele. Ai meu irmão decidiu morar com meu pai.

Tu segues teu irmão?
É nessas coisas de morar, sigo. Não nas outras coisas.

Interessante...
É porque a gente é gêmeo, eu acho que tem alguma coisa assim. Vou te contar... Agora fiquei lembrando das coisas.Esses dias eu estava na casa do meu pai. Estava só eu e a minha madrasta, eu estava vendo novela com ela, eu me dou bem com ela. Eu estava vendo novela assim e aí o irmão de não sei quem tinha morrido. Eu olhei e disse se acontecesse isso com o meu irmão eu acho que eu morria. E ela assim, Fernanda tu tens dois irmãos, não te esquece disso. E eu disse, ah... Essas coisas trágicas, eu sempre lembro do meu irmão, sabe?

E com quem tu tens mais convivência, né?
É, mas eu fiquei sem graça. Mas eu amo eles.

E tu moraste com teu pai...
Aí a gente ficou quase 5 anos. E com a mãe não tinha quase convivência. Depois a gente começou a conversar. Ai quando eu fazia alguma coisa errada, eu sabia que tinha feito alguma coisa errada eu falava para ela. E minha mãe só olhava para mim e dizia assim. Ah, tá. Eu dizia mãe, tu não vais brigar comigo? Eu fiz alguma coisa, eu fiz errado. Tu não vais brigar comigo. As gurias dão risada

Tu esperavas que ela...
Ela tinha medo que a gente brigasse eu acho e fosse morar com o pai.
Depois a mãe saiu de Floripa.

Antes disso vivia teu pai, tua mãe e teu irmão...
Bem antes, eles se separaram quando eu tinha 4 anos.

Tivesses várias experiências, vivesse com teu pai, com a tua mãe e sempre com teu irmão
É sempre com meu irmão.

E nas festas também é legal essa relação porque ele gosta de sair, né?
Essa semana agora saiu, ele e os guris, mas a mãe não deixou eu sair porque eram muitos guris, né? Eu fui numa festa lá na cidade, a festa Fun. Se tu falares todo mundo vai saber qual é. É a primeira vez que teve uma festa universitária para arrecadar dinheiro eram várias turmas. Nessa meu irmão não foi. Aí ela disse tu vais nessa festa e tu não vais a outra, antes do ENEM tu não sai mais. Depois dessa festa eu não saí, entendeste. Aí nessa semana agora, eu disse, ah mãe deixa eu sair tem festa do campeonato de surf, a gente se dá com os guris, né? Eu tinha ido já no domingo no campeonato.

Nesse domingo? E teve onda?
Lá no lado do navio teve. Aí a gente tomou banho de chuva. Aí ia todo mundo para o Salento, e eu disse, deixa eu ir mãe. Aí eu também tinha uma festa do pessoal do direito Halloween, já tinha até conseguido minha fantasia. Aí a mãe disse, vais ter que escolher uma coisa ou outra Aí meu irmão saiu. A gente se dá bem e ele disse te cuida, qualquer coisa eu te ligo. Aí a do Halloween ele não foi. Essas coisas assim, aí no Halloween ele não foi

Fernando/2011

Eu queria que tu falasses um pouco sobre as festas
Ah, o pessoal vai lá para se divertir. O pessoal bebe, conhece pessoas novas, é assim. Não sei dizer, estou constrangido por causa do gravador. Ah, sei lá professora. Ah a gente vai para a festa para curtir com um pessoal novo, para curtir com os amigos. Sempre encontra alguém lá. É isso.

Que festas tu costumas ir?
Não sei te dizer. Qualquer uma?

A última festa que tu foste?
A última que eu fui. A última que eu fui foi no *Salento*, aqui. Já faz um tempinho que eu não saio. O *Salento* nem é uma festa mesmo, é um barzinho mesmo

E festa?
Festa mesmo foi no *Efect* só.

Me conta desse lugar, o *Efect*. Vários já me falaram nesse nome.
Bah, lá é um lugar muito bom meu. Não é muito grande assim, né? É tri apertado, sabe tu não vê um chinelo lá dentro. Tu não vê cara de bombeta, sentado assim.

Cara de quê?
Bombeta. Tri xarope. Esses caras que vão de bombeta [boné] e as calças lá embaixo. Essas festinhas aqui do Cassino que vão, não tem. Alí o pessoal é mais... Vai pessoa mais velho sempre. Tipo, nunca tem briga nessas festas assim.

Não tem briga?
Nessas aí não!

Rola o quê nessas festas?
Ah depende da festa. Quando eles dão o anúncio eles dão a banda que vai tocar, o DJ que vai ter depois. Esse negócio tudo é programado.

E como é que tu ficas sabendo?
Ah, o pessoal manda por *Orkut*, por email – Às vezes a gente não lê. Todas as festas têm as datas marcadas. A gente vai a um lugar sempre tem um folder da festa, sabe colado. É por aí.

E na escola vocês falam sobre as festas?
Ah, tipo a gente fala, chega na quinta a gente tá falando. Ah, vamos sair para onde?Fazer o quê? A gente organiza.
E tu costumas ir com quem na festa? Com os colegas aqui da escola?
É, vai eu, o R, o B, o fulano nunca vai, vai quando a mãe libera. Fica de cara. Aí ele fala que não gosta de festa... Vai S, vai a .

Quantos anos tens?
17

E tu vais faz muito tempo em festas?
Não, desde o ano passado.

Já tem experiência?
Mas é aquela coisinha apertada assim... Horário, sempre tive isso.

E agora?
Agora nem tem mais tanto assim. A mãe...

É que tu és menor, né? Mas tu entras tranqüilo?
Só não pode ficar na frente da festa falando bobagem, dando gargalhada. Os cara se ligam que tu é gurizão, assim. Mas se tu ficares meio serinho assim, na fila. Deu né!

Ah, se tu ficas fazendo bobagem...?

É aí os caras vêem que tu és gurizão... Chega lá frente da festinha tudo parado, olhando para o outro lado... Aí tem que chegar com cerveja para tu mostrar que tu és o cara. Tens que mostrar que tu és sabido , né?

Tu achas que a festa tem alguma coisa com a escola?
A relação que eu vejo é que geralmente as pessoas que tu vais para a festa são colegas, teus amigos que geralmente estão mais na escola, né? Acho que essa é a relação. A gente organiza bastante com quem é que nós vamos sair, aqui no colégio também. Não sei professora. É que é meio complicado tu vê, tu juntar as duas coisas né?

Como é que tu vês isso?
A gente começa a rir um dos outros. O G é o que mais sofre na aula. A gente treme ele. A gente treme os guris, a gente está sempre fazendo piada, bobagem na sala. Mas eu acho que essa é a ligação que tem entre a festa e o colégio mesmo. Aqui o pessoal curte assim, o pessoal se diverte na aula. Eu não saio daqui sem dar uma risada de manhã cedo. É impossível. E estou sempre incomodando.

O que acontece?
A gente começa a rir um dos outros. O G é o que mais sofre na aula. A gente treme ele. A gente treme os guris, a gente está sempre fazendo piada, bobagem na sala. Mas eu acho que essa é a ligação que tem entre a festa e o colégio mesmo.

O que é que acontece aqui na escola que não acontece na festa?
Estudar... [risadas]. O que acontece no colégio e não acontece na festa?
Não sei professora, acho que nada. Tipo como é que eu vou te dizer... [silêncio] Ah, não sei. Acho que acontece diferente aqui.

E o que as pessoas fazem na escola que não fazem na festa?
Na festa? Ah, na festa o pessoal se descontrai mais. Está lá para curtir mesmo. Não tem... Aqui não pode extrapolar, sair. Sempre tem aquele negócio do professor que está em aula, esse negócio... Então na festa é mais liberal. Tu fazes o que tu quiseres lá dentro.

Fazes o que tu quiseres?
Não, até ali, sempre tem gente te cuidando, os seguranças.

Seguranças?
É, eu não sou muito grande, então tem que respeitar os caras.

E aqui na escola, como é que vês as regras?
Ah, não seguem. Seguir?

É.
O pessoal segue o básico. Mas tu vês que sempre tem gente na rua. Toda hora a minha turma, então, a gente traz bola e fica jogando três corta, aqui no horário de aula. Acho que é mais porque é o 3º ano mesmo, no 2º era todo mundo normalmente quieto assim, tipo a chegou aqui e N falou quem pegasse a bola iria levar ocorrência... Ninguém levou ocorrência. O s guris estavam aqui correndo. A gente não segue muito as regras assim.

Tu achas que tens regras... E quais são as básicas que tu falas?
Respeito, não agredir ninguém no colégio. Acho que é isso aí.

O que tu gosta na escola?
O pessoal. São os colegas mesmo. É o que chama atenção no colégio né professora. O cara entrar aqui e só pensa em estudar não dá.

E na festa?
Ah, as gurias que estão na festa, né? Ah, o cara sai de casa com um objetivo. Quantas o cara vai sair durante a festa. Ah, claro. Com quantas o cara vai sair durante a festa?

Ah, é assim? Quantas?

Ah, tá louco o cara ir para a festa e não pegar ninguém. É brabo. Nunca tinha visto, sair sem pegar ninguém. É complicado. Se tu vês os neguinhos saindo da festa de cabeça baixa, o cara tá mal

É?
Ah, é. O sabe o P. Ele sai queimando todo mundo. Ele sai dizendo eu te amo... Não adianta. A gente sai, sai com qualquer tipo, beber, tomar com os amigos curtir. Ah, claro, sem dúvida.

Mas é só isso? Vocês conversam?
Na festa? Ah, bastante.
Ah, a gente está na roda e diz: Vamos chegar em quem ali? O cara olha assim e tem duas paradas. Em quem? Em quem? Aí chega, pega, às vezes ainda na frente delas... Ah é mais uma. Aí vamos embora. E só te olham. Bah, me usaram! Tem umas coisas assim!Mas nem sempre é isso, professora. A gente não fala só bobagem. A gente fala uns negócios mais sérios.

Pois, eu queria saber? Papo mais cabeça?
Quando o pessoal que está contigo é mais cabeça, tu acabas com um assunto melhorzinho assim, né?

Qual é o assunto?
Deixa eu ver. Logo quando eu comecei a ir a festa teve um editorial. Ah, foi todo mundo para a minha volta. Ah, eu tomei o primeiro mexendo o copinho, não gostava do gosto. Ah, não tu vais tomar outro. E pagavam para mim o negócio. O assunto mais cabeça que tem é... Ah, como é que está a vida? É que não tem. Depende, na hora sai o assunto assim. Ah, tu não sai de casa dizendo... Ah, vou falar sobre aquecimento global.

Fala sobre essas outras festas que tu comentaste
Não é toda hora que tem. Mais data mesmo *reveion*, junina, festa à fantasia. Ah, o pessoal da faculdade faz. Se tu te dá bem com os cara, eles te convidam para outros negócios assim. Foi o pessoal do direito que eu conheço o pessoal. Todo mundo se dá com todo mundo. O P que é da engenharia, está sempre conosco ali. Tem o pessoal da medicina.

Tu vais fazer medicina?
Não, direito. Mas a festa que é o pessoal mais velho, pessoal mais cabeça.

Aí rola uns papos?
Rola. Ah,não, não me pergunta qual!!! [risos] É que é difícil professora. A gente bebe e depois não se lembra de nada.

Ah é?
A gente lembra quem a gente pegou. A gente marca a cara da guria, nem o nome é o número dela. A gente marca guria pelo número.

É?
Ah, há.. Aquela ali foi a 3, aquela foi a 4. Não tem como tu te um controle tão grande de todo mundo. Mas nessas outras festas o pessoal é mais cabeça. É todo mundo mais velho que tu. Geralmente eu sou o mais novinho. A minha irmã vai também. Ela conhece todo mundo. Nessas festas os guris não foram comigo.

Não?
Não porque eles convidam mesmo. Vou eu, a minha irmã. Minha irmã é que me apresentou o pessoal o pessoal.

A, tua irmã é mais velha que tu? Não, ela é gêmea né?
É, somos gêmeos, ela é dois minutos. Ah nem me fala! Eu sofro tanto com esses dois minutos...

Por quê?
Ah, no aniversário é assim. Acordam ela e dois minutos depois me acordam. É, eles fazem isso. Fico muito de cara.

Fala dessas festas

Ah, não é toda hora que tem né? Festa tipo mais data mesmo, reveion, junina os caras fazem também. Então sempre tem isso daí, festa à fantasia eles fazem toda hora. O P está sempre com nós.

Quem faz?
O pessoal da faculdade faz. Se tu te dás bem com eles, eles te convidam e outros negócios assim.

E tu vais?
Eu vou nas do direito que eu conheço o pessoal. Minha irmã se dá com o Pedrão que é da engenharia. Os meus amigos todos rodam, não passam em medicina. Seguem meu exemplo.

Ali/ 2011
Como funciona uma festa?
As festas são tudo iguais. Diferente é a *rave*. *Rave* é bom eu gosto.

Tu vais à *rave*?
Vou, gosto, eu gosto de *rave*.

Fala um pouco sobre a *rave*
Bah, a *rave* eu acho só música, quem gosta mesmo só vai por causa da música. Música, assim, porque é bem menos pegação que a festa normal. *Rave* tu não vê guri e guria se agarrando, quem vai é mais para curtir mesmo a música que é um troço bem diferente. Eu acho que, eu conheci. Sei lá, a *rave* com 15 anos. Aí, a primeira vez que eu fui, *deu né*, gostei muito assim, sabe? Quando tem eu vou direto, não falto uma.

E onde acontecem as *rave*s?
Ah, é mais afastado das casas, porque a música é pegada. Geralmente quando tem é bem perto da minha casa, porque eu moro no Senandes, ali. É bem pertinho.

Ali no corredor?
Isso, na entrada, isso, é.

E o que acontece nessa festa *rave*?
Ah, é mais assim... Rola de tudo. Isso se sabe né?

Conta
[risos] Ah, droga, de tudo. Isso tu vês claramente assim. Os guris usando assim

Que tipo?
Eles cheiram uns negocinhos, botam uns paninhos. Não sei o nome. Clorofórmio, eu acho. Tem outra coisa também LSD. Tem umas balinhas que eles tomam. Eu não sei dizer mais claramente, é que tem mais adulto. Não é tanto tão festa... Como é que eu vou dizer não é... Como eu vou te explicar. Não é uma festa normal. Uma festa mais quem gosta mesmo. Quem está lá é porque gosta da música mesmo.

Como é a música?
É só batidão assim. [Risos]

E a festa que tu mais curte.
Eu gosto mais eletrônica assim. Eu não sei dançar pagode. Mas sempre tem, toda festa tem pagode, chega umas 3 horas da manhã e começa o pagode, mas antes disso só dá as eletrônicas. Essas são as que eu mais gosto.

E por que tu achas que as pessoas vão às festas? Todas que eu entrevistei curtem a festa...
É uma forma de situação assim, acho que todo jovem gosta. Eu acho que eu não viveria sem festa, eu acho. É muito bom.

Como tu te organizas para ir à festa?

Sempre com amigos. Abro o MSN e digo vamos sair? Vão sair? Aí já passam de carro. Aí já vamos, a gurizada, vamos de carro todo mundo. É isso aí.

E que outras festas?
Doha, Dup. Todas as mesmas festas.

Dup? E tu sabes o que isso significa?
Não [risos]. Tem *Salento*, tem o *Mania de bar*... Não sei se tu já foste? Um amigo meu que trabalha na porta. Quando eu vou ali, a gente nem paga nada ali. Eu me dou com o chefe. Ali é bom, é um pubzinho, ali. Legal, mais para curtir, ficar com uma guria ali, conversando, tomando uma cervejinha, mais calminho. Tem vários tipos.

Tu vais com frequencia?
Vou, vou direto. E quando a minha namorada não quer ir, eu digo. Ah, vou ir eu.

E com a namorada funciona diferente?
Ah, funcionas, que é tipo... Os caras já ficam olhando, alguns olham. Aí o que é que tu vais fazer? Vais dizer, o que tu estás olhando para a minha guria? Se mete a mão, aí já dá rolo, não é?

Se tu tivesse que caracterizar situações que acontecem numa festa que achas interessantes ou algumas características da festa?
Para o cara solteiro o melhor que tem é pegar as gurias, a melhor coisa. Então, não tem outra...

E se não é solteiro?
Se não é solteiro é só beber e ficar com os amigos lá, curtindo. Eu mesmo, que acho que em todas as festas que eu fui, eu acho que eu não, nunca precisei pegar. Uma vez lá é que eu precisei baixar a bola, para não começar a brigar porque sempre tem um doidão que *bum* te vira um copo por cima, faz alguma coisa, aí...

Cria o clima?
Aí, no caso o cara tem que baixar a bola para não brigar, isso acontece muito. Ah, eu me dou com todo mundo, totalmente... Aqui no Cassino, cada esquina eu conheço um que é meu amigo.

E tu achas que a festa é boa por quê?
Não sei, é uma distração, sei lá. Mesmo que no outro dia o cara vai estar de ressaca. Como estava bom ontem... O cara lembra.

E é legal isso?
É, mas tipo eu sempre andei na linha, vinha à aula e tudo. Tipo festa é festa. Aula é aula. Né? Então eu sentava, estudava. No ano passado é que eu rodei. Eu vinha aula de virada. Às vezes eu chegava em casa, tomava um banho e vinha. Foi aí que eu rodei. Está, mas depois disso deu, né?

E tu achas que a escola tem alguma relação com a festa?
Não, eu acho que o colégio eu acho que sei lá, acho até que... Uma faculdade eu acho que teria mais. Eu acho que numa faculdade onde a gente teria mais, maior, com mais idade, mais a ver do que a escola.

Por quê?
Acho que tem gente maior, gente mais experiente, gente mais cabeça, sabe? Acho que por isso tem mais a ver com a festa. Que a escola não tem nada a ver não. *A escola é só para juntar os amigos, fazer amizade e para um dia se encontrar na noite e fazer uma zoeira.*

Então tem essa relação?
Tem essa relação.

Acontece na escola, algo que tu achas que seria mais próximo ou característico de uma festa?
Não. Acho que não, porque aqui é muito rígido. Se te pegam na rua [fora as sala de aula] já dizem... Oh, o que é que tu estás fazendo aqui? E a festa não. A festa tu vais e fazes o que tu queres né?

E não tem regras?

Não tem regras. Aqui é totalmente diferente. É eu acho que é isso.

E será que não tem regras mesmo?
Na festa?
Ah, não. Acho que não
Deixa-me ver, acho que não, não. Só tem que ser maior, só.

Maior?
Maior de idade.

Qual a tua idade?
18 anos.

Mas tem gente que antes...?
É, é eu desde os 15 anos eu vou. Tenho 17, vou fazer 18 agora. Não, desde o 13, 14 eu já saia.

E como tu começaste a ir a festas?
Comecei no *Águia Branca*. Festa de iniciante assim, né?Aí quando eu vi começou a ir muita vila, muitos guris assim, né, para roubar, aí parei. Aí comecei a ir mais a festas assim, maiorzinho. E aí comecei a fazer as amizades e deu. Não parei mais [risos].

E como é que rola isso? Fazer amizade?
Sei lá o cara já vem bêbado. Todo feliz aí. E diz, vamos tomar uma cerveja ái. Aí, ah, como é teu nome. Chega em casa e aí adiciona no *Orkut* e faz uma amizade.
Assim é mais fácil.

Então as amizades rolam também nas festas?
Claro, ás vezes tu estás bem mal, assim num canto aí como é não estás bem aí? Aí acaba ficando com ele ali...
E aí vocês se encontram depois?
Ah, claro, porque é da noite, ali, né? Vamos sair juntos ali, depois. É isso aí.

A festa que mais vais agora é?
Agora tenho ido mais no *Mania,* no *Salento*. Fui na *DUP.*

E teria algo que caracteriza um ambiente ser diferente do outro?
Só se for *PUB,* no caso *o* barzinho assim que é mais na manha, musica ao vivo, menorzinho, que dá para ficar. Porque festa mesmo é todo mundo dançando. Acho que é só isso que diferencia mesmo.

E onde rola festa mesmo?
Festa mesmo eu acho que é na *Dup*. O problema é que é muito pequena, soca de gente e tu não consegue nem caminhar. Até chegar no bar demora 10 minutos para chegar, muito demorado.

E tu falaste de divertimento? Como é isso?
Ah, as bobagens, ver as bobagens que os outros fazem, rir, falar bobagem.

O que fazem?
Fica ali mexendo com as gurias. Nada assim de bronca, fazer bronca. Eu nunca assim, nunca saio assim, vamos brigar, vamos fazer isso e aquilo. Eu, pessoalmente, assim, nunca, né. Mas sempre tem aqueles, sempre tem.

E me conta uma coisa que aconteceu na festa e te marcou?
Uma vez um amigo meu estava numa festa, estava ele e eu. Quando eu vi, um guri deu um soco na cara dele. Ele estava bem do meu lado. Quando eu vi, já começaram a se bicar, quando eu vi, peguei o guri do pescoço e botei ele no chão e chamei o segurança. Aí quando nos saímos para rua eu disse, agora sim... Eles vão estar esperando por nós. Como é que a gente... Aí depois vieram pedir desculpas para nós, porque um estava muito louco lá, bebeu um monte e estava naquela bronca. É que logo que bebe se acha machão, vou dar em todo mundo isso e aquilo, né.

Isso é comum?

Isso é comum. É comum.

E, comumente as pessoas vão em grupo?
Ah, é. Os que vão para brigar mesmo vão sempre.

E na escola tem alguma coisa que te marcou, que tu lembras?
Acho que todo tempo foi legal, eu não gostava de vir a aula.

E não gostavas de quê?
Eu não gostava de vir a aula, eu pensava bah, ir a escola, só aprender não. Agora eu vejo que tem hora de aprender e a hora da sacanagem. A gente fica brincando, falando bobagem. É bom.

E o que é o melhor da festa?
É o aprender e o conhecimento adquirido, sei lá. Experiência. Eu penso assim, eu quero fazer de tudo, assim oh. Eu posso dizer assim, eu fiz toda a minha escola, tudo certinho, quero entrar para uma faculdade. Ter conhecimento de tudo assim, é o que eu quero. Isso eu acho que é o melhor assim. Melhor é a experiência que a pessoa pode ter. Conhecer de todos os lados, saber eu vivi isso e foi assim, eu quero... Entendeste?

E a festa é isso?
É conhecimento. Hoje eu tenho 17, amanhã 25. Já vou ter mulher e não vou poder mais ir à festa. É um troço assim, entendeste?

Como assim?
Sei lá, eu penso assim, depois disso vou trabalhar, então não vai ser como agora, sem responsabilidade nenhuma assim, né. Sem filho, sem mulher, sem nada. Só uma namorada. Mas uma namorada não é nada [risos].

E uma namorada não é nada?
Não, não é que não seja nada, mas é que sei lá. Namorada é aquilo ali, é uma coisinha, pode ser que amanhã não tenha mais nada. Adolescente é assim.

E aqui na escola tu achas que as pessoas fazem coisas que transgridem as regras da escola?
Ah... É difícil. Antes tinha aqui, os guris fumavam maconha no colégio e tudo. Mas hoje em dia, agora já está bem diferente. É que é meio rígido, eu acho que nem devia ser tanto. Pelo, pela escola.

Por que tu acha que é rígido?
Pegam a gente na escola e ficam vendo, se nós não estamos passando como aquelas gurias que estão ali [aponta jovens caminhando na direção das salas de aula], já perguntam... O que vocês estão fazendo? Não pode ir no banheiro fora de aula, né? Aí nos tratam como se fossemos umas crianças. Acho que não devia, não precisava ser assim. Deveria ser rígido em outras coisas. Colocaram as câmeras aqui e não estão funcionando. Aqui não tem nenhuma câmera funcionando. Eles botaram eu não sei para que.

O que tu achas dessas câmeras?
Eu acho que seria bom para evitar coisas erradas, assim, né. Mas eu acho que não deveria ser tão rígido.

Outro exemplo de rígido?
As pessoas circularem... É só isso?
É, eu acho que é só isso.

E transgressão?
Ver o pessoal fumar maconha, só hoje em dia eles só fumam cigarros escondidos nos cantos.

E algo mais? Ouvi comentários de matar aula? Tu achas isso?
Esse ano eu nunca matei aula. Nesse ano... Eu não percebo porque se eles vão matar, eles matam lá pelo cantinho e eu não ando muito para lá, né? [risos]. Novembro eu faço dezoito, daqui a um mês. Eu quero estar passado para fazer a minha carteira. Eu vou faltar a aula, porque eu vou estar passado mesmo.

E aqui na escola rola momentos de diversão?
Rola, a coisa ali é bah.. E bota assim, 30% é diversão e 70% é ...

Como é essa diversão?
Bah, a gente está sempre assim. Esses dias mesmo estava... Bah, nos ficamos ali acho que toda a aula das 10 ao meio dia ficamos só falando bobagem. Diversão é sei lá... É bom, eu gosto. A gente fica falando das gurias, de bobagem, assim. Lutas, coisas que a gente gosta assim, lazer. É isso aí eu acho.

E isso não tem nenhuma relação com clima de festa?
Não, não. Isso não.

E essa diversão que acontece na festa?
Ah, essa diversão é bem diferente acho. A festa é bem diferente é bem mais fácil o cara chegar numa guria, alguma coisa assim... Se está um grupinho nosso, estão bebendo ali. A gente bebe e fica feliz ali, né, bah. Aí é outro tipo de diversão. Na escola é mais.

Tu sentes diferente?
Sim, na festa é uma e aqui é outra.

Fala dessa diferença
A diferença, deixa eu ver... Acho que sei lá. Acho que até a faculdade seria mais igualado a uma festa porque tem mais eventos, sei lá. Todo mundo toma cervejinha, todo mundo maior. Aqui, nem todo mundo é solto como eu. Os meus pais sempre me soltaram. Não sei te dizer a diferença entre a festa e a escola. Não sei.

E os teus pais sempre...?
Sempre me liberaram. Eles disseram, se tu fizeres merda, tu vai estar sozinho.

Tens irmãos?
Só irmãs. A outra saia. A mais velha. E a outra tem 10 aninhos. Mas eu acho que festa mesmo não tem nada igualado a escola. Eu tenho amigos de festa e tenho amigos de escola. Até porque os guris não saem muito. Esses dias aí foi uma exceção, que nós saímos. Porque era aniversário do Felipe aquele dia. Vamos sair, vamos sair!

Vocês saem mais separados?
É, é. Geralmente meus camaradas de festa dizem... Vamos sair, vamos sair. E geralmente os camaradas de festa não fazem nada assim. Sabes, são mais para trás. Não estudam, não fazem nada sabe? Essa é uma diferença. Eu tenho amigos assim, só que eu não sou assim.

Então os amigos de festa não são os da escola?
Não, não são. Essa é uma diferença.

Eles são mais velhos?
São. Eles têm 20 anos. Eles só trabalham. Mas não estudam né? São bem diferentes. Quem estuda é uma coisa. Quem só trabalha é outra.

E tu trabalhas?
Trabalho. Trabalho em obra. Eu faço tudinho em obra, desde os 14 anos, eu trabalho.

É com o teu pai?
Não, meu tio. Inclusive eu trabalho com o meu tio. E todos os bicos que ele pega e não dá para fazer. Ele está cheio de obra. Aí ele diz. Pega esse aí. Tanto para ti, tanto para mim. A gente faz uns esquemas que fica bom para os dois.

E sabes?

Eu sei fazer tudo. Fiz todo o meu quarto, em casa lá. Meu pai comprou o terreno e eu comecei a construir lá. Com 17 anos eu já tenho a minha casinha. É por isso, meus pais sabem que eu sou esforçado, assim, né. Quando eu quero, eu vou atrás, sabe?

E tu tens uma certa independência financeira?
É meu pai me dá uma ajuda, mas eu sempre tenho o meu dinheiro, né? Eu gosto de me vestir bem e andar... Meu pai me disse agora... Se tu precisar de mim... Ele sempre me apóia, sabe? Eu trabalho, mas ele diz. Esse ano estou mais na manha, por causa do ENEM, né? 3º ano eu já quero fazer o ENEM.
Eu vou fazer em Engenharia civil. É o meu sonho.

É, tem tudo a ver...
Meu sonho mesmo.Não, eu tenho um conhecimento.

De matemática?
Tudo, tudo. Eu fiz tudo na escola, só rodei um ano.

Tu gostas de estudar?
Eu sou dos dois lados, tem hora para isso, tem hora aquilo.

Ândria / 2011

Qual a tua relação com festas? Como funciona uma festa?
Eu não ia, eu não vou muito a festas, eu não ia. Na realidade eu não ia muito, quando eu comecei a ir aconteceu lá um, um probleminha lá, então aí...

Que probleminha?
Um cara lá queria... Estava bêbado. Da última vez, a última vez que eu fui no *Salento* estava bêbado, eu acho. Era amigo de uma amiga minha e ele, ele ficou comigo, queria ficar comigo. Não, eu queria ficar com ele. Só que ele queria além, algo mais, entendeu? Que eu não queria dar. E aí ele ficou meio que, a relação ficou mal, sabe? E a minha mãe acabou sabendo, então ela proibiu. Só com namorado, assim, eu saio agora.

Isso faz pouco tempo?
Foi a última vez que eu fui no *Salento.*

E o que tu achas interessante de uma festa?
Olha a parte boa eu acho que é a música, na minha opinião, e porque, já que eu não encontro ninguém né, ninguém é legal para mim, né? Que eu não goste assim, ninguém chama a minha atenção. Porque na realidade não adianta nada eu querer ficar com um o cara se ele não quer ficar comigo, entendeu? Na minha opinião. Porque, sei lá, não vai, não vai acontecer, sei lá, não vai dar para frente. Então aí eu não gosto muito. Eu nem sou muito de festas e tal.

E as experiências que tu tivesses com festa como foram?
Fora o *Salento,* nenhuma.

Quantos anos tens?
Eu tenho 17. Estou recém começando, quando eu ia começar a sair, aí aconteceu isso.

Mas esse problema foi muito ruim? Foi desagradável?
Em minha opinião, não. Na minha cabeça não, porque o cara era respeitador. Porque ele poderia até ter me agarrado, né? Sim ele poderia ter abusado sem ninguém ver, mas até que o cara foi tranqüilo. E isso aí a mãe se apavorou, só de imaginar, eu acho.

Ela se assustou. Tu contaste para ela e ela se assustou?
É, nem fui eu que contei, foi o M. Vazou assim, ele estava lá comentando as fotos do Salento e aí a mãe estava do lado vendo e ele, e ele contou , falou, bem sem intenção de falar e falou. Interessante a cara que a mãe fez. Ela estava rindo e quando o M. falou e ela ficou cara séria, olhou para mim e disse isso *é verdade mesmo?* E eu fiquei sem reação, falar o quê agora?

E ela saiu do quarto foi lá para a sala.

Mas como aconteceu para ter achado tão ruim?
Inclusive eu joguei a culpa na mãe. Sendo que eu nunca fui de festa, ela que insistia que eu fosse, que eu tinha que ir, que ver como é que era, não sei o quê. Tá eu fui porque ela insistia, insistia, fui. E aconteceu isso aí, esse contratempo aí. Em minha opinião eu ia à festa, mas eu não estou preparada para ir ainda. Por exemplo, como é que eu vou lidar com uma situação daquelas? Eu não vou...

Como foi a situação, podes contar?
Na hora eu fiquei assustada.

O que aconteceu para tu ficares assustada?
Ah.. que não sei, nunca tinha acontecido coisa parecida comigo.

Ele insistiu?
Insistiu, queria passar a mão, e eu não. Aí eu tive que cortar. Foi tenso o negócio, foi tenso. Foi tenso. Fiquei até assim, tremendo.

Ficaste tremendo? Foi dentro do bar?
Fiquei tremendo, foi fora. Por isso que eu disse que ele poderia ter me agarrado, abusado e ninguém teria visto. E eu tive que retornar a situação, fazer um jogo lá, para ver se ela [a mãe] acalmava, porque senão ela ia me aprisionar dentro de casa, eu acho. Porque eu não sei, eu não sei dizer, eu não sei aproveitar a minha liberdade no caso. Então aí foi para mim, fiquei na boa, né? Pois já que não me afetou em nada, porque eu, eu não sou muito de festa. Pior seria se eu fosse de festa. Aí seria um castigo, mas como eu não sou de festa. Estava recém querendo ver como era a situação, e aconteceu isso comigo.

E tu achas que a escola tem alguma relação com a festa? Quando tu foste à festa, o que tu gostavas
De me divertir, eu acho. Talvez conhecer um garoto interessante. Uma pessoa boa, pessoa bacana, que pense a mesma coisa que eu, que não seja muito do álcool. Uma coisa que me deixa impressionada é quantidade de álcool que eles ingerem. É isso que eu sinto às vezes.

Tu não gostas de beber?
Eu até provei, mas não é que eu não goste, eu tomei. Eu posso até começar, eu não comecei a inda. O ano que vem, com 18. É uma coisa minha, entendeu? Vou começar a beber mesmo o ano que vem eu acho. Se tiver bebendo, sabe? Beber socialmente. Aí sim que eu vou começar. Eles, não. Nas festas eles bebem muitos drinks. Bebem, compram bebida coisas que eu nunca vi na vida. E tomam uma garrafa ou mais. Isso para mim, não tem nada a ver comigo. Isso é muito... Muito ruim. Sei lá. Não entra, não adianta. Seria outra pessoa me dominando. Não. Eu não consigo perder o senso, como diz a minha mãe. Eu não consigo.

E a escola? O que tu achas da escola? Tem alguma relação com a festa?
Eu acho que talvez assim, pelas pessoas que tu andas, né? No colégio né? Aí eles, tu vai conhecendo outros mundos, outras histórias né, outras vidas. Aí tu vai acabando querendo conhecer mais... Principalmente se tu és de festa. Aí tu vai querer ir todas, né? Tem festa ali! Vamos lá?

Na escola as pessoas fazem coisas parecidas com aquelas que acontecem nas festas? Tu achas que existe alguma relação no modo de ficar, estar na escola e na festa?

Olha, em minha opinião, assim oh.. Na escola tu és de um jeito, na festa tu és outra pessoa. Sei lá, no colégio tem regras eu acho e muita gente não cumpre essas regras. Mas sempre tem aqueles que cumprem, eu acho que tem que ter um respeito e então aí tu acabas saindo da escola né? Eu acredito que tu aí tu vão tendo uma maneira diferente de agir. Todo lugar que tu entra tu acaba reagindo de uma maneira diferente eu acho... Tu está no colégio. O que é que é? Prova. Concentração. Eu penso na nota. Eu preciso passar. Eu preciso saber. Agora na festa não. Quero me divertir, esquecer tudo. É outra coisa. Bem diferente. Eu acho.

Tu achas que as pessoas experimentam coisas que se aproximam da festa ou não?
Não sei. Para mim uma festa tem que ter música boa. Não aquelas músicas que dê vontade de dormir. Que seja para pular, se divertir. Esquecer problema. Para mim isso que é festa. Curtir a tua, o

teu momento ali. Bebida? A gente acaba tendo a bebida, né? Mas não um porre assim. Controlar. Vai lá bebe um pouquinho. Não precisa comprar uma garrafa e, nem é cerveja que eles toma eu acho que é vodca., energético que eles tomam. É horrível o gosto. Tem que ser para te alegra, não para ti... Depois que acontece? Estais lá pulando, não sei o quê e tu não tens condições nem de acordar direito. Tu acordas com uma baita dor de cabeça. Tu esqueces né? Se tu beber muito a cabeça
Aí tu vai ver a tua história por outras pessoas, como é que tu vai ter a certeza que aquilo realmente aconteceu. Quer dizer vão te contar o que tu fez, tu vai ficar de boca aberta. Não! Como que eu fiz isso! É uma coisa muito complicada para mim.

Tem alguma coisa na escola que te lembre a festa?
Ah, não sei. Não sei. Deve ter. Mas não está vindo agora. As gurias juntas, tirando fotos, rindo... Essas coisas. Talvez. Às vezes colocam musica na aula.

Na sala de aula?
Sim, é, mas aí o professor manda baixar

O que fazem na escola que as regras da escola dizem não pode fazer?
Matar aula, isso é normal

Tu matas aula também?
Eu matei muita aula no 1º ano.

E mata a aula para quê?
Porque a aula é chata. A aula é chata, não vai servir para nada. Vou fazer alguma coisa melhor na minha vida. Aí eu vou... Nem vou para a festa, porque a aula é pela manhã. Vou para casa, vou para casa dormir. Porque eu to com sono. Então eu vou para casa dormir.
Ou senão a gente matou a aula eu e minhas amigas, meu irmão junto, sempre. Eu vou com ele. Na verdade eu vou com ele para não dar problema em casa [estudam na mesma sala]. E tem isso aí, né. Um tem que acobertar o outro, porque se ele mata aula e eu não. Eu vou chegar em casa primeiro provavelmente porque ele vai para a rua. Quando a gente solta mais cedo ele sempre vai com os amigos dele, vão para a avenida... Não sei para onde ele vai, eles somem. E eu chego em casa e minha mãe pergunta. E o teu irmão? Eu não sei. Pois é, né? Que situação.
Então aí, para não complicar as coisas, mas agora... No primeiro ano era muito legal, eu gostava de matar a aula, porque era uma adrenalina, sei lá... Eu estava fazendo uma coisa errada. Acho que isso era a coisa legal! Saber que estava fazendo uma coisa errada. Eu queria ver se acontecia alguma coisa comigo. Sinceramente não. Eu abria a porta do colégio e saia. Como se nada tivesse acontecendo. Realmente isso me deixa muito chocada, muito preocupada
Por quê?
Porque tu estás fugindo da escola. Os diretores, né, eles falam que é errado porque os pais eles pensam que estão na escola. Toda aquela ladainha, toda minha vida escutei, desde que entrei nesse colégio. Porque eu não conhecia esse lado quebrar regras. Porque lá no outro colégio que eu estudei. Não nesse aqui do Cassino, lá no Medianeira. Era tudo muito regra, regra. Interessante que se cumpriam as regras. Tinha ordem no colégio porque se tu não chegavas no horário recebia o atraso na agenda e parece que se tu levasses três atrasos voltava para casa. Se fosse para a escola sem uniforme, voltava para casa, s tu não tivesses condições, o colégio dava o uniforme. Era muito interessante. Imagina tu ter um outro mundo NE? O colégio não estou dizendo que ele é rico. Não. Estou dizendo que ele é regrado. Tem regras, Respeito. Isso tinha. Não sei se continua. Na minha época era assim, no finalzinho quando eu estava saindo uns 3 ou 4 anos que eu estudei no colégio. Nossa eu achava maravilhoso porque eu adoro regras. Claro que também é legal quebrar as regras. Mas tem que ter a hora certa para isso, né? Eu nunca ouvi falar nesse colégio daqui, né? Deparo-me com uma outra vida, então isso me..
Tu vieste morar no Cassino?
Sim eu era da cidade. E vim para o Wanda Rocha. Estudei 3 anos no Wanda Rocha e era diferente. Era melhorzinho. Tinha regra. Criança, né? Aí tinha que ter regra e tal Agora acho que está melhor eu acho. Mais controlado. Pelo menos, Eu sei olhando de fora, de dentro eu não sei como é que está. Eu vim para o Silva Gama e me deparo. Sempre ouvi boatos, histórias que o Silva Gama era um colégio não muito bom. Eu não posso dizer que eu tenho amor pela escola. Porque eu não me criei dentro dela. Mas eu posso dizer que eu respeito, eu sei lá.. É uma escola. Eu estou aqui. O que eu posso fazer? Eu estudo aqui ou na cidade. É melhor eu estudar aqui a Lá na cidade fica complicado porque

gastar passagem Então aí, nada contra o colégio. Eu só acho errado a falta de regras Tem que ter limite né?

Não tem muitas regras?
Não, olha aqui. As regras têm. Sempre tem regras. Qualquer lugar que tu vais tem regras. O problema não é a regra. O problema é a pessoa que impôs a regra não está sabendo cobrar. Aí é que está o erro. A regra existe. Basta tu querer ver se tu vais cumprir ou não. Para que eu vou cumprir uma regra se ninguém... E vou ali mato aula e ninguém faz nada. Na minha opinião, o colégio está melhor agora, está melhor agora que há dois anos. Dois anos atrás, mas pode melhorar muito mais. A vice-diretora é assim oh um exemplo, de bom, sabe? As pessoas dizem, lá vem a Angela, lá vem a Angela. Eu acho legal até porque é uma adrenalina, porque ninguém pode ver ela. Não, ela não pode nos ver senão ela vai pegar a gente e vai levar para a secretaria. Mas, outras pessoas têm muitas pessoas ali que não se importam, que estão pouco se lixando, não sei qual é, não sei qual é das pessoas.. Sei que para que regra então? Tem que tirar as regras então. Eles dizem que é para os pequenos. Por causa dos pequenos, que tem que respeitar. Eu fazia barbaridades no 1º ano. A minha turma espalhou revista playboy, eu acho. Eram uns homens pelados. Bah aconteceu cada coisa!

E esse ano?
Por incrível que pareça não. Pelo mesmo não que eu vi. Eu não vejo muito as coisas, eu vejo mais a minha vida. Só se estão falando muito, né? Aí acaba vindo para os meus ouvidos. Eu não procuro, as coisas que chegam aos meus ouvidos. É, as guris que dizem... Tu nunca vês nada, as coisas acontecem e tu nunca viu. Se tu na aula parece que tu não está... Eu não sou muito disso. É que eu não sou muito de ficar perdendo tempo com a vida alheia. Eu quero é saber se eu vou passar ou não. Eu acho pelo menos. Sei lá, não sei.

E essa festa da formatura? O que tu esperas dela?
Que seja muito boa, melhor que a da 8ª. Porque a da 8ª foi assim... Não vou dizer que foi ruim, que não foi. Mas, eu queria que fosse melhor. Fosse digna de ser chamada uma festa de 2º grau. Porque tem que ter festa no 2º grau. Na 8ª eu não queria. Não há necessidade. Para mim tem que ter no 2º grau e na faculdade. Depois não há necessidade, não.
Mas só se tu quiseres fazer uma festinha, mais para os teus amigos, mais...

Ariana/ 2011

Tu vais a festas? Que tipo de festas? Como é a festa para ti?
Ah, eu vou. Agora meu pai tem me liberado mais Antes ele não me liberava. Qualquer tipo de festa eu gosto. Qualquer tipo de música. Tendo música para dançar, curtir junto. Pagode, *reggae.* Meus 15 anos. Foi a melhor festa para mim.
Doha, Concentras...
O meu pai é mais (agora que ele começou a liberar), super protetor, não pode sair sozinha... Se eu saio ele vai e me busca ou vai o pai de uma amiga. Voltar de ônibus não!

Festa em bar?
Doha...não é tanta rafuagem.

Rafuagem?
É aquele povo que bah... Não sei, se veste muito mal, que vai para beber e ficar falando dos outros. Fiasco, bah! Se eu falar é muito horrível professora. Tem aqueles que vão mesmo só para bagunçar e ficar fazendo merdinha.Tu vais para curti e ficam aqueles guris te puxando, forçando... Puxando para um lado. A gente dança. Ele quer ficar com a gente. A gente diz não. Eles saem. Dançam com a gente de novo e focam, ficavam forçando. Isso é super chato.
Rafuagem nem tanto. Rafuagem é o guri que não é cuidado. É o guri que vai que fica se achando no meio das gurias. E rafuagem é aqueles manos que vão que não botam uma calça bonitinha para ir, que não tem um sapatênis ou um sapato ou até um tênis direitinho mesmo. Entram de boné. Não pode entrar de boné e eles botam o boné lá na festa. Vários seguranças, toda hora xingando pedindo para eles tirarem o boné, porque não pode ficar de boné. Estavam falando que é no *Concentras* que andava assim Só que faz muito tempo que eu não vou ao *Concentras.*

Qual festa tu viste que era assim?

Os ferroviários. Que foi o vibrasom que tocou e aí a gente foi. Até as gurias de tênis. Tri largadonas. E quando a gente vai sair a gente gosta de se arrumar, né? Vai se arruma, passa perfume e tudo, a gente fica bem bonitinha. E sempre tem aquelas que ficam todas mal arrumadas, né? Aqueles que não gostam de tomar um banhozinho, perfume vencido. Sempre tem isso.

O que acontece na festa que tu gostas?
Para me divertir com meus amigos.

Como tu te divertes?
Eu danço, bebo e fico com alguém.

E o que é ficar?
É ficar com ele na festa e depois nunca mais ver [risadas].

Que tipo de música tu gostas?
Eletrônica, reggae, pagode. Todos os tipos que dá para dançar.

Vocês combinam como vão à festa ou não?
Sim vamos de saia, vamos de short... Vamos de vestido, vamos de caça...

Combinam se vão juntas?
Sim, porque se eu falar com meu pai com a minha mãe... Também tu ir para uma festa sozinha não tem graça. Tu vais sozinha, se tu não conheces ninguém. Não tem um... Não é muito legal ir. É sempre bom ir com uma pessoa, uma amiga, um amigo ou ir com um monte de gente.
Eu faço amigo rápido. Chego vou conseguir conversar, fazer amigo rápido, ficar com um monte de pessoas, eu vou fazer amizade, mas tem gente que não. Tem gente que não faz amizade rápido... [eu estou] sempre agitando, conversando.
A gente conversa sobre os guris. A gente nem conversa muito. Às vezes a gente vai, dança, ri bastante. Só quando a gente toma um porre. Aí a gente debocha de todo mundo
A gente ri de todo mundo, a gente bota defeito em todo mundo, a gente ri das gurias, a gente ri da gente mesmo, a gente ri dos guris, a gente bota defeito em tudo. Rir. Debochar.

Como combina?
Por telefone, MSN, *Orkut,* na casa da amiga. Antes na aula a gente já marca. A gente foi em uma formatura da SAC de penetra.

Tem alguma coisa que não pode fazer na festa?
Briga, não pode ter briga, mas sempre tem briga. Isso é uma das coisas. E aquele guri e aquela guria no cantinho. Isso é horrível, é o cúmulo numa festa.
Imagina tu tá curtindo a festa, tu olha e tem duas pessoas praticamente...

Praticamente?
Se comendo no canto da festa

E rola isso então?
Rola, sempre tem aquela guria que fica bêbada demais e diz ah vamos então vamos... Sempre vai por pilha dos outros

Tu já viste isso? Já presenciaste?
Já. Sempre quando a gente está passando a gente diz nossa! Tá acontecendo mesmo isso?

E a escola tem algo como a festa? Semelhança? Diferença?
A única coisa que se parece são os amigos. A gente tá no colégio e sai com o mesmo grupo para a festa. Mas, sei lá... Poderia ter som no intervalo, mas nunca dá certo. É estranho. No colégio, esse ano eles estão muito... Agendinha... *vamos mandar bilhete pro teu pai*. Pô eu to no 3º ano, eu tenho 18 anos. A minha mãe e o meu pai sabem o que eu estou fazendo. Só que o pior de tudo é que minha mãe diz para mim;Tem muita gente que os pais nem sabem o que estão fazendo, não tem ideia do que estão fazendo

Acontecem coisas que não deveriam acontecer na escola?

Não pode ficar, não pode ficar de namorico, não pode fumar... Fumavam de tudo... Isso é o cúmulo fazer na escola.

Por que isso acontece?
Não sei.

O que poderia ser diferente?
A agenda...

Para que serve a escola?
Para o meu futuro, para a educação

E a festa?
Para desvirtuar a minha cabeça.